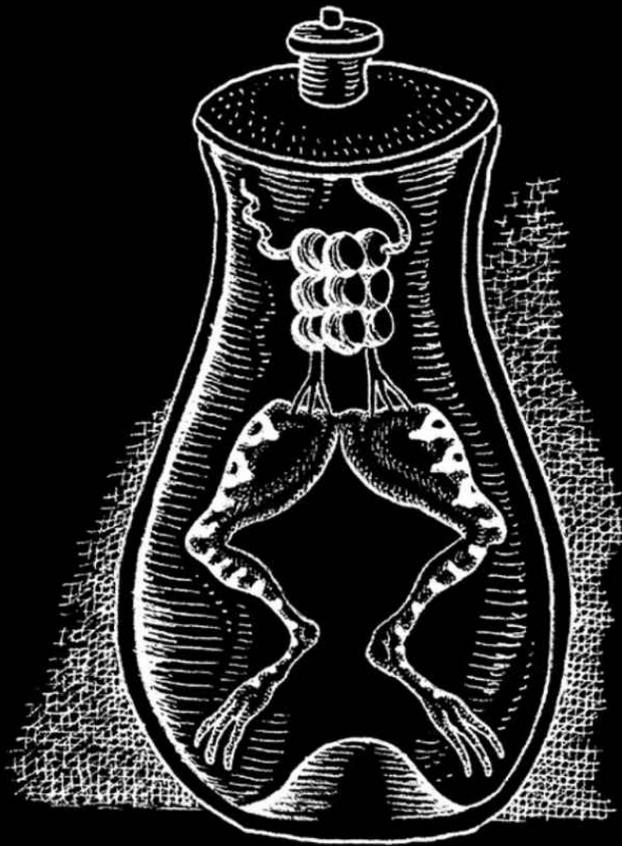
FRANKENSTEIN
MARY SHELLEY

UM ROMANCE DE

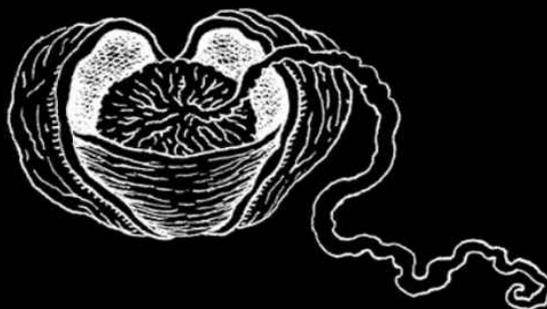
MARY SHELLEY

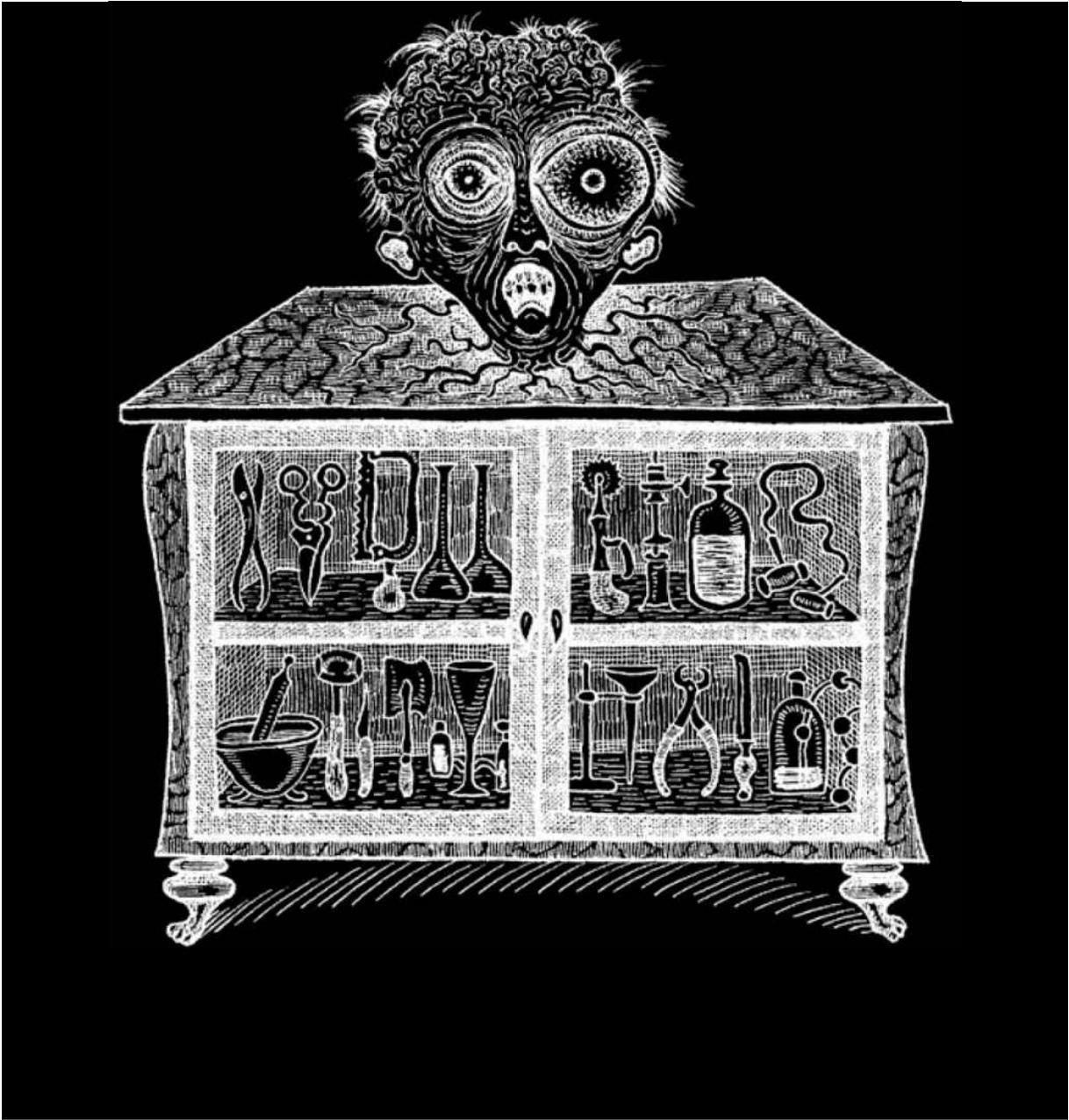
TRADUÇÃO E NOTAS DE

FÁBIO BONILLO

ARTES DE

IURI CASAES

Coordenação editorial
BÁRBARA PRINCE
Editorial
ROBERTO JANNARELLI, VICTORIA REBELLO, ISABEL RODRIGUES & DAFNE BORGES
Comunicação
MAYRA MEDEIROS, PEDRO FRACCHETTA & GABRIELA BENEVIDES
Preparação
FLAVIA DE LAVOR
Revisão
STÉPHANIE ROQUE & TÁSSIA CARVALHO
Projeto gráfico e capa
ELISA VON RANDOW / ALLES BLAU
Diagramação e produção gráfica
DESENHO EDITORIAL
Apresentação
ILANA CASOY
Textos de
SOFIA NESTROVSKI
CRISTHIANO AGUIAR
NINA DA HORA
Fugiram para a mata em vez de lidar com seus problemas
DANIEL LAMEIRA
LUCIANA FRACCHETTA
RAFAEL DRUMMOND
&
SERGIO DRUMMOND

ou o Prometeu Moderno

Antofágica

Acaso pedi a ti, Criador, que a partir do barro
Me fizesses Homem? Acaso solicitei a ti
Que quisera eu das trevas sair?
PARAÍSO PERDIDO, LIVRO X, VERSOS 743-45

A
WILLIAM GODWIN
Autor de *Justiça política, Caleb Williams* etc.
ESTE VOLUME
É respeitosamente dedicado
pela
AUTORA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

por Ilana Casoy

MUITOS ANTES DE MIM JÁ APRESENTARAM AO público a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, comparando a história criada por ela à saga de Prometeu, como traz o título. Prometeu, aquele que roubou de Zeus a centelha, o fogo sagrado, como o dr. Victor Frankenstein roubou de Deus o papel na criação do ser humano ao dar vida à sua criatura.

Outros tantos escreveram sobre Mary Shelley, feminista valente em um tempo em que precisou lançar mão do anonimato para conseguir publicar o próprio livro. Mas Mary Shelley não foi só feminista... Ou só escritora... Ou só filósofa. Foi alguém capaz de enfrentar a dura reflexão sobre o berço da violência, a vida como experiência fragmentada em pedaços que não se ajustam, a desconjunção entre corpo e mente.

O "monstro" que ela cria em sua ficção, a Coisa, a Criatura, que acabou roubando ao longo dos anos o nome do próprio *Criador*, Frankenstein, ganhou voz literária para implorar vínculo afetivo, para questionar a contraposição do bem e belo ao mal e feio. É o profundo desejo por amor e reconhecimento do outro por nós, que nós mesmos temos dificuldade de oferecer aos outros.

A história da Criatura não passa longe do histórico de tantos *serial killers* que já conheci: abandono pelos seus "criadores", repulsa de quem deveria amá-lo por não ter a aparência física esperada, a infância em vermelho manchada de mágoa. O

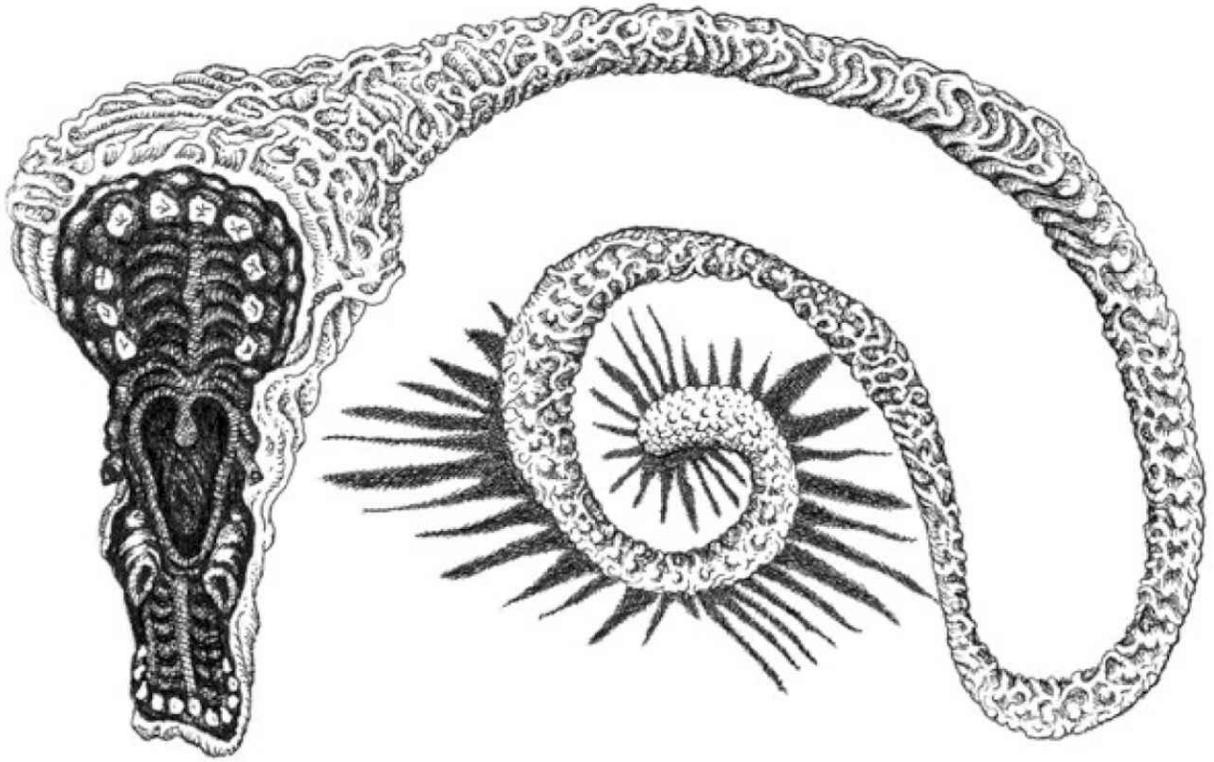
Criador, como tantos pais e mães entre nós, é leviano quando concebe a Criatura e segue a própria vida sem se dar conta do rastro de sofrimento que deixa para trás na figura indefesa malcuidada, que implora por um amor que não lhe é oferecido. Vínculo esse tão almejado e difícil de obter e dar.

E sim, a Criatura é a própria definição de um matador em série: aquele que comete dois ou mais assassinatos (a Criatura faz três vítimas diretas), envolvendo ritual com mesmas necessidades psicológicas (vingança), mesmo que com *modus operandi* diverso, caracterizando no conjunto uma "assinatura" particular (a marca dos dedos dele no pescoço da vítima). Os crimes de um assassino em série devem ter ocorrido em eventos separados e em datas diferentes, com algum intervalo de tempo relevante entre eles, exatamente como a história que Mary Shelley nos conta. As vítimas devem ter um padrão de conexão entre elas (aqui, uma relação profunda com o Criador dele); a motivação do crime deve ser simbólica e não pessoal (é o ódio ao Criador que impulsiona a Criatura, e não sua relação pessoal com as vítimas).

Frankenstein poderia ser mais um caso entre tantos outros de *true crime* se realmente tivesse acontecido. Um livro com mais de duzentos anos que segue atual, levantando reflexões sobre respostas que ainda não conseguimos encontrar. E nos conta a trajetória de uma Criatura que, ao ter a oportunidade de reencontrar seu Criador, não lhe pede um outro corpo, mais perfeito e menos aterrorizante. Deseja uma companheira tão imperfeita e macabra quanto ele, sua igual, seu espelho. Não é o que todos nós buscamos no outro, o nosso próprio reflexo?

Dois séculos depois de *Frankenstein* a humanidade constrói, escreve e filosofa sobre a *Inteligência Artificial* que vem sendo desenvolvida com força e velocidade. Somos *Criadores* de novas *Criaturas* virtuais, novos doutores *Frankenstein* espalhados pelo mundo. Será que estes seres ilusórios que criamos hoje, ideais e perfeitos, com corpos perfeitos e capacidade sobre-humana, vão, em um dia não tão distante assim, ansiar por vínculos afetivos que não seremos capazes de dar?

Eu te convido a embarcar nas reflexões que Mary Shelley nos deixou de herança, como um mapa de perguntas sem as respostas pelas quais tanto ansiamos. Quem sabe a leitura não aguçará sua mente curiosa a buscar outros caminhos, em que a ficção nos ajude a construir uma nova realidade, de fato, menos violenta.

ILANA CASOY é criminóloga e autora de *Arquivos serial killers: made in Brazil* e *Casos de família: arquivos Richthofen e arquivos Nardoni*. Escreveu *Bom dia, Verônica* em parceria com Raphael Montes, livro adaptado para a Netflix. Criou a série *Em nome da justiça*, além de roteiros para TV e cinema baseados em seus livros de *true crime*. Presta também consultoria nessa área para o sistema criminal e documentários.

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO (1831)

OS EDITORES DA STANDARD NOVELS, ao selecionar *Frankenstein* para uma de suas coleções, expressaram o desejo de que eu os provesse com alguma explicação sobre a origem da história. Estou mais do que disposta a satisfazê-los, porque assim darei uma resposta geral à pergunta que com frequência me fazem: como foi que eu, quando era ainda jovem, cheguei a cogitar — e a elaborar — uma ideia tão hedionda? É verdade que sou muito avessa a me manifestar de forma impressa; mas dado que minha explicação apenas aparecerá como apêndice a uma produção antiga, e por ficar ela confinada aos temas ligados exclusivamente à minha autoria, dificilmente posso me considerar culpada de uma intromissão pessoal.

Não surpreende que, sendo filha de duas pessoas de célebre distinção literária,[1] eu tenha muito cedo na vida pensado em escrever. Em criança, eu escrevinhava; e meu passatempo favorito durante as horas reservadas à recreação era "escrever histórias". Todavia, eu tinha um prazer ainda maior, o de construir castelos no ar — de me permitir sonhar acordada — de seguir fios de pensamento, que tinham por assunto a formação de uma infinidade de incidentes imaginários. Meus sonhos eram a um só tempo mais fantásticos e agradáveis que meus escritos. Nestes, eu era quase uma imitadora — mais fazendo o que outros já haviam feito do que pondo por escrito as sugestões da minha própria cabeça. O que escrevia era destinado a pelo menos outro par de olhos — a companheira e amiga da minha meninice; já meus sonhos eram só meus; deles eu não falava a ninguém; eram meu refúgio quando estava aborrecida — e meu maior prazer quando estava livre.

Minha vida de menina se deu principalmente no interior, e passei um tempo considerável na Escócia. Fazia visitas ocasionais aos lugares mais pitorescos, mas minha residência habitual era nas inóspitas e lúgubres praias ao norte do Tay, perto de Dundee. Chamo-as de inóspitas e lúgubres em retrospecto; não me pareciam assim à época. Eram o refúgio da liberdade; uma região aprazível onde eu podia comungar despercebida com as criaturas da minha imaginação. Naquela época, eu escrevia – mas em um estilo dos mais prosaicos. Foi sob as árvores das terras pertencentes à nossa casa, ou nos lados áridos das montanhas descampadas do entorno, que minhas verdadeiras composições, os altos voos da minha imaginação, nasceram e prosperaram. Eu não me alçava a heroína das minhas histórias. A vida me parecia muito prosaica quando dizia respeito a mim. Não era capaz de imaginar que aqueles infortúnios românticos ou eventos incríveis seriam meu quinhão, mas eu não estava confinada à minha identidade e conseguia povoar as horas com criações muito mais interessantes para mim naquela idade do que minhas próprias sensações.

Depois disso, minha vida se tornou mais ocupada, e a realidade tomou o lugar da ficção. Meu marido,[2] no entanto, ficou desde o início muito ansioso para que eu me provasse digna de minha linhagem e me inscrevesse no rol da fama. Ele sempre me incitava a obter reputação literária, algo com que eu mesma me preocupava naquele momento, embora tenha desde então ficado indiferente a ela. Na época, ele queria que eu escrevesse, não tanto a fim de que eu produzisse algo digno de nota, mas para que ele próprio pudesse julgar até que ponto eu detinha a promessa de coisas melhores dali em diante. Todavia, não produzi nada. As viagens e o cuidado com a família ocupavam meu tempo; e o estudo, mediante leituras ou aprimoramento de minhas ideias através do contato com a mente muito mais culta do meu marido, era tudo o que havia de literário a prender minha atenção.

No verão de 1816, visitamos a Suíça e nos tornamos vizinhos de lorde Byron. No início, passamos horas aprazíveis no lago ou perambulando por suas margens; e lorde Byron, que estava escrevendo o terceiro canto de *Childe Harold*, era o único de nós que punha suas ideias no papel. À medida que ele as mostrava uma após a outra, envoltas em toda a luz e harmonia da poesia, elas pareciam estampar como divinas as glórias do céu e da terra, cujas influências partilhávamos com ele.

Mas o verão se provou úmido e desagradável, e a chuva incessante com frequência nos confinava em casa por dias. Alguns volumes de histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês, caíram em nossas mãos. Lá estava a História do Amante Inconstante, que, acreditando abraçar a noiva a quem fizera seus votos, viu-se nos braços do pálido fantasma daquela a quem havia abandonado. Lá estava o conto do pecaminoso fundador de uma dinastia, cuja infeliz danação era conferir o beijo da morte a todos os filhos mais novos de sua casa fatídica, justamente quando haviam alcançado a maturidade. Seu vulto gigantesco e sombrio, vestido como o fantasma de Hamlet, em armadura completa mas com a viseira erguida, era visto à meia-noite, sob os vacilantes fachos da lua, a avançar lentamente pela alameda sombria. O vulto se perdera sob a sombra dos muros do castelo; mas logo um portão se escancarou, ouviu-se um passo, a porta do aposento se abriu, e ele avançou até a cama dos jovens na flor da idade, embalados em pesado sono. Um pesar infinito instalou-se em seu rosto quando ele se inclinou e beijou a testa dos garotos, que a partir daquela hora murcharam feito flores cortadas do caule. Não reli essas histórias desde então; mas os incidentes estão tão frescos na minha memória como se eu as tivesse lido ainda ontem.

“Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas”, disse lorde Byron; e sua proposta foi acolhida. Éramos quatro. O nobre autor começou um conto, do qual ele mais tarde imprimiria um fragmento ao fim de seu poema sobre Mazeppa. Shelley, mais propenso a incorporar ideias e sentimentos na luminosidade de um imaginário brilhante e na música do mais

melódico verso que adorna nossa língua do que a inventar o mecanismo de uma história, deu início a uma narrativa baseada nas experiências de sua infância. O pobre Polidori[3] teve uma ideia terrível sobre uma senhora com cabeça de caveira, punição recebida por espiar através de uma fechadura – para ver o quê, já não me lembro – algo muito chocante e evidentemente errado; mas quando ela foi reduzida a uma condição ainda pior do que a do renomado Tom de Coventry [4], Polidori não soube o que fazer com ela e foi obrigado a despachá-la para o túmulo dos Capuleto[5], o único lugar no qual ela se encaixava. Também os ilustres poetas, aborrecidos com a trivialidade da prosa, rapidamente renunciaram à deplorável tarefa.

Eu me dediquei a *pensar em uma história* – uma história que rivalizasse com aquelas que nos haviam animado para a tarefa. Uma história que ressoaria nos misteriosos temores de nossa natureza e despertaria um horror palpitante – uma história que fizesse o leitor ter medo de olhar ao redor, que lhe gelasse o sangue e acelerasse o coração. Se eu não conseguisse isso, minha história de fantasmas seria indigna do nome. Pensei e ponderei – em vão. Senti a inóspita incapacidade de invenção, que é a maior infelicidade de um autor, quando o estúpido Nada responde a nossas ávidas invocações. *Já conseguiu pensar em uma história?*, perguntavam-me toda manhã, e toda manhã eu era forçada a responder com uma embaraçosa negativa.

Todas as coisas devem ter um começo, para recorrer a uma expressão sanchesca[6]; e esse começo precisa estar vinculado a algo que veio antes. Os hindus dão ao mundo um elefante para sustentá-lo, mas fazem o elefante ficar em cima de uma tartaruga. *A* invenção, é preciso admitir humildemente, não consiste em criar a partir do vazio, mas a partir do caos. Em primeiro lugar, a matéria-prima deve ser obtida: ela pode dar contorno a substâncias sombrias e disformes, mas não é capaz de dar vida à substância em si. Em toda questão de descoberta e invenção, até daquelas que pertencem à imaginação, somos continuamente lembrados da história do ovo de Colombo.[7] *A*

invenção consiste na capacidade de aproveitar as possibilidades de um tema e no poder de moldar e talhar ideias inspiradas por ele.

Muitas e longas foram as conversas entre lorde Byron e Shelley, das quais eu era uma ouvinte devota, porém quase muda. Durante uma delas, várias doutrinas filosóficas foram discutidas, dentre outras a natureza do princípio da vida e se havia alguma probabilidade de ela ser um dia descoberta e divulgada. Eles falaram sobre os experimentos do dr. Darwin[8] (não me refiro ao que o doutor realmente fez ou àquilo que disse ter feito, e sim, mais conforme ao meu propósito, àquilo que se dizia que ele havia feito), o qual preservou um espécime de vorticella numa caixa de vidro, até que por algum meio extraordinário este começou a se mexer por vontade própria. Não seria desse modo, afinal, que a vida seria criada. Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo dera sinais de tal possibilidade; talvez os componentes de uma criatura pudessem ser manufaturados, unidos e investidos de calor vital.

A noite minguou durante essa conversa, e até a hora das bruxas havia se passado quando nos recolhemos para descansar. Ao deitar a cabeça no travesseiro, não dormi, tampouco se pode dizer que pensei. Minha imaginação, sem ser convidada, me possuiu e me guiou, presenteando as sucessivas imagens que surgiram em minha mente com uma vivacidade muito superior aos usuais limites do devaneio. Vi — de olhos fechados mas com aguçada visão mental — o pálido estudante de artes profanas ajoelhado ao lado da coisa que havia montado. Vi o hediondo fantasma de um homem se esticar, e então, após o funcionamento de uma poderosa engrenagem, exibir sinais de vida e agitar-se com um movimento irrequieto, quase vital. A cena deveria ser apavorante, pois sumamente apavorante seria o efeito de qualquer esforço humano para parodiar o estupendo mecanismo do Criador do mundo. Seu sucesso haveria de aterrorizar o estudante; ele fugiria às pressas de seu odioso artefato, tomado de horror. Desejaria que, abandonada a si

mesma, a débil centelha de vida que ele transmitira se apagasse; que aquela coisa, a qual recebera uma animação tão imperfeita, se desfizesse em matéria morta e ele pudesse dormir com a crença de que o silêncio da cova extinguiria para todo o sempre a existência fugaz do cadáver hediondo que ele outrora vira como o berço da vida. Ele dorme, mas é acordado e abre os olhos; contempla aquela coisa horrenda postada ao lado da cama, abrindo as cortinas e olhando para ele com olhos amarelos, úmidos mas especulativos.

Abri os olhos, aterrorizada. A ideia possuiu minha mente a tal ponto que um frêmito de horror percorreu meu corpo, e desejei trocar a medonha imagem da minha fantasia pela realidade ao meu redor. Ainda os vejo: o próprio quarto, o piso de madeira escura, as persianas fechadas, com o luar lutando para entrar, e a impressão de que o lago vítreo e os Alpes brancos e altos se encontravam logo ali. Não conseguia me livrar tão facilmente do meu hediondo fantasma; ele ainda me assombrava. Precisava tentar pensar em outra coisa. Recorri à minha história de fantasmas — minha aborrecida e desafortunada história de fantasmas! Ah, se eu apenas pudesse conceber uma que fosse capaz de assustar meu leitor assim como eu ficara assustada aquela noite!

Ágil como a luz e igualmente animadora foi a ideia que se abateu sobre mim. "Encontrei a minha história! O que me aterrorizou aterrorizará os outros; e preciso apenas descrever o espectro que assombrou o meu sono." Pela manhã, anunciei que havia *pensado em uma história*. Naquele dia, dei início a ela com as seguintes palavras: "Foi numa lúgubre noite de novembro", prosseguindo com uma transcrição dos macabros terrores do meu devaneio.

A princípio pensei em escrever poucas páginas — um conto; mas Shelley instou-me a desenvolver uma ideia de longo fôlego. Eu certamente não devo ao meu marido a sugestão de sequer um episódio, nem tampouco de um fio de pensamento; contudo, não fosse o incentivo dele, a história nunca teria assumido a forma como foi apresentada ao mundo. Desta declaração, devo abrir

uma exceção para o prefácio da primeira edição. Até onde consigo me lembrar, foi inteiramente escrito por ele.

Agora, mais uma vez, faço votos de que a minha hedionda progênie siga adiante e prospere. Tenho afeição por ela, pois foi a prole de dias felizes, quando morte e dor eram apenas palavras que não encontravam verdadeiro eco no meu coração. Suas páginas falam de mais de uma caminhada, mais de um percurso e mais de uma conversa de uma época em que eu não estava sozinha; e meu companheiro era um desses elementos que, neste mundo, eu nunca mais voltarei a ver. Mas isto são coisas minhas; meus leitores nada têm a ver com tais associações.

Gostaria de acrescentar só um comentário sobre as alterações que fiz [à primeira edição, de 1818]. Elas se atêm principalmente ao estilo. Não mudei nenhuma porção da história, tampouco introduzi novas ideias ou circunstâncias. Retoquei a linguagem nos pontos em que era tão pobre que interferia no interesse da narrativa; e essas mudanças ocorrem quase que exclusivamente no começo do primeiro volume.[9] Ao longo do livro, estão restritas às partes que são meras coadjuvantes da história, deixando a essência e o conteúdo intocados.

M. W. S.
Londres, 15 de outubro de 1831

---

1 William Godwin (1756–1836), jornalista e filósofo político, expoente da teoria do utilitarismo, e Mary Wollstonecraft (1759–1797), escritora e precursora da defesa dos direitos das mulheres.

2 O poeta Percy Bysshe Shelley (1792–1822), um dos luminares do movimento romântico inglês, autor de *Ozymandias* e *Prometeu desacorrentado*, entre outros.

3 John William Polidori (1795–1821), médico e escritor inglês tido como o primeiro a introduzir a figura do vampiro na literatura fantástica.

4 Reza uma lenda do século XIII que Lady Godiva cavalgou nua pelas ruas da cidade de Coventry para protestar contra a alta tributação imposta ao povo pelo marido, escândalo ao qual o lacaio Tom teria acompanhado

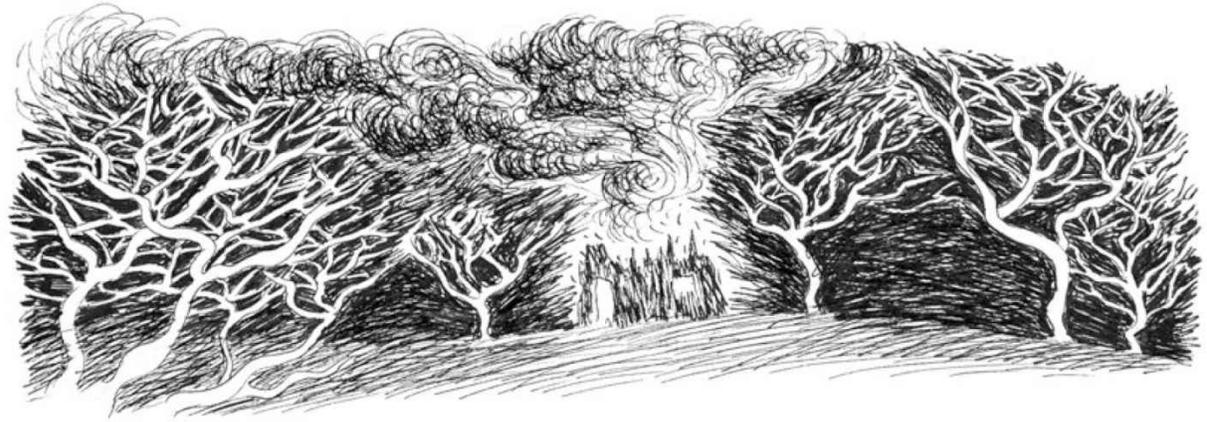
avidamente com os olhos, para depois, como punição divina ou popular, ficar cego. A história deu origem à expressão "*peeping tom*", que em inglês designa um voyeur.

5 Local em que se dão as mortes trágicas dos protagonistas da peça *Romeu e Julieta* (1597), de William Shakespeare (1564–1616).

6 Referência a Sancho Pança, fiel escudeiro do protagonista de *Dom Quixote* (1605–1615), obra máxima da literatura cavaleiresca espanhola de autoria de Miguel de Cervantes (1547–1616).

7 No célebre desafio que Cristóvão Colombo (1451–1506) ofereceu à sua companhia de navegação quando questionado sobre a possibilidade de outros descobrirem um caminho para as Índias, o desbravador genovês teria sugerido que tentassem pôr um ovo de pé. Ao que o próprio quebrou uma de suas extremidades para deixá-lo imóvel, ilustrando que, depois que ele lhes mostrasse o caminho, nada seria mais fácil do que segui-lo.

8 Erasmus Darwin (1731–1802), inventor, poeta e cientista inglês, autor de *The Botanic Garden* e *The Loves of thePlants*. Era avô do naturalista Charles Darwin (1809–1882), de *A origem das espécies*.

9 A primeira edição de *Frankenstein* (1818) foi publicada em três volumes pela firma Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones, quando Mary Shelley contava vinte anos de idade. A segunda, dividida em dois volumes e já estampando seu nome verdadeiro, veio a público em 1823.
A terceira, de 1831, em volume único, pela Bentley's Standard Novels (n. 9), e que esta tradução seguiu por conter as correções feitas pela autora ainda em vida e o acréscimo desta introdução.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1818)[10]

O ACONTECIMENTO EM QUE ESTA FICÇÃO se baseia foi considerado não de todo impossível pelo dr. Darwin e por alguns escritores fisiológicos da Alemanha. Não se deve considerar que eu esteja concedendo o mais remoto grau de fé verdadeira a tamanha imaginação; contudo, ao tomá-la como fundamento de uma obra de ficção, não me vi meramente como alguém que tece uma série de terrores sobrenaturais. O acontecimento no qual o interesse da história reside se exime das desvantagens de um mero conto sobre espectros ou feitiços. É recomendado pela novidade das situações que desenvolve; e, por mais impossível que seja como fato físico, fornece à imaginação do delineamento das paixões humanas um ponto de vista mais abrangente e dominante do que qualquer outro que possa ser produzido pelas relações comuns entre eventos já existentes.

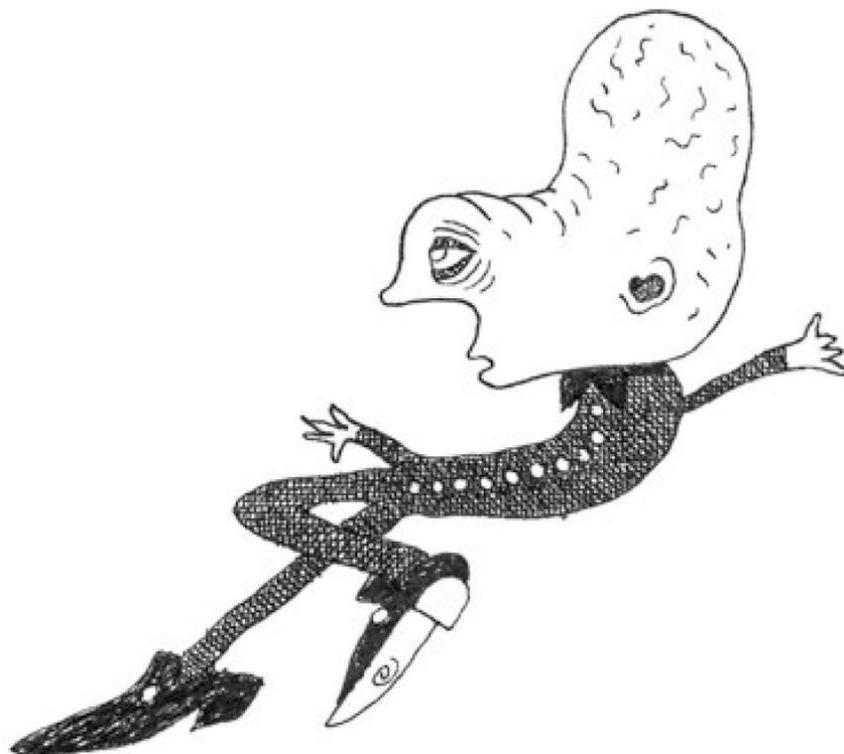
Esforcei-me, assim, para preservar a verdade dos princípios elementares da natureza humana, ao passo que não tive escrúpulos em inovar a partir de suas combinações. *A Ilíada*, a poesia trágica da Grécia, Shakespeare em *A tempestade* e *Sonho de uma noite de verão*, e mais especialmente Milton[11], em *Paraíso perdido*, seguem essa regra. E o romancista mais modesto, que busca divertir aos leitores ou a si mesmo com seus trabalhos, pode, sem presunção, aplicar à ficção em prosa uma licença, ou melhor, uma regra, de cuja adoção resultaram combinações de sentimentos humanos tão singulares nas mais elevadas amostras de poesia.

A circunstância em que minha história se sustenta foi sugerida numa conversa casual. Começou em parte como uma fonte de diversão, e em parte como um expediente para exercitar

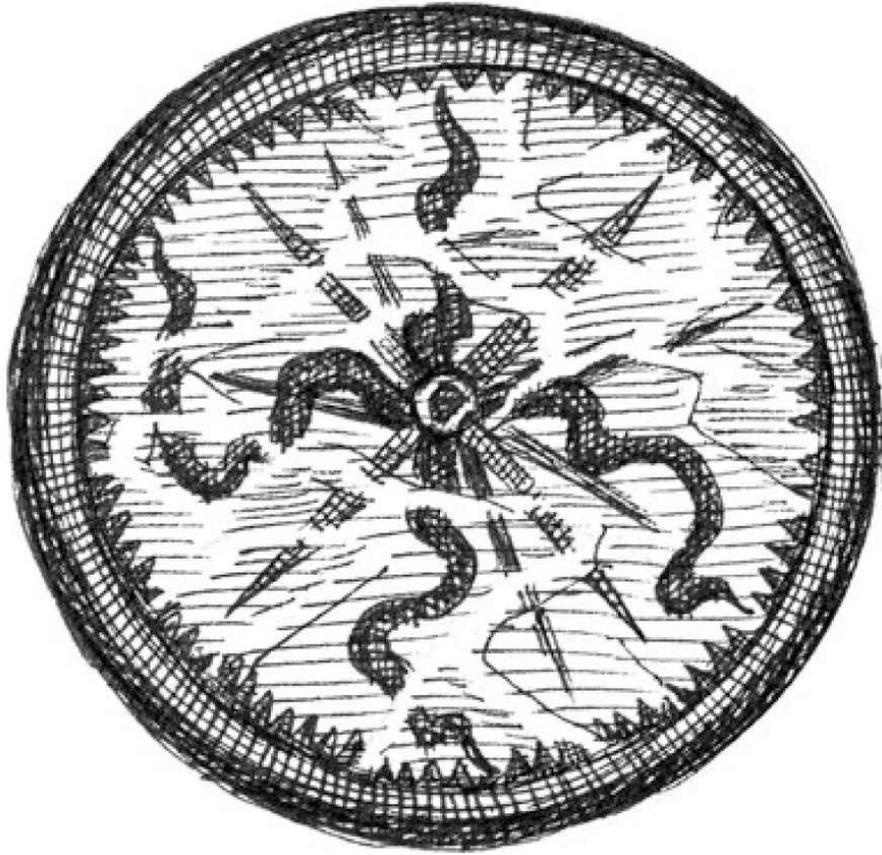
recursos mentais nunca experimentados. Outros motivos foram se misturando, conforme o trabalho prosseguia. Não sou de forma alguma indiferente à maneira como cada tendência moral existente nos sentimentos ou personagens poderá afetar o leitor; contudo, minha maior preocupação a esse respeito se limitou a evitar os efeitos enervantes dos romances de hoje e a demonstrar a amabilidade do afeto doméstico e a excelência da virtude universal. As opiniões que naturalmente brotam do personagem e da situação do protagonista não devem de forma alguma ser concebidas como algo que sempre existiu em minha própria convicção; tampouco se deve inferir das páginas seguintes qualquer preconceito contra doutrinas filosóficas de todo tipo.

Também é de interesse adicional para a autora que esta história tenha sido iniciada na região majestosa onde a maior parte da trama se passa e na companhia de pessoas cuja falta não se pode deixar de lamentar. Passei o verão de 1816 nos arredores de Genebra. O tempo estava frio e chuvoso, e de noite nos espremíamos ao redor de uma ardente fogueira, e por vezes nos divertíamos com algumas histórias alemãs de fantasmas, que calharam de cair em nossas mãos. Esses contos nos suscitaram um curioso desejo de imitá-los. Dois outros amigos (um conto saído da pena de um deles seria muito mais aceitável ao público do que qualquer coisa que eu almeje produzir) e eu concordamos em escrever cada um uma história, baseada em alguma ocorrência sobrenatural.

O clima, no entanto, de súbito melhorou; meus dois amigos me abandonaram para partir numa viagem em meio aos Alpes, e perderam, nos cenários magníficos que as montanhas oferecem, qualquer lembrança de suas visões fantasmagóricas. A história que segue foi a única a ser concluída.

Marlow, setembro de 1817

10 Este prefácio, conforme depois se revelou, foi escrito pelo marido da autora, o poeta Percy Bysshe Shelley.

11 John Milton (1608-1674), poeta, um dos maiores escritores ingleses. Seu poema épico *Paraíso perdido* (1667), do qual Mary Shelley toma emprestada a epígrafe de *Frankenstein*, é uma referência frequente neste romance.

FRANKENSTEIN
ou o PROMETEU Moderno

CARTA I

À SRA. SAVILLE, INGLATERRA
SÃO PETERSBURGO, 11 DE DEZEMBRO DE 17...

Você folgará em saber que nenhum desastre acompanhou o começo de um empreendimento que você via com tanto mau agouro. Cheguei ontem; e minha primeira tarefa é tranquilizar minha querida irmã com meu bem-estar e aumentar a sua confiança no sucesso de minha empreitada.

Estou já muito ao norte de Londres; e quando caminho nas ruas de Petersburgo, sinto uma fria brisa setentrional brincar no meu rosto, o que fortalece meus nervos e me enche de encanto. Você compreende a sensação? Essa brisa, que veio das regiões rumo às quais estou avançando, me dá uma amostra daqueles climas gelados. Inspirados por esse vento promissor, meus sonhos acordados se tornam mais febris e vívidos. Tento em vão me convencer de que o polo é um lugar de gelo e desolação; ele sempre se apresenta à minha imaginação como uma região de beleza e encanto. Lá, Margaret, o sol está sempre visível; seu amplo disco apenas roça o horizonte, e difunde um esplendor perpétuo. De lá — pois com sua permissão, minha irmã, depositarei alguma fé em navegantes anteriores —, de lá a neve e o gelo foram banidos; e, navegando por um mar calmo, podemos ser soprados até uma terra que supera, em maravilhas e em beleza, toda região habitável até hoje descoberta no globo. Suas riquezas e características podem não ter igual, uma vez que o fenômeno dos corpos celestiais sem dúvida se encontra naqueles ermos não desbravados. O que não esperar de um país de luz eterna? Lá descobrirei o maravilhoso poder que atrai a bússola e poderei ajustar milhares de observações celestes, que precisam apenas desta

viagem para tornar suas aparentes anomalias consistentes para sempre. Hei de saciar minha ardente curiosidade com a visão de uma parte do mundo nunca antes visitada e poderei pisar uma terra nunca antes marcada por pés humanos. São essas as minhas tentações, suficientes para que eu domine todo medo de perigo ou morte e para me induzir a começar esta trabalhosa viagem com a alegria que uma criança sente quando embarca num barquinho com seus colegas de férias em uma expedição de descoberta pelo rio de sua cidade natal. Mas, supondo falsas todas essas conjecturas, você não pode contestar o inestimável benefício que eu haveria de conferir a toda a humanidade, até a última geração, caso descobrisse perto do polo uma passagem até aqueles países que, hoje, só se alcançam após muitos meses; ou caso comprovasse o segredo do magnetismo, que, se é que é possível, só pode ser logrado com uma empreitada como a minha.

Essas reflexões dissiparam a agitação com que comecei minha carta, e sinto meu coração brilhar com um entusiasmo que me alça ao céu; pois nada contribui tanto para acalmar a mente como um propósito firme — um ponto no qual a alma possa fixar os olhos do intelecto. Esta expedição tem sido meu maior sonho desde a infância. Li com ardor os relatos de várias viagens feitas com a perspectiva de chegar ao oceano Pacífico Norte através dos mares que circundam o polo. Você deve lembrar que a biblioteca de nosso caro tio Thomas era inteira composta de histórias de viagens de descobrimento. Minha educação foi negligenciada, contudo eu era apaixonado pela leitura. Aqueles volumes eram meu estudo dia e noite, e minha familiaridade com eles fez crescer o pesar que eu sentira, quando criança, ao saber que um pedido de meu pai no leito de morte proibira meu tio de me permitir seguir uma vida nos mares.

Essas visões se apagaram quando li, pela primeira vez, aqueles poetas cujas efusões arrebataram minha alma e a alçaram aos céus. Também me tornei poeta, e por um ano vivi num paraíso de minha própria criação; eu imaginava que também poderia ganhar um nicho no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare estão consagrados. Você conhece bem o meu fracasso e o quanto me pesou

essa decepção. Mas justamente naquela época herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos se voltaram para o curso anterior.

Seis anos se passaram desde que decidi me lançar à presente empreitada. Consigo, mesmo agora, me lembrar do instante em que passei a me dedicar a este grande empreendimento. Comecei habituando meu corpo à adversidade. Acompanhei os caçadores de baleias em várias expedições ao Mar do Norte; voluntariamente encarei o frio, a fome, a sede e a privação de sono; com frequência trabalhei mais do que os marujos comuns durante o dia e dediquei minhas noites ao estudo da matemática, da teoria da medicina e dos ramos da ciência natural dos quais um aventureiro naval poderia extrair a maior vantagem prática. Por duas vezes cheguei a ser contratado como segundo imediato num baleeiro da Groenlândia, e me portei de forma admirável. Tenho de confessar que senti um pouco de orgulho quando o capitão me ofereceu o posto de imediato do navio e me pediu que continuasse a bordo com a maior seriedade; tamanha era a estima em que tinha meus serviços.

E agora, querida Margaret, não mereço eu realizar um grande feito? Minha vida pode ter sido levada no conforto e no luxo; mas, a todas as tentações que a riqueza pôs no meu caminho, preferi a glória. Ah, que uma voz encorajadora me responda afirmativamente! Minha coragem e determinação são firmes, mas minhas esperanças oscilam e com frequência me deprimo. Estou prestes a seguir numa longa e difícil viagem, cujas emergências exigirão toda a minha fibra: de mim se exige não só que eleve o ânimo dos outros, mas que às vezes conserve o meu, quando o deles vacilar.

Na Rússia, este é o período mais favorável para viajar. Eles correm rapidamente sobre a neve com seus trenós; o movimento é aprazível, e, na minha opinião, muito mais agradável do que o de uma carruagem inglesa. O frio não é excessivo, se você estiver envolto em peles — uma vestimenta que já adotei, pois há uma grande diferença entre caminhar pelo convés e permanecer sentado sem se mexer por horas, ocasião em que nenhum exercício impede que o sangue de fato congele nas veias. Não tenho nenhuma pretensão de perder a vida na estrada entre São Petersburgo e Arcangel.

Devo partir para essa última cidade dentro de duas ou três semanas; e lá minha intenção é contratar um navio, o que se pode fazer facilmente mediante pagamento do seguro ao proprietário, e empregar quantos marujos eu achar necessário dentre aqueles acostumados à pesca de baleias. Não pretendo zarpar até o mês de junho; e quando hei de voltar? Ah, querida irmã, como eu poderia responder a essa pergunta? Se tiver êxito, muitos meses, talvez anos se passem antes que você e eu voltemos a nos encontrar. Se eu fracassar, você me verá de novo em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e excepcional Margaret. Que os céus façam chover bênçãos sobre você e me protejam, para que eu possa mais uma vez dar testemunho de minha gratidão por todo o seu amor e bondade.

Seu afetuoso irmão,
R. Walton

CARTA II

À SRA. SAVILLE, INGLATERRA
ARCANGEL, 28 DE MARÇO DE 17...

Como o tempo passa devagar aqui, rodeado como estou de gelo e neve! Contudo, avancei um segundo passo em meu empreendimento. Aluguei um navio e estou ocupado em reunir meus marujos; os que já empreguei parecem ser homens com quem posso contar e certamente possuem uma coragem inabalável.

Mas me falta algo que até hoje não consegui encontrar; uma coisa cuja ausência agora sinto como o pior dos males. Não tenho nenhum amigo, Margaret: quando eu estiver brilhando com o entusiasmo do sucesso, não haverá ninguém com quem partilhar a minha alegria; se eu for assolado pela decepção, ninguém se aventurará a me apoiar no desânimo. Hei de consignar meus pensamentos ao papel, é verdade; mas trata-se de um meio muito pobre para comunicar sentimentos. Desejo a companhia de um homem que possa simpatizar comigo; cujos olhos correspondam aos meus. Você pode me considerar um romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho por perto ninguém que, gentil mas corajoso, possua uma mente culta bem como habilidosa, cujos gostos sejam como os meus, para aprovar ou retocar meus planos. Como um amigo assim repararia as falhas do seu pobre irmão! Sou ávido demais para executar as coisas e impaciente diante das dificuldades. Mas ser autodidata me é um mal ainda pior: nos primeiros catorze anos de vida, corri à solta pelos campos e não li nada além dos livros de viagens do nosso tio Thomas. Naquela idade, vim a conhecer os célebres poetas do nosso país; mas apenas quando não estava mais a meu alcance extrair os mais

importantes benefícios de tal convicção foi que percebi a necessidade de conhecer outros idiomas além daquele do meu país natal. Agora tenho vinte e oito anos, e sou na realidade mais iletrado que muitos estudantes de quinze. É verdade que refleti mais e que meus devaneios são mais extensos e magníficos; mas eles exigem ⟨conforme chamam os pintores⟩ sustento; e necessito enormemente de um amigo que tenha a sensibilidade para não me rotular de romântico e a afeição para se empenhar em disciplinar minha mente.

Bem, isto são queixas inúteis; certamente não hei de encontrar nenhum amigo em alto-mar, nem mesmo aqui em Arcangel, em meio a mercadores e marinheiros. Contudo, alguns sentimentos alheios à escória da natureza humana pulsam até mesmo nestes peitos calejados. Meu contramestre, por exemplo, é um homem de grande coragem e iniciativa, que deseja loucamente a glória, ou, formulando a frase de forma mais exata, subir na carreira. É inglês, e em meio aos preconceitos nacionais e profissionais, não superados pelo estudo, retém alguns dos mais nobres dons da humanidade. Vim a conhecê-lo a bordo de um barco baleeiro; descobrindo que ele estava sem emprego nesta cidade, logo o contratei para ajudar em meu empreendimento.

O comandante é uma pessoa de excelente índole, e é reconhecido no navio por sua gentileza e pela brandura de sua disciplina. Esta circunstância, somada à sua bem conhecida integridade e à coragem inabalável, deixou-me muito desejoso de empregá-lo. Ter passado a juventude na solidão, sob a tutela gentil e feminina que você me deu nos melhores anos que tive, refinou a tal ponto os alicerces do meu caráter que não consigo superar um intenso desgosto da habitual brutalidade que se pratica a bordo de um navio: nunca acreditei-a necessária; e quando ouvi falar de um marinheiro igualmente notável por ter um coração bondoso, e do respeito e da obediência que sua tripulação lhe dispensava, senti-me particularmente afortunado de ter sido capaz de contratar seus serviços. Ouvi falar dele pela primeira vez de uma maneira assaz romântica, de uma dama que lhe deve a felicidade de sua vida. Esta, resumidamente, é a história dele. Alguns anos atrás, ele se enamorou de uma jovem dama russa, de fortuna modesta; tendo amealhado uma soma

considerável para o dote, o pai da garota consentiu com o enlace. Ele viu a noiva só uma vez antes da cerimônia marcada; mas ela estava banhada em lágrimas e, atirando-se aos seus pés, rogou-lhe que a dispensasse, confessando que amava outro, mas que o rapaz era pobre e que o pai jamais consentiria com a união. Meu generoso amigo tranquilizou a suplicante e, ao ser informado do nome do amado, instantaneamente abandonou a disputa. Ele já havia adquirido uma fazenda com o dinheiro, na qual planejara passar o resto da vida; mas doou tudo ao rival, junto com o resto do dinheiro do dote, para que comprasse gado, e em seguida pediu ele mesmo ao pai da jovem que consentisse em que ela se cassasse com o amado. Mas o velho recusou-se terminantemente, pensando ter uma dívida de honra com meu amigo; quando viu o pai dela irredutível, ele deixou o país e não regressou até ouvir dizer que a ex-noiva estava casada de acordo com a vontade dela. "Que camarada nobre!", você dirá. Ele o é; mas também é de todo inculto: é tão calado quanto um turco, e o ronda um tipo de descuido inconsciente, o qual, embora torne sua conduta ainda mais surpreendente, lhe subtrai o interesse e a simpatia que, de outra forma, ele conseguiria atrair.

Contudo, não suponha, só porque me queixo um pouco ou porque concebo para minhas agruras um consolo que posso nunca vir a conhecer, que vacilo em minhas resoluções. Estas são firmes como o destino; e a viagem só está atrasada até que o tempo permita o meu embarque. O inverno tem sido terrivelmente severo; mas a primavera promete bem-aventurança e é considerada uma estação notavelmente precoce, de modo que talvez eu zarpe antes do esperado. Nada farei precipitadamente; você me conhece bem o suficiente para confiar na prudência e ponderação que demonstro sempre que a segurança dos outros me é empenhada.

Não sou capaz de lhe descrever o que sinto diante da iminente perspectiva de minha empreitada. É impossível lhe transmitir uma noção da sensação de nervosismo, entre prazerosa e assustada, com que tenho me preparado para partir. Estou a caminho de regiões inexploradas, para "a terra de bruma e neve"; mas não hei de matar nenhum albatroz, portanto não se preocupe com a minha segurança ou que vá voltar para você tão cansado e aflito quanto o Velho

Marinheiro.[12] *Pode sorrir da minha alusão; mas vou revelar um segredo. Com frequência atribuo meu apreço, meu apaixonado entusiasmo pelos perigosos mistérios do oceano, às obras dos mais imaginativos poetas modernos. Algo que não entendo opera em minha alma. Na prática, sou diligente e meticuloso — um trabalhador que executa suas funções com perseverança e empenho —, mas, além disso, há em mim um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, entrelaçada em todos os meus projetos, que me impele a desviar dos caminhos convencionais dos homens e seguir na direção do mar bravio e das regiões não desbravadas que estou prestes a explorar.*

Mas voltemos a considerações mais agradáveis. Haverei eu de encontrá-la novamente, depois de ter cruzado mares imensos e voltado pelo cabo ao sul da África ou da América? Não ouso esperar tamanho sucesso, contudo não suporto olhar no reverso da medalha. Continue por ora a me escrever em toda oportunidade que tiver: posso receber suas cartas em ocasiões nas quais precisarei muito delas para elevar meu ânimo. Amo você de todo o coração. Lembre-se de mim com afeto, caso nunca mais tenha notícias minhas.

Seu afetuoso irmão,
Robert Walton

---

12 Referência a *A balada do velho marinheiro* (1798), longo poema narrativo de Samuel Taylor Coleridge (1772–1834), um dos fundadores do romantismo inglês ao lado de William Wordsworth (1770–1850). Na história, um marinheiro atira em um albatroz que trazia sorte, atraindo todo tipo de azar à sua tripulação. A influência do poema se faz ver ainda em outras passagens de *Frankenstein*.

CARTA III

À SRA. SAVILLE, INGLATERRA.
7 DE JULHO DE 17...

Minha querida irmã,

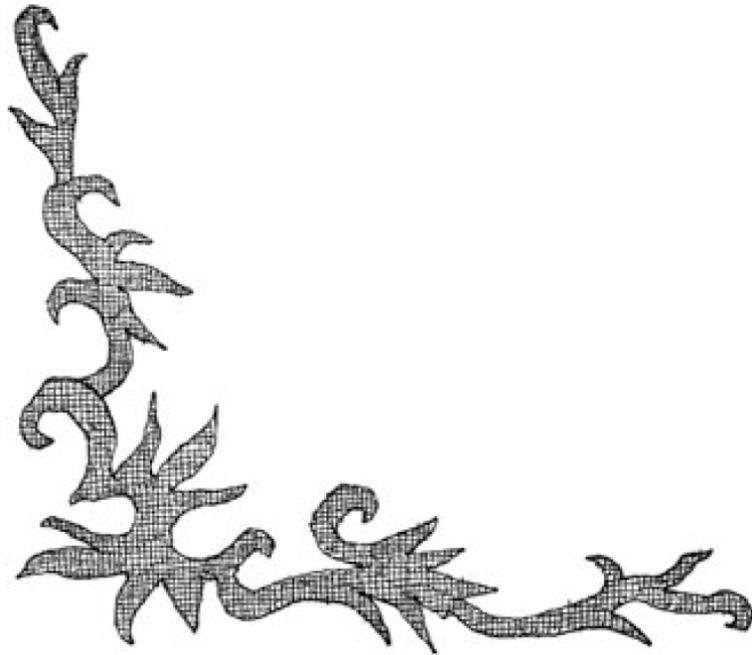
Escrevo algumas linhas apressadas para dizer que estou em segurança e bem adiantado na minha viagem. Esta carta alcançará a Inglaterra por meio de um mercador que agora parte de Arcangel a caminho de casa; mais afortunado que eu, que posso não ver minha terra natal, talvez, por muitos anos. Estou, no entanto, com bom ânimo: meus homens são arrojados e aparentemente firmes em seu propósito; nem mesmo as lâminas de gelo flutuantes que passam seguidas vezes por nós, indicando os perigos da região rumo à qual estamos avançando, parecem desanimá-los. Já alcançamos uma latitude muito alta; mas estamos no auge do verão e, embora não sejam tão quentes como na Inglaterra, os ventos do sul, que nos impulsionam na direção da costa a que desejo tão ardentemente chegar, trazem um sopro de calor revigorante que eu não esperava encontrar.

Nenhum incidente digno de figurar numa carta se abateu sobre nós até agora. Um ou dois vendavais rigorosos e o início de um vazamento são acidentes que navegadores experientes nem se lembram de registrar; e hei de ficar muito contente se nada de pior nos acontecer durante a viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Fique tranquila que, pelo meu e pelo seu bem, não irei me precipitar rumo ao perigo. Serei calmo, perseverante e prudente.

Mas o sucesso há de coroar meus esforços. Por que não? Já cheguei até aqui, traçando um caminho seguro sobre os mares intransitáveis: tendo as próprias estrelas por testemunhas e espectadoras do meu triunfo. Por que não continuar avançando sobre o elemento indomado, porém obediente? O que é capaz de deter um coração determinado e a resolução de um homem?

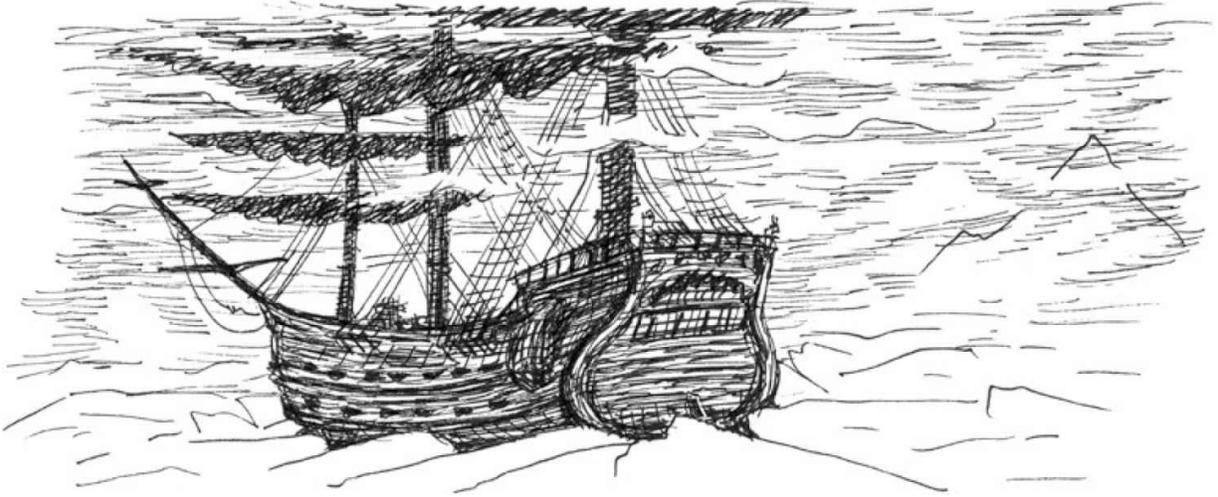
Abra seu coração para receber o meu, que para você transborda involuntariamente. Mas preciso encerrar esta carta. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R. W.

CARTA IV

À SRA. SAVILLE, INGLATERRA
5 DE AGOSTO DE 17...

Ocorreu-nos um acidente tão estranho que não consigo postergar seu registro, embora seja muito provável que você venha a me ver antes que estes papéis lhe cheguem às mãos.

Na última segunda-feira (31 de julho), ficamos praticamente cercados de gelo, que pressionava o navio por todos os lados, mal lhe deixando o espaço em que flutuava. Nossa situação se tornou um tanto perigosa, em especial quando nos vimos envoltos por uma névoa muito espessa. Deste modo, ancoramos, esperando que alguma mudança se desse na atmosfera e no tempo.

Por volta das duas horas, a névoa se dissipou e nós contemplamos, espalhadas em todas as direções, vastas e irregulares planícies de gelo, que pareciam não ter fim. Alguns dos meus camaradas resmungaram e minha mente começou a se alarmar com pensamentos ansiosos, quando uma estranha visão de repente atraiu nosso olhar e desviou nossa preocupação com a situação atual. Notamos uma carruagem baixa, presa a um trenó e conduzida por cães, passar por nós rumo ao norte, a uma distância de menos de um quilômetro. Um ser com a aparência de um homem, mas de estatura gigantesca, estava sentado no trenó e guiava os cães. Observamos o rápido progresso do viajante com nossos telescópios até ele se perder nas distantes vastidões de gelo.

Tal aparição nos atiçou um assombro incondicional. Acreditávamos estar a muitas centenas de quilômetros da terra firme, mas a aparição talvez indicasse que, na realidade, não estávamos tão longe quanto supúnhamos. No entanto, bloqueados pelo gelo, era-nos impossível seguir seus passos, que acompanhamos com a maior atenção.

Cerca de duas horas após o ocorrido, ouvimos o mar se agitar; e antes do cair da noite, o gelo se rompeu, libertando nosso navio. No entanto, ficamos ancorados até de manhã, temendo encontrar no escuro aquelas enormes massas soltas que flutuam à deriva após o rompimento do gelo. Aproveitei esse tempo para descansar por algumas horas.

De manhã, no entanto, assim que clareou, subi ao convés e encontrei todos os marujos ocupados em um lado do navio, aparentemente falando com alguém no mar. Era, na verdade, um trenó, como o que tínhamos visto antes, o qual vagara na nossa direção à noite em cima de um grande fragmento de gelo. Somente um cão permanecia vivo; mas dentro dele havia um ser humano, a quem os marujos tentavam persuadir a entrar no navio. Ele não parecia ser, tal como o outro viajante, um selvagem habitante de uma terra desconhecida, mas sim um europeu. Quando apareci no convés, o comandante disse:

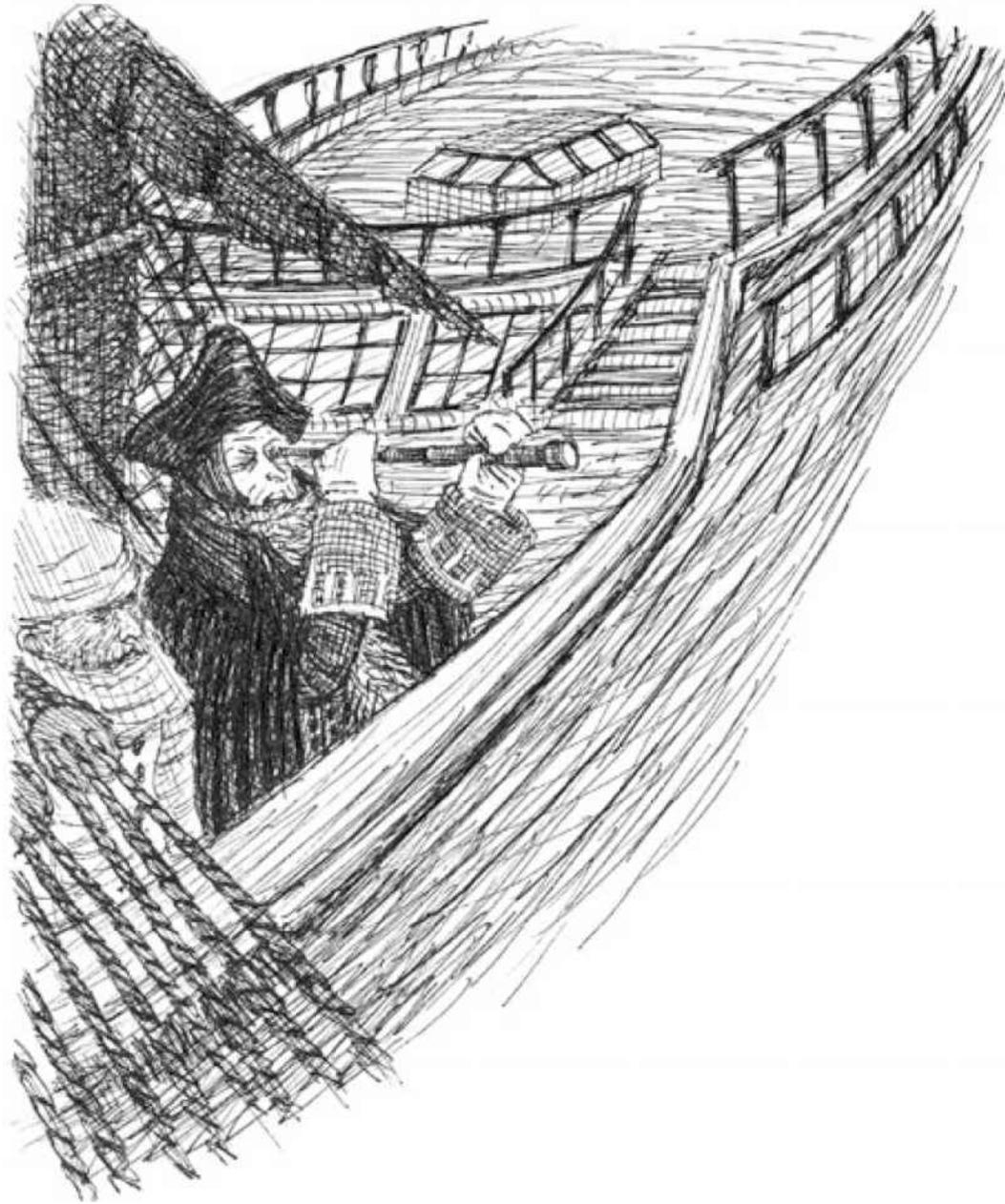
— Eis nosso capitão, ele não vai permitir que o senhor pereça em alto-mar.

Ao notar a minha presença, o desconhecido dirigiu-se a mim em inglês, embora com sotaque estrangeiro.

— Antes que eu suba a bordo de seu navio — disse ele —, o senhor teria a bondade de me informar para que direção estão indo?

Você pode imaginar meu aturdimento ao ouvir tal pergunta ser-me dirigida por um homem à beira da destruição e para o qual eu deveria ter imaginado que meu navio seria um recurso que ele não trocaria pela mais preciosa riqueza que pudesse haver sobre a terra. Respondi, no entanto, que estávamos numa viagem de exploração rumo ao polo Norte.

Ao ouvir isso, ele pareceu satisfeito e consentiu em subir a bordo. Bom Deus! Margaret, se você tivesse visto o homem que se rendeu dessa forma em nome da própria segurança, sua surpresa teria sido infinita. Os membros dele estavam praticamente congelados, e seu corpo terrivelmente emaciado pela fadiga e pelo sofrimento. Nunca vi homem em condição tão desgraçada.

Tentamos carregá-lo até o camarote, mas tão logo saiu do ar fresco, ele desmaiou. Por conseguinte, levamo-lo de volta ao convés e o reavivamos esfregando conhaque no seu corpo e o forçando a engolir uma pequena quantidade da bebida. Tão logo ele mostrou sinais de vida, nós o envolvemos em cobertores e o pusemos perto da chaminé do fogão da cozinha. Aos poucos ele se recuperou e tomou um pouco de sopa, o que o reavivou maravilhosamente.

Dois dias se passaram assim até ele recuperar a fala; e com frequência temi que seus sofrimentos lhe houvessem privado da razão. Quando ele havia se recuperado em certa medida, mandei que o transferissem para meu camarote e cuidei dele tanto quanto meu posto permitia. Nunca vi criatura mais interessante: os olhos dele em geral têm uma expressão de selvageria, até mesmo loucura; mas há momentos em que, se alguma pessoa lhe dispensa um ato de bondade ou lhe cumpre o pedido mais banal, todo o seu semblante se

ilumina, digamos assim, com um brilho de benevolência e doçura como nunca vi igual. Mas em geral é melancólico e desesperado; e às vezes range os dentes, como se de impaciência diante do peso dos infortúnios que o oprimem.

Quando meu hóspede estava já mais recuperado, tive grande trabalho para manter a distância os meus homens, que queriam lhe fazer milhares de perguntas; não permiti que ele fosse atormentado pela vã curiosidade deles, com o corpo e o espírito num estado cuja recuperação evidentemente dependia do repouso completo. Certa vez, no entanto, o contramestre perguntou:

— Por que o senhor viajou tão longe pelo gelo em um veículo tão estranho?

Seu semblante instantaneamente assumiu uma expressão do mais profundo desalento, e ele respondeu:

— Para procurar alguém que escapou de mim.

— E o homem que o senhor persegue viaja do mesmo modo?

— Sim.

— Então acredito que o vimos; pois, um dia antes de resgatarmos o senhor, vimos uns cães puxando um trenó conduzido por um homem sobre o gelo.

Isso despertou a atenção do desconhecido; e ele fez uma miríade de perguntas relacionadas à rota tomada pelo dæmon, conforme ele o chamava. Logo depois, quando estava a sós comigo, ele disse:

— Sem dúvida aticei sua curiosidade, bem como a dessas boas pessoas, mas o senhor é educado demais para me fazer perguntas.

— Certamente, de fato seria muito impertinente e desumano de minha parte incomodá-lo com qualquer questionamento.

— E, contudo, o senhor me resgatou de uma situação estranha e perigosa, caridosamente me devolvendo à vida.

Logo depois disso ele indagou se eu achava que o rompimento do gelo havia destruído o outro trenó. Respondi que não saberia dizer com certeza, pois o gelo só se rompera por volta da meia-noite e o viajante poderia ter chegado a algum lugar seguro antes daquela hora, mas isso eu não poderia assegurar.

A partir desse momento, um novo sopro de vida animou a decadente compleição do desconhecido. Ele manifestou uma grande

vontade de subir ao convés para vigiar o trenó que aparecera antes, mas eu o persuadi a permanecer no camarote, pois se encontra fraco demais para suportar a rudeza da atmosfera. Prometi que alguém ficaria de vigília e lhe daria a notícia imediatamente caso um novo objeto surgisse à vista.

É o que registra meu diário sobre esse estranho ocorrido até o dia de hoje. O desconhecido gradualmente recobrou a saúde, mas é muito quieto e parece incomodado sempre que outro além de mim entra no seu camarote. Contudo, suas maneiras são tão afáveis e gentis que todos os marujos estão interessados nele, embora pouco tenham se comunicado. Da minha parte, começo a amá-lo como a um irmão; e sua dor constante e profunda me enche de simpatia e compaixão. Ele deve ter sido uma criatura nobre nos seus melhores dias, visto que mesmo agora, aos destroços, é ainda cativante e amável.

Em uma das minhas cartas, minha querida Margaret, eu disse que não encontraria nenhum amigo em alto-mar; contudo, encontrei um homem que, antes que seu espírito se partisse de infelicidade, eu teria ficado feliz em ter como irmão de alma.

Hei de continuar, a intervalos, meu diário sobre esse desconhecido, caso tenha novos incidentes a relatar.

13 DE AGOSTO DE 17...

Minha afeição pelo meu hóspede cresce a cada dia. Ele atiça minha admiração e piedade ao mesmo tempo e a um grau atordoante. Como posso ver tão nobre criatura ser destruída pela infelicidade sem também sentir uma dor das mais pungentes? Ele é tão gentil, porém tão sábio; sua mente é tão culta; e quando ele fala, embora suas palavras sejam selecionadas com o mais requintado artifício, fluem com rapidez e com inigualável eloquência.

Ele agora se encontra bastante recobrado da doença e permanece quase sempre no convés, aparentemente atento ao trenó que precedeu o seu. Contudo, embora infeliz, ele não está tão consumido pela própria infelicidade, e sim profundamente interessado nos projetos dos outros. Com frequência tem conversado comigo a respeito dos meus, os quais lhe comuniquei com franqueza. Ouviu atentamente todos os meus argumentos em nome do meu eventual sucesso e cada mínimo detalhe das medidas que tomei para obtê-lo. Pela simpatia que ele deixava transparecer, fui facilmente levado a abrir meu coração, a dar vazão ao flamejante ardor da minha alma e a contar, com todo o fervor que me acalentava, quão alegremente eu sacrificaria minha fortuna, minha existência, toda esperança, à realização do meu empreendimento. A vida ou a morte de um homem eram um preço baixo a se pagar pela obtenção do conhecimento que eu buscava, pelo domínio que eu adquiriria e transmitiria a respeito dos inimigos elementais de nossa espécie. Conforme eu falava, um sombrio desalento se espalhou pelo rosto do

meu ouvinte. A princípio, notei que ele tentava conter a emoção, pondo as mãos diante dos olhos; e minha voz vacilou e me faltou quando vi lágrimas lhe escorrerem céleres por entre os dedos — um gemido irrompeu de seu peito arfante. Calei-me; oportunamente ele falou, a espasmos:

— Homem infeliz! O senhor partilha da minha loucura? O senhor também tomou da beberagem intoxicante? Ouça-me: deixe-me contar minha história, e o senhor afastará correndo a taça dos lábios!

Tais palavras, você pode imaginar, atiçaram fortemente minha curiosidade; mas o paroxismo de dor que arrebatara o desconhecido esgotou suas forças debilitadas e muitas horas de repouso e conversa amena se fizeram necessárias para que reavivasse a compostura.

Após ter vencido a violência de seus sentimentos, ele parecia desprezar a si mesmo por ser escravo da paixão; e, sufocando a tirania sombria do desespero, levou-me mais uma vez a falar apenas sobre mim. Perguntou-me a história de minha juventude. O relato foi contado rapidamente, mas despertou vários pontos de reflexão. Falei de meu desejo de encontrar um amigo — de minha sede por uma comunhão mais íntima com uma mente afim, maior do que já me coubera encontrar; e expressei minha convicção de que um homem que não desfrutasse dessa dádiva não podia se gabar de muita felicidade.

— Concordo com o senhor — respondeu o desconhecido —, não passamos de criaturas mal-ajambradas, quase pela metade, quando não há alguém mais sábio, mais bondoso e mais terno que nós, tal como deve ser um amigo, nos ajudando a aperfeiçoar nossas naturezas fracas e falhas. Eu já tive um amigo, a mais nobre das criaturas humanas, portanto posso julgar com propriedade sobre o tema. O senhor tem esperança e o mundo à sua frente, não há motivo para desespero. Mas eu... eu perdi tudo e não posso começar uma vida nova.

Ao dizer isso, seu semblante passou a expressar uma dor tranquila e enraizada, que me tocou o coração. Mas ele permaneceu em silêncio e dentro em breve se recolheu ao camarote.

Mesmo alquebrado de espírito como está, ninguém é capaz de sentir com mais intensidade as belezas naturais do que ele. O céu estrelado, o mar e toda paisagem conferida por estas regiões maravilhosas parecem ainda ter o poder de elevar-lhe a alma aos céus. Um homem como esse tem existência dupla: ele bem pode sofrer infelicidades e ser esmagado pelas decepções; contudo, quando se recolhe em si mesmo, é como um espírito celestial, dos que têm uma auréola ao redor, dentro de cujo círculo nenhuma dor ou desventura se arrisca a entrar.

Será que você ri do meu entusiasmo com esse andarilho divino? Não riria, se o visse. Sua educação e refinamento se deram por meio dos livros e do recolhimento do mundo, e por isso você é um tanto melindrosa; mas isso apenas a torna mais apta a apreciar os extraordinários méritos desse homem maravilhoso. Tenho tentado descobrir que qualidade é essa que ele possui e que o eleva tão imensuravelmente acima de qualquer pessoa que já conheci. Creio que se trata de um discernimento intuitivo; uma capacidade de julgamento rápida mas infalível; uma percepção da origem das coisas inigualável em clareza e precisão; some-se a isto uma facilidade de expressão e uma voz cujas variadas entonações são música para a alma.

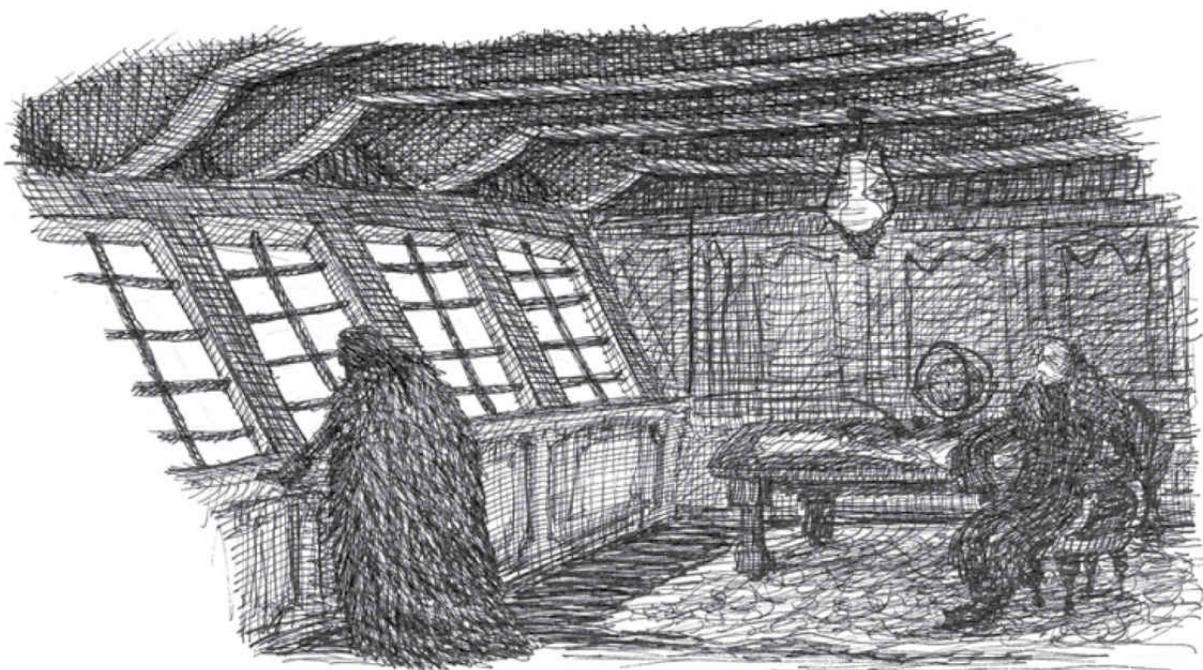
19 DE AGOSTO DE 17...

Ontem, o desconhecido me disse:

— O senhor facilmente há de perceber, capitão Walton, que sofri grandes e inigualáveis infortúnios. A certa altura, decidi que a memória desses males haveria de morrer comigo, mas o senhor conseguiu alterar minha determinação. O senhor busca conhecimento e sabedoria, tal como eu outrora buscava, e espero ardentemente que a realização dos seus desejos não seja uma serpente a picá-lo, tal como foi a minha. Não sei se o relato dos meus desastres lhe será útil. Contudo, quando penso que o senhor está trilhando o mesmo curso, expondo-se aos mesmos perigos que me

tornaram aquilo que sou, imagino que possa deduzir da minha história uma moral adequada; uma que possa direcioná-lo caso tenha sucesso em sua empreitada e o console caso fracasse. Prepare-se para ouvir episódios em geral considerados fantásticos. Estivéssemos nos cenários mais dóceis da natureza, eu temeria ser ouvido com descrença, talvez até zombaria, mas muitas coisas parecerão possíveis nestas regiões selvagens e misteriosas, coisas que provocariam o riso daqueles que não estão familiarizados com as forças sempre cambiantes da natureza — tampouco posso duvidar que minha história transmita em seus desdobramentos provas intrínsecas da veracidade dos eventos de que é composta.

Você bem pode imaginar como fiquei grato com a oferta de tal comunicação; contudo, não podia suportar que ele renovasse sua dor com o relato de seus infortúnios. Senti a maior avidez por escutar a narrativa prometida, em parte por curiosidade, em parte por um forte desejo de amenizar seu destino, caso isso estivesse em meu poder. Expressei esses sentimentos em minha resposta.

— Agradeço-lhe a solidariedade — respondeu ele —, mas é inútil; meu destino está praticamente cumprido. Espero senão por um único evento, e então hei de repousar em paz. Entendo o que sente — continuou ele, percebendo que eu queria interrompê-lo —, mas está enganado, meu amigo (se é que me permite chamá-lo assim). Nada pode alterar meu destino: ouça minha história e perceberá como está irrevogavelmente selado.

Ele então me contou que começaria a narrativa no meu próximo dia de folga. Essa promessa arrancou de mim os mais calorosos agradecimentos. Decidi que toda noite, quando não estiver imperativamente ocupado com meus deveres, registrarei, do modo mais fidedigno possível, o que ele me relatar durante o dia. Se estiver ocupado, irei ao menos tomar notas. Este manuscrito sem dúvida dará grande prazer a você; mas a mim, que conheço o homem e ouço a história direto dos lábios dele, com que interesse e compaixão hei de lê-lo em algum dia futuro! Mesmo agora, ao começar minha tarefa, a voz retumbante dele ressoa nos meus ouvidos, seus olhos lustrosos pousam em mim com toda a doce melancolia, vejo sua mão magra erguida com ânimo enquanto os traços do seu rosto são iluminados pela alma que lhe vai por dentro. Estranha e devastadora deve ser sua história; assustadora a tempestade que enlaçou o valente navio em seu curso e naufragou-o... ei-la!

CAPÍTULO I

SOU GENOVÊS DE NASCIMENTO e minha família é uma das mais distintas daquela república. Meus ancestrais por muitos anos foram conselheiros e magistrados, e meu pai ocupou vários cargos públicos com honra e reputação. Era respeitado por todos que o conheciam devido à sua integridade e incansável atuação no serviço público. Passou a juventude perpetuamente mergulhado nos assuntos do seu país; uma variedade de circunstâncias impediu que se casasse cedo, e foi só pouco antes do declínio da vida que se tornou marido e pai de família.

Como as circunstâncias de seu casamento ilustram seu caráter, não posso me abster de relatá-las. Um de seus amigos mais íntimos era um mercador que, vindo de uma condição próspera, caiu, por causa de numerosos infortúnios, na pobreza. Esse homem, que se chamava Beaufort, era de uma disposição orgulhosa e inflexível, e não suportava viver na pobreza e no esquecimento no mesmo país onde antes se destacara por sua posição social e magnificência. Tendo então pagado suas dívidas da maneira mais honrosa, recolheu-se com a filha à cidade de Lucerna, onde viveu no anonimato e na miséria. Meu pai amava Beaufort com a amizade mais verdadeira e ficou profundamente aflito com essa reclusão em circunstâncias infelizes. Deplorou amargamente o falso orgulho que levara o amigo a uma conduta tão pouco digna do afeto que os unia. Não perdeu tempo em tentar procurá-lo, na esperança de persuadi-lo a recomeçar a vida por meio de seu crédito e sua assistência.

Beaufort havia tomado medidas eficazes para se esconder, e dez meses se passaram até meu pai descobrir sua morada. Sobre-exaltado com a descoberta, apressou-se até a casa, situada numa rua sórdida, perto do rio Reuss. Mas, quando nela entrou, somente a miséria e o desespero receberam-no. Beaufort havia guardado senão uma pequena quantia de dinheiro dos destroços de sua fortuna, mas era suficiente para lhe prover algum sustento por uns meses, e nesse meio-tempo ele esperava obter um emprego respeitável junto a algum mercador. Esse intervalo, por consequência, foi passado em ócio; com tempo de sobra para

refletir, sua dor se tornava cada vez mais profunda e enervante e por fim acabou tomando sua mente com tanta rapidez que, após três meses, ele jazia acamado, incapaz de fazer qualquer esforço.

A filha cuidava dele com a maior ternura, mas observava com desespero que o parco dinheiro diminuía rapidamente e que não havia outra perspectiva de sustento. Mas Caroline Beaufort possuía uma mente de molde incomum e sua coragem veio à tona para apoiá-la na adversidade. Ela buscou trabalhos módicos, como trançar palha, e por vários meios conseguiu amealhar uma ninharia que mal dava para sua subsistência.

Vários meses se passaram dessa maneira. Seu pai piorou; ela passava cada vez mais tempo cuidando dele; seus meios de subsistência diminuíram e no décimo mês o pai morreu em seus braços, deixando-a órfã e indigente. Este último golpe a arrasou; e ela estava ajoelhada ao caixão de Beaufort, chorando amargamente, quando meu pai entrou no aposento. Ele se tornou um espírito protetor para a pobre menina, que se entregou aos seus cuidados; após o enterro do amigo, ele a levou para Genebra e a deixou sob a guarda de um parente. Dois anos depois desse evento, Caroline tornou-se esposa dele.

Havia uma considerável diferença de idade entre meus pais, mas essa circunstância parecia uni-los ainda mais em laços de devotada afeição. Havia um senso de justiça na mente íntegra do meu pai que tornava necessário que ele tivesse uma pessoa em alta estima para poder amá-la intensamente. Talvez em tempos idos ele tivesse sofrido ao descobrir tardiamente a indignidade de uma amada, e assim tenha se disposto a dar mais valor a uma dignidade comprovada. À minha mãe, ele dava mostras de gratidão e veneração de todo incompatíveis com o amor senil, pois eram inspiradas pela reverência às virtudes dela e por um desejo de, em certa medida, ser um instrumento para recompensá-la dos pesares que ela vivera, porém conferiam charme inexprimível ao comportamento que ele lhe dispensava. Tudo o que fazia era submetido aos desejos e à conveniência dela. Ele se esforçava para protegê-la, assim como uma bela planta exótica é protegida pelo jardineiro de qualquer vento cortante, e

para rodeá-la de tudo aquilo que tivesse propensão para atiçar emoções prazerosas em sua mente afável e benevolente. A saúde dela, e mesmo a calma de seu espírito até então constante, tinha sido abalada por tudo o que vivera. Durante os dois anos que antecederam o casamento, meu pai aos poucos se exonerara de todas as funções públicas; e, imediatamente após a união, os dois buscaram o aprazível clima da Itália, onde a mudança de cenário e interesses que uma expedição por aquela terra de maravilhas proporciona agiu como um tônico para a compleição enfraquecida dela.

Saindo da Itália, eles visitaram a Alemanha e a França. Eu, o filho mais velho, nasci em Nápoles, e quando criança os acompanhei em suas perambulações. Permaneci filho único por vários anos. Por mais que estivessem ligados um ao outro, eles pareciam extrair inesgotáveis reservas de afeto de uma verdadeira mina de amor para conferi-las a mim. Os ternos afagos da minha mãe e o sorriso generoso de prazer do meu pai quando olhava para mim são minhas primeiras recordações. Eu era seu brinquedo predileto e seu ídolo, e algo ainda melhor: seu filho, a inocente e indefesa criatura ofertada a eles pelos céus, cuja boa criação e futuro tinham nas mãos para me conduzir à felicidade ou infelicidade, conforme cumprissem os deveres que tinham para comigo. Com essa profunda consciência do que deviam ao ser ao qual deram a vida, somada ao intenso espírito de ternura que animava a ambos, pode-se imaginar que, ao mesmo tempo que a cada hora de minha infância eu recebia uma lição de paciência, caridade e autocontrole, era também guiado por um cordão de seda, fazendo tudo parecer uma longa sucessão de divertimentos aos meus olhos.

Por longo tempo fui a única preocupação deles. Minha mãe havia muito desejava ter uma filha, mas continuei sendo o único da prole. Quando eu tinha cerca de cinco anos, ao fazerem uma excursão além das fronteiras da Itália, eles passaram uma semana nas margens do lago de Como. Sua disposição benévola com frequência os fazia entrar nas cabanas dos pobres. Isso, para a minha mãe, era mais que um dever; era uma necessidade, uma

paixão – que a fazia lembrar do que sofrera e de como fora libertada –, era a vez dela de agir como anjo protetor dos aflitos. Durante um desses passeios, uma pobre choupana nos recônditos de um vale lhes chamou a atenção por ser particularmente desolada, ao passo que a quantidade de crianças em farrapos aglomeradas ao redor dela denotava a pior forma de penúria. Certo dia, quando meu pai fora sozinho a Milão, minha mãe, acompanhada por mim, visitou essa morada. Ela encontrou um camponês e sua esposa, trabalhadores árduos, prostrados pela preocupação e pela labuta, distribuindo uma parca refeição a cinco crianças famintas. Entre elas houve uma que atraiu a atenção da minha mãe mais do que as outras. Parecia ser de uma estirpe diferente. As outras quatro eram ociosas e brutas criancinhas de olhos escuros; esta era magra e muito bonita. Seu cabelo era do ouro mais vivo, e, apesar da pobreza da roupa, parecia ter na cabeça uma coroa de distinção. Sua fronte era clara e ampla, os olhos azuis e límpidos, os lábios e o formato do rosto expressavam tamanha sensibilidade e doçura que ninguém poderia olhar para ela sem tomá-la por alguém de uma espécie distinta, um ser enviado pelos céus, que ostentava um selo celestial em todos os seus traços.

A camponesa, percebendo que minha mãe mantinha os olhos cheios de encanto e admiração sobre aquela menina adorável, dispôs-se com avidez a contar a história dela. Não era filha deles, mas de um nobre milanês. Sua mãe era alemã e morrera ao dar à luz. A criança fora entregue aos cuidados daquelas boas pessoas: a família se encontrava em melhor condição de vida na época. Não estavam casados havia muito, e o filho mais velho acabara de nascer. O pai da protegida era um daqueles italianos criados com a memória da antiga glória da Itália — um dos *schiavi ognor frementi*[13] que lutaram para obter a liberdade do país. Ele tornou-se uma vítima da fraqueza. Se morrera ou ainda permanecia nas masmorras da Áustria, ninguém sabia. Sua propriedade fora confiscada; sua filha ficara órfã e indigente. Ela continuou com os pais adotivos e floresceu naquela morada rude, mais bela que uma rosa de jardim em meio a espinheiros de folhas escuras.

Quando meu pai voltou de Milão, encontrou brincando comigo no saguão da nossa *villa* uma criança mais bela que um querubim pintado – uma criatura que parecia irradiar esplendor das suas feições, e cuja forma e movimentos eram mais leves que os do cabrito-montês. A aparição logo se explicou. Com a permissão dele, minha mãe convenceu os rústicos guardiões da menina a entregá-la aos seus cuidados. Eles eram afeiçoados à doce órfã. A presença dela lhes parecia uma benção, mas seria injusto mantê-la na pobreza e na necessidade quando a Providência concedera a ela tão inestimável proteção. Os dois consultaram o pároco da aldeia e, como resultado, Elizabeth Lavenza passou a morar na casa dos meus pais, tornando-se mais que uma irmã – a bela e adorada companheira de todas as minhas ocupações e prazeres.

Todo mundo amava Elizabeth. O afeto apaixonado e quase reverente que todos lhe devotavam se tornou, durante o tempo em que dele partilhei, meu orgulho e meu encanto. Na noite anterior à chegada dela, minha mãe dissera alegremente:

– Tenho um belo presente para o meu Victor; amanhã ele o ganhará.

E quando, de manhã, ela apresentou-me Elizabeth como o presente prometido, eu, com pueril seriedade, interpretei suas palavras à risca e olhei para ela como se fosse minha – para proteger, amar e valorizar. Recebia todos os elogios feitos a ela como se dirigidos a uma posse minha. Tratávamo-nos em casa como primos. Nenhuma palavra, nenhuma expressão seria capaz de encarnar o tipo de relação em que eu a tinha – Elizabeth era mais que uma irmã, já que até a morte ela deveria ser somente minha.

---

13 "Escravos sempre em frêmito", em italiano no original. Referência aos insurrectos milaneses que desejavam restituir a Lombardia à Itália, após o país ter cedido a região para a Áustria durante o Congresso de Viena (1814–1815), que fez a partilha da Europa em sequência às guerras napoleônicas.

CAPÍTULO II

FOMOS CRIADOS JUNTOS; não havia nem bem um ano de diferença entre nossas idades. É desnecessário dizer que éramos alheios a qualquer espécie de desunião ou disputa. A harmonia era a alma de nossa parceria, e a diversidade e o contraste que subsistiam em nosso caráter nos aproximavam ainda mais. Elizabeth tinha uma disposição mais calma e centrada; porém, com todo o meu ardor, eu era capaz de uma dedicação mais intensa e era tocado com mais profundidade pela sede de conhecimento. Ela se ocupava de acompanhar as etéreas criações dos poetas; e, nos majestosos e maravilhosos cenários que circundavam nosso lar suíço — os sublimes contornos das montanhas, a mudança das estações, a tempestade e a bonança, o silêncio do inverno, a vida e a turbulência de nossos verões alpinos —, encontrava amplo escopo para admiração e encanto. Enquanto minha companheira contemplava com espírito sério e satisfeito a magnífica aparência das coisas, eu me encantava investigando a causa delas. O mundo era um segredo que eu desejava decifrar. A curiosidade, as pesquisas aprofundadas para aprender as leis ocultas da natureza e uma alegria semelhante ao arrebatamento, à medida que elas se desvelavam para mim, estão entre as primeiras sensações de que consigo me lembrar.

Com o nascimento do segundo filho, sete anos mais novo que eu, meus pais desistiram inteiramente da vida errante e se estabeleceram no país natal. Tínhamos uma casa em Genebra e uma *campagne*[14] em Belrive, à margem leste do lago, a bem mais que uns cinco quilômetros da cidade. Residíamos principalmente nesta última, e a vida dos meus pais transcorreu em considerável reclusão. Era do meu temperamento evitar multidões e associar-

me com fervor a uns poucos. Eu era indiferente, portanto, aos meus colegas de escola em geral; mas uni-me em laços de íntima amizade com apenas um deles. Henry Clerval era o filho de um mercador de Genebra. Um garoto de talento e imaginação singulares. Amava aventuras, provações e até mesmo perigos, pelo prazer da coisa. Era muitíssimo versado em livros de cavalaria e romance. Compunha canções heroicas e começou a escrever várias histórias de fantasia e proezas cavaleirescas. Tentou fazer-nos atuar em peças e participar de encenações, cujos personagens eram emprestados dos heróis de Roncesvales, da Távola Redonda do Rei Artur e da valente comitiva que deu o próprio sangue para resgatar o santo sepulcro das mãos dos infiéis.

Nenhum ser humano poderia ter vivido uma infância mais feliz que a minha. Meus pais eram possuídos pelo próprio espírito da bondade e indulgência. Sentíamos que não eram tiranos a nos governar segundo seus caprichos, mas agentes e criadores de todos os encantos de que desfrutávamos. Quando frequentava outras famílias, discernia nitidamente como era afortunada a minha vida e a gratidão contribuía para o meu amor filial.

Meu gênio era por vezes violento, e minhas paixões, veementes; mas por meio de alguma lei do meu temperamento elas se voltavam não para propósitos pueris, e sim para um ávido desejo de aprender, mas não aprender todas as coisas indiscriminadamente. Confesso que nem a estrutura das linguagens, nem o sistema de leis dos governos, nem a política de várias nações exerciam atração em mim. Eram os segredos do céu e da terra que eu desejava aprender; e fosse a substância externa das coisas, fosse o espírito interior da natureza e a misteriosa alma humana que me ocupassem, ainda assim minhas investigações se dirigiam à metafísica, ou, em seu sentido mais elevado, aos segredos físicos do mundo.

Enquanto isso, Clerval se ocupava, por assim dizer, das relações morais das coisas. O alvoroçado palco da vida, as virtudes dos heróis e as ações dos homens eram o seu tema; e sua esperança e sonho era entrar para o rol dos nomes registrados na

história como valentes e aventurosos benfeitores de nossa espécie. A alma santa de Elizabeth luzia como a lâmpada de um templo em nosso pacífico lar. Sua compaixão era dirigida a nós; o sorriso, a voz suave, o doce brilho de seus olhos celestiais estavam sempre lá para nos abençoar e animar. Ela era o espírito vivo do amor que suaviza e atrai: eu poderia viver taciturno em meu escritório, endurecido pelo ardor da minha natureza, se ela não estivesse ali para me submeter ao exemplo da sua delicadeza. E Clerval – acaso algum mal seria capaz de se entrincheirar no nobre espírito de Clerval? – poderia não ser tão perfeitamente humano, tão atencioso em sua generosidade, tão repleto de bondade e ternura em meio à paixão pela vida aventureira, não tivesse ela lhe revelado a verdadeira beleza da beneficência, e feito da benfeitoria o fim e o meio da sua altaneira ambição.

Sinto enorme prazer em mergulhar nas recordações de infância, antes que o infortúnio me toldasse a mente e transformasse suas claras visões de vasta utilidade em sombrias e limitadas autorreflexões. Além disso, ao esboçar o retrato dos meus primeiros anos, também recordo os eventos que me conduziram, a passos insensatos, à história da minha infelicidade futura: pois quando eu estava prestes a explicar a mim mesmo o nascimento daquela paixão que mais tarde viria a governar meu destino, vi-a irromper, feito um rio montês, de fontes ignóbeis e quase esquecidas; mas, à medida que crescia, ela tornou-se a torrente que, em seu curso, aniquilou todas as minhas esperanças e alegrias.

A filosofia natural é o gênio que regrou meu destino; desejo, portanto, nesta narrativa, declarar os fatos que levaram à minha predileção por essa ciência. Quando contava treze anos de idade, fomos todos em uma prazerosa excursão aos banhos perto de Thonon; o tempo inclemente nos obrigou a permanecer um dia inteiro confinados na estalagem. Nessa casa, calhei de encontrar um volume contendo as obras de Cornélio Agripa[15]. Abri-o com apatia; a teoria que ele tentava demonstrar e os fatos maravilhosos que relatava logo transformaram o sentimento em

entusiasmo. Uma nova luz pareceu me brotar na mente e, saltitante de alegria, comuniquei a descoberta ao meu pai. Ele olhou displicente para o frontispício do livro e disse:

– Ah! Cornélio Agripa! Meu caro Victor, não perca seu tempo com isso; é uma porcaria lamentável.

Se, em vez desse comentário, meu pai tivesse se dado ao trabalho de me explicar que os princípios de Agripa tinham sido inteiramente ultrapassados e que se introduzira um sistema científico moderno dotado de poderes muito maiores que o anterior, pois aqueles eram quiméricos ao passo que estes eram reais e práticos; em tais circunstâncias, eu certamente teria deixado Agripa de lado e contentado minha imaginação, acalorada como estava, voltando com grande ardor para meus antigos estudos. É até mesmo possível que o fio dos meus pensamentos jamais tivesse recebido o impulso fatal que me levou à ruína. Mas o olhar de soslaio que meu pai lançara ao volume de modo algum me confirmou que ele tinha familiaridade com o conteúdo, e continuei a lê-lo com grande avidez.

Quando voltei para casa, minha primeira providência foi obter as obras completas do autor e, mais tarde, as de Paracelso[16] e Alberto Magno[17]. Li e estudei as loucas fantasias desses escritores com encanto; pareciam-me tesouros conhecidos por poucos além de mim. Sempre descrevi a mim mesmo como alguém que possui um febril afã de penetrar os segredos da natureza. Apesar da intensa labuta e das maravilhosas descobertas dos filósofos modernos, eu sempre saía descontente e insatisfeito dos meus estudos. Sir Isaac Newton[18] teria asseverado que se sentia como uma criança catando conchas à margem do grande e inexplorado oceano da verdade. Seus sucessores em cada ramo da filosofia natural com os quais eu estava familiarizado pareciam, mesmo à minha compreensão de garoto, noviços comprometidos com a mesma busca.

O camponês inculto contemplava os elementos à sua volta e tinha familiaridade com seus usos práticos. O mais erudito

filósofo sabia pouco mais do que ele. Ele desvelara parcialmente a superfície da Natureza, mas seus contornos imortais eram ainda uma maravilha e um mistério. Ele poderia dissecar, anatomizar e atribuir nomes, mas as causas secundárias e terciárias lhe eram completamente desconhecidas, para não falar na causa final. Eu avistara as fortificações e os impedimentos que pareciam afastar os seres humanos de adentrar na cidadela da natureza e, de modo precipitado e ignorante, resmunguei.

Mas ali estavam os livros, e ali estavam homens que penetraram mais fundo e sabiam mais. Tomei a palavra deles por tudo que asseveravam e tornei-me seu discípulo. Pode parecer estranho que isso tenha se dado no século XVIII; mas apesar de seguir a rotina de ensino das escolas de Genebra, eu era, em grande medida, autodidata em relação aos meus estudos favoritos. Meu pai não tinha uma mente científica, e restou-me lutar com a cegueira de uma criança, somada à sede de conhecimento de um estudante. Sob a orientação dos meus novos preceptores, parti com a maior diligência em busca da pedra filosofal e do elixir da vida, mas esta última logo obteve minha atenção integral. A riqueza era um objetivo menor; mas que glória se seguiria à descoberta, se eu fosse capaz de banir a doença da compleição humana e tornasse o homem invulnerável a tudo menos a uma morte violenta!

Essas tampouco eram minhas únicas visões. *A* criação de fantasmas ou diabos era uma promessa prodigamente comum a meus autores favoritos, cuja realização eu perseguia da maneira mais ávida; e se meus encantamentos eram sempre em vão, eu atribuía o fracasso antes à minha própria inexperiência e erro que a uma falta de habilidade ou confiabilidade nos meus instrutores. E assim, por algum tempo, ocupei-me de sistemas ultrapassados, misturando, feito um leigo, milhares de teorias contraditórias, e chafurdando desesperado num verdadeiro lamaçal de conhecimentos multifacetados, guiado por uma imaginação ardente e um raciocínio pueril, até que, de novo, um acidente mudou o curso das minhas ideias.

Quando eu tinha por volta de quinze anos, havíamos nos mudado para nossa casa perto de Belrive, quando testemunhamos uma tempestade das mais violentas e terríveis. Ela avançara por sobre as montanhas do Jura, e o trovão irrompeu de imediato com assustadora intensidade, e de vários quadrantes do céu. Enquanto a tempestade caía, continuei observando seu progresso com curiosidade e encanto. Estava eu parado na porta, quando de repente avistei um raio de fogo se projetar de um antigo e belo carvalho que ficava a cerca de vinte metros da nossa casa e, com a mesma rapidez com que a luz

ofuscante sumira, o carvalho desapareceu, não restando nada além de um toco arrebentado. Quando o visitamos na manhã seguinte, descobrimos a árvore partida de uma maneira peculiar. Não fora estilhaçada pelo choque, mas sim totalmente reduzida a lascas finas de madeira. Eu jamais vira algo tão completamente destruído.

Antes disso, eu não era de todo ignorante das leis mais óbvias da eletricidade. Nesta ocasião, um autor de grandes pesquisas em filosofia natural estava conosco e, atiçado pela catástrofe, entabulou a explicação de uma teoria que elaborara a respeito da eletricidade e do galvanismo, que de imediato representou uma novidade espantosa para mim. Tudo o que ele disse ofuscou enormemente Cornélio Agripa, Alberto Magna e Paracelso, os donos da minha imaginação, mas, por alguma fatalidade, a deposição desses homens desmotivou-me de perseguir meus estudos de sempre. Pareceu-me que nada seria ou poderia vir a ser conhecido um dia. Tudo aquilo que por tanto tempo dominara minha atenção de repente se tornou desprezível. Por um desses caprichos da mente a que estamos talvez mais sujeitos no início da juventude, abandonei de imediato minhas ocupações anteriores; julguei a história natural e toda a sua derivação como uma criação deformada e aberrante e demonstrei o maior desdém por uma pretensa ciência que jamais poderia pisar nem mesmo na soleira do verdadeiro conhecimento. Nesse estado de espírito, aferrei-me à matemática e aos ramos de estudo relativos a ela, por ser uma ciência erguida sobre fundações seguras e, assim, digna da minha consideração.

É assim que nossas almas são estranhamente construídas, e por ligamentos assim frágeis é que estamos destinados à prosperidade ou à ruína. Quando reflito sobre o passado, parece-me que essa mudança quase milagrosa de interesse e vontade foi uma sugestão direta do meu anjo da guarda — o último esforço feito pelo espírito da preservação para desviar a tempestade que já então pairava nas estrelas, pronta para me engolir. A vitória dessa sugestão se anunciou na minha alma com uma calma e uma alegria incomuns, que se seguiram ao abandono dos meus

antigos e ultimamente torturantes estudos. Foi assim que aprendi a associar o mal com a sua pesquisa e a felicidade com o desprezo por eles.

Foi um grande esforço do espírito do bem, embora ineficaz. O destino era poderoso demais, e suas leis imutáveis haviam decretado minha absoluta e terrível destruição.

---

14 Casa de campo, em francês no original.

15 Médico e pensador alemão, autor de tomos sobre magia, cabala e ciências ocultas, Cornélio Agripa (1486–1535) foi condenado por heresia pela Santa Inquisição.

16 Nascido Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (c. 1493–1541) na Suíça, o médico e alquimista também escreveu sobre hermetismo.

17 Professor de São Tomás de Aquino e protetor das ciências naturais, o alemão Alberto Magno (c. 1200–1280) é autor de, entre outras obras, *Tratado sobre a unidade do intelecto*, do século XIII.

18 Com *Princípios matemáticos da filosofia natural*, o inglês Isaac Newton (c. 1642–1727) contribuiu para o progresso da física e da astronomia.

CAPÍTULO III

QUANDO CHEGUEI aos dezessete anos, meus pais decidiram que eu iria estudar na universidade de Ingolstadt. Até então eu frequentara as escolas de Genebra; mas meu pai julgou ser necessário, para o término da minha instrução, que eu me familiarizasse com outros costumes que não os do meu país natal. Minha partida foi então marcada para uma data próxima, mas antes que o dia combinado pudesse chegar, ocorreu o primeiro infortúnio da minha vida — um presságio, por assim dizer, da minha infelicidade futura.

Elizabeth contraíra escarlatina; sua enfermidade era grave, e ela corria grande perigo. Durante a enfermidade, surgiram muitos argumentos tentando convencer minha mãe a não cuidar pessoalmente dela. A princípio, ela cedeu às nossas súplicas, mas, quando ouviu que a vida da sua favorita estava ameaçada, não pôde mais controlar a ansiedade. Acorreu ao seu leito — seus atenciosos cuidados triunfaram sobre a malignidade da moléstia, e Elizabeth se curou, mas as consequências dessa imprudência foram fatais para a sua protetora. No terceiro dia, minha mãe adoeceu; sua febre foi acompanhada pelos sintomas mais alarmantes, e os olhares dos médicos indicavam o pior prognóstico. Em seu leito de morte, a fibra e a benignidade daquela que era a melhor entre as mulheres não a abandonaram. Ela juntou as mãos de Elizabeth às minhas:

— Crianças — disse ela —, minhas esperanças mais firmes de felicidade futura foram depositadas na promessa da união de vocês. Essa expectativa será agora o consolo do seu pai. Elizabeth, meu amor, você precisa assumir o meu lugar em prol dos meus pequenos. Ai, como lamento ser tirada de vocês; feliz e amada

como fui, não é duro ter de abandonar a todos? Mas esses pensamentos não são do meu feitio; vou tentar me resignar de bom grado com a morte e me permitirei a esperança de encontrá-los em outro mundo.

Ela morreu tranquilamente, e seu semblante expressava afeto até mesmo na morte. É desnecessário descrever os sentimentos daqueles cujos laços mais queridos são partidos pelo mal mais irreparável, o vazio que se apresenta à alma e o desespero que se mostra nos semblantes. Muito tempo se passa até a mente conseguir se convencer de que aquela pessoa, a quem víamos todo dia e cuja própria existência parecia fazer parte da nossa, possa ter partido para sempre — que o brilho de um olhar amado possa ter se extinguido e o som de uma voz tão familiar e cara aos ouvidos possa ser silenciada e nunca mais ser ouvida. São essas as reflexões dos primeiros dias, mas é quando o transcorrer do tempo comprova a existência do mal que a verdadeira amargura do luto tem início. Contudo, haverá alguém que jamais teve uma relação cara cortada por essa mão inclemente? E por que eu descreveria uma dor que todos já sentiram e irão sentir? Aos poucos chega o tempo em que o pesar é antes uma indulgência que uma necessidade; e o sorriso que brinca nos lábios, embora possa ser considerado um sacrilégio, não é banido. Minha mãe estava morta, mas ainda tínhamos deveres a cumprir; é preciso seguir nosso caminho com os que ficaram e aprender a pensar-nos afortunados enquanto não somos arrebatados pelo malfeitor.

Minha partida para Ingolstadt, adiada por esses acontecimentos, agora fora decidida. Obtive do meu pai um recesso de algumas semanas. Pareceu-me um sacrilégio deixar tão rapidamente o repouso, comparável à morte, da casa em luto e lançar-me à voragem da vida. Eu ainda era inexperiente para a dor, mas nem por isso ela me alarmou menos. Não estava

disposto a sair da vista daqueles que me restavam e, acima de tudo, desejava ver minha doce Elizabeth consolada em alguma medida.

Ela, na verdade, velou sua dor e se esforçou para agir como a consoladora de todos nós. Via a vida com firmeza, e assumiu seus deveres com coragem e zelo. Devotou-se àqueles que aprendera a chamar de tio e primos. Nunca ela foi tão encantadora quanto nessa época, na qual recuperava o luzir dos seus sorrisos para irradiá-lo sobre nós. Esqueceu-se até mesmo do próprio lamento em suas tentativas de nos fazer esquecer.

O dia da minha partida por fim chegou. Clerval passou a última noite conosco. Ele se esforçara para convencer o pai a deixá-lo me acompanhar e se tornar meu colega de estudo, mas foi em vão. Seu pai era um comerciante tacanho, que via indolência e ruína nas aspirações e ambições do filho. Henry sentia profundamente o infortúnio de ser impedido de receber uma educação liberal. Falava pouco, mas quando o fazia, eu lia em seus olhos inflamados e em seu semblante empolgado uma resolução contida mas firme, que não se deixaria acorrentar aos infelizes detalhes do comércio.

Fomos dormir tarde. Não conseguíamos nos separar, nem nos convencer a dizer “Adeus!”. A palavra foi dita, e cada um de nós se recolheu sob o pretexto de buscar descansar, imaginando que o outro fora enganado: mas com o raiar do dia, quando desci até a carruagem que iria me transportar, eles estavam todos lá — meu pai, para me abençoar mais uma vez, Clerval, para apertar minha mão mais uma vez, minha Elizabeth, para renovar as súplicas de que eu escrevesse com frequência e para conceder as últimas atenções femininas ao seu companheiro de brincadeiras e amigo.

Atirei-me na carruagem que me levaria dali e recaí nas mais melancólicas reflexões. Eu, que sempre estivera cercado de companhias agradáveis, sempre comprometido com o prazer mútuo, estava agora sozinho. Na universidade, para onde me dirigia, eu deveria fazer meus próprios amigos e ser meu próprio protetor. Minha vida até então tinha sido notavelmente reclusa e

doméstica, e isso me causava uma repugnância insuperável a novas fisionomias. Amava meus irmãos, Elizabeth e Clerval, "rostos familiares"; mas eu me acreditava de todo inadequado à companhia de desconhecidos. Tais eram minhas reflexões enquanto eu começava minha jornada, mas à medida que prosseguia, meu ânimo e esperanças cresceram. Eu desejava ardentemente obter o conhecimento. Com frequência, em casa, achara difícil permanecer engaiolado durante a juventude em um só lugar, e ansiara por ingressar no mundo e ocupar meu lugar entre outros seres humanos. Agora meus desejos tinham sido atendidos, e seria, de fato, loucura arrepender-me.

Eu tive bastante tempo livre para essas e muitas outras reflexões durante minha viagem para Ingolstadt, que foi longa e cansativa. Por fim, a torre branca da igreja da cidade cruzou meu olhar. Desembarquei e fui conduzido a meu apartamento solitário, para passar a noite conforme eu quisesse.

Na manhã seguinte, entreguei minhas cartas de apresentação e prestei uma visita a alguns dos principais professores. O acaso — ou melhor, a influência maligna, o Anjo da Destruição, que exerceu seu controle onipotente sobre mim a partir do momento em que dei os relutantes passos para longe da casa de meu pai — levou-me primeiro até o sr. Krempe, professor de filosofia natural. Era um homem tosco, mas profundamente imerso nos segredos da sua ciência. Ele me fez várias perguntas relativas ao meu avanço nos diferentes ramos da ciência pertencentes à filosofia natural. Respondi com displicência e, em parte por desprezo, mencionei os nomes dos meus alquimistas como os principais autores que havia estudado. O professor me encarou:

— O senhor — perguntou ele — realmente perdeu seu tempo estudando essas bobagens?

Respondi afirmativamente.

— Cada minuto — continuou o sr. Krempe, acalorado —, cada instante que o senhor desperdiçou com esses livros foi perdido por completo e para sempre. O senhor encheu a cabeça com sistemas obsoletos e nomes inúteis. Meu bom Deus! Em que lugar deserto o senhor viveu, no qual ninguém teve a bondade de lhe informar que essas fantasias, que o senhor assimilou com tanta avidez, têm milhares de anos de idade e são tão bolorentas quanto arcaicas? Eu não esperava, nesta época esclarecida e científica, encontrar um discípulo de Alberto Magno e Paracelso. Meu caro, o senhor precisa começar seus estudos inteiramente do zero.

Assim dizendo, ele se afastou, escreveu uma lista com vários livros que tratavam de filosofia natural e que desejava que eu procurasse, e me dispensou, após mencionar que no começo da semana seguinte pretendia iniciar um período de palestras sobre filosofia natural em suas relações gerais e que o prof. Waldman, seu colega, palestraria sobre química nos dias alternados em que ele não comparecesse.

Voltei para casa, não decepcionado, pois eu havia muito considerava inúteis aqueles autores que o professor reprovava, mas tampouco estava inclinado a recorrer àqueles estudos em qualquer forma que fosse. O sr. Krempe era um homenzinho atarracado, com voz roufenha e semblante repulsivo; o professor, portanto, não me predispôs a favor dos seus propósitos. Num trecho por demais filosófico e denso, acredito eu, já forneci uma explicação das conclusões a que cheguei sobre isso em meus primeiros anos. Quando criança, eu não me satisfizera com os resultados prometidos pelos professores modernos de ciência natural. Com uma confusão de ideias só justificada pela extrema juventude e a necessidade de ter um guia em tais assuntos, eu refizera os passos do conhecimento voltando nas trilhas do tempo e trocara as descobertas dos pesquisadores atuais pelos sonhos de alquimistas esquecidos. Além disso, eu sentia desprezo

pelos usos da filosofia natural moderna. Era muito diferente quando os mestres da ciência buscavam a imortalidade e o poder; tais visões, embora fúteis, eram grandiosas: mas agora o cenário tinha mudado. A ambição do pesquisador parecia limitar-se ao aniquilamento daquelas visões sobre as quais meu interesse pela ciência, na maior parte, se fundara. Exigia-se que eu trocasse quimeras de ilimitada grandiosidade por realidades de pouco valor.

Tais foram as minhas reflexões durante os primeiros dois ou três dias da minha residência em Ingolstadt, que na maior parte preenchi buscando familiarizar-me com o local e com os principais residentes da minha nova morada. Mas assim que a semana seguinte chegou, pensei na informação que o sr. Krempe me passara sobre as palestras. E embora não fosse me convencer a ir ouvir aquele camaradinha preconceituoso cuspindo frases de cima de um púlpito, lembrei-me do que ele dissera sobre o sr. Waldman, o qual eu nunca vira, uma vez que até então ele estivera fora da cidade.

Em parte por curiosidade, em parte por ócio, fui até a sala de palestras, na qual o sr. Waldman logo entrou. Esse professor era muito diferente do colega. Parecia ter cinquenta anos, mas com um aspecto que expressava a maior bondade. Alguns poucos cabelos brancos lhe cobriam as têmporas, mas os que tinha na nuca eram praticamente pretos. Era baixo, mas notavelmente ereto, e sua voz era a mais doce que eu já ouvira. Ele começou a palestra com uma recapitulação da história da química e dos vários aprimoramentos feitos por diferentes homens de saber, pronunciando com fervor os nomes dos mais distintos desbravadores. Fez então um exame superficial do atual estado da ciência, e explicou muitos dos termos elementares. Após fazer alguns experimentos introdutórios, concluiu a aula com um panegírico da química moderna, em termos que nunca hei de esquecer:

— Os antigos professores desta ciência — disse ele — prometiam o impossível e nada conseguiam realizar. Os mestres modernos prometem muito pouco; sabem que os metais não

podem ser transmutados e que o elixir da vida é uma quimera. Mas esses filósofos, cujas mãos parecem ter sido feitas apenas para fuçar na lama e os olhos para se debruçar sobre o microscópio ou o cadinho, têm de fato conseguido milagres. Penetram nos recônditos da natureza e mostram como ela funciona em seus esconderijos. Eles ascendem aos céus: descobriram como o sangue circula e a natureza do ar que respiramos. Adquiriram poderes novos e quase ilimitados; são capazes de invocar trovões, imitar um terremoto e até mesmo parodiar o mundo invisível com suas próprias sombras.

Tais foram as palavras do professor — ou melhor, as palavras do destino, enunciadas para me destruir. Enquanto ele prosseguia, eu sentia como se minha alma estivesse se engalfinhando com um inimigo palpável; uma após outra, foram tocadas as várias teclas que formavam o mecanismo do meu ser: acorde após acorde soou, e logo minha mente se encheu com um único pensamento, uma única ideia, um único propósito. Tanto já foi feito, exclamou a alma de Frankenstein — mais, muito mais, eu hei de alcançar: trilhando os passos já deixados, serei o pioneiro de um novo caminho, explorarei poderes desconhecidos e desvelarei ao mundo os maiores mistérios da criação.

Não preguei os olhos naquela noite. Todo o meu ser se achava num estado de insurreição e tumulto; eu sentia que a ordem surgiria dali, mas não tinha poder para produzi-la. Aos poucos, após o raiar do dia, o sono veio. Despertei, e os pensamentos da noite passada eram como um sonho. Só me restara a decisão de voltar aos estudos antigos e devotar-me à ciência para a qual acreditava possuir um talento natural. No mesmo dia fiz uma visita ao sr. Waldman. Suas maneiras em privado eram ainda mais brandas e cativantes do que em público, pois em sua conduta durante a palestra havia certa dignidade que, em sua própria casa, era substituída pela maior afabilidade e bondade. Forneci-lhe praticamente o mesmo relato dos meus antigos interesses que eu dera ao seu colega professor. Ele ouviu com atenção a pequena narrativa sobre meus estudos e sorriu à

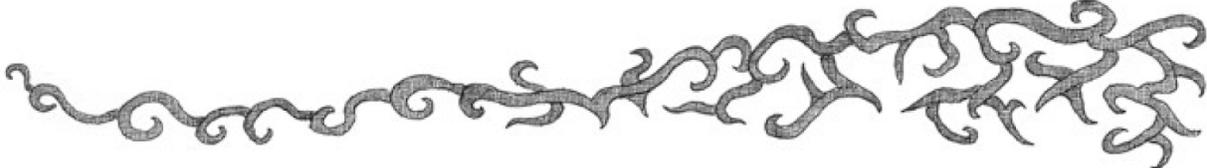
menção dos nomes de Cornélio Agripa e Paracelso, mas sem o desprezo que o sr. Krempe demonstrara. Ele me disse:

— Trata-se de homens a cujo zelo incansável os filósofos modernos devem a maior parte da base dos seus conhecimentos. Eles nos deixaram a tarefa mais fácil de atribuir novos nomes e ordenar em classificações coerentes os fatos que, em grande medida, vieram à luz por seu intermédio. O trabalho de homens geniais, por mais equivocada que seja sua orientação, quase nunca falha em por fim se tornar uma sólida vantagem para a humanidade.

Ouvi essa declaração, que foi dita sem nenhuma presunção ou afetação, e acrescentei que sua palestra havia eliminado meus preconceitos contra os químicos modernos. Expressei-me em termos calculados, com a modéstia e a deferência que um jovem deve ao seu instrutor, sem deixar transparecer (a inexperiência de vida me teria envergonhado) nada do entusiasmo que estimulava meus projetos de trabalho. Pedi seu conselho em relação aos livros que eu deveria procurar.

— Fico feliz — disse o sr. Waldman — por ter ganhado um discípulo; e se sua dedicação corresponde à sua capacidade, não tenho dúvidas de que terá sucesso. A química é o ramo da filosofia natural em que os mais importantes aprimoramentos têm sido e podem ser feitos: é por esse motivo que fiz dela o meu objeto de estudo, mas ao mesmo tempo não negligenciei os outros ramos da ciência. Um homem que se dedicasse apenas a esse departamento do saber humano seria um péssimo químico. Se o seu desejo é de fato se tornar um homem de ciência, e não um mero experimentador, devo aconselhar que se dedique a todos os ramos da filosofia natural, incluindo a matemática.

Ele então me levou ao seu laboratório e me explicou o uso de várias máquinas, instruiu-me sobre quais eu deveria procurar e prometeu que eu poderia usar as dele quando tivesse avançado o bastante na ciência, de modo a não avariar os mecanismos. Ele também me passou a lista de livros que eu tinha pedido; e fui embora.

Assim terminou um dia para mim memorável: o dia que definiu meu destino.

CAPÍTULO IV

A PARTIR DAQUELE DIA, a filosofia natural, em particular a química, na acepção mais ampla da palavra, tornou-se praticamente minha única ocupação. Eu lia com ardor as obras tão cheias de genialidade e discernimento que os pesquisadores modernos escreveram sobre o assunto. Frequentava as aulas e cultivava a amizade dos homens de ciência da universidade; descobri até mesmo no sr. Krempe uma boa dose de bom senso e informação fidedigna, combinada, é verdade, a uma fisionomia e a maneiras repulsivas, mas não por isso menos valiosas. No sr. Waldman encontrei um verdadeiro amigo. Sua gentileza nunca se tingia com dogmatismo, e suas instruções eram proferidas com um ar de franqueza e boa vontade que bania qualquer ideia de pedantismo. De mil maneiras ele aplainou para mim o caminho do conhecimento e tornou-me claras e de fácil compreensão as pesquisas mais obscuras. Minha dedicação a princípio foi oscilante e incerta; ganhou força conforme eu procedia, e logo se tornou tão ardente e ávida que as estrelas com frequência desapareciam à chegada da luz da manhã enquanto eu ainda estava absorto em meu laboratório.

Pelo afinco da minha dedicação, pode-se imaginar que meu progresso foi rápido. Meu ardor era de fato um assombro para os estudantes, e minha proficiência, para os mestres. O professor Krempe com frequência me perguntava, com um sorriso malicioso: “Como vai nosso Cornélio Agripa?”, ao passo que o sr. Waldman expressava a mais sincera exultação diante do meu progresso. Dois anos se passaram dessa maneira, durante os quais não visitei Genebra, mas me lancei, de corpo e alma, à procura de algumas descobertas que eu esperava fazer. Só aqueles que as

experimentaram podem imaginar as tentações da ciência. Em outros estudos, vai-se tão longe quanto outros foram antes de você e não há mais nada a saber; mas numa busca científica, há alimento contínuo para a descoberta e o maravilhamento. Uma mente de capacidade moderada, que persegue detidamente um só estudo, ao fim e ao cabo atinge grande proficiência nesse estudo; e eu, que buscava a todo momento cumprir um objetivo de pesquisa e me achava exclusivamente envolvido nisso, me aprimorei com tamanha rapidez que, depois de dois anos, fiz algumas descobertas para a melhoria de alguns instrumentos químicos que me renderam grande estima e admiração na universidade. Quando cheguei a esse ponto e já me achava bem familiarizado com a teoria e a prática da filosofia natural conforme as aulas de qualquer um dos professores em Ingolstadt a entendiam, o que tornava minha residência ali pouco propícia a novos aprimoramentos, pensava eu em voltar para meus amigos e minha cidade natal, quando aconteceu um incidente que prorrogou minha estada.

Um dos fenômenos que atraíam particularmente minha atenção era a estrutura da compleição humana e, na verdade, a de qualquer animal investido de vida. Eu com frequência me perguntava: de onde partiu o princípio da vida? Era uma questão arrojada, e que sempre fora considerada um mistério; contudo, de quantas coisas estaríamos prestes a tomar conhecimento, não fossem a covardia e a displicência a refrear nossas investigações! Revirei essas circunstâncias na cabeça e decidi dali em diante me dedicar mais especificamente aos ramos da filosofia natural concernentes à fisiologia. Não estivesse eu animado por um entusiasmo quase sobrenatural, minha dedicação a esse estudo teria sido um aborrecimento quase intolerável. Para examinar as causas da vida, precisamos primeiro recorrer à morte. Familiarizei-me com a ciência da anatomia, mas isso não foi suficiente; eu também precisava observar a decomposição e deterioração natural do corpo humano. Ao me educar, meu pai tomara as maiores precauções para que minha mente não se deixasse impressionar por horrores sobrenaturais. Nem mesmo

me lembro de ter tremido diante de histórias supersticiosas ou de sentir medo da aparição de espíritos. A escuridão não exercia efeito algum em minha fantasia, e cemitérios para mim não passavam de um receptáculo de corpos privados de vida, os quais, contendo antes beleza e força, acabaram se tornando comida de vermes. Agora eu era levado a examinar a causa e o progresso dessa decomposição e forçado a passar dias e noites em jazigos e mausoléus. Minha atenção se fixava sobre os objetos mais insuportáveis à delicadeza dos sentimentos humanos. Eu via como a bela forma do homem se degradava e se arruinava; eu contemplava a deterioração da morte suceder-se à viçosa face da vida; eu via como o verme herdava os encantos que havia nos olhos e no cérebro. Detive-me, examinando e analisando todas as minúcias da causalidade, tal como exemplificada na passagem da vida para a morte e da morte para a vida, até que, do meio da escuridão, uma luz súbita se acendeu sobre mim — uma luz tão brilhante e maravilhosa, ainda que tão simples, que, enquanto eu me sentia tonto com a imensidão da perspectiva que ela ilustrava, fiquei surpreso ao saber que, entre tantos homens geniais que haviam conduzido pesquisas na direção da mesma ciência, apenas eu estava fadado a descobrir um segredo tão atordoante.

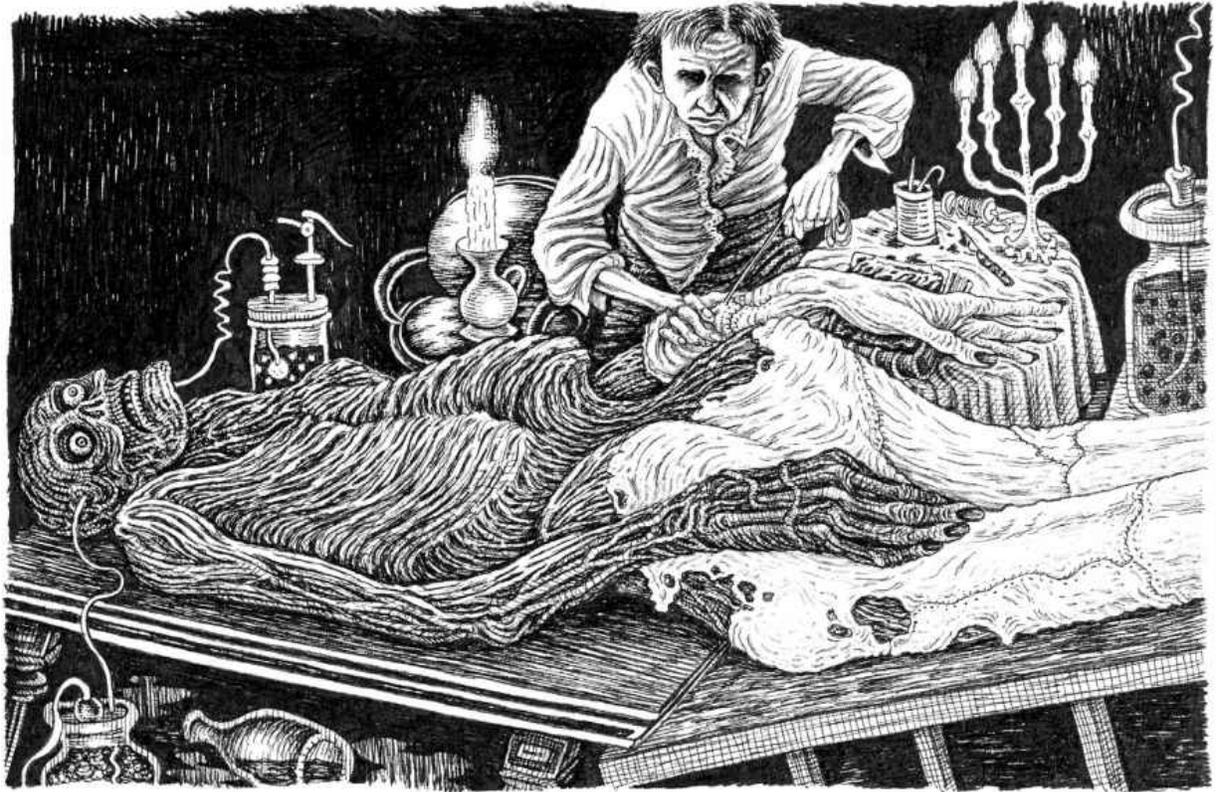
Lembre-se: o que estou recordando não é a visão de um louco. O que afirmo é tão verdadeiro quanto o sol que brilha no céu. Algum milagre deve tê-lo produzido, contudo os estágios da descoberta foram nítidos e prováveis. Após dias e noites de labuta e cansaço inacreditáveis, tive sucesso em descobrir a causa da geração da vida; não, mais do que isso, eu mesmo me tornei capaz de conferir ânimo à matéria inanimada.

O aturdimento que a princípio experimentei com essa descoberta logo deu lugar ao encanto e ao arrebatamento. Após tanto tempo gasto em dolorosa labuta, chegar de imediato ao ápice dos meus desejos era a mais gratificante consumação da minha lida. Mas essa descoberta era tão grandiosa e esmagadora que todos os passos que me haviam levado progressivamente a ela foram apagados, e eu contemplava apenas o resultado. O que fora objeto de estudo e desejo dos homens mais sábios desde a criação do mundo estava agora ao meu alcance. Não que, feito mágica, isso tenha logo se revelado a mim por inteiro: a informação que eu obtivera era de natureza a orientar meus esforços tão logo eu pudesse dirigi-los para o objeto de minha

pesquisa, mais que a de exibir esse objeto já consumado. Era como a história do árabe que foi enterrado com os mortos e encontrou uma passagem de volta à vida, guiado apenas pelo cintilar aparentemente ineficaz de uma luz solitária.[19]

Vejo pela sua avidez e pela indagação e esperança em seus olhos, meu amigo, que você espera ser informado do segredo com que me familiarizei. Isso não será possível: ouça pacientemente

até o fim de minha história e perceberá com facilidade por que sou reservado a esse respeito. Não hei de conduzi-lo, desprotegido e ardente como eu era então, à destruição e infelicidade inevitáveis. Aprenda comigo, se não com meus preceitos, ao menos com meu exemplo, como é perigoso adquirir conhecimento, e que o homem que acredita que sua cidade natal é o mundo é mais feliz do que aquele que aspira a ser maior do que sua natureza permite.

Quando descobri aquele poder tão atordoante em minhas mãos, hesitei por um longo tempo quanto à maneira como deveria empregá-lo. Embora eu tivesse a capacidade de conferir ânimo, preparar uma estrutura para recebê-lo, com todas suas complexidades de fibras, músculos e veias, continuava a ser um feito de dificuldade e labuta inconcebíveis. A princípio, duvidei se devia tentar criar um ser como eu ou um de organização mais simples, mas minha imaginação estava por demais exaltada com meu primeiro sucesso para me permitir duvidar de minha capacidade de dar vida a um animal tão complexo e maravilhoso como o ser humano. Os materiais de que dispunha no momento pareciam pouco adequados a tão árdua empreitada, mas não duvidei de que por fim teria sucesso. Preparei-me para uma série de reveses: minhas operações poderiam malograr uma após a outra, e daí minha obra seria imperfeita. Contudo, quando considerei as melhorias que ocorrem diariamente na ciência e nas mecânicas, senti-me encorajado a esperar que minhas tentativas ao menos lançassem as fundações de um sucesso futuro. Tampouco podia eu ver a magnitude e complexidade do meu plano como um argumento de sua impraticabilidade. Foi com esses sentimentos que comecei a criar um ser humano. Uma vez que a miudeza das partes representava um grande entrave à minha velocidade, decidi, contrariamente à minha primeira intenção, fazer um ser de estatura gigantesca, isto é, de cerca de dois metros e meio de altura, e proporcionalmente largo. Após ter tomado essa decisão e tendo passado alguns meses coletando e arrumando os materiais com sucesso, comecei.

Ninguém é capaz de imaginar a variedade de sentimentos que me levaram adiante, feito um furacão, ao primeiro entusiasmo do sucesso. Vida e morte pareciam-me limites ideais, que eu deveria ultrapassar para então entornar uma torrente de luz em nosso mundo sombrio. Uma nova espécie me abençoaria como fonte e criador; muitos seres de natureza feliz e bondosa deveriam sua existência a mim. Nenhum pai poderia exigir a gratidão do filho tão completamente quanto eu mereceria a deles. Seguindo essas reflexões, pensei que, se fosse capaz de conferir ânimo à matéria inanimada, poderia, com o passar do tempo (embora agora eu julgue isso impossível), devolver a vida a um corpo que a morte aparentemente consagrara à deterioração.

Esses pensamentos sustentavam meu espírito enquanto eu perseguia minha empreitada com ardor ininterrupto. Minha face tornou-se pálida de tanto estudar, e minha compleição, emaciada com o confinamento. Às vezes, bem à beira da certeza, eu falhava; contudo, ainda me agarrava à esperança de que, no dia seguinte

ou na próxima hora, ela poderia se comprovar. A esperança a que eu me dedicava era um segredo que só eu possuía; e a lua acompanhava minha labuta noturna, enquanto, com avidez inalterada e ofegante, eu perseguia a natureza até seus esconderijos. Quem haverá de imaginar os horrores da minha lida secreta quando eu fuçava no meio dos profanos miasmas das covas ou torturava um animal vivo para animar o barro inanimado? Meus membros agora tremem, e meus olhos transbordam ante a lembrança, mas, na época, um impulso irresistível e quase frenético instou-me a seguir adiante; eu parecia ter posto toda a alma e as sensações a perder nesse único propósito. Isso de fato não passou de um transe passageiro, que apenas me fez sentir uma argúcia renovada assim que o estímulo antinatural parou de agir e voltei aos meus velhos hábitos. Recolhi ossos de mausoléus e revolvi, com dedos profanos, os formidáveis segredos da compleição humana. Num aposento solitário, ou melhor, numa cela, no topo da casa, e separada de todos os outros apartamentos por uma galeria com escada, eu mantinha minha oficina de criação infecta: meus olhos saltavam das órbitas ao acompanhar os detalhes do meu trabalho. A sala de dissecação e o matadouro forneceram muitos dos meus materiais; e com frequência minha natureza humana se afastava com menosprezo daquela ocupação, enquanto, ainda instado por uma avidez que só aumentava, eu chegava perto de concluir minha obra.

Passaram-se os meses do verão enquanto eu estava assim absorto, de corpo e alma, em um único propósito. Foi uma belíssima estação; jamais eu vira os campos produzirem colheita tão abundante ou as vinhas, uma safra mais exuberante; mas meus olhos estavam indiferentes aos feitiços da natureza. E os mesmos sentimentos que me fizeram negligenciar os cenários ao meu redor também me levaram a esquecer os amigos que estavam a tantos quilômetros dali e que há tanto tempo não via. Sabia que meu silêncio os inquietava e me lembrava bem das palavras do meu pai: “Sei que, enquanto estiver se divertindo, irá pensar em nós com afeto, e teremos notícias suas com

regularidade. Você deve me perdoar se eu considerar qualquer interrupção da sua correspondência uma prova de que seus demais deveres estão sendo igualmente negligenciados".

Eu, portanto, sabia muito bem quais seriam os sentimentos do meu pai, mas não conseguia desviar os pensamentos do meu trabalho, em si desprezível, mas que havia assumido o controle da minha imaginação de modo irresistível. Eu desejava, por assim dizer, procrastinar tudo que fosse relativo aos meus sentimentos e afeições até que o grande objetivo, que engolia todos os meus hábitos usuais, estivesse concluído.

Pensei então que seria injusto meu pai atribuir minha negligência a um vício ou falha moral de minha parte, mas agora estou convencido de que ele tinha razão ao imaginar que não devia estar totalmente isento de culpa. O ser humano perfeito deve sempre conservar a mente tranquila e pacífica, e nunca permitir que a paixão ou um desejo transitório perturbe sua calma. Não acredito que a busca pelo conhecimento seja uma exceção à regra. Se o estudo ao qual se dedica tende a enfraquecer seus afetos e a destruir o gosto que você tem pelos prazeres simples aos quais nenhum veneno poderia contaminar, então esse estudo é certamente ilegítimo, isto é, impróprio para a mente humana. Se essa regra sempre fosse observada, se nenhum homem permitisse que qualquer busca interferisse na calmaria dos seus afetos domésticos, a Grécia não teria sido escravizada; César teria poupado seu país; a América teria sido descoberta mais gradualmente; e os impérios do México e do Peru não teriam sido destruídos.

Mas esqueço que me dei a moralizações bem na parte mais interessante da minha história, e o seu olhar me lembra de prosseguir.

Meu pai não fez nenhuma censura em suas cartas e só mencionou o meu silêncio ao questionar minhas ocupações com mais atenção do que antes. Inverno, primavera e verão chegaram e se foram durante minha labuta; mas não assisti ao desabrochar nem ao crescimento das folhas – visões que antes sempre me produziam supremo encanto –, tão absorto eu estava na minha

ocupação. As folhas daquele ano murcharam antes que minha obra chegasse ao fim; e a essa altura todo dia me mostrava mais nitidamente como eu fora bem-sucedido. Mas meu entusiasmo era contestado pela minha ansiedade, e eu parecia antes um escravo condenado a trabalhar nas minas ou qualquer outro ofício nocivo do que um artista dedicado a sua ocupação favorita. Toda noite eu era oprimido por uma febre lenta e ficava nervoso a ponto de doer; mesmo a queda de uma folha me sobressaltava, e eu batia a porta às criaturas da minha espécie como se fosse culpado de um crime. Às vezes ficava alarmado com a ruína que eu me tornara; a energia do meu propósito me sustentava sozinha: minha labuta logo iria acabar, e eu acreditava que o exercício e o divertimento iriam então afugentar qualquer doença incipiente e prometi fazer ambas as coisas quando minha criação estivesse completa.

---

19 Referência à quarta viagem de Sindbad, o Marujo, personagem de *As mil e uma noites*.

CAPÍTULO V

FOI NUMA LÚGUBRE noite de novembro que contemplei o resultado de minha lida. Com uma ansiedade que quase beirava a agonia, apanhei os instrumentos de vida ao meu redor, a fim de que pudesse infundir uma centelha de vida na coisa inanimada que jazia a meus pés. Já era uma da manhã; a chuva tamborilava triste contra as vidraças e minha vela estava quase no fim, quando, à luz bruxuleante do toco consumido, vi o embotado olho amarelo da criatura se abrir; ela respirou com dificuldade, e um movimento convulsivo agitou-lhe os membros.

Como hei de descrever minhas emoções diante daquela catástrofe ou delinear a desgraça que, com esforços e cuidados quase infinitos, eu acabara por formar? Os membros eram proporcionais, e eu selecionara seus traços pela beleza. Beleza! — Deus meu! A pele amarelada mal cobria o trabalho dos músculos e das artérias por baixo; os cabelos escorridos eram de um preto lustroso; os dentes, de uma perolada brancura; mas essas exuberâncias apenas formavam um contraste ainda mais horrendo com os olhos aguados, que pareciam ter quase a mesma cor das órbitas cinzentas nas quais foram colocados, com a tez enrugada e os lábios pretos e retos.

Os diferentes acidentes da vida não são tão mutáveis quanto os sentimentos da natureza humana. Eu havia trabalhado duro por quase dois anos, com o único propósito de infundir vida em um corpo inanimado. Para tanto, eu me privara de descanso e saúde. Eu desejara isso com um ardor que em muito excedia a moderação; mas agora que estava terminado, a beleza do sonho sumira, e um horror e um nojo estonteantes invadiram meu coração. Incapaz de suportar a aparência do ser que eu havia criado, saí correndo dali e continuei por um longo tempo zanzando pelos meus aposentos, incapaz de fazer a cabeça descansar. Por fim, a lassidão sobreveio ao tumulto que eu estivera suportando, e lancei-me na cama ainda vestido, tentando encontrar uns poucos instantes de esquecimento. Mas foi em vão: de fato, eu dormi, mas fui perturbado pelos sonhos mais loucos. Pensei ter visto Elizabeth, no auge da saúde, caminhando pelas ruas de Ingolstadt. Encantado e surpreso, abracei-a, mas ao lhe dar o primeiro beijo, seus lábios ficaram lívidos com o matiz da morte, seus traços pareceram mudar, e pensei ter nos braços o cadáver de minha falecida mãe; um véu envolvia seu vulto, e vi os vermes rastejando nas dobras do tecido. Despertei horrorizado do sonho; um suor frio cobria minha testa, meus dentes batiam, e meus membros convulsionavam. Foi então que, à luz fraca e amarelada da lua que forçava sua presença através das persianas, avistei aquela desgraça – o monstro miserável que eu havia criado. Ele estava segurando o dossel da cama, e seus olhos, se é que podem ser

chamados de olhos, fixavam-se em mim. Sua mandíbula se abriu, e ele murmurou sons inarticulados, enquanto um esgar lhe enrugava as bochechas. Ele talvez tenha falado, mas não ouvi; uma mão estava estendida, aparentemente para me deter, mas eu escapei e corri escada abaixo. Abriguei-me no pátio da casa que habitava, onde permaneci pelo resto da noite, andando para cima e para baixo na maior agitação, ouvindo atentamente, captando e temendo qualquer som que fosse anunciar a aproximação do demoníaco cadáver a que eu tão miseravelmente dera vida.

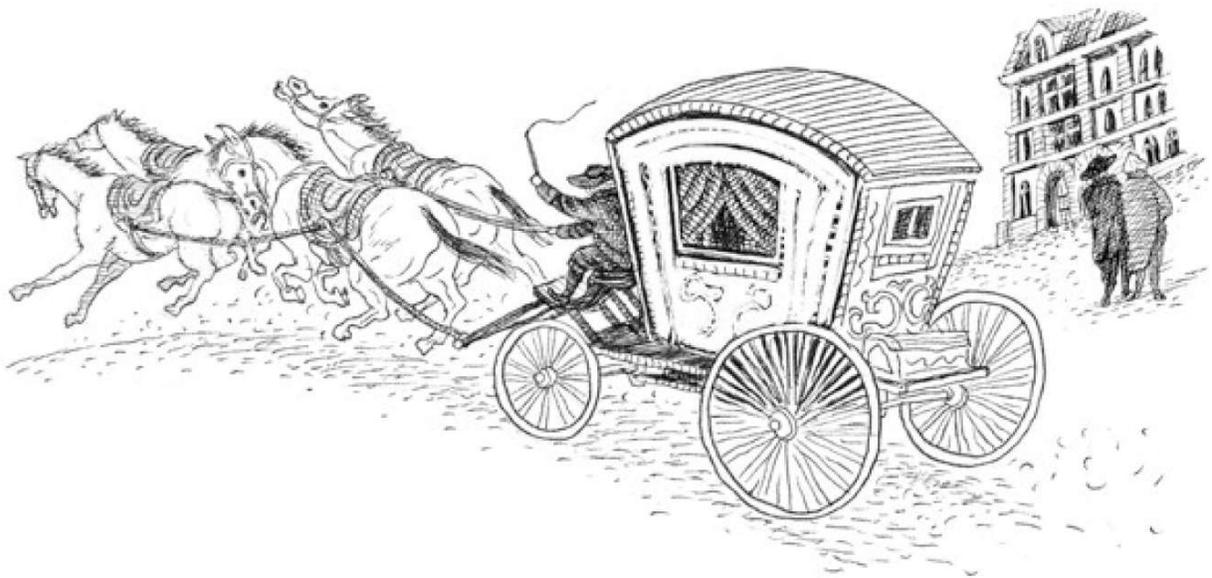
Oh!, nenhum mortal seria capaz de suportar o horror daquele semblante. Uma múmia novamente dotada de vida não seria tão hedionda quanto aquela desgraça. Eu o contemplara quando inacabado; já era feio então, mas quando aqueles músculos e aquelas juntas ganharam capacidade de locomoção, tornou-se uma coisa que nem Dante[20] poderia ter concebido.

Passei uma noite desgraçada. Às vezes meu coração batia tão rápido e forte que eu sentia toda artéria palpitar, em outras, quase desabava no chão por causa da fadiga e extrema fraqueza. Somado a esse horror, senti a amargura da decepção; sonhos que haviam sido meu alimento e meu porto seguro por tanto tempo agora tinham se tornado um inferno; e a mudança fora tão rápida, a queda, tão completa!

O dia, triste e úmido, por fim raiou, e desvelou diante de meus olhos insones e doloridos a igreja de Ingolstadt, seu campanário branco e seu relógio, que indicava seis horas. O porteiro abriu os portões do pátio, que tinha sido meu abrigo aquela noite, e eu ganhei as ruas, percorrendo-as com passos rápidos, como se a cada esquina procurasse evitar que a temida desgraça se materializasse à minha frente. Não ousei voltar para

o apartamento que habitava, mas senti-me impelido a me apressar, embora ensopado pela chuva que caía de um céu preto e desconsolado.

Continuei andando dessa maneira por algum tempo, tentando, por meio do exercício físico, aliviar a carga que me pesava sobre a cabeça. Zanzei pelas ruas sem nenhuma ideia clara de onde me encontrava ou do que estava fazendo. Meu coração palpitava na doença do medo e me apressei com passos irregulares, sem ousar olhar ao meu redor,

Como alguém que, numa rua vazia,
Caminha com medo e fobia,
E, tendo uma vez se virado, logo se avia
E a cabeça ao redor não mais rodopia;
Porque sabe que um inimigo que temeria
Por trás dele se aproximado havia.[21]

Prossegui assim e por fim dei de frente com a estalagem em que várias diligências e carruagens costumavam estacionar. Ali me detive, não sei por quê, mas permaneci por alguns minutos com os olhos fixos num coche que vinha na minha direção da outra extremidade da rua. Quando ele se aproximou, observei que era a

diligência suíça; parou justamente onde eu estava e, ao abrir-se a porta, identifiquei Henry Clerval, que, ao me ver, instantaneamente saltou.

— Meu caro Frankenstein — exclamou ele —, como estou feliz em vê-lo! Que sorte você estar aqui bem no momento da minha chegada!

Nada poderia se comparar ao meu encanto em ver Clerval; a presença dele me fez voltar a pensar em meu pai, Elizabeth e em todas aquelas cenas domésticas tão caras à minha memória. Agarrei-lhe a mão e, por um momento, esqueci meu horror e infortúnio; senti de súbito, pela primeira vez durante muitos meses, uma alegria tranquila e serena. Recebi meu amigo, portanto, da maneira mais cordial, e caminhamos rumo à minha faculdade. Clerval continuou falando por algum tempo sobre nossos amigos em comum e sua sorte em ter recebido permissão para vir a Ingolstadt.

— Você bem pode imaginar — disse ele — a dificuldade que foi convencer meu pai de que a nobre arte da contabilidade não contém em si todo o conhecimento necessário; e, de fato, acredito que o deixei incrédulo até o fim, pois sua constante resposta às minhas incansáveis tentativas era a mesma daquele mestre-escola holandês de *O vigário de Wakefield*: “Ganho dez mil florins por ano sem saber grego, me alimento fartamente sem saber grego”.[22] Mas o afeto que ele tem por mim logo superou o seu desgosto pelo aprendizado, e ele permitiu que eu fizesse uma viagem de descoberta pela terra do conhecimento.

— Sinto o maior prazer em vê-lo, mas me diga como estão meu pai, meus irmãos e Elizabeth.

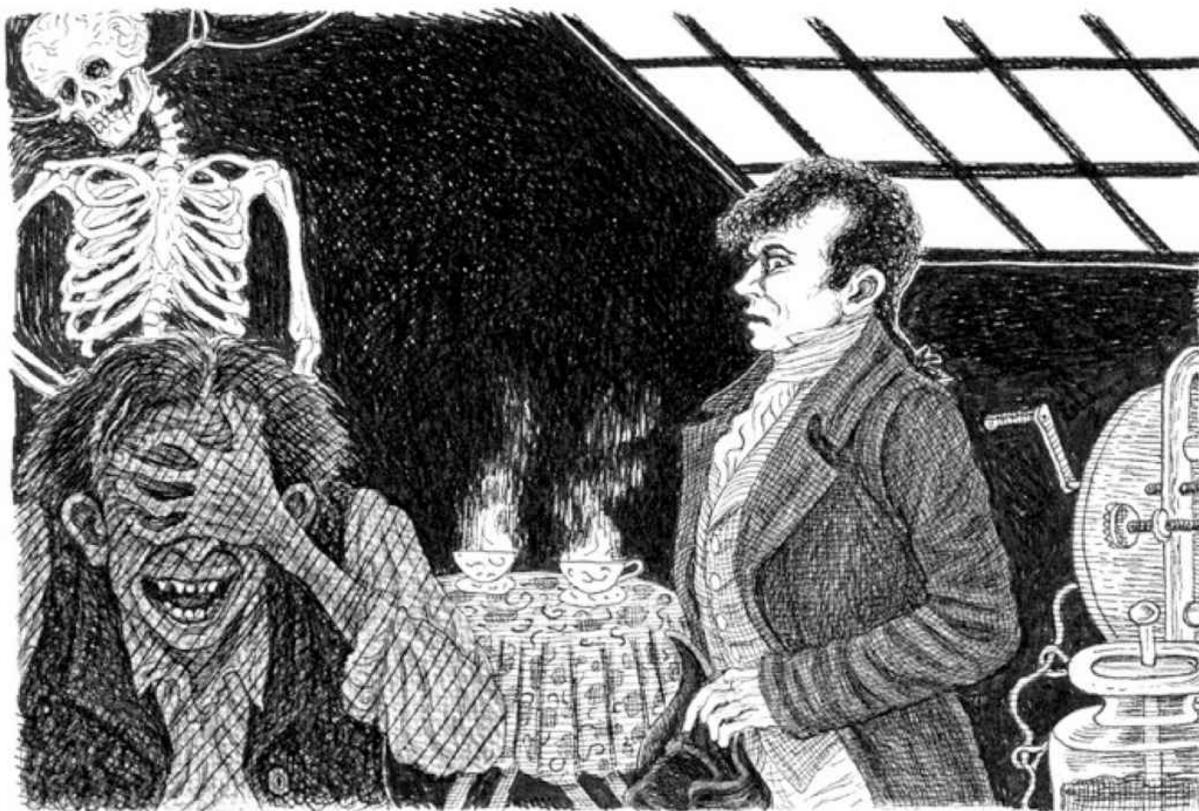
— Muito bem e muito felizes, apenas um pouco apreensivos por não terem notícias suas com muita frequência. Aliás, pretendo eu mesmo lhe passar um sermão sobre esse assunto. Mas, meu caro Frankenstein — continuou ele, detendo-se e fitando-me o rosto —, não tinha reparado em como você parece doente, tão magro e pálido, como se estivesse em vigília há várias noites.

— Pois adivinhou corretamente: tenho andado tão ocupado com um compromisso que não me permiti descanso suficiente, como vê. Mas espero, sinceramente, que todo esse trabalho esteja agora no fim e que em breve eu esteja livre.

Eu tremia excessivamente; não suportava pensar, e muito menos falar, nas ocorrências da noite anterior. Caminhei a passos rápidos, e logo chegamos à faculdade. Então refleti, e o pensamento fez-me arrepiar, que a criatura que eu havia deixado em meu apartamento poderia ainda estar lá, viva e andando por aí. Apavorava-me ter de ver aquele monstro, mas receava ainda mais que Henry o visse. Suplicando, portanto, que ele permanecesse por mais alguns minutos ao pé da escada, disparei para o meu quarto. Minha mão já estava no trinco da porta antes que eu me recompusesse. Então me detive, e um arrepio frio percorreu meu corpo. Escancarei a porta à força, como as crianças costumam fazer quando esperam que um espectro esteja à sua espera do outro lado, mas nada apareceu. Adentrei temerosamente: o apartamento estava vazio e meus aposentos também estavam livres do hóspede hediondo. Mal consegui acreditar em uma sorte tão grande, mas quando me dei conta de que meu inimigo havia de fato fugido, bati palmas de alegria e desci correndo até Clerval.

Subimos ao meu quarto, e o criado dentro em pouco nos trouxe o café da manhã, mas não consegui me conter. Não era apenas alegria o que me possuía; eu sentia a pele pinicar com o excesso de sensibilidade e o pulso bater rapidamente. Incapaz de permanecer parado um segundo no mesmo lugar, eu pulava por cima das cadeiras, batia palmas e ria alto. Clerval a princípio atribuiu meu ânimo incomum à alegria de sua chegada, mas quando me observou com mais atenção, viu nos meus olhos uma selvageria que não conseguiu explicar; e meu riso alto, incontido, inclemente, assustou-o e aturdiu-o.

— Meu caro Victor! — exclamou ele. — Por Deus, o que se passa? Não ria desse jeito. Como você está mal! Qual é a causa de tudo isso?

— Não me pergunte — exclamei eu, pondo as mãos à frente dos olhos, pois pensara ter visto o temido espectro se esgueirar para dentro do quarto. — Ele saberá dizer. Oh, salve-me! Salve-me! —Imaginei que o monstro me apanhara; debati-me furiosamente e tombei num acesso.

Pobre Clerval! Que terá ele sentido? Um encontro que ele antecipara com tanta alegria tinha se transformado, de modo tão estranho, em amargura. Mas não fui a testemunha de sua dor, pois estava inconsciente e não recobrei os sentidos por um longo, longo tempo.

Aquele foi o começo de uma febre nervosa que me confinou por vários meses. Durante todo aquele tempo, Henry foi meu único enfermeiro. Mais tarde vim a saber que, ciente da idade avançada do meu pai, do despropósito de tão longa viagem e do estrago que minha doença causaria a Elizabeth, ele lhes poupara da dor ocultando a gravidade do meu distúrbio. Ele sabia que eu não poderia ter um enfermeiro mais generoso e atento do que ele próprio; e, firme na crença que depositava em minha recuperação, não teve dúvidas de que, em vez de prejudicar, agira com minha família da maneira mais bondosa de que era capaz.

Mas, na realidade, eu estava muito mal; e certamente nada além das atenções ilimitadas e ininterruptas do meu amigo

poderia ter me devolvido à vida. A silhueta do monstro ao qual eu conferira existência estava sempre diante dos meus olhos, e eu delirava com ele sem parar. Com certeza minhas palavras surpreenderam Henry: a princípio ele as tomou por devaneios de minha imaginação perturbada, mas a tenacidade com que eu continuamente recorria ao mesmo assunto convenceu-o de que meu distúrbio de fato devia sua origem a algum acontecimento incomum e terrível.

De pouco em pouco e com frequentes recaídas, que alarmavam e afligiam meu amigo, eu me recuperei. Lembro-me de que, na primeira vez em que fui capaz de observar objetos externos com algum tipo de prazer, percebi que as folhas caídas tinham desaparecido e que novos brotos despontavam nas árvores que sombreavam minha janela. Foi uma primavera divina, e a estação contribuiu enormemente na minha convalescença. Senti também a alegria e o afeto reviverem em meu peito; meu desalento se foi, e em pouco tempo me tornei tão alegre quanto era antes de ser acometido pela paixão fatal.

— Caríssimo Clerval — exclamei —, como você é gentil, como é bom para mim. Todo o inverno, em vez de dedicado ao estudo, tal como você prometera a si mesmo, foi consumido em meu quarto de doente. Como poderei lhe retribuir? Sinto o maior remorso pela decepção que lhe causei; por favor, me perdoe.

— Você vai me recompensar integralmente se não se descuidar e melhorar o mais rápido possível. E já que parece estar com bom ânimo, posso conversar sobre um assunto com você, imagino?

Eu tremi. Um assunto! Qual poderia ser? Estaria ele aludindo a algo em que eu nem ousava pensar?

— Recomponha-se — disse Clerval, que me percebera corar. — Não vou falar nisso, se o deixa tão agitado; mas seu pai e sua prima ficariam muito felizes se recebessem uma carta sua de punho próprio. Eles nem imaginam como você ficou mal e estão inquietos com o seu longo silêncio.

— É tudo, meu caro Henry? Como pôde supor que meu primeiro pensamento não voaria na direção dos caros amigos a

quem amo e que tanto merecem meu amor?

— Se você está nesse humor, meu amigo, talvez fique feliz de ver uma carta que já está aqui faz alguns dias: é da sua prima, creio eu.

---

20 O sofrimento imaginado pelo poeta florentino Dante Alighieri (1265–1321) para punir os pecadores nos círculos do Inferno deu origem ao adjetivo “dantesco”, correntemente usado para descrever atrocidades de grandes proporções.

21 *A balada do velho marinheiro*, de Samuel Taylor Coleridge. [N. da A.]

22 Romance publicado em 1766, de autoria do britânico Oliver Goldsmith (1728–1774), que encontrou amplo público leitor na era vitoriana.

CAPÍTULO VI

CLERVAL ENTÃO pôs a seguinte carta em minhas mãos. Era de minha própria Elizabeth:

Meu querido primo,

Você tem andado mal, muito mal, e mesmo as cartas constantes do bom Henry não são suficientes para me tranquilizar a seu respeito. Você está proibido de escrever — de segurar uma pena; contudo, uma só palavra sua, caro Victor, bastaria para diminuir nossa apreensão. Por longo tempo pensei que cada correspondência me traria uma linha sua, e minhas insistências impediram meu tio de fazer uma viagem para Ingolstadt. Preveni que talvez ele se deparasse com as inconveniências e, porventura, os perigos de viagem tão longa; contudo, com que frequência me arrependi de não poder eu mesma fazê-la! Pensava cá comigo que a tarefa de cuidar de você em seu leito de convalescença seria delegada a alguma enfermeira velha e mercenária, que jamais adivinharia seus desejos, nem os atenderia com o cuidado e o afeto da sua pobre prima. Porém, isso tudo é passado: Clerval escreve que de fato você está melhorando. Espero ansiosamente que confirme essa informação em breve, de punho próprio.

Fique bem — e volte para nós. Você vai encontrar um lar feliz e alegre, e amigos que o amam muito. A saúde do seu pai é vigorosa, e a única coisa que pede é vê-lo — mas apenas para garantir que você esteja bem; nenhuma preocupação é capaz de anuviar o benevolente semblante dele. Como você se alegraria ao reparar no desenvolvimento do nosso Ernest! Ele está com dezesseis anos e cheio de energia e animação. Nutre vontade de ser um suíço de verdade e

ingressar no serviço estrangeiro, mas não podemos deixar que se vá, ao menos não até que seu irmão mais velho volte para nós. A meu tio não agrada a ideia de uma carreira militar num país distante, mas Ernest nunca teve o mesmo poder de dedicação que você. Ele vê o estudo como um odioso grilhão; passa o tempo ao ar livre, escalando montanhas ou remando no lago. Temo que ele venha a se tornar um indolente, caso não cedamos ao seu desejo e permitamos que ele exerça a profissão que escolheu.

Pouca coisa mudou desde que você nos deixou, com exceção do crescimento de nossas caras crianças. O lago azul e as montanhas cobertas de nuvens nunca mudam; e acredito que nosso plácido lar e nossos corações contentes são regulados pelas mesmas leis imutáveis. Minhas ocupações triviais tomam meu tempo e me divertem, e me vejo recompensada por quaisquer esforços quando vejo ao meu redor apenas rostos felizes e bondosos. Desde que você nos deixou, deu-se

uma única mudança em nossa casinha. Lembra-se da ocasião em que Justine Moritz entrou para nossa família? Provavelmente não; portanto, vou relatar a história dela, em poucas palavras. Madame Moritz, a mãe dela, era uma viúva com quatro filhos, dos quais Justine era a terceira. A garota sempre foi a favorita do pai; mas, por causa de uma estranha perversidade, a mãe não a suportava e, após a morte do sr. Moritz, tratou-a muito mal. Minha tia reparava nisso e, quando Justine completou doze anos, convenceu a mãe dela a permitir que fosse viver em nossa casa. As instituições republicanas de nosso país produziram maneiras mais simples e felizes do que aquelas que predominam nas grandes monarquias que o cercam. Daí haver menos distinção entre as várias classes sociais; e as mais baixas delas, por não serem nem tão pobres nem tão desprezadas, detêm modos mais refinados e éticos. Um criado em Genebra não é a mesma coisa que um criado na França e na Inglaterra. Justine, assim acolhida em nossa família, aprendeu os deveres de uma criada; uma condição que, em nosso afortunado país, não inclui o conceito de ignorância e o sacrifício da dignidade do ser humano.

Justine, talvez você se lembre, era uma grande favorita sua; e eu recordo que certa vez você observou que, se estivesse de mau humor, lhe bastaria um olhar de Justine para dissipá-lo, assim como a Ariosto bastava a beleza de Angelica[23] *— ela parecia tão franca e feliz. Minha tia desenvolveu uma grande afeição por ela, por meio da qual foi induzida a lhe dar uma educação superior à que, a princípio, planejara dar. O benefício foi retribuído integralmente; Justine era a criatura mais grata do mundo inteiro. Com isso não digo que ela era dada a professar; nunca ouvi uma única declaração de seus lábios, mas era possível ver nos olhos dela que praticamente reverenciava sua protetora. Embora tivesse uma disposição jovial e em muitos aspectos descortês, ela prestava a maior atenção a cada gesto de minha tia. Pensava-a um modelo de excelência e tentava imitar sua fraseologia e maneiras, de modo que mesmo agora me faz lembrar dela.*

Quando minha caríssima tia morreu, todos estavam ocupados demais com a própria dor para conseguir notar a pobre Justine, que

havia cuidado dela na doença com a mais diligente afeição. A pobre Justine ficou muito mal; mas outras provações estavam reservadas a ela.

Um a um, seus irmãos e irmã morreram; e a mãe dela, com a exceção da filha negligenciada, ficou sem ninguém. A consciência da mulher se atormentou; ela própria começou a pensar que a morte de seus favoritos fosse uma sentença dos céus para castigar sua parcialidade. Ela era católica romana; e acredito que seu confessor confirmou a ideia que ela havia concebido. Por conseguinte, alguns meses após você partir para Ingolstadt, Justine foi chamada de volta para casa pela mãe arrependida. Pobre garota! Ela chorou quando deixou a nossa casa; andava muito alterada desde a morte da minha tia, a dor conferira suavidade e uma decisiva brandura a seus modos, que antes eram notáveis pela vivacidade. Tampouco a estada na casa da mãe foi capaz de restaurar sua jovialidade. A pobre mãe foi muito hesitante em seu arrependimento. Às vezes implorava a Justine que lhe perdoasse a crueldade, mas com mais frequência a acusava de ser a causa da morte dos irmãos e da irmã. O perpétuo desgaste por fim atirou madame Moritz no declínio, que a princípio lhe aumentou a irritabilidade, mas agora ela encontrou a paz eterna. Morreu ao primeiro sinal de chegada do tempo frio, no começo do último inverno. Justine acaba de voltar para nós, e eu lhe garanto que a amo ternamente. Ela é inteligente, delicada e bonita ao extremo; como mencionei antes, seu porte e suas expressões sempre me fazem lembrar da minha querida tia.

Devo dizer ainda algumas palavras a você, meu caro primo, sobre o pequeno William. Queria que pudesse vê-lo; ele é muito alto para a idade, tem doces e risonhos olhos azuis, cílios escuros e cabelos cacheados. Quando sorri, aparecem covinhas nas bochechas rosadas de saúde. Ele já teve uma ou duas namoradinhas, mas Louisa Biron é sua favorita, uma linda garotinha de cinco anos.

Agora, caro Victor, ouso dizer que você desejaria saber de um mexerico relacionado à boa gente de Genebra. A bela srta. Mansfield já recebeu as visitas de parabéns por seu iminente casamento com um jovem inglês, o cavalheiro John Melbourne. A irmã feia, Manon, casou-se com o sr. Duvillard, o rico banqueiro, em outono último. O

seu colega de classe favorito, Louis Manoir, sofreu vários infortúnios desde a partida de Clerval de Genebra. Mas ele já recobrou o ânimo, e relata-se que está prestes a se casar com uma francesa muito bela e vivaz, madame Tavernier. Ela é viúva e muito mais velha que Manoir; mas é muito admirada, a favorita de muitos.

Escrever melhorou meu ânimo, querido primo, mas a ansiedade me volta assim que concluo. Escreva, caríssimo Victor — uma linha só — uma palavra só será uma benção para nós. Mil obrigadas a Henry por sua bondade, carinho e muitas cartas: somos sinceramente gratos. Adieu, meu primo! Cuide-se e, suplico, escreva!

Elizabeth Lavenza.
Genebra, 18 de março de 17...

— Elizabeth, Elizabeth querida! — exclamei ao terminar de ler a carta dela. — Escreverei imediatamente e aliviarei todos da ansiedade que devem estar sentindo. — Escrevi, e esse esforço me cansou enormemente, mas minha convalescença havia começado e procedia com regularidade. Dentro de mais uma quinzena, eu seria capaz de deixar meus aposentos.

Um dos meus primeiros deveres após a recuperação foi apresentar Clerval aos vários professores da universidade. Ao fazê-lo, passei por maus bocados, pouco favoráveis aos ferimentos que minha mente suportara. Desde aquela fatídica noite do fim de minha labuta e do começo de meus infortúnios, eu desenvolvera uma antipatia violenta até mesmo pelo nome “filosofia natural”. Quando eu estava quase recuperado, a mera visão de um instrumento químico fazia reviver toda a agonia dos meus sintomas nervosos. Henry percebeu isso e removeu da minha vista todos os meus aparelhos. Ele também modificou meu apartamento, pois notou que eu desenvolvera aversão ao cômodo que antes fora meu laboratório. Mas esses cuidados de Clerval não tiveram nenhuma serventia quando visitei os professores. O sr. Waldman me torturou ao louvar, com bondade e entusiasmo, o progresso espantoso que eu promovera nas

ciências. Ele logo percebeu que eu não estava gostando do assunto, mas sem adivinhar a verdadeira causa, entendeu meus sentimentos como modéstia e passou do assunto do meu aprimoramento para o da ciência em si, com a intenção, como me ficou evidente, de me fazer falar. Que poderia eu fazer? Ele queria agradar, e me atormentava. Era como se ele colocasse cuidadosamente diante de mim, um a um, os instrumentos que mais tarde seriam usados para me causar uma morte lenta e cruel. Eu me contorcia às palavras dele, contudo não ousava demonstrar a dor que sentia. Clerval, cujos olhos e sentimentos eram sempre rápidos em discernir as emoções dos outros, abandonou o assunto, alegando, como desculpa, sua total ignorância; e a conversa tomou um rumo mais geral. Agradeci o meu amigo do fundo do coração, mas não me manifestei. Via claramente que ele estava surpreso, mas nunca tentou arrancar meu segredo de mim; e embora eu o amasse com uma mistura de afeto e reverência sem limites, jamais conseguiria me convencer a lhe confidenciar aquele acontecimento que com tanta frequência se apresentava à minha memória, mas cujo relato a outrem eu temia causar ainda mais impressão.

O sr. Krempe não foi igualmente dócil; e em minha condição no momento, de uma sensibilidade quase insuportável, seus duros e contundentes louvores me causaram ainda mais dor que a benevolente aprovação do sr. Waldman.

— Sujeito m——o! — exclamou ele. — Ora, sr. Clerval, eu lhe garanto que ele desancou todos nós. Pois bem, fique embasbacado se quiser, mas não deixa de ser verdade. Um jovenzinho que, não faz muitos anos, acreditava em Cornélio Agripa com tanta firmeza como no Evangelho, agora se põe à proa da universidade e, se não for logo impedido, ficarão todos fora de si. Pois sim, pois sim — continuou ele, observando meu rosto tomado pelo sofrimento. — O sr. Frankenstein é modesto, uma excelente qualidade num jovem. Os jovens deveriam desconfiar de si, sabe, sr. Clerval? Eu mesmo era assim quando mais jovem, mas isso logo passa.

O sr. Krempe agora havia começado um elogio a si mesmo, o que felizmente desviou a conversa de um assunto tão aborrecido para mim.

Clerval nunca partilhara de meus pendores para a ciência natural, e suas buscas literárias diferiam totalmente das que me ocupavam. Ele foi para a universidade com o projeto de se tornar mestre absoluto das línguas orientais, uma vez que assim abriria um campo para o plano de vida que havia traçado para si. Decidido a perseguir uma carreira nem um pouco inglória, voltou os olhos para o Oriente, como que ampliando o escopo para seu espírito aventureiro. As línguas persa, árabe e sânscrita atraíam sua atenção, e eu fui facilmente induzido a fazer os mesmos estudos. O ócio nunca me aborreceu, e agora que desejava fugir da reflexão e odiava meus antigos estudos, eu sentia grande alívio em ser um pupilo como meu amigo e encontrar não só instrução como consolo nas obras dos orientalistas. Não tentei, como ele, alcançar um conhecimento crítico dos dialetos, pois não cogitava fazer deles nenhum uso além do passatempo. Lia meramente para entender seu significado, e meus esforços foram muito bem recompensados. A melancolia dessas línguas é calmante, e sua alegria, arrebatadora a um nível que nunca experimentei estudando os autores de qualquer outra parte. Quando se leem esses escritos, a vida parece consistir num sol cálido e num jardim de rosas – nos sorrisos e caretas de um inimigo justo, e no fogo que consome o próprio coração. Quanta diferença da viril e heroica poesia da Grécia e de Roma!

O verão se passou nessas ocupações, e meu retorno a Genebra foi marcado para o fim do outono; mas tendo sido atrasado por vários acidentes, o inverno e a neve chegaram, as estradas foram consideradas intrafegáveis, e minha viagem foi postergada para a primavera iminente. Esse adiamento em muito me amargurou, pois eu ansiava ver minha cidade natal e meus amados amigos. Meu retorno só fora adiado por tanto tempo por causa da minha relutância em deixar Clerval num lugar desconhecido antes que se familiarizasse com seus habitantes. O inverno, no entanto, passou alegremente; e, embora a primavera

tenha tardado de maneira incomum, ao chegar compensou a delonga com sua beleza.

O mês de maio já tinha começado, e eu esperava diariamente a carta que fixaria a data de minha partida, quando Henry propôs uma excursão a pé pelas cercanias de Ingolstadt a fim de que eu pudesse dizer um adeus pessoal ao país que por tanto tempo eu habitara. Cedi com prazer à proposta: gostava de exercícios, e Clerval sempre fora minha companhia favorita nas caminhadas daquela natureza que eu fazia pelas paisagens do meu país natal.

Passamos duas semanas nessas perambulações: minha saúde e meu ânimo havia muito estavam restaurados, e ganharam força adicional do ar salubre que eu respirava, dos incidentes naturais ao longo do percurso e das conversas com meu amigo. Antes, o estudo havia me isolado do contato com meus camaradas de espécie e me tornado antissocial; mas Clerval extraía o melhor que havia no meu coração, ensinando-me de novo a amar a aparência da natureza e o rosto alegre das crianças. Excelente amigo! Com tanta sinceridade você me amava e tentava elevar minha mente até que ela se igualasse à sua! Uma busca egoísta havia me restringido e estreitado até que sua gentileza e seu afeto me acalentaram e despertaram meus sentidos; eu me tornei a mesma criatura feliz que, poucos anos antes, amada e querida por todos, não tinha pesares ou preocupações. Quando feliz, a natureza inanimada tinha o poder de me conferir as mais encantadoras sensações. Um céu sereno e campos verdejantes me enchiam de êxtase. A estação presente era de fato divina; as flores da primavera desabrochavam nas sebes, enquanto as do verão se viam já a brotar. Eu não me deixava perturbar por pensamentos que durante o ano anterior me haviam oprimido com um fardo invencível, não obstante meus esforços para afastá-los.

Henry exultava diante de minha alegria e partilhava de meus sentimentos com sinceridade: ele se esforçava para me divertir enquanto expressava as sensações que lhe iam na alma. Seus expedientes mentais nessa ocasião foram de fato atordoantes: sua conversa era cheia de imaginação e, com muita frequência,

imitando os escritores persas e árabes, ele inventava maravilhosas histórias de fantasia e paixão. Noutras vezes, repetia meus poemas favoritos ou me arrastava para discussões, as quais ele sustentava com grande engenhosidade.

Voltamos para nossa faculdade numa tarde de domingo; os camponeses estavam dançando, e todos com quem cruzávamos pareciam joviais e felizes. De ânimo bom, saltei ao lado deles com alegria e hilaridade desenfreadas.

23 Ludovico Ariosto (1474–1533), autor do poema cavaleiresco *Orlando furioso (1516)*, do qual a musa é a disputada Angelica.

CAPÍTULO VII

AO REGRESSAR, encontrei a seguinte carta do meu pai:

Meu caro Victor,

Você provavelmente esperou com impaciência por uma carta fixando a data de seu retorno a nós; e a princípio fiquei tentado a escrever apenas algumas linhas, meramente mencionando o dia em que devíamos esperar por você. Mas isso seria uma cruel bondade, e não ouso cometê-la. Qual não seria a sua surpresa, meu filho, quando, esperando uma recepção feliz e alegre, encontrasse, ao contrário, lágrimas e desgraças? E como, Victor, poderia eu relatar nosso infortúnio? A ausência não o terá tornado insensível a nossas alegrias e dores; e como haveria eu de infligir dor a meu filho há tanto tempo distante? Gostaria de prepará-lo para as notícias assombrosas, mas sei que é isso impossível; mesmo agora seu olhar corre pela página para buscar as palavras que irão lhe transmitir as horríveis novidades.

William está morto! Aquela criança doce, cujos sorrisos encantavam e acalentavam meu coração, que era tão delicado, contudo tão jovial! Victor, ele foi assassinado!

Não tentarei consolá-lo; vou simplesmente lhe relatar as circunstâncias do ocorrido.

Na última quinta-feira ⟨7 de maio⟩, eu, minha sobrinha e seus dois irmãos fomos caminhar em Plainpalais. A noite estava quente e serena, e prolongamos nossa caminhada mais do que de hábito. Já caíra o crepúsculo quando pensamos em voltar; e então descobrimos que William e Ernest, que tinham ido na frente, não estavam em lugar algum. Consequentemente, descansamos num banco até que

aparecessem. Dentro em pouco, Ernest chegou e me perguntou se eu tinha visto o irmão; ele disse que os dois estavam brincando, que William tinha corrido para se esconder e que procurara por ele em vão e depois esperara por longo tempo, mas que ele não voltara.

Esse relato nos alarmou sobremaneira, e continuamos a procurar por ele até o cair da noite, quando Elizabeth conjeturou que ele poderia ter voltado para casa. Ele não estava lá. Voltamos outra vez, com tochas, pois eu não podia descansar enquanto pensava que meu doce menino tinha se perdido e estava exposto à umidade e ao orvalho da noite. Elizabeth também estava extremamente angustiada. Por volta das cinco da manhã, encontrei meu adorável garoto, que na noite anterior eu vira viçoso e com boa saúde, estatelado na relva, sem cor e sem movimentos; a marca dos dedos do assassino estava em seu pescoço.

Ele foi transportado para casa, e a visível angústia em meu semblante traiu o segredo a Elizabeth. Ela fez muita questão de ver o cadáver. A princípio tentei impedi-la, mas ela insistiu e, entrando no quarto onde ele jazia, examinou às pressas o pescoço da vítima e, com as mãos postas, exclamou: "Ó Deus! Eu matei minha criança querida!".

Ela desmaiou, e só com extrema dificuldade se reavivou. Quando voltou a si, só fazia chorar e suspirar. Disse-me que na mesma noite William a havia provocado para que o deixasse usar um medalhão muito valioso que ela possuía com o retrato da sua mãe. O pingente está desaparecido e foi sem dúvida a tentação que incitou o assassino a cometer o crime. No momento, não temos nenhuma pista do seu paradeiro, embora nossos esforços para encontrá-lo sejam ininterruptos. Mas não vão trazer meu amado William de volta!

Venha, caríssimo Victor; só você pode consolar Elizabeth. Ela chora sem parar e se culpa injustamente pela morte dele; suas palavras rasgam o meu coração. Estamos todos infelizes; mas não seria essa mais uma razão para você, meu filho, voltar e ser nosso consolador? Sua mãe querida! Ai, Victor! Hoje posso dizer que graças a Deus ela não viveu para testemunhar a morte cruel e miserável do querido caçula!

Venha, Victor, não para alimentar pensamentos de vingança contra o assassino, mas com sentimentos de paz e candura, que irão curar, em vez de empestear, nossas mentes feridas. Entre na casa de luto, meu amigo, mas com a bondade e o afeto por aqueles que o amam, e não com o ódio aos seus inimigos.

Seu afetuoso e aflito pai,
Alphonse Frankenstein.
Genebra, 12 de maio de 17...

Clerval, que ficara observando meu semblante enquanto eu lia a carta, surpreendeu-se ao ver o desespero que se seguiu à alegria que a princípio expressei ao receber notícias dos meus amigos. Atirei a carta na mesa e cobri o rosto com as mãos.

— Meu caro Frankenstein — exclamou Henry quando me viu chorar de amargura —, será que você nasceu para ser infeliz? Meu caro amigo, o que aconteceu?

Gesticulei para que ele apanhasse a carta, enquanto eu caminhava para lá e para cá pelo quarto na mais extrema agitação. As lágrimas vertiam dos olhos de Clerval conforme ele lia a explicação de meu infortúnio.

— Não posso lhe oferecer consolo, meu amigo — disse ele. — Seu desastre é irreparável. Que pretende fazer?

— Partir imediatamente para Genebra: venha comigo, Henry, para preparar os cavalos.

Durante nossa caminhada, Clerval tentou dizer algumas palavras de consolo, mas só conseguiu expressar sua sincera compaixão.

— Pobre William — disse ele —, querida e adorável criança, que agora descansa com sua mãe angelical! Quem o viu brilhante e cheio de vida em sua jovem beleza, hoje chora sua perda precoce! Morrer de forma tão miserável; sentir as garras de um assassino! Muito mais do que um assassino, para destruir uma inocência tão radiante! Pobrezinho! Só nos resta um consolo; os

amigos dele lamentam e choram, mas ele encontrou o descanso. A pena acabou, seus sofrimentos chegaram ao fim para todo o sempre. Um torrão lhe cobre o delicado vulto, e ele já não conhece a dor. Não pode mais ser objeto de piedade; devemos reservar isso às pobres almas que sobreviveram a ele.

Clerval assim falou enquanto nos apressávamos pelas ruas; as palavras ficaram impressas em minha mente, e delas me lembrei mais tarde na solidão. Mas então, assim que os cavalos chegaram, corri para dentro de um cabriolé e me despedi de meu amigo.

A viagem foi muito melancólica. No começo tive vontade de apressá-la, pois ansiava por consolar e por me compadecer de meus amados e pesarosos amigos; mas quando me aproximei de minha cidade natal, quis retardar o avanço. Eu mal podia suportar a multidão de sentimentos que povoavam minha mente. Passei por cenários familiares à minha juventude, mas que não vira por quase seis anos. Quantas alterações não teriam acontecido durante esse tempo? Uma mudança súbita e desoladora havia de fato ocorrido, mas milhares de pequenas circunstâncias poderiam ter aos poucos causado alterações que, mesmo mais lentas, não seriam menos decisivas. O medo me dominou; eu não ousava avançar, receando mil males anônimos que me faziam estremecer, embora eu fosse incapaz de defini-los.

Permaneci dois dias em Lausanne, nesse doloroso estado de espírito. Fui ver o lago: as águas estavam plácidas, tudo em volta era calmo, e as montanhas nevadas, "os palácios da natureza", estavam inalteradas. Aos poucos, o cenário tranquilo e celestial me reavivou, e prossegui viagem rumo a Genebra.

A estrada corria à margem do lago, que se estreitava cada vez mais conforme eu me aproximava de minha cidade natal. Discerni mais nitidamente as encostas escuras do Jura e o cume iluminado do Mont Blanc. Chorei feito criança.

— Queridas montanhas! Belo lago, só meu! É assim que recebem seu andarilho? Seus cumes são claros; o céu e o lago azuis e plácidos. Fazem isso para prenunciar a paz ou para zombar de minha infelicidade?

Temo, meu amigo, incorrer no tédio ao me debruçar sobre essas circunstâncias preliminares; mas foram dias de relativa felicidade, e neles penso com prazer. Minha terra, minha amada terra! Quem senão um nativo poderá reproduzir o encanto que senti ao novamente contemplar teus regatos, tuas montanhas e, acima de tudo, teu adorável lago!

Contudo, ao chegar mais perto de casa, a dor e o medo voltaram a me dominar. A noite também cerrou ao meu redor; e quando eu mal podia ver as montanhas escuras, senti-me ainda mais desalentado. A paisagem parecia um vasto e turvo palco de males, e eu previa soturnamente que estava destinado a me tornar o mais desgraçado dos seres humanos. Ai de mim!, profetizei com acerto, e errei em uma única circunstância: a de que, de toda a infelicidade que imaginei e temi, não concebi a centésima parte da angústia que estava destinado a suportar.

Estava completamente escuro quando cheguei às cercanias de Genebra; os portões do vilarejo já se achavam fechados e fui obrigado a passar a noite em Secheron, uma aldeia que dista cerca de três quilômetros da cidade. O céu estava sereno e, como eu não conseguia dormir, decidi visitar o local em que meu pobre William tinha sido assassinado. Já que não conseguia cruzar o vilarejo, fui obrigado a atravessar o lago num bote para chegar a Plainpalais. Durante essa curta viagem, vi trovões desenhando as mais belas figuras no cume do Mont Blanc. A tempestade parecia se aproximar rapidamente, e, ao desembarcar, subi uma colina baixa a fim de poder observar seu progresso. Ela avançou; o céu se enevoou, e eu logo senti a chuva cair devagar, em grandes gotas, mas sua violência rapidamente aumentou.

Deixei meu posto e segui caminhando, embora a escuridão e a tempestade recrudescessem a cada minuto e o trovão irrompesse com terrificante estrondo acima de mim. Ele ecoou em Salêve, nos Juras e nos Alpes de Saboia; vívidos relâmpagos ofuscavam meus olhos, iluminando o lago, fazendo-o parecer um vasto lençol de fogo; por um instante, tudo parecia assumir a cor do piche, até os olhos se recuperarem do clarão anterior. A tempestade, como costuma ser o caso na Suíça, aparecia ao

mesmo tempo em várias partes do firmamento. A tempestade mais violenta pairava exatamente ao norte do vilarejo, sobre a porção do lago que fica entre o promontório de Belrive e a aldeia de Copêt. Outra tempestade alumiava o Jura com relâmpagos fracos, e outra escurecia e às vezes desvelava o Môle, uma montanha cujos picos despontavam a leste do lago.

Enquanto assistia à bela e terrível tempestade, eu vagava a passos apressados. Aquela nobre guerra no céu elevou meu ânimo; juntei as mãos e exclamei em voz alta:

– William, querido anjo! Este é o teu velório, este é o teu canto fúnebre!

Ao dizer essas palavras, percebi no breu uma silhueta sobressaindo de trás de um bosque de árvores perto de mim; fiquei petrificado, mirando com atenção: não podia ter me equivocado. Um relâmpago iluminou o ser e nitidamente desvelou seu vulto para mim; sua estatura gigantesca e a deformidade de seu aspecto, hediondo demais para pertencer a um ser humano, imediatamente me comunicaram se tratar do desgraçado, do demônio imundo a quem eu dera vida. Que fazia ele ali? Seria ele (estremeci ao imaginar) o assassino de meu irmão? Tão logo a ideia cruzou minha mente, convenci-me de sua verdade; meus dentes começaram a bater e fui forçado a me apoiar numa árvore para me equilibrar. O vulto passou rapidamente por mim, e eu o perdi no breu. Nada que tivesse a forma humana poderia ter destruído aquela bela criança. Era ele o assassino! Não havia dúvida. A mera presença da ideia era uma prova irrefutável do fato. Pensei em perseguir o diabo, mas teria sido em vão, pois outro relâmpago o revelou dependurado entre as rochas da subida quase perpendicular do Salêve, um monte que contorna Plainpalais ao sul. Ele logo alcançou o cume e desapareceu.

Permaneci imóvel. O trovão cessara; mas a chuva continuava a cair, e o cenário foi envolto por uma escuridão impenetrável. Revolvi na mente os eventos que até aquele momento eu buscara esquecer: todo o percurso de meu progresso rumo à criação, o surgimento da obra de minhas próprias mãos, viva, ao pé da

minha cama, a sua partida. Quase dois anos haviam transcorrido desde a noite em que ele recebera a vida; e seria este o seu primeiro crime? Ai de mim!, eu havia soltado no mundo uma desgraça depravada, cujo prazer residia na carnificina e na infelicidade; não teria ele matado o meu irmão?

Ninguém é capaz de imaginar a angústia que sofri durante o resto daquela noite, a qual passei, com frio e molhado, a céu aberto. Mas não senti a inconveniência do mau tempo; minha imaginação estava ocupada com cenas de desastre e desespero. No ser que eu projetara no seio da humanidade e dotara de vontade e poder para cumprir seus horríveis propósitos — tal como o que ora havia realizado — eu via meu vampiro particular, meu próprio espírito erguido da sepultura e impelido a destruir tudo o que me era caro.

Raiou o dia; dirigi meus passos para o vilarejo. Os portões estavam abertos, e me apressei rumo à casa de meu pai. Minha primeira ideia foi revelar o que eu sabia sobre o assassino e fazer com que o caçassem imediatamente. Mas me detive quando refleti sobre a história que eu teria de contar. Um ser que eu mesmo havia formado e investido de vida cruzara comigo à meia-noite entre os despenhadeiros de uma montanha inacessível. Lembrei-me também da febre nervosa que me havia arrebatado justamente na data da sua criação e que daria ares de delírio a uma história de outro modo totalmente improvável. Sabia muito bem que, fosse qualquer outra pessoa a me comunicar tal informação, eu a teria visto como os delírios de um louco. Além disso, a estranha natureza do animal iria frustrar qualquer perseguição, mesmo se eu tivesse competência para persuadir meus parentes a começá-la. E de que adiantaria uma perseguição? Quem conseguiria prender uma criatura capaz de escalar as encostas salientes do monte Salêve? Essas reflexões me convenceram, e decidi permanecer em silêncio.

Eram cerca de cinco da manhã quando entrei na casa de meu pai. Pedi aos criados que não incomodassem a família e fui à biblioteca para aguardar o horário habitual de se levantarem.

Seis anos haviam transcorrido e passado como um sonho senão por um vestígio indelével, e eu me achava no mesmo lugar onde abraçara meu pai pela última vez antes de partir para Ingolstadt. Amado e venerado pai! Ele continuava ali, para mim. Olhei para o retrato de minha mãe, que pendia sobre a lareira. Era um tema histórico, pintado a desejo de meu pai, e representava Caroline Beaufort na agonia do desespero, ajoelhada ao lado do caixão do pai morto. Suas vestes eram rústicas e suas faces, pálidas, mas nela havia ares de dignidade e beleza que dificilmente permitiam sentir piedade. Abaixo desse quadro havia um pequeno retrato de William, e minhas lágrimas rolaram quando olhei para ele. Enquanto eu estava assim absorto, Ernest entrou: ele me ouvira chegar e correu para me receber. Expressou um prazer pesaroso ao me ver:

— Bem-vindo, meu caríssimo Victor — disse ele. — Ah!, queria que tivesse vindo três meses atrás, para encontrar todos nós alegres e encantados. Você agora volta para partilhar de uma infelicidade que nada é capaz de aliviar. Contudo, espero que a sua presença reanime nosso pai, que parece sucumbir ao infortúnio, e que a sua insistência convença a pobre Elizabeth a parar com as vãs e torturantes autoacusações. Pobre William! Ele era nosso queridinho e nosso orgulho!

Lágrimas, incontidas, caíram dos olhos do meu irmão; uma sensação de agonia mortal percorreu o meu corpo. Antes, eu havia apenas imaginado a desgraça de minha casa desolada; a realidade se abateu sobre mim como um novo e não menos terrível desastre. Tentei acalmar Ernest, perguntei minuciosamente a respeito de meu pai e daquela a quem chamava de prima.

— Ela, acima de tudo — disse Ernest —, precisa de consolo; ela se acusa de ter causado a morte do meu irmão, e isso a desgraçou. Mas desde que o assassino foi descoberto...

— O assassino foi descoberto? Meu bom Deus! Como é possível? Quem tentaria persegui-lo? É impossível, assim como seria tentar agarrar o vento ou barrar um riacho com um pedaço de palha. Eu também o vi; ele estava à solta ontem à noite!

— Não compreendo o que quer dizer — respondeu meu irmão, com um quê de espanto —, mas a descoberta que fizemos arremata nossa infelicidade. A princípio, ninguém acreditaria; e mesmo agora Elizabeth não se convenceu, não obstante todos os indícios. De fato, quem iria acreditar que Justine Moritz, que era tão amável e afeita a toda a família, poderia de repente ser capaz de um crime tão assustador, tão apavorante?

— Justine Moritz? Pobre garota, é ela a acusada? Mas é uma injustiça, todo mundo sabe disso. Ninguém acredita nisso, não é, Ernest?

— A princípio, ninguém acreditou; mas surgiram várias circunstâncias que nos forçaram a acreditar, e o próprio comportamento dela tem sido tão confuso que acrescenta às provas um peso que, temo eu, não deixa nenhuma margem de dúvida. Mas ela vai ser julgada hoje, e você então ficará sabendo de tudo.

Ele relatou que, na manhã em que se descobriu o assassinato do pobre William, Justine ficara doente e permanecera confinada à cama por vários dias. Durante esse intervalo, um dos criados, ao examinar o uniforme que ela usara na noite do assassinato, descobrira no bolso dela o retrato de minha mãe, o qual se julgou ser a tentação do assassino. O criado de imediato o mostrou a um colega, que, sem dizer nada a ninguém da família, foi ter com um magistrado e, com seu depoimento, Justine foi detida. Ao ser acusada do fato, a pobre garota mostrou-se extremamente confusa, o que em grande medida confirmou a suspeita.

Era um relato estranho, mas não abalou minha fé, e respondi com sinceridade:

— Vocês estão todos equivocados; eu sei quem é o assassino. Justine, a pobre e boa Justine, é inocente.

Nesse instante, meu pai adentrou. Vi a infelicidade gravada fundo em seu semblante, mas ele se esforçou para me saudar com alegria e, após trocarmos nossos pêsames, ele teria introduzido algum outro assunto que não o de nossa desgraça, não houvesse Ernest exclamado:

— Meu Deus, papai! Victor diz saber quem é o assassino do pobre William.

— Nós também sabemos, infelizmente — respondeu meu pai —, pois de fato eu preferiria continuar para sempre ignorante a descobrir tanta depravação e ingratidão em alguém que tinha em tão alta estima.

— Meu caro pai, o senhor está errado. Justine é inocente.

— Se for, que Deus não permita que sofra como culpada. Ela será julgada hoje e espero sinceramente que seja absolvida.

Sua fala me tranquilizou. Eu estava plenamente convencido de que Justine, e na verdade qualquer ser humano, era inocente daquele assassinato. Não tinha medo, portanto, de que aparecesse qualquer prova circunstancial forte o bastante para condená-la. Minha história não era de se anunciar publicamente; seu horror espantoso seria visto pelo povo como loucura. Haveria de fato alguém além de mim, o criador, que acreditasse, a não ser que seus sentidos o convencessem, na existência do monumento vivo de presunção e precipitada ignorância que eu soltara no mundo?

Logo Elizabeth juntou-se a nós. O tempo a havia mudado desde a última vez que eu a vira, conferindo-lhe uma graciosidade que superava a beleza de seus tempos de criança. Conservava o mesmo candor, a mesma vivacidade, mas associados a uma expressão mais cheia de sensibilidade e intelecto. Ela me recebeu com a maior afeição.

— Sua chegada, meu querido primo — disse ela —, me enche de esperança. Você talvez encontre um meio de redimir minha pobre e inocente Justine. Ai de mim!, quem estará a salvo, se ela for condenada por um crime? Confio na inocência dela com tanta certeza como confio na minha. Nosso infortúnio é redobrado; não só perdemos aquele garotinho adorável, como essa pobre garota, a quem amo de coração, será dilacerada por um destino ainda pior. Se ela for condenada, nunca mais saberei o que é alegria. Mas não será, tenho certeza; e então serei feliz de novo, mesmo depois da triste morte do meu pequeno William.

— Ela é inocente, minha Elizabeth — afirmei. —, e isso será provado. Não tenha medo, e anime-se com a certeza da absolvição.

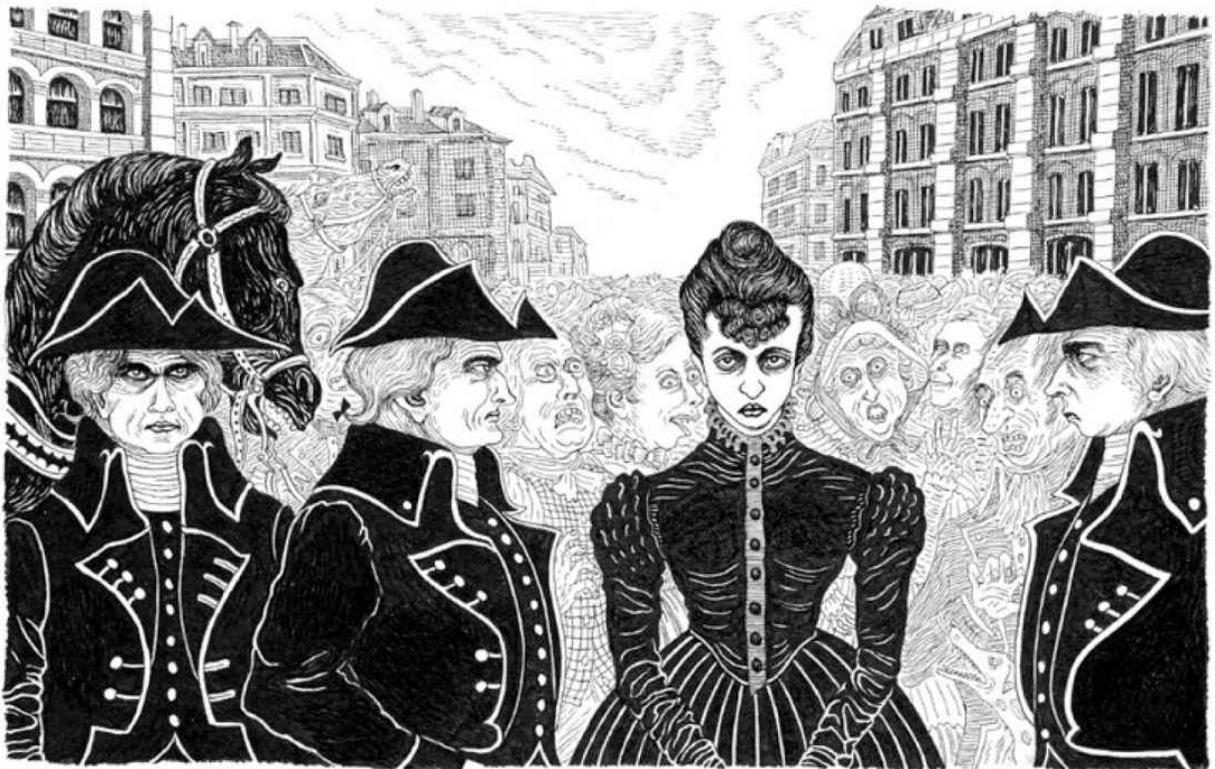
— Como você é bom e generoso! Todos os outros a acreditam culpada, e isso me devastou, pois eu sabia que era impossível, e ver os outros discriminando-a de maneira tão atroz me deixou sem esperança e desconsolada — disse ela, começando a chorar.

— Querida sobrinha — disse meu pai —, enxugue as lágrimas. Se ela for, como você crê, inocente, confie na justiça de nossas leis e na presteza com que irei impedir a menor sombra de parcialidade.

CAPÍTULO VIII

PASSAMOS ALGUMAS HORAS TRISTES, até o bater das onze, quando o julgamento teria início. Com meu pai e o resto da família obrigados a comparecer como testemunhas, acompanhei-os à corte. Durante toda aquela paródia de justiça, sofri uma tortura em vida. Aquilo decidiria se o resultado de minha curiosidade e de meus artifícios ilícitos seriam a causa da morte de dois de meus semelhantes: um deles, uma criancinha sorridente, cheia de inocência e alegria; a outra, assassinada de maneira muito mais terrível, com todos os infames agravantes que fariam do assassinato algo memorável em seu horror. Justine também era uma garota de mérito e possuía qualidades que lhe prometiam uma vida feliz; agora tudo seria apagado numa cova ignominiosa; e eu era a causa! Mil vezes eu preferiria ter confessado a culpa do crime atribuído a Justine, mas eu estava ausente quando este fora cometido, e tal declaração seria considerada o delírio de um louco, sem isentar aquela que sofria por minha causa.

Justine estava com aspecto calmo. Vestia luto; e seu semblante, sempre cativante, ganhara, pela solenidade de seus sentimentos, uma beleza indescritível. Contudo, ela parecia confiante em sua inocência e não vacilou diante da mira e da execração de milhares de pessoas, pois toda a bondade que em outra circunstância sua beleza poderia inspirar na mente dos espectadores foi apagada pela visão da gravidade do que ela supostamente fizera. Ela estava tranquila, contudo sua tranquilidade estava nitidamente contida; e uma vez que a confusão antes fora usada como prova de sua culpa, agora ela se esforçava para aparentar coragem. Quando entrou na corte, relanceou o olhar ao redor e rapidamente descobriu onde

estávamos sentados. Uma lágrima pareceu turvar-lhe os olhos quando nos viu, mas ela rapidamente se recobrou, e uma expressão de afeto pesaroso pareceu atestar sua completa inocência.

O julgamento começou; e, após o promotor declarar a acusação, várias testemunhas foram chamadas. Conspiravam contra Justine vários fatos estranhos que teriam chocado qualquer um que não tivesse tamanha prova de sua inocência quanto eu. Ela estivera fora por toda a noite em que o assassinato fora cometido, e pela manhã fora avistada por uma feirante não muito longe do lugar onde o corpo da criança assassinada viria a ser descoberto. A mulher lhe perguntou o que fazia ali, mas ela agia de forma muito estranha e deu-lhe uma resposta confusa e ininteligível. Ela voltou para casa por volta das oito e, quando alguém lhe perguntou onde havia passado a noite, respondeu que estivera procurando pelo menino e quis sofregamente saber se havia alguma notícia sobre ele. Quando lhe mostraram o corpo,

ela sofreu de uma violenta histeria e ficou de cama por vários dias. Mostraram então o retrato que o criado encontrara no bolso dela; e quando Elizabeth, com voz vacilante, confirmou que se tratava do mesmo que ela mesma pusera no pescoço dele uma hora antes de darem pela falta da criança, um murmúrio de horror e indignação percorreu a corte.

Justine foi chamada pela defesa. Conforme o julgamento prosseguia, seu semblante se alterava. Surpresa, horror e infelicidade marcaram fortemente sua expressão. Às vezes, ela lutava contra as lágrimas, mas quando pediram que apresentasse sua defesa, ela tomou coragem e falou, numa voz audível, embora instável:

— Deus sabe — disse ela — que sou totalmente inocente. Mas não conto com a possibilidade de meus protestos me absolverem: minha inocência repousa numa explicação clara e simples dos fatos produzidos contra mim, e espero que o caráter que sempre demonstrei faça meus juízes penderem para uma interpretação favorável sempre que qualquer circunstância parecer duvidosa ou suspeita.

Ela então relatou que, com a permissão de Elizabeth, passara o início da noite em que o assassinato fora cometido na casa de uma tia em Chêne, uma aldeia situada a cerca de cinco quilômetros de Genebra. Ao retornar, por volta das nove horas, topou com um homem, que lhe perguntou se ela tinha visto a criança perdida. Aquelas palavras a alarmaram, e ela passou horas à procura do garoto, mas quando os portões de Genebra foram fechados, foi forçada a passar várias horas da noite no celeiro de uma cabana, relutante que estava em acordar os moradores, por quem era muito conhecida. Passou a maior parte da noite ali de vigília; pela manhã, acreditou ter dormido por uns minutos, alguns passos a importunaram, e ela acordou. Era dia, e ela abandonou o refúgio para de novo tentar encontrar meu irmão. Se ela passara perto do lugar onde o corpo dele jazia, não se dera conta. Que ela ficara desnorteada com o questionamento da feirante não era de surpreender, já que passara a noite sem

dormir e o destino do pobre William era ainda incerto. Em relação ao retrato, ela não forneceu explicação.

— Compreendo — continuou a infeliz vítima — que essa única circunstância pesa fatalmente contra mim, mas não tenho como explicá-la; e quando expresso minha total ignorância, resta-me apenas especular sobre a probabilidade de que o retrato tenha sido colocado em meu bolso. Mas mesmo nisso me atrapalho. Acredito não ter inimigos nesta terra, e com certeza ninguém seria tão perverso a ponto de me destruir tão descaradamente. Foi o assassino que o pôs lá? Não tenho conhecimento de nenhuma oportunidade que ele teve para fazê-lo; e, se teve, por que ele roubaria a joia para tão logo livrar-se dela? Entrego minha causa à justiça, contudo não vejo espaço para esperança. Rogo a permissão para que algumas testemunhas sejam questionadas quanto ao meu caráter e, se o testemunho delas não contrabalançar minha suposta culpa, devo ser condenada, embora eu declare inocência, em nome da minha salvação.

Chamaram-se várias testemunhas que a conheciam havia muitos anos e falavam bem dela, mas o medo e o ódio pelo crime do qual a supunham culpada deixaram-nas tímidas e relutantes a se apresentar. Elizabeth viu que até mesmo esse último recurso, a excelente disposição e conduta irrepreensível de Justine, estava prestes a trair a acusada e, embora violentamente agitada, pediu permissão para dirigir-se à corte.

— Sou — disse ela — prima da infeliz criança assassinada, ou melhor, irmã, pois fui criada pelos seus pais e com eles vivi muito antes de ele nascer. Pode-se, portanto, julgar impróprio de minha parte me manifestar nesta ocasião; mas quando vejo uma semelhante prestes a sucumbir pela covardia de seus pretensos amigos, desejo ser ouvida, para que assim possa falar o que sei sobre o caráter dela. Conheço bem a acusada. Morei com ela na mesma casa, uma vez por cinco anos, e em outra por quase dois. Durante todo esse período ela me pareceu a mais amável e benevolente das criaturas humanas. Ela cuidou de madame Frankenstein, minha tia, em seus últimos dias, com grande afeto e atenção; e mais tarde veio a cuidar da própria mãe durante uma

enfermidade cansativa, de uma maneira que despertou a admiração de todos que a conheciam, após o que voltou a morar na casa de meu tio, onde era amada por toda a família. Ela era calorosamente apegada à criança que agora está morta, e agia em relação a ele como uma mãe das mais afetuosas. De minha parte, não hesito em dizer que, não obstante todas as provas produzidas contra ela, creio e confio em sua perfeita inocência. Nada a tentava a uma ação como essa; quanto à quinquilharia em que a principal prova reside, se ela a tivesse sinceramente desejado, eu lhe teria dado de bom grado, de tanto que a estimo e valorizo.

Um murmúrio de aprovação se seguiu ao apelo simples e poderoso de Elizabeth, mas fora despertado pela generosa interferência dela, e não em favor da pobre Justine, sobre quem a indignação pública se voltou com renovada violência, acusando-a da mais nefasta ingratidão. A própria chorou enquanto Elizabeth falava, mas não respondeu. A agitação e a angústia que senti durante todo o julgamento eram extremas. Eu acreditava na inocência dela, tinha certeza disso. Teria o dæmon que assassinara meu irmão (algo de que nem por um momento duvidei), em seu passatempo infernal, também atraído uma inocente à morte e à ignomínia? Não podia suportar o horror da situação e, quando percebi que a voz do povo e o semblante dos juízes já haviam condenado minha vítima infeliz, saí da corte em agonia. A tortura da acusada não se comparava à minha; ela se apoiava na inocência, mas as presas do remorso rasgavam o meu peito e não queriam mais largar.

Passei a noite na mais pura miséria. De manhã, fui à corte. Meus lábios e minha garganta estavam ressequidos. Não ousei fazer a pergunta fatal, mas eu era conhecido, e o oficial adivinhou o motivo de minha visita. Os votos tinham sido contados; eram todos negativos, e Justine fora condenada.

Não me atrevo a descrever o que senti. Já havia experimentado sensações de horror antes e me esforçado para lhes conferir expressões adequadas, mas palavras não conseguem transmitir uma noção do desespero doentio que então suportei. A

pessoa a quem me dirigi acrescentou que Justine já tinha confessado sua culpa.

— Aquela prova — observou ele — nem era necessária num caso tão flagrante, mas estou grato por isso e, de fato, nenhum dos nossos juízes gosta de condenar um criminoso com provas circunstanciais, por mais decisivas que sejam.

Tratava-se de uma informação estranha e inesperada; o que poderia significar? Teriam meus olhos me enganado? Seria eu realmente tão louco como o mundo inteiro me acreditaria ser se eu revelasse a identidade do meu suspeito? Apressei-me de volta para casa, onde Elizabeth me perguntou sofregamente sobre o veredito.

— Minha prima — respondi —, decidiu-se conforme o esperado; todos os juízes prefeririam que dez inocentes sofressem a deixar escapar um único culpado. Mas ela confessou.

Isso foi um duro golpe na pobre Elizabeth, que havia contado firmemente com a inocência de Justine.

— Ai de mim! — disse ela. — Como hei de voltar a crer na bondade humana? Justine, a quem eu amava e estimava como uma irmã, como ela seria capaz de forjar aqueles sorrisos de inocência somente na intenção de nos enganar? Seus olhos brandos pareciam incapazes de qualquer severidade ou perfídia, e contudo ela cometeu um assassinato.

Logo depois tomamos conhecimento de que a pobre vítima expressara o desejo de ver minha prima. Meu pai não queria que ela fosse, mas disse que deixava que o juízo e os sentimentos dela própria decidissem.

— Sim — disse Elizabeth —, eu vou, embora ela seja culpada. E você, Victor, vai me acompanhar: não posso ir sozinha. — A ideia dessa visita era uma tortura para mim, contudo não podia me recusar.

Entramos na sombria cela de prisão e vimos Justine sentada sobre um pouco de palha na outra extremidade; suas mãos estavam algemadas, e sua cabeça, pousada nos joelhos. Ela se levantou ao ver-nos entrar e, quando fomos deixados a sós com

ela, jogou-se aos pés de Elizabeth, chorando amargamente. Minha prima também chorou.

— Ah, Justine! — disse ela. — Por que me roubou meu último consolo? Confiei em sua inocência e, embora estivesse então muito desolada, não estava tão infeliz como agora.

— E a senhora também acredita que sou tão perversa assim? Também se juntou aos meus inimigos para me esmagar e me condenar como assassina? — A voz dela saiu sufocada pelos soluços.

— Levante-se, minha pobre garota — disse Elizabeth. — Por que se ajoelha se é inocente? Não sou sua inimiga; acreditei-a isenta de culpa, apesar de todas as provas, até ouvir que você tinha se declarado culpada. Tal declaração, segundo você, é falsa; pois esteja certa, querida Justine, de que nada conseguirá abalar minha confiança em você nem sequer por um momento, senão sua própria confissão.

— De fato confessei, mas confessei uma mentira. Confessei para que pudesse obter a absolvição, mas agora essa mentira pesa mais em meu coração que meus outros pecados. Que Deus me perdoe! Desde que fui condenada, meu confessor me assediou, me intimidou e me ameaçou até que eu quase começasse a pensar que era mesmo o monstro que ele dizia que eu era. Ele me ameaçou com a excomunhão e o fogo do inferno em meus últimos momentos se eu continuasse irredutível. Cara senhora, não tive ninguém para me apoiar; todos olhavam para mim como se fosse uma desgraça, fadada à ignomínia e à perdição. Que podia eu fazer? Num mau momento, compactuei com uma mentira; e agora sou verdadeiramente infeliz.

Ela se deteve, chorando, e então continuou:

— Pensei horrorizada, minha doce senhora, que acreditasse que a sua Justine, a quem sua abençoada tia tanto tinha honrado, e a quem amava, era uma criatura capaz de um crime que ninguém senão o próprio diabo poderia ter perpetrado. Querido William! Querida criança abençoada! Logo hei de vê-lo de novo no céu, onde seremos todos felizes; e isso me consola, a mim que vou sofrer a ignomínia e a morte.

— Ah, Justine! Perdoe-me por ter desconfiado de você por um só momento. Por que confessou? Mas não lamente, querida. Não tema. Vou proclamar... vou provar sua inocência. Vou derreter os corações de pedra de seus inimigos com minhas lágrimas e preces. Você não vai morrer; você, minha amiga de brincadeiras, minha companheira, minha irmã, perecer no cadafalso! Não, não! Eu jamais poderia continuar a viver após infortúnio tão horrível.

Justine sacudiu a cabeça em pranto.

— Já não temo morrer — disse ela —, essa pena passou. Deus corrige minhas fraquezas e me dá coragem para suportar o pior. É um mundo triste e amargo que deixo; e se a senhora se lembrar de mim e pensar em mim como alguém que foi condenado injustamente, resigno-me ao destino que me aguarda. Aprenda comigo, cara senhora, a submeter-se com paciência à vontade dos céus!

Durante essa conversa, eu me retirara para um canto da cela onde pudesse ocultar a horrenda angústia que me possuía. Desespero! Quem ousava falar nisso? A pobre vítima, que no dia seguinte cruzaria o terrível limiar entre a vida e a morte, não sentia, como eu, uma agonia tão profunda e amarga. Rangi e cerrei os dentes, emitindo um grunhido que veio do mais fundo de minha alma. Justine sobressaltou-se. Quando viu que era eu, aproximou-se e disse:

— Caro senhor, é muita gentileza sua vir me visitar. Espero que o senhor não acredite que eu seja culpada.

Não consegui responder.

— Não, Justine — disse Elizabeth. — Ele está mais convencido de sua inocência do que eu estava, pois mesmo quando ficou sabendo que você confessou, não acreditou.

— Agradeço-lhe imensamente. Nestes últimos momentos, sinto a maior gratidão por aqueles que pensam em mim com bondade. Como é doce o afeto dos outros para com uma desgraçada como eu! Isso alivia meu infortúnio pela metade; e sinto que posso morrer em paz, agora que minha inocência é reconhecida por você, minha cara senhora, e por seu primo.

Assim a pobre sofredora tentava reconfortar os outros e a si. Ela de fato ganhara a resignação que desejava. Mas eu, o verdadeiro assassino, sentia o imorredouro verme vivendo em meu peito, não permitindo nenhuma esperança ou consolo. Elizabeth chorou, infeliz, mas também ela detinha um sofrimento inocente, o qual, feito nuvem que passa sobre a bela lua, por um tempo esconde mas não consegue macular o seu brilho. A angústia e o desespero haviam penetrado até o âmago do meu coração; eu trazia um inferno dentro de mim que nada poderia apagar. Ficamos com Justine por horas a fio, e foi com grande dificuldade que Elizabeth conseguiu se despedir.

— Quisera eu — choramingou ela — morrer com você; não posso mais viver neste mundo miserável.

Justine assumiu ares alegres, enquanto reprimia com dificuldade as lágrimas amargas. Abraçou Elizabeth, e disse, com uma voz de emoção mal contida:

— Adeus, doce senhora, querida Elizabeth, minha amada e única amiga; que o Céu, com sua bonança, a abençoe e proteja; que este seja o último infortúnio que venha a sofrer! Viva, seja feliz e faça os outros felizes.

Na manhã seguinte, Justine morreu. A comovente eloquência de Elizabeth fracassou em demover os juízes de sua convicção na criminalidade da santa sofredora. Meus ardorosos e indignados apelos não surtiram efeito. Quando recebi suas respostas frias e ouvi a argumentação severa e desalmada daqueles homens, a confissão que pretendia fazer morreu em meus lábios. Com ela, eu poderia me autoproclamar um louco, mas não revogar a sentença imposta à minha desgraçada vítima. Ela pereceu no cadafalso como uma assassina!

Das torturas do meu coração, voltei-me para a profunda e muda dor de minha Elizabeth. Também era um feito meu! Assim como a aflição de meu pai e a desolação daquela casa antes tão sorridente — tudo obra de minhas mãos três vezes amaldiçoadas! Vós chorais, infelizes, mas essas não são suas últimas lágrimas! Mais uma vez vocês haverão de desatar o pranto fúnebre, e o som de suas lamentações será mais uma vez ouvido! Frankenstein, seu

filho, seu descendente, seu primeiro e muito amado amigo; ele que daria cada gota de sangue vital por vocês, ele que não cogita nem conhece alegria exceto quando ela se reflete também em seus queridos semblantes, ele que encheria o ar com bênçãos e passaria a vida a servi-los: ele pede que chorem, que vertam incontáveis lágrimas; ele ficará feliz além das próprias esperanças se assim se cumprir o inexorável destino e se a destruição for parada antes que a paz da cova se siga aos seus tristes tormentos!

Assim falou minha alma profética, enquanto, dilacerado pelo remorso, pelo horror e pelo desespero, eu contemplava aqueles que amava derramarem um sofrimento em vão sobre as covas de William e Justine, as primeiras vítimas desafortunadas de minhas artes profanas.

CAPÍTULO IX

Nada é mais doloroso à mente humana do que, após os sentimentos terem sido inflamados por uma rápida sucessão de eventos, a mortal morosidade da inação e a certeza que se segue e despoja a alma tanto de esperança como de medo. Justine morreu, descansou; e eu continuava vivo. O sangue corria livre por minhas veias, mas um peso de desespero e remorso que nada podia aliviar me apertava o peito. O sono fugia diante dos meus olhos; vaguei feito um espírito maligno, pois havia cometido males indescritíveis de tão horríveis, e mais, muito mais (eu estava convencido) ainda estava por vir. Contudo, meu coração transbordava de bondade e de amor à virtude. Eu começara a vida com boas intenções e ansiava pelo momento em que as poria em prática e seria útil a meus semelhantes. Agora, tudo fora pelos ares: em vez daquela serenidade de consciência que me permitiria olhar para o passado com satisfação e daí deduzir a promessa de novas esperanças, eu havia sido arrebatado pelo remorso e pela sensação de culpa, que me precipitou num inferno de torturas intensas que nenhuma língua conseguiria descrever.

Esse estado de espírito consumiu minha saúde, que talvez nunca tivesse se recuperado do primeiro choque que suportou. Eu me esquivava de outros rostos humanos; qualquer som de alegria ou contentamento me torturava; a solidão era meu único consolo – profunda, sombria e mortífera solidão.

Meu pai observava com dor a perceptível alteração em minha disposição e hábitos e, por meio de argumentos calcados na sua consciência serena e na sua vida isenta de culpa, tentou

me inspirar a ter fibra e despertar a coragem de dissipar a nuvem escura que pairava sobre mim.

— Você pensa, Victor — perguntou ele —, que eu também não sofro? Ninguém é capaz de amar uma criança mais do que eu amava seu irmão — lágrimas lhe vieram aos olhos enquanto falava —, mas não seria dever dos sobreviventes evitar que a infelicidade aumente com uma expressão de dor descomedida? Também é algo que devemos a nós mesmos, pois o pesar excessivo impede o aprimoramento e a diversão e até mesmo a descarga de inutilidade diária sem a qual homem nenhum é apto para a vida em sociedade.

Aquele conselho, embora bom, era de todo impraticável no meu caso; eu teria sido o primeiro a esconder a dor e a consolar meus amigos, caso o remorso não tivesse se misturado à amargura, e o terror, seu alarme, a minhas outras sensações. Por ora, só consegui responder a meu pai com um olhar de desespero e tentar me esconder de sua vista.

Por volta dessa época nos recolhemos para nossa casa em Belrive. Essa mudança me foi particularmente agradável. O fechar dos portões regularmente às dez e a impossibilidade de permanecer no lago após aquela hora havia tornado nossa residência dentro dos muros de Genebra muito aborrecida para mim. Agora eu estava livre. Com frequência, após o resto da família se recolher de noite, eu tomava o barco e passava muitas horas sobre a água. Às vezes, com as velas içadas, eu era carregado pelo vento, em outras, depois de remar até o meio do lago, eu deixava o barco seguir seu curso e me entregava às minhas infelizes reflexões. Com frequência eu me via tentado, quando ao meu redor tudo era paz e eu era a única coisa inquieta que vagava incansável num cenário tão belo e celestial — com exceção de algum morcego ou dos sapos, cujo coaxar grave e intermitente ouvia apenas quando me aproximava da orla — com frequência, eu estava dizendo, me via tentado a mergulhar no lago silencioso, a fim de que a água envolvesse a mim e a minhas calamidades para todo o sempre. Mas eu me continha quando pensava na heroica e sofredora Elizabeth, a quem amava ternamente e cuja

existência estava ligada à minha. Pensava também em meu pai e em meu irmão sobrevivente: deveria eu, com minha ordinária deserção, deixá-los expostos e indefesos à maldade do inimigo que eu havia soltado entre eles?

Nesses momentos, eu chorava com amargura e desejava que a paz me voltasse à mente só para que pudesse lhes dar consolo e felicidade. Mas isso não tinha como acontecer. O remorso extinguia toda esperança. Eu fora o autor de males incorrigíveis e vivia um medo diário de que o monstro que criara viesse a perpetrar novas perversidades. Tinha a obscura sensação de que aquilo não estava terminado e de que ele ainda iria cometer algum crime cabal, que por sua magnitude quase eclipsaria a memória do passado. Sempre haveria lugar para o medo enquanto restasse algo que eu amasse. A aversão que eu sentia por esse inimigo era inconcebível. Quando pensava nele, eu rangia os dentes, meus olhos se injetavam, e desejava ardentemente extinguir aquela vida que eu lhe conferira de modo tão impensado. Quando refletia sobre seus crimes e maldade, meu ódio e desejo de vingança rompiam todos os limites da moderação. Eu teria peregrinado até o mais alto pico dos Andes, caso pudesse, lá de cima, jogá-lo no precipício. Desejava vê-lo de novo para que pudesse cumular sobre a cabeça dele o maior número de afrontas e vingar a morte de William e Justine.

Nossa casa era o lar do luto. A saúde de meu pai ficou profundamente abalada pelo horror dos recentes acontecimentos. Elizabeth estava triste e desanimada; suas ocupações cotidianas não a encantavam mais; todo prazer lhe parecia um sacrilégio para com os mortos; ela pensava que a aflição e as lágrimas eternas eram um tributo justo que devia prestar a uma inocência aniquilada e destruída daquela maneira. Não era mais aquela criatura feliz que na mocidade vagava comigo às margens do lago e falava extasiada de nossas perspectivas para o futuro. Ela fora alcançada pelo primeiro dos tantos pesares que nos são enviados a fim de nos afastar desta terra, e sua influência enfraquecedora sufocou-lhe os mais lindos sorrisos.

— Quando reflito, meu querido primo — disse ela —, sobre a infeliz morte de Justine Moritz, não vejo mais o mundo e suas obras como antes. Eu lia relatos de vício e injustiça nos livros ou os ouvia dos outros como histórias de tempos idos, ou como males imaginários; no mínimo eram remotos e mais familiares à razão do que à imaginação; mas agora a infelicidade fez sua morada em mim, e os homens me parecem monstros sedentos de sangue. Contudo, certamente estou sendo injusta. Todo mundo acreditava que aquela pobre garota fosse culpada, e se ela tivesse capacidade de cometer o crime pelo qual sofreu, decerto seria a mais depravada das criaturas humanas. Matar, em troca de uma simples joia, o filho de seu benfeitor e amigo, uma criança de quem ela cuidara desde o nascimento e parecia amar como se fosse dela própria! Eu jamais poderia consentir com a morte de qualquer ser humano, mas certamente consideraria tal criatura inapta a permanecer na sociedade dos homens. Mas ela era inocente. Eu sei, eu sinto que ela era inocente; você é da mesma opinião, e isso me corrobora. *Ai!*, Victor, quando a mentira se parece tanto com a verdade, quem pode estar seguro da felicidade? Sinto como se estivesse caminhando à beira de um precipício, para o qual milhares de pessoas se dirigem no intuito de me lançar no abismo. William e Justine foram assassinados, e o assassino fugiu; ele anda pelo mundo, livre e talvez até respeitado. Mas mesmo se eu fosse condenada a sofrer no cadafalso pelos mesmos crimes, não trocaria de lugar com um desgraçado desses.

Ouvi aquele discurso com a mais extrema agonia. Eu — não na prática, mas no efeito — era o verdadeiro assassino. Elizabeth leu a angústia em meu semblante e, segurando minha mão com delicadeza, disse:

— Meu caríssimo amigo, você precisa se acalmar. Esses eventos me afetaram muito, só Deus sabe quanto, mas não estou tão desgraçada como você. Há em seu semblante uma expressão de desespero, e às vezes de vingança, que me faz tremer. Caro Victor, afaste esses ímpetos sombrios. Lembre-se dos amigos ao seu redor, que depositam todas as esperanças em você. Teríamos

nós perdido a capacidade de fazê-lo feliz? Ah!, enquanto amarmos, enquanto formos verdadeiros uns com os outros, aqui nesta terra de paz e beleza, seu país natal, poderemos colher toda a bem-aventurança. O que poderia perturbar a nossa paz?

E essas palavras, daquela a quem eu afetuosamente valorizava mais do que a qualquer outra dádiva do destino, não seriam suficientes para afugentar o inimigo que espreitava em meu coração? Mesmo enquanto Elizabeth falava, aproximei-me dela como que aterrorizado, receando que naquele mesmo instante o destruidor estivesse por perto para roubá-la de mim.

Assim, nem a ternura da amizade, nem a beleza da terra ou do céu, poderiam redimir minha alma da aflição: os próprios tons do amor eram ineficazes. Eu fora engolfado por uma nuvem que nenhuma influência benéfica poderia penetrar. Eu era como o cervo ferido que arrasta os membros cansados até um lugar de descanso inexplorado, para ali olhar a flecha que o perfurou e morrer.

Às vezes, eu conseguia lidar com o desespero taciturno que me esmagava, mas em outras ocasiões, o turbilhão de paixões de minha alma me levava a buscar, por meio do exercício físico e da mudança de ares, algum alívio de minhas emoções intoleráveis. Foi durante um desses acessos que subitamente deixei meu lar e, voltando os passos na direção dos vales alpinos das proximidades, procurei, na magnificência e na eternidade de tais cenários, esquecer-me de mim mesmo e de meus pesares efêmeros, porque humanos. Minhas perambulações se dirigiram para o vale de Chamonix. Visitara-o com frequência durante a mocidade. Seis anos haviam então se passado: eu estava em destroços, mas nada havia mudado naquele cenário selvagem e duradouro.

Realizei a primeira parte de minha viagem a cavalo. Mais tarde aluguei uma mula, um animal mais firme e menos suscetível de se ferir naquelas estradas irregulares. O tempo estava bom: eram meados de agosto, quase dois meses após a morte de Justine; aquela época infeliz da qual datava toda a minha aflição. O peso sobre meu espírito era consideravelmente

atenuado à medida que eu mergulhava cada vez mais fundo na ravina do rio Arve. As montanhas e os precipícios imensos que se estendiam de todos os lados, o som do rio vociferando entre as rochas e o estrepitar das quedas d'água ao redor denotavam um poder magnânimo como o da Onipotência — e parei de temer ou de me curvar perante qualquer ser menos poderoso que aquele que criara e governava os elementos da natureza, ali exibidos em sua face mais majestosa. Ainda assim, conforme eu subia, o vale assumia um caráter mais magnífico e espantoso. Os castelos em ruínas que pendiam dos precipícios das montanhas de pinheiros, o impetuoso Arve e as cabanas que surgiam aqui e ali por entre as árvores formavam uma cena de singular beleza. Mas esta era aumentada e tornada sublime pelos poderosos Alpes, cujas pirâmides e domos brancos e brilhantes assomavam sobre tudo, como se pertencessem a outra terra, a morada de outra espécie de seres.

Passei pela ponte de Pélissier, onde a ravina que o rio forma se abria diante de mim, e comecei a subir a montanha que a encima. Logo depois entrei no vale de Chamonix. Esse vale é ainda mais maravilhoso e sublime, mas não tão bonito e pitoresco quanto aquele de Servox, pelo qual havia acabado de passar. As montanhas altas e nevadas eram seus confins imediatos, mas não vi mais castelos em ruínas e campos férteis. Geleiras imensas se aproximavam da estrada; ouvi o trovoar retumbante da avalanche em queda e notei a fumaça de sua passagem. O Mont Blanc, o supremo e magnífico Mont Blanc, erguia-se em meio aos picos circundantes e seu domo imponente encimava o vale.

Uma formigante sensação de prazer, havia muito perdido, me acometeu com frequência durante a viagem. Alguma guinada na estrada, algum novo objeto subitamente avistado e reconhecido me faziam lembrar de tempos idos, e estavam associados à despreocupada jovialidade da meninice. O próprio vento sussurrava em tons calmantes, e a mãe-natureza me pedia que parasse de chorar. Então, de novo, a influência benéfica deixava de agir, e via-me de novo atado à dor e cedendo a toda a

miséria da reflexão. Então esporeava a montaria, esforçando-me para esquecer o mundo, meus medos e, mais do que isso, a mim mesmo — ou, de maneira mais desesperada, eu apeava e me jogava na grama, abatido pelo horror e desespero.

Por fim cheguei à aldeia de Chamonix. A exaustão se sucedeu à fadiga extrema, tanto de corpo como de alma, que eu suportara. Por um curto intervalo de tempo permaneci à janela, observando os trovões pálidos que brincavam sobre o Mont Blanc e ouvindo a correnteza do Arve, que seguia seu curso ruidoso logo abaixo. Os mesmos sons acalentadores agiam como uma canção de ninar para minhas sensações tão aguçadas: quando coloquei a cabeça sobre o travesseiro, o sono se instalou; senti-o chegar e abençoei aquele que concede o esquecimento.

CAPÍTULO X

Passei o dia seguinte rodando pelo vale. Parei junto às nascentes do Arveiron, que surge de uma geleira e desce a passo lento do cume das colinas até a barricada do vale. As encostas abruptas de vastas montanhas estavam diante de mim, a parede fria da geleira me encimava, uns poucos pinheiros rachados se espalhavam ao meu redor, e o silêncio solene daquela gloriosa sala de recepção do Império da Natureza era rompido apenas pelas ondas revoltas ou pela queda de algum vasto fragmento de rocha, o som ribombante de uma avalanche ou o estalo, reverberado ao longo das montanhas de gelo acumulado, que, através do trabalho silencioso de leis imutáveis, de quando em quando se quebrava e despedaçava, como se fosse mero brinquedo em suas mãos. Esses cenários sublimes e magníficos me ofereceram o maior consolo que eu poderia receber. Elevaram-me de toda a pequenez de sentimento e, embora não tivessem extirpado minha dor, a subjugaram e acalmaram. Em alguma medida, também distraíram minha cabeça dos pensamentos que andava remoendo no último mês. De noite, recolhi-me para descansar e meus torpores, por assim dizer, se abasteceram e espelharam as grandes formas que eu havia contemplado durante o dia. Congregavam-se à minha volta a neve impecável do topo da montanha, o cume cintilante, os bosques de pinheiros e a ravina árida e irregular, a águia pairando por entre as nuvens — todos se reuniam ao meu redor e me pediam que ficasse em paz.

Para onde fugiram na manhã seguinte, quando acordei? Todo o alimento da alma se foi com o sono, e uma melancolia sombria nublou todo pensamento. A chuva caía a cântaros, e brumas densas escondiam o cume das montanhas, de modo que eu não via nem mesmo as faces daquelas poderosas amigas. Todavia, eu penetraria seu brumoso véu e procuraria por elas em seus nublados recônditos. Que eram para mim a chuva e a tormenta? Trouxeram minha mula até a porta, e decidi subir ao cume do Montanvert. Lembrei-me do efeito que a vista da imponente e sempre cambiante geleira havia produzido em minha mente quando a vi pela primeira vez. Enchera-me então de um sublime êxtase, que dera asas à minha alma e a permitira planar da escuridão do mundo para a luz e a alegria. A visão daquilo que há de mais impressionante e majestoso na natureza de fato sempre tivera o efeito de tornar minha mente solene e me fazer esquecer as passageiras preocupações da vida. Eu estava determinado a ir sem um guia, pois estava bem familiarizado com a trilha, e a presença de outra pessoa destruiria a solitária grandeza do cenário.

A subida é íngreme, mas a trilha é dividida em curvas contínuas e curtas, que permitem vencer a perpendicularidade da montanha. É um cenário incrivelmente desolado. Em milhares de pontos podem-se perceber os vestígios da avalanche de

inverno, onde árvores jazem partidas e espalhadas pelo chão, algumas inteiramente destruídas, outras vergadas, apoiadas nos ressaltos rochosos da montanha ou de través sobre outras árvores. A trilha, conforme se sobe, é cortada por ravinas de neve, pelas quais as pedras rolam continuamente vindas lá de cima; uma delas é particularmente perigosa, já que o menor som, tal como falar em voz alta, produz um deslocamento de ar suficiente para trazer destruição à cabeça do falante. Os pinheiros não são altos ou exuberantes, mas sombrios, e dão ares de severidade ao cenário. Olhei para o vale lá embaixo; vastas brumas subiam dos rios que o cortavam e se enrodilhavam em colunas densas ao redor das montanhas do outro lado, cujos cumes estavam escondidos nas nuvens uniformes, enquanto a chuva desabava do céu escuro e intensificava a impressão melancólica que eu recebia dos objetos ao meu redor. Ai de mim!, por que o homem se gaba de ter sensibilidades superiores àquelas encontradas nos brutos? Isso só torna estes seres mais necessários. Se nossos impulsos se limitassem à fome, à sede e ao desejo, seríamos praticamente livres; mas agora somos afetados por cada vento que sopra e por uma palavra ou por cenários fortuitos que essa palavra possa nos transmitir.

Repousamos; um sonho pode envenenar o sono.
Despertamos; um pensamento vadio polui o dia.
Sentimos, imaginamos, julgamos: venha riso ou choro,
Abraçamos nossos medos ou banimos a covardia;
Dá no mesmo: pois, seja alegria ou seja afã,
O caminho do adeus ainda está livre.
Nosso ontem pode nunca ser como nosso amanhã;
Mas nada além da mutabilidade sobrevive![24]

Era quase meio-dia quando alcancei o topo da subida. Por algum tempo, permaneci sentado na rocha que dá para o mar de gelo. Uma bruma cobria tanto esse ponto como as montanhas circundantes. Dentro em breve, uma brisa dissipou a nuvem, e

desci até a geleira. Sua superfície é muito desigual, subindo como as ondas de um mar agitado e descendo muito baixo, entremeada de falhas profundas. O campo de gelo tem quase cinco quilômetros de largura, mas levei quase duas horas para atravessá-lo. A montanha em frente é uma crua rocha perpendicular. A partir do lado em que agora eu estava, o Montanvert fica exatamente do lado oposto, a uma distância de cinco quilômetros, e acima dele se erguia o Mont Blanc, em sua impressionante majestade. Fiquei numa reentrância da rocha, fitando aquela cena maravilhosa e estupenda. O mar, ou melhor, o vasto rio de gelo, serpenteava por entre as montanhas contíguas, cujos cumes elevados pendiam sobre seus ressaltos. Seus picos nevados e cintilantes luziam nos raios solares acima das nuvens. Meu coração, antes pesaroso, agora transbordava de algo parecido com alegria; exclamei:

— Espíritos errantes, se de fato vagais e não descansais em vossas sepulturas exíguas, permiti a mim esta breve felicidade ou levai a mim como companheiro para longe das alegrias da vida.

Ao dizer isso, de súbito avistei o vulto de um homem, a alguma distância, avançando na minha direção com velocidade sobre-humana. Ele saltava sobre as rachaduras no gelo, entre as quais eu havia caminhado com cautela; sua estatura, conforme se aproximava, também parecia exceder a de um homem. Fiquei perturbado: uma névoa se formou diante dos meus olhos e senti uma fraqueza me arrebatar, mas fui rapidamente revigorado pelo frio zéfiro que soprava das montanhas. Percebi, à medida que o vulto chegava perto de mim (que visão medonha e abominável!), que se tratava da desgraça que eu havia criado. Tremi de fúria e horror, decidido a esperar sua chegada e então atracar-me com ele em combate mortal. Ele se aproximou; seu semblante transparecia uma angústia amarga, combinada ao desdém e à malignidade, enquanto sua feiura sobrenatural o tornava quase horrível demais para olhos humanos. Mas mal observei isso; a fúria e o ódio a princípio me dificultaram a fala, e me recobrei apenas para o cumular de palavras de furioso desgosto e desprezo.

— Diabo — exclamei —, como ousa se aproximar de mim? Não teme a feroz vingança da minha mão contra sua cabeça miserável? Fora, vil inseto! Ou melhor, fique, para que eu possa pulverizá-lo! Ah, se eu pudesse, com a extinção da sua miserável existência, recuperar as vítimas que você tão diabolicamente assassinou!

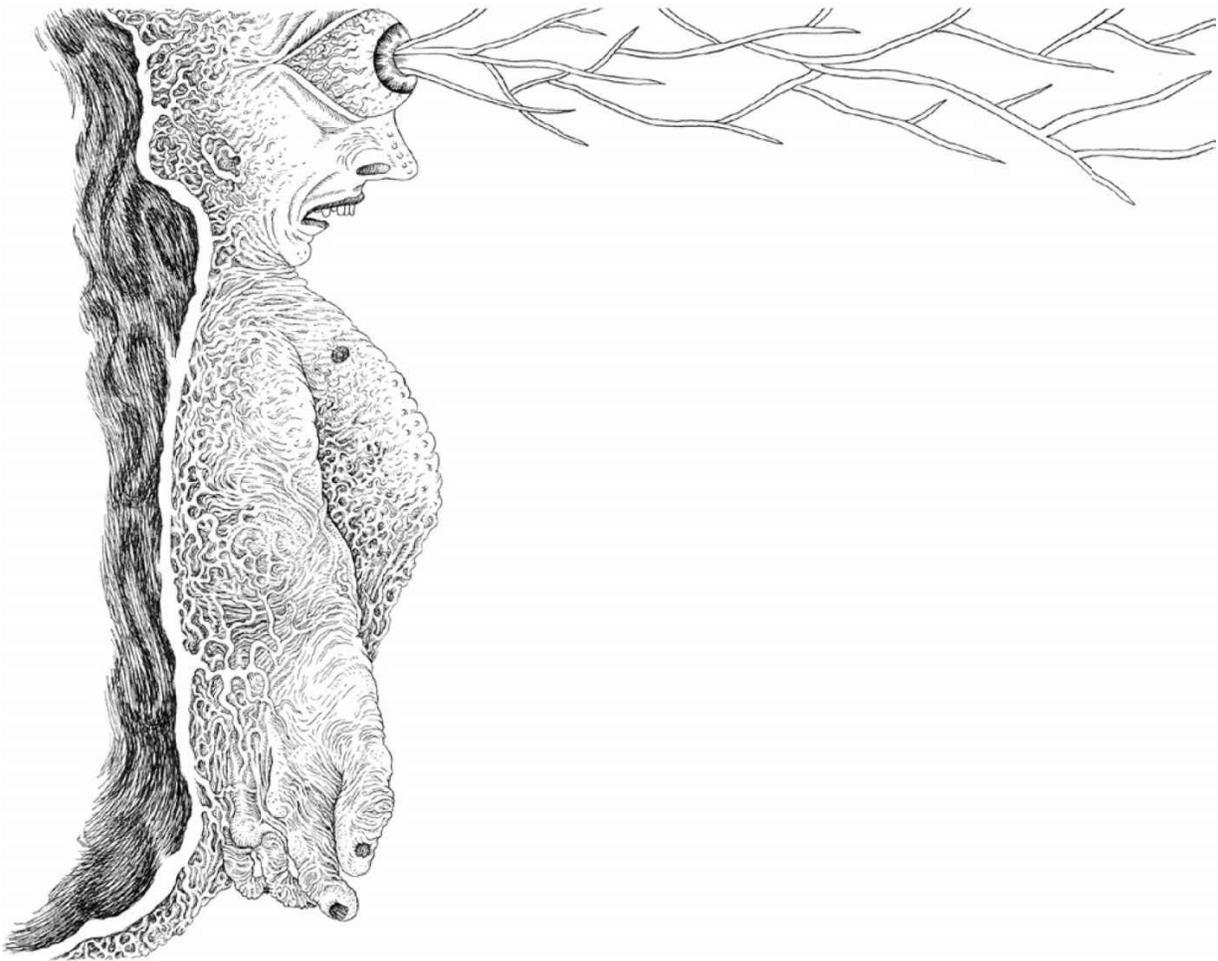
— Eu já esperava essa recepção — disse o demônio. — Os homens odeiam os desgraçados; como devo ser odiado então, eu que sou o mais miserável entre todas as criaturas vivas! Contudo você, meu criador, me detesta e me enxota, a tua criatura, a quem tu estás ligado com laços que só podem ser desfeitos por meio da aniquilação de um de nós. O seu propósito é me matar. Como ousa brincar assim com a vida? Cumpra o dever que tem para comigo, que cumprirei o meu para com você e o resto da humanidade. Se aceitar minhas condições, deixarei você e eles em paz; mas se as recusar, vou empanturrar a bocarra da morte até que se sacie com o sangue dos amigos que lhe restaram.

— Monstro abominável! Inimigo é o que tu és! As torturas do inferno são uma vingança branda demais para teus crimes. Diabo desgraçado! Você me censura por tê-lo criado; aproxime-se, então, para que eu possa extinguir a centelha que tive o descuido de lhe conferir.

Minha fúria não conhecia limites; avancei para cima dele, impelido por todos os sentimentos que podem indispor um ser contra a existência de outro.

Ele facilmente se esquivou de mim e disse:

— Acalme-se! Rogo que me ouça antes de dar vazão ao ódio que sente pela minha cabeça devota. Já não sofri o bastante para que você busque agravar minha infelicidade? A vida, embora possa ser apenas um acúmulo de angústias, me é cara, e irei defendê-la. Lembre-se, tu me fizeste mais poderoso que a ti mesmo: sou mais alto do que tu e minhas articulações são mais flexíveis. Mas não serei tentado a fazer oposição a ti. Sou tua criatura, e serei até brando e dócil com meu senhor e rei por natureza, caso tu também cumpras tua parte, a qual me deves. Oh, Frankenstein, não sejas justo com todos os outros e pisoteies

somente a mim, a quem mais deves tua justiça e até tua clemência e teu afeto. Lembra-te de que sou tua criatura; eu deveria ser teu Adão, mas sou mesmo é teu anjo caído, a quem tu desvias da alegria por nenhum malfeito. Em toda parte, vejo a bem-aventurança, da qual sou o único irrevogavelmente excluído. Fui caridoso e bondoso; a miséria fez de mim um inimigo. Faz-me feliz, e voltarei a ser virtuoso.

— Fora! Não vou ouvi-lo. Não pode haver comunhão entre nós; somos inimigos. Fora, ou partamos para medir nossa força numa luta, na qual um deve tombar.

— Como posso te comover? Nenhum apelo te faria olhar com aprovação para tua criatura, que implora por tua bondade e compaixão? Acredite em mim, Frankenstein: eu era benevolente;

minha alma brilhava de amor e humanidade. Mas não estou sozinho, miseravelmente sozinho? Você, meu criador, me abomina; que esperança posso ter nos teus semelhantes, que nada me devem? Eles me enxotam e me odeiam. As montanhas desertas e as geleiras temíveis são meu refúgio. Aqui vaguei por muitos dias; as cavernas de gelo, que só eu não temo, me servem de morada, a única que os homens não invejam. Esse céu soturno eu saúdo, pois é mais gentil comigo do que os teus iguais. Se a humanidade soubesse da minha existência, faria como você e se armaria para me destruir. Não deveria eu então odiar aqueles que me abominam? Não farei concessões a meus inimigos. Sou miserável, e eles hão de compartilhar a minha desgraça. Contudo, está em seu poder me recompensar e livrá-los de um mal que só resta a você tornar tão grande que, não só você e sua família, mas milhares de outros serão engolidos nos turbilhões de minha fúria. Permita que sua compaixão seja tocada, e não desdenhe de mim. Ouça minha história: quando a tiver ouvido, abandone-me ou se apiede de mim, tal como julgar que eu mereço. Mas me ouça. Aos culpados é permitido, pelas leis humanas, por mais sanguinárias que sejam, defender-se com as próprias palavras antes de serem condenados. Ouça-me, Frankenstein. Você me acusa de assassinato; e contudo, com consciência limpa, você destruiria sua própria criatura. Oh, que a eterna justiça dos homens seja louvada! Contudo, não lhe peço que me poupe: ouça o que tenho a dizer e então, se puderes, e se quiser, destrua o trabalho de suas próprias mãos.

— Por que me traz à memória — repliquei — circunstâncias cuja lembrança me faz arrepiar e das quais fui o miserável princípio e autor? Amaldiçoado seja o dia, diabo abominável, em que você viu a luz pela primeira vez! Amaldiçoadas sejam as mãos que lhe deram forma (embora eu amaldiçoe a mim mesmo)! Você me desgraçou indizivelmente. Não me deixou possibilidade para considerar se sou ou não justo com você. Fora! Poupe-me da visão de sua forma detestável.

— Assim te poupo, meu criador — disse ele, e pôs suas mãos odiosas diante dos meus olhos, as quais afastei com violência. —

Assim tiro de ti uma visão que abominas. Todavia, ainda podes me ouvir e oferecer tua compaixão. Pelas virtudes que uma vez possuí, exijo-lhe isso. Ouça minha história; é longa e estranha, e a temperatura deste lugar não é apropriada para seus sentidos refinados; vamos até o casebre em cima da montanha. O sol ainda está alto no céu; antes que se ponha para se esconder atrás dos precipícios nevados e ilumine outro mundo, você terá ouvido minha história e poderá decidir. Depende de você se abandonarei para todo o sempre a companhia dos homens e levarei uma vida inofensiva, ou se me tornarei o carrasco dos seus semelhantes e o autor de sua própria e rápida ruína.

Após dizer aquilo, ele liderou caminho sobre o gelo; eu o segui. Meu coração estava pesado, e não respondi a ele; mas, conforme prosseguia, ponderei os vários argumentos que ele usara e resolvi ao menos ouvir sua história. Fui movido parcialmente pela curiosidade, e a compaixão confirmou minha resolução. Até então, eu o supusera o assassino de meu irmão e buscara sofregamente a confirmação ou negação dessa tese. Pela primeira vez, também, senti quais eram os deveres de um criador para com sua criatura e que eu deveria tê-lo feito feliz antes de reclamar de sua perversidade. Esses motivos me instaram a atender o seu pedido. Cruzamos o gelo, portanto, e subimos a rocha do outro lado. O ar estava frio, e a chuva voltou a cair: entramos no casebre, o inimigo com ares de exultação, eu com o coração pesado e o ânimo deprimido. Mas consenti em ouvi-lo e, quando sentei-me ao lado da fogueira que meu odioso companheiro acendera, ele assim começou sua história.

---

24 “Mutability”, de P.B. Shelley. [N. da *A*.]

CAPÍTULO XI

É COM CONSIDERÁVEL dificuldade que me lembro da era original da minha existência: todos os eventos daquele período me parecem confusos e indistintos. Uma estranha multiplicidade de sensações me arrebatou, e vi, senti, ouvi e cheirei ao mesmo tempo; levei, de fato, longo tempo até aprender a distinguir o funcionamento dos meus vários sentidos. Aos poucos, lembro-me, uma luz mais forte oprimiu meus nervos, de modo que fui obrigado a cerrar os olhos.
A escuridão então recaiu sobre mim e me perturbou; porém, mal senti isso e, ao abrir os olhos, como agora suponho que fiz, a luz de novo se derramou sobre mim. Saí andando e, conforme acredito, desci escadas, mas dentro em breve descobri uma grande alteração em minhas sensações. Antes, corpos escuros e opacos tinham me circundado, insensíveis ao meu toque ou à minha visão, mas agora percebi que podia vagar com liberdade, sem obstáculos que não pudesse vencer ou evitar. A luz se tornou mais e mais opressiva para mim e, com o calor me cansando enquanto andava, busquei um lugar onde pudesse ficar à sombra. Era a floresta perto de Ingolstadt, e ali me deitei ao lado de um regato para me recuperar da fadiga, até que me senti atormentado pela fome e pela sede. Aquilo me despertou de meu estado quase dormente, e comi algumas frutas silvestres que encontrei penduradas nas árvores ou caídas no chão. Saciei minha sede no regato, e então, ao me deitar, fui vencido pelo sono.

Estava escuro quando acordei; também senti frio, e algo como um temor, como que instintivo, por me ver tão

desolado. Antes de sair do seu apartamento, com uma sensação de frio, eu me cobri com algumas roupas, mas eram insuficientes para me proteger do orvalho da noite. Eu era uma pobre, indefesa e miserável desgraça; não sabia nada, e nada conseguia distinguir; mas, sentindo a dor me invadir por todos os lados, sentei-me e chorei.

Logo uma luz suave dominou os céus e me deu uma sensação de prazer. Levantei-me num salto e observei uma forma radiante se erguer por entre as árvores. Contemplei aquilo com uma espécie de encanto. Movia-se devagar, mas iluminava meu caminho; e de novo saí à procura de frutas. Ainda sentia frio, quando embaixo de uma árvore encontrei uma capa enorme, com a qual me cobri, sentando-me no chão. Nenhuma ideia discernível ocupava minha mente; tudo era confuso. Eu sentia a luz, e fome, e sede, e escuridão; incontáveis sons ressoavam nos meus ouvidos, e vários odores me saudavam por todos os lados: o único objeto que consegui distinguir foi a lua brilhante, e nela fixei meus olhos com prazer.

Aconteceram várias mudanças de dia e de noite, e o orbe da noite havia diminuído enormemente, quando comecei a distinguir minhas sensações umas das outras. Aos poucos, vi com clareza a límpida correnteza que me dava de beber e as árvores que me ensombravam com sua folhagem. Fiquei encantado ao descobrir que um som aprazível, que com frequência me saudava os ouvidos, vinha da garganta dos pequenos animais alados que com frequência interceptavam a luz dos meus olhos. Também comecei a observar com mais precisão as formas que me circundavam e a perceber os limites do radiante teto de luz que me abrigava. Às vezes, eu tentava imitar as aprazíveis canções dos pássaros, mas não conseguia. Em outras ocasiões, desejava expressar minhas sensações à minha própria maneira, mas os sons grosseiros e inarticulados que saíam de mim me induziam de novo ao silêncio.

A lua havia desaparecido da noite e de novo, com uma forma apequenada, se mostrara enquanto eu ainda estava na floresta. Minhas sensações, desta vez, tinham se tornado distintas, e minha mente recebia novas ideias todos os dias. Meus olhos se acostumaram à luz e a perceber os objetos em suas formas corretas; eu distinguia o inseto da planta e, aos poucos, uma planta da outra. Descobri que o pardal só fazia emitir notas agudas, enquanto as do melro e do tordo eram doces e envolventes.

Um dia, quando estava oprimido pelo frio, encontrei uma fogueira que tinha sido abandonada por alguns vagabundos errantes e fui tomado por encanto ao sentir aquele calor. Em minha alegria, meti a mão nas brasas acesas, mas rapidamente a recolhi com um grito de dor. Que estranho, pensei, que a mesma causa pudesse produzir efeitos tão opostos! Examinei os materiais do fogo e, para a minha alegria, descobri ser composto de madeira. Rapidamente colhi alguns gravetos, mas estavam molhados e não queriam queimar. Aquilo me afligiu, e fiquei sentado observando o funcionamento do fogo. A madeira molhada que eu tinha posto perto do calor secara e se inflamara. Refleti sobre isso; e, tocando os vários gravetos, descobri a causa daquilo e tratei de coletar uma grande quantidade de lenha, de modo que pudesse secá-la e ter uma abundância de material para a fogueira. Quando a noite chegou e trouxe o sono consigo, eu estava no maior medo de que meu fogo se apagasse. Cobri-o cuidadosamente com madeira e folhas secas e depois com gravetos úmidos; e então, estendendo a capa, me deitei no chão e caí no sono.

Era de manhã quando acordei, e minha primeira preocupação foi verificar o fogo. Tirei a cobertura, e uma brisa gentil rapidamente reacendeu as chamas. Também observei aquilo e produzi um abano feito de gravetos, que avivavam as brasas quando estavam perto de se extinguir. Quando de novo a noite chegou, descobri, para meu prazer, que o fogo fornecia luz bem como calor, e que a descoberta

desse elemento seria útil para minha alimentação, pois percebi que os viajantes tinham deixado algumas vísceras assadas muito mais saborosas que as frutas que eu colhia das árvores. Tentei, portanto, temperar minha comida da mesma maneira, pondo-a sobre as brasas acesas. Descobri que as frutas eram destruídas com essa operação, mas as nozes e raízes melhoravam muito.

O alimento, no entanto, se tornou escasso; e com frequência eu passava um dia inteiro procurando em vão por umas nozes para amenizar as pontadas de fome. Quando descobri isso, decidi abandonar o lugar que até então habitara para buscar um onde as poucas necessidades que eu experimentara fossem satisfeitas com mais facilidade. Nessa migração, lamentei excessivamente a perda do fogo que eu obtivera por acidente e não sabia reproduzir. Dediquei várias horas à séria consideração dessa dificuldade, mas fui obrigado a desistir de qualquer tentativa de resolvê-la e, envolvendo-me em minha capa, transpus a floresta em direção ao sol poente. Passei três dias nessas perambulações, e por fim descobri uma clareira. Uma grande quantidade de neve havia caído de noite, e os campos eram de uma brancura uniforme; o aspecto era desconsolador, e senti os pés gelados pela substância fria e úmida que cobria o chão.

Eram cerca de sete da manhã, e eu ansiava por obter alimento e abrigo; por fim avistei um pequeno casebre, num terreno elevado, que sem dúvida fora construído para a conveniência de algum pastor de animais. Aquela, para mim, era uma visão nova, e examinei a construção com grande curiosidade. Ao encontrar a porta aberta, entrei. Lá dentro, havia um homem sentado perto de uma fogueira na qual preparava seu desjejum. Ele se voltou quando ouviu o barulho e, ao notar minha presença, deu um berro alto e, fugindo do casebre, correu pelos campos a uma velocidade que sua compleição debilitada dificilmente parecia admitir. Sua aparência, diferente de tudo o que eu já vira, e sua fuga

me surpreenderam um pouco. Mas fiquei fascinado com o aspecto do casebre: ali, neve e chuva não conseguiam penetrar, o chão era seco; o lugar se apresentava a mim como um retiro tão singular e divino quanto o Pandemônio deve ter parecido aos demônios do inferno depois de sofrerem no lago de fogo.[25] Devorei avidamente o resto do desjejum do pastor, que consistia de pão, queijo, leite e vinho; deste último, no entanto, não gostei. Então, tomado pela fadiga, me deitei sobre um pouco de palha e adormeci.

Era meio-dia quando acordei; atraído pelo calor do sol, que luzia claro no chão branco, decidi recomeçar minhas viagens e, depositando o resto do desjejum do camponês num alforje que encontrei, prossegui atravessando os campos por várias horas, até que ao pôr do sol cheguei a uma aldeia. Como aquilo me pareceu milagroso! Os casebres, as cabanas mais ajeitadas e as casas pomposas se revezaram absorvendo minha admiração. Os legumes nos jardins, o leite e o queijo que vi dispostos nas janelas de algumas das cabanas atraíram meu apetite. Entrei numa das mais belas que havia; porém, mal tinha eu cruzado a porta quando as crianças deram gritinhos esganiçados e uma das mulheres desmaiou. A aldeia inteira ficou alvoroçada; alguns fugiram, outros me atacaram, até que, gravemente ferido por pedras e muitos outros tipos de projéteis, escapei para o campo aberto, com medo, e encontrei refúgio numa choça baixa, quase vazia e causando má impressão depois dos palácios que eu vira na aldeia. Essa choça, no entanto, fazia limite com uma cabana de aparência asseada e aprazível, mas após pagar caro por minha última experiência, não ousei entrar. Meu local de refúgio era feito de madeira, mas tão baixo que só com dificuldade eu conseguia sentar ereto dentro dele. Não havia madeira alguma sobre a terra que servia de chão, mas o piso estava seco e, embora o vento entrasse por inúmeras frestas, achei-o um agradável abrigo da neve e da chuva.

Ali me retirei e me deitei feliz por ter encontrado um teto, por mais miserável que fosse, contra o tempo inclemente e, acima de tudo, contra a barbaridade dos homens.

Tão logo o dia raiou, saí da minha toca para tentar ver a cabana adjacente e descobrir se poderia permanecer na habitação que encontrara. Esta se situava nos fundos da cabana, circundada por uma pocilga e um lago de água limpa nos lados que ficavam expostos. Uma parte estava aberta, e por ali eu me esgueirara, mas então cobri com pedras e madeira cada rachadura através da qual pudessem me ver, ainda que de modo que pudesse movê-las para sair: toda a luz que eu desfrutava passava pela pocilga, e isso me bastava.

Tendo assim arrumado minha morada e a forrado com palha limpa, me recolhi, pois eu tinha visto o vulto de um homem a alguma distância, e me lembrava bem demais do

tratamento que recebera na noite anterior para me confiar ao poder dele. Primeiro, no entanto, eu garantira a minha subsistência naquele dia, com uma fatia de pão duro que pilhei e um copo, mais conveniente que minha mão, com o qual poderia beber a água pura que corria perto do meu retiro.
O piso era um tanto elevado, de modo que se mantinha perfeitamente seco, e devido à proximidade da chaminé da cabana era toleravelmente aquecido.

Assim guarnecido, decidi residir nessa choça até que acontecesse algo que mudasse a minha resolução. Era, de fato, um paraíso comparado com a floresta soturna, minha antiga residência, com seus galhos pesados de chuva e a terra úmida. Tomava meu desjejum com prazer, e estava prestes a retirar uma tábua para ir buscar um pouco de água quando ouvi passos e, olhando através de uma pequena fresta, avistei uma jovem criatura com um balde na cabeça passando diante da minha choça. A garota era jovem e de aparência delicada, diferente do que eu tinha visto antes nas campônias e criadas de fazenda. Contudo, ela estava malvestida, tendo por única vestimenta uma grosseira anágua azul e um casaco de linho; seu cabelo claro estava trançado, mas não enfeitado; ela parecia paciente, porém triste. Perdi-a de vista; dentro de cerca de quinze minutos ela voltou, carregando o balde, que estava agora parcialmente cheio de leite. Enquanto ela caminhava, aparentemente imperturbada por aquele fardo, encontrou um jovem cujo semblante expressava um desânimo mais profundo. Depois de proferir alguns sons com ares melancólicos, ele pegou o balde da cabeça dela e o carregou consigo até a cabana. Ela o seguiu, e os dois desapareceram. Dentro em breve vi o jovem de novo, com algumas ferramentas na mão, atravessando o campo atrás da cabana; a garota também estava ocupada, ora na casa, ora no quintal.

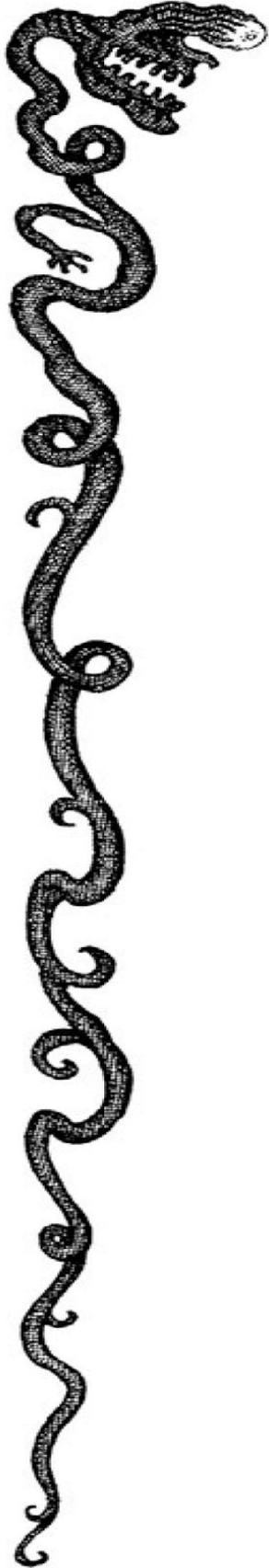
Ao examinar minha morada, descobri que uma das janelas da cabana tinha antes ocupado uma parte dela, mas as vidraças foram preenchidas com madeira. Numa delas havia uma fresta pequena e quase imperceptível, pela qual se podia enxergar. Através dessa rachadura, vi um quarto pequeno, caiado e limpo, mas bastante desprovido de mobília. A um canto, perto de uma pequena lareira, estava sentado um velho, com a cabeça apoiada nas mãos em

atitude desconsolada. A jovem estava ocupada em arrumar a cabana, mas logo tirou algo de uma gaveta, que lhe encheu as mãos, e se sentou ao lado do velho, que, pegando um instrumento, começou a tocar e a produzir sons mais doces que a voz do tordo ou do rouxinol. Foi uma visão adorável, até mesmo para mim, pobre desgraçado que jamais vira algo tão belo! O cabelo grisalho e semblante benevolente do campônio de idade ganharam a minha reverência, enquanto os modos gentis da garota cativaram meu amor. Ele tocava uma melodia doce e lamentosa que, segundo notei, arrancou lágrimas dos olhos de sua amável companheira, algo que o velho não percebeu até ela começar a soluçar audivelmente; ele então pronunciou alguns sons e a bela criatura, abandonando o trabalho, ajoelhou-se aos seus pés. Ele a ajudou a se levantar e sorriu com tamanha bondade e afeto que experimentei sensações de natureza peculiar e sobrepujante: eram uma mistura de dor e prazer tal como jamais havia vivenciado, nem de fome ou frio, nem de calor ou saciedade; e afastei-me da janela, incapaz de suportar aquelas emoções.

Logo depois disso o jovem voltou, carregando nos ombros uma leva de madeira. A garota o encontrou à porta, ajudou-o a descarregar o fardo e, levando um pouco do combustível para a cabana, o colocou na lareira; então ela e o jovem foram juntos para um cantinho da cabana, onde ele mostrou a ela uma grande fatia de pão e um pedaço de queijo. Ela pareceu satisfeita e foi até a horta buscar raízes e plantas, as quais pôs na água e depois sobre o fogo. Em seguida, continuou seus afazeres enquanto o jovem ia até a horta, onde ficou totalmente absorto em cavar e desenterrar raízes. Após ele ter trabalhado assim por cerca de uma hora, a jovem se uniu a ele, e os dois entraram juntos na cabana.

O velho, naquele meio-tempo, tinha ficado pensativo, mas com o surgimento dos dois companheiros, assumiu ares mais alegres, e os três se sentaram para comer. A refeição foi rapidamente realizada. A jovem voltou a arrumar a cabana e

o velho caminhou ao sol diante do chalé por uns minutos, apoiado no braço do jovem. Nada superaria em beleza o contraste entre aquelas duas excelentes criaturas. Um era velho, com cabelos grisalhos e um semblante que irradiava caridade e amor; o mais jovem tinha uma figura esguia e graciosa, e seus traços eram moldados com a mais bela simetria; contudo, seus olhos e sua atitude expressavam uma tristeza e um desânimo completos. O velho voltou para a cabana, e o jovem, com ferramentas diferentes daquelas que havia usado de manhã, voltou seus passos na direção dos campos.

A noite caiu rapidamente, mas para a minha extrema surpresa, descobri que os campônios conheciam um meio de prolongar a luz com o uso de velas e fiquei encantado ao descobrir que o pôr do sol não significava o fim do prazer que eu experimentava observando meus vizinhos humanos. De noite, a jovem e seu companheiro se ocuparam em várias atividades que eu não compreendia e o velho mais uma vez pegou o instrumento que produzia os sons divinos que haviam me fascinado de manhã. Tão logo ele terminou, o jovem começou não a tocar, mas a emitir sons monótonos, que não lembravam nem a harmonia do instrumento do velho nem o canto dos pássaros: depois descobri que ele estava lendo em voz alta, mas naquele momento eu não sabia nada sobre a ciência das palavras e letras.

A família, tendo assim se ocupado por breve tempo, apagou as luzes e se recolheu, como imaginei, para dormir.

---

25 Referência ao verso 670 do Livro I do poema *Paraíso perdido*.

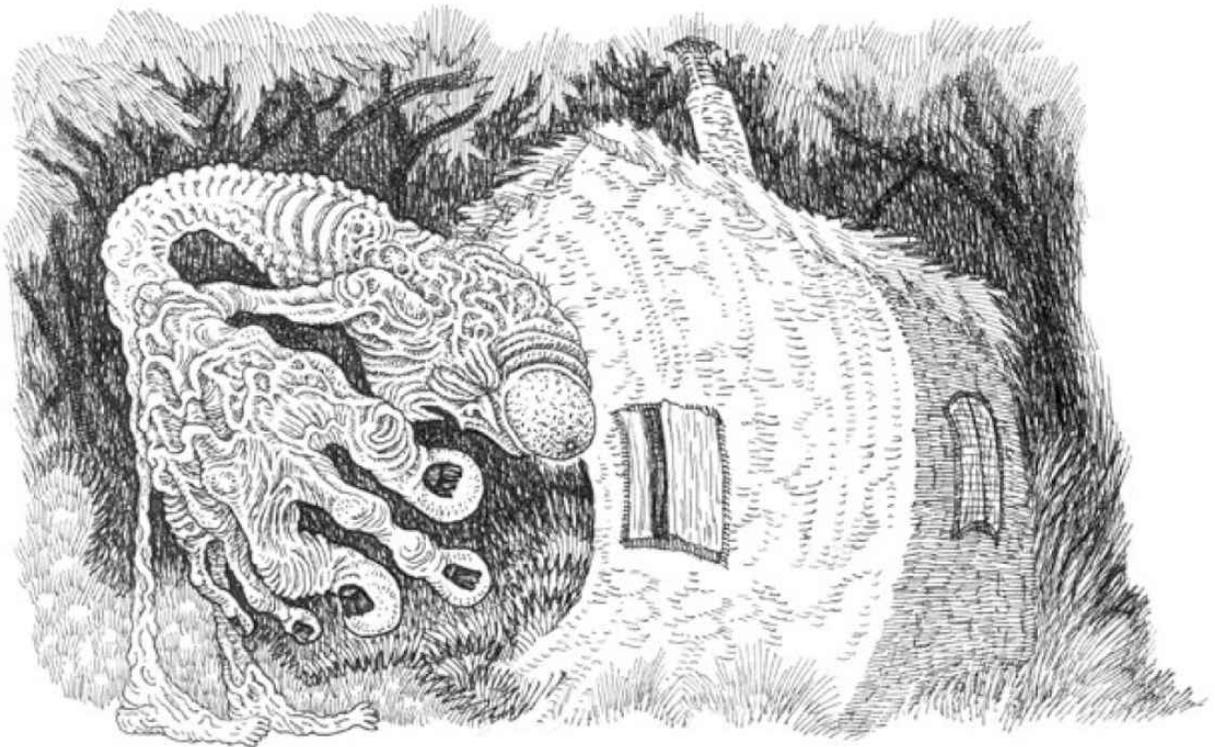
CAPÍTULO XII

DEITEI-ME NA PALHA, mas não consegui dormir. Pensava nos ocorridos do dia. O que mais me impressionava eram os modos gentis daquela gente; eu ansiava por me unir a eles, mas não ousava. Lembrava-me muito bem do tratamento que eu sofrera dos bárbaros aldeões na noite anterior e decidi que, qualquer que fosse a linha de conduta que julgasse correto seguir a partir de então, por ora continuaria na surdina em minha choça, observando e tentando descobrir o que influenciava os atos deles.

Os campônios acordaram antes do sol na manhã seguinte. A jovem arrumou a cabana e preparou a comida, e o jovem partiu após a primeira refeição.

Esse dia se passou com a mesma rotina do anterior. O jovem permaneceu constantemente ocupado lá fora, e a garota em várias atividades laboriosas ali dentro.
O velho, que logo percebi ser cego, empregava suas horas de lazer com seu instrumento ou em contemplação. Nada era capaz de superar o amor e o respeito que os jovens campônios exibiam diante do venerável companheiro. Desempenhavam com gentileza cada pequena demonstração de afeto e dever, e ele os recompensava com seus sorrisos benevolentes.

Não eram inteiramente felizes. O jovem e sua companheira com frequência se isolavam e pareciam chorar. Eu não via motivo para sua infelicidade, mas era profundamente afetado por ela. Se criaturas tão amáveis eram infelizes, não era estranho que eu, um ser imperfeito e solitário, fosse um desgraçado. Contudo, por que aqueles

seres gentis eram tão tristes? Possuíam uma casa encantadora (pois assim o era aos meus olhos) e todo o conforto; tinham fogo para aquecê-los no frio e deliciosas provisões na fome; vestiam roupas excelentes; e, acima de tudo, apreciavam a companhia e a conversa um do outro, trocando todos os dias olhares cheios de afeto e bondade. O que significavam suas lágrimas? De fato expressavam dor? A princípio, não consegui responder a essas perguntas, mas a atenção constante e o tempo me explicaram muitas coisas que a princípio me pareceram enigmáticas.

Um considerável período transcorreu até que eu descobrisse uma das causas da inquietação daquela amável família: era a pobreza, e eles sofriam desse mal em grande e perturbadora medida. Seu sustento consistia inteiramente dos legumes da horta e do leite de uma única vaca, que o produzia muito pouco durante o inverno, quando seus donos dificilmente tinham comida bastante para alimentá-

la. Com frequência, acredito eu, padeciam com as pontadas da fome, em especial os dois campônios mais jovens, pois várias vezes punham comida diante do velho, mesmo não tendo reservado nada para si.

Esse traço de bondade me comoveu sensivelmente. Eu tinha me acostumado a roubar de noite uma parte da provisão deles para meu próprio consumo, mas quando entendi que ao fazer isso infligia dor aos campônios, parei de vez e me contentava com frutas silvestres, nozes e raízes que colhia de um bosque vizinho.

Descobri também outro meio pelo qual podia ajudá-los na labuta. Percebi que o jovem passava grande parte do dia coletando madeira para a fogueira da família e, durante a noite, com frequência eu pegava suas ferramentas, cuja utilidade rapidamente descobri, e levava para a cabana lenha suficiente para vários dias.

Lembro que, na primeira vez que fiz isso, a jovem, ao abrir a porta de manhã, pareceu enormemente aturdida quando viu uma grande pilha de lenha do lado de fora. Proferiu algumas palavras em voz alta, e o jovem se juntou a ela, também manifestando surpresa. Observei, com prazer, que naquele dia ele não foi à floresta, mas o passou consertando a cabana e cultivando a horta.

Aos poucos fiz uma descoberta de ainda maior importância. Percebi que aquela gente possuía um método para comunicar suas experiências e sentimentos um ao outro por meio de sons articulados. Notei que as palavras que às vezes falavam causavam prazer ou dor, sorrisos ou tristeza, na mente e no semblante dos ouvintes. Essa era sem dúvida uma ciência divina, e desejei ardentemente me familiarizar com ela. Mas fui frustrado em cada tentativa que fiz para tanto. Eles falavam depressa, e como as palavras que proferiam não tinham nenhuma conexão aparente com objetos visíveis, eu não conseguia descobrir nenhuma pista que me permitisse desvelar o mistério de suas referências. Com grande dedicação, no entanto, e após ter permanecido

em minha choça pelo período de várias voltas da lua, descobri os nomes que davam a alguns dos objetos mais familiares da fala e aprendi e empreguei as palavras "fogo", "leite", "pão" e "madeira". Aprendi também os nomes dos próprios camponios. A jovem e o companheiro tinham vários nomes, mas o velho tinha apenas um, que era "pai". A garota era chamada de "irmã" ou "Agatha" e o jovem de "Felix", "irmão" ou "filho". Não consigo descrever o encanto que senti ao aprender as ideias associadas a cada um desses sons e ser capaz de pronunciá-los. Discerni várias outras palavras, mesmo sem ser ainda capaz de compreendê-las ou empregá-las, tais como "bom", "querido", "infeliz".

Passei o inverno dessa maneira. Os modos gentis e a beleza dos campônios muito faziam para torná-los caros a mim: quando estavam infelizes, eu me sentia deprimido, quando se felicitavam, eu partilhava de suas alegrias. Eu via poucos seres humanos além deles; e se algum outro calhasse de entrar na cabana, seus modos grosseiros e porte rude apenas reforçavam as façanhas superiores dos meus amigos. O velho, percebi, com frequência tentava incentivar as crianças, como às vezes eu o ouvia chamá-los, a se livrar da melancolia. Ele falava num tom alegre, com uma expressão de bondade que conferia prazer até mesmo a mim. Agatha ouvia respeitosa, com os olhos às vezes cheios de lágrimas, que ela tratava de enxugar despercebida; mas em geral eu achava que seu semblante e tom de voz ficavam mais alegres após ouvir os incentivos do pai. O mesmo não se dava com Felix. Ele era sempre o mais triste do grupo e, até mesmo para meus sentidos incultos, parecia ter sofrido muito mais do que os amigos. Mas se seu semblante era mais pesaroso, sua voz era mais alegre que a da irmã, em especial quando se dirigia ao velho.

Eu poderia mencionar incontáveis circunstâncias que, embora sutis, caracterizavam o temperamento desses amáveis campônios. No meio da pobreza e da necessidade,

Felix levava com prazer à irmã a primeira florzinha branca que despontava do solo nevado. De manhã cedo, antes de ela acordar, ele limpava a neve que obstruía o caminho dela até a casa de ordenha, tirava água do poço e trazia a lenha do galpão, onde, para seu perpétuo assombro, encontrava suas provisões sempre reabastecidas por uma mão invisível. Durante o dia, acredito, ele trabalhava às vezes para um fazendeiro vizinho, pois com frequência saía e não voltava até o jantar, porém não trazia lenha consigo. Em outras ocasiões, ele trabalhava na horta, mas como havia pouca coisa a fazer na estação gelada, lia para o velho e para Agatha.

Essa tal leitura, no começo, me intrigava ao extremo; mas aos poucos descobri que, quando ele lia, emitia muitos dos mesmos sons de quando falava. Imaginei, portanto, que no papel ele encontrava sinais de fala que ele compreendia, e ansiei ardentemente por compreendê-los também; mas como seria possível, quando eu nem mesmo entendia os sons dos quais eles eram símbolos? Melhorei consideravelmente nessa ciência, mas não o suficiente para acompanhar qualquer tipo de conversa, embora dedicasse todo o meu espírito ao esforço. Logo percebi que, embora ansiasse sofregamente por me apresentar aos campônios, não deveria me pôr à prova antes de dominar a linguagem deles — conhecimento esse que poderia me dar a chance de fazê-los relevar a deformidade de minha figura; pois também com isso o contraste eternamente apresentado aos meus olhos me familiarizara.

Eu tinha admirado as formas perfeitas dos meus campônios — sua graça, beleza e feições delicadas, mas como fiquei apavorado quando me vi numa poça de água! A princípio, pulei para trás, incapaz de acreditar que era eu refletido no espelho, mas quando me convenci plenamente de que de fato eu era o monstro que sou, fui invadido pelas mais amargas sensações de desânimo e mortificação. Ai de

mim!, eu ainda não conhecia nem a metade dos efeitos fatais dessa miserável deformidade.

Conforme o sol ficava mais quente e a luz do dia, mais duradoura, a neve sumiu, e contemplei as árvores desfolhadas e a terra preta. A partir dessa época, Felix ficou mais ocupado, e os comoventes indícios da fome iminente desapareceram. O alimento deles, como mais tarde percebi, era grosseiro, mas saudável, e eles conseguiam o suficiente. Na horta, brotaram várias espécies novas de vegetais que eles passaram a cozinhar; e esses sinais de conforto aumentavam dia a dia conforme a estação avançava.

O velho, amparado pelo filho, sempre caminhava ao meio-dia, quando não chovia, como depois descobri se chamar quando os céus derramavam suas águas. Isso acontecia com frequência; mas um vento forte rapidamente secava a terra, e a estação se tornava muito mais aprazível do que antes.

Meu modo de vida na choça seguia uma rotina. Durante a manhã, eu acompanhava os movimentos dos campônios e, quando eles se dispersavam em várias ocupações, eu dormia. O resto do dia, eu passava observando meus amigos. Quando se recolhiam para descansar, se houvesse lua ou a noite estivesse estrelada, eu ia até o bosque e coletava meu próprio alimento e combustível para a cabana. Quando voltava, sempre que necessário, limpava o caminho da neve e realizava as tarefas que vira Felix fazer. Depois percebi que essa labuta, desempenhada por uma mão invisível, deixava-os enormemente espantados e, uma ou duas vezes, ouvi-os proferir as palavras "espírito bom" e "maravilhoso", mas na época não compreendi o significado dos termos.

Meus pensamentos agora tinham se tornado mais ativos, e eu ansiava por descobrir os motivos e sentimentos daquelas adoráveis criaturas; perguntava-me por que Felix parecia tão miserável e Agatha, tão triste. Pensava (tolo desgraçado!) que poderia estar em meu poder restituir a felicidade àquelas pessoas merecedoras. Quando dormia ou

me ausentava, as formas do venerável pai cego, da gentil Agatha e do admirável Felix pairavam diante de mim. Olhava para eles como seres superiores, que seriam os juízes do meu destino. Formava na minha imaginação milhares de imagens do momento em que me apresentaria a eles e de como me receberiam. Imaginava que ficariam enojados, até que, por meio de meu comportamento gentil e palavras conciliatórias, eu ganhasse sua simpatia e depois, seu amor.

Esses pensamentos me inebriavam e me levavam a me dedicar com ardor renovado ao aprendizado da arte da linguagem. Meus órgãos, de fato, eram grosseiros, mas maleáveis; e embora minha voz fosse muito diferente da música suave dos tons deles, eu pronunciava as palavras que compreendia com tolerável facilidade. Era como na fábula do asno e do cachorrinho, certamente o gentil asno, cujas intenções eram afetuosas, embora seus modos fossem rudes, merecia melhor tratamento do que golpes e maus-tratos.[26]

As chuvas aprazíveis e a simpática quentura da primavera alteraram enormemente o aspecto da terra. Os homens, que antes dessa mudança pareciam estar escondidos em cavernas, dispersaram-se por toda a região, empenhados em variadas artes de cultivo. Os pássaros cantavam em tons mais alegres, e as folhas começaram a despontar nas árvores. Feliz, feliz terra!, habitação adequada aos deuses que, tão pouco tempo antes, se achava soturna, úmida e insalubre. Meu ânimo se elevou com a fascinante aparência da natureza; o passado foi apagado da minha memória, o presente era calmo e o futuro, dourado pelos brilhantes raios da esperança e a expectativa da alegria.

26 Trata-se da quinta das *Fábulas* de LaFontaine, livro IV, em que o asno tenta bajular o dono tal como o faz o cachorrinho, e acaba apanhando por isso.

CAPÍTULO XIII

APRESSO-ME AGORA para a parte mais comovente da minha história. Vou relatar eventos que me impressionaram com sentimentos que, daquilo que eu antes fora, me fizeram o que agora sou.

A primavera avançou rapidamente; o tempo ficou bom, e os céus, desanuviados. Para mim foi uma surpresa que aquilo que antes era deserto e sombrio agora vicejasse com as mais belas flores e folhagens. Meus sentidos foram recompensados e revigorados por milhares de perfumes encantadores e milhares de visões bonitas.

Foi em um desses dias em que meus camponios descansavam periodicamente da labuta — o velho tocava seu violão e as crianças o ouviam — que observei no semblante de Felix uma melancolia indizível; ele suspirava com frequência e, em dado momento, seu pai parou a música e, pelos seus modos, imaginei que perguntava ao filho a causa de seu sofrimento. Felix respondeu em tom alegre, e o velho ia recomeçar a música, quando alguém bateu à porta.

Era uma dama a cavalo, guiada por um homem do campo. A dama vestia um traje escuro e estava coberta por um pesado véu preto. Agatha lhe fez uma pergunta, e a estranha apenas respondeu pronunciando, em tom doce, o nome de Felix. A voz dela era musical, mas diferente daquela dos meus amigos. Ao ouvir seu nome, Felix aproximou-se às pressas da dama, que, ao vê-lo, levantou o véu; comtemplei um semblante de beleza e expressão angelicais. Seu cabelo, de um preto lustroso como um corvo, estava curiosamente trançado, os olhos eram escuros mas gentis e vivazes, seus

traços, proporcionais, e sua tez, maravilhosamente bela, cada face tingida de uma adorável cor-de-rosa.

Felix pareceu pasmo de encanto quando a viu, cada traço de sofrimento sumiu de seu rosto, que instantaneamente expressou um grau de extasiante alegria, da qual eu mal podia acreditá-lo capaz; seus olhos cintilaram tanto quanto suas bochechas coraram de prazer; naquele momento achei-o tão bonito quanto a estranha. Ela parecia estar afetada por sentimentos diferentes; enxugando algumas lágrimas dos olhos adoráveis, estendeu a mão para Felix, que a beijou arrebatadamente e chamou-a, pelo que pude distinguir, de sua doce árabe. Ela não pareceu compreendê-lo, mas sorriu. Ele a ajudou a desmontar e, dispensando o guia, conduziu-a à cabana. Seguiu-se uma conversa entre ele e o pai, e a jovem estranha ajoelhou-se aos pés do velho e teria lhe beijado a mão, mas ele a fez se levantar e a abraçou afetuosamente.

Logo notei que, embora a estranha emitisse sons articulados e parecesse ter uma linguagem própria, não era entendida pelos campônios nem os entendia. Eles faziam muitos sinais que eu não compreendia; mas vi que a presença dela difundiu contentamento por toda a cabana, dissipando o sofrimento deles assim como o sol dissipa as névoas da manhã. Felix parecia particularmente feliz e acolheu sua árabe com sorrisos encantados. Agatha, a

sempre gentil Agatha, beijou as mãos da adorável estranha e, apontando para o irmão, fez sinais que me pareceram significar que ele estivera triste até que ela chegasse. Assim se passaram algumas horas, enquanto eles, a julgar pelos semblantes, expressavam uma alegria cuja causa eu não compreendia. Dentro em breve percebi, pela frequência com que a estranha repetia certos sons depois deles, que ela estava tentando aprender sua língua. Naquele instante, ocorreu-me a ideia de que eu deveria usar as mesmas instruções para o mesmo fim. A estranha aprendeu cerca de vinte palavras na primeira aula, a maioria das quais, na verdade, eu já entendia, mas aproveitei as outras.

Assim que a noite chegou, Agatha e a árabe se recolheram cedo. Quando se despediram, Felix beijou a mão da estranha e disse: "Boa noite, doce Safie". Ele ficou muito mais tempo acordado, conversando com o pai, e pela frequente repetição do nome dela, conjecturei que a adorável hóspede era o tema da conversa. Eu desejava ardentemente entendê-los, e voltei todas as minhas faculdades mentais para esse propósito, mas concluí ser totalmente impossível.

Na manhã seguinte, Felix saiu para trabalhar e, findas as ocupações habituais de Agatha, a árabe se sentou aos pés do velho e, pegando o violão dele, tocou algumas melodias de beleza tão envolvente que, de pronto, arrancaram lágrimas de pesar e encanto dos meus olhos. Ela cantou, e sua voz fluía numa cadência rica, crescendo ou decrescendo, feito um rouxinol silvestre.

Quando terminou, ela deu o violão a Agatha, que a princípio o recusou. Tocou uma melodia simples, e sua voz a acompanhou em tons doces, mas diferentes do maravilhoso alcance da estranha. O velho pareceu arrebatado e disse algumas palavras, que Agatha tentou explicar a Safie, e com as quais ele parecia querer dizer que ela lhe conferira um grande encanto com sua música.

Os dias agora se passavam na mesma paz de antes, tendo por única alteração a alegria que assumira o lugar da tristeza no semblante dos meus amigos. Safie era sempre jovial e feliz; ela e eu rapidamente nos aprimoramos no conhecimento da linguagem, de modo que, em dois meses, comecei a compreender a maioria das palavras proferidas pelos meus protetores.

Nesse meio-tempo, também, o solo preto ficou coberto de ervas, e as margens verdes, entremeadas de inúmeras flores, doces ao nariz e aos olhos, estrelas de pálido esplendor em meio ao bosque enluarado; o sol ficou mais quente, as noites, mais claras e amenas; e minhas perambulações noturnas eram para mim um prazer extremo, embora fossem consideravelmente encurtadas pela aurora precoce e pelo pôr do sol tardio, pois eu nunca me aventurava lá fora à luz do dia, por medo de encontrar o mesmo tratamento que recebera na primeira aldeia em que eu entrara.

Passava meus dias ouvindo com atenção para que pudesse dominar a linguagem mais rapidamente; e posso me gabar de ter avançado mais do que a Árabe, que entendia muito pouco e falava com um sotaque hesitante, enquanto eu compreendia e era capaz de imitar quase todas as palavras que eram ditas.

Enquanto aprimorava a fala, também aprendi a ciência das letras que era ensinada à estranha; e isso abriu para mim um vasto campo de maravilhas e encantos.

O livro com o qual Felix ensinava Safie era *As ruínas*, de Volney.[27] Eu não teria entendido o propósito desse livro se Felix, ao lê-lo, não tivesse dado as mais minuciosas explicações. Escolhera a obra, disse, porque o estilo declamatório era inspirado pelos autores orientais. Por meio dessa obra, obtive um conhecimento rudimentar de história e um panorama dos vários impérios que existiam então no mundo, vislumbrando os costumes, governos e religiões das

diferentes nações da terra. Ouvi sobre os indolentes asiáticos, a genialidade e estupenda atividade mental dos gregos; sobre as guerras e a maravilhosa virtude dos primeiros romanos — e sua subsequente degeneração — e o declínio desse poderoso império; sobre o cavalheirismo, a cristandade e os reis. Ouvi sobre a descoberta do hemisfério americano e chorei com Safie diante do desafortunado destino de seus habitantes originais.

Essas maravilhosas narrativas me inspiraram sentimentos estranhos. Seria o homem, de fato, ao mesmo tempo tão poderoso, virtuoso e magnânimo, porém tão perverso e ordinário? Ele parecia ser, em dado momento, um mero rebento do princípio do mal, e em outro, tudo o que pode se imaginar de nobre e divino. Ser um homem grandioso e virtuoso parecia a maior honra que poderia recair sobre uma criatura senciente; ser ordinário e perverso, como muitos foram segundo os relatos, parecia a mais baixa degradação, uma condição mais abjeta que a da toupeira cega ou do verme inofensivo. Por longo tempo, não consegui conceber como um homem poderia ser capaz de assassinar seu semelhante, nem mesmo por que havia leis e governos, mas quando ouvi detalhes sobre a perversidade e o derramamento de sangue, meu espanto cessou, e me afastei com desgosto e menosprezo.

Cada conversa entre os campônios agora revelava novas maravilhas para mim. Enquanto eu escutava as lições que Felix oferecia à árabe, o estranho sistema da sociedade humana me era explicado. Aprendi sobre a divisão da propriedade, a riqueza imensa e a pobreza extrema; sobre hierarquia social, linhagem e sangue nobre.

As palavras me induziram à autorreflexão. Aprendi que as posses mais estimadas pelas criaturas tuas semelhantes são uma linhagem nobre e imaculada, somada a riquezas. Um homem poderia ser respeitado com uma só dessas vantagens, mas sem nenhuma delas era considerado, com raras exceções, um vagabundo e um escravo, fadado a

desperdiçar suas forças em nome do lucro de uns poucos escolhidos! E eu, o que era? De minha criação e de meu criador, era absolutamente ignorante, mas sabia que não possuía dinheiro, amigos, nenhum tipo de posse. Eu era, além disso, investido de uma aparência hediondamente deformada e desprezível; não era nem mesmo da mesma natureza que o homem. Era mais ágil que eles, podia subsistir de uma dieta mais rudimentar, aguentava extremos de calor e frio com menos dano à minha compleição, e minha altura excedia em muito a deles. Quando olhava ao redor, não via nem ouvia falar sobre ninguém como eu. Seria eu então um monstro, uma mancha sobre a terra, da qual todos os homens fugiam e que todos repudiavam?

Não consigo descrever a agonia que essas reflexões infligiram em mim: tentei dissipá-las, mas o pesar só fazia aumentar com o conhecimento. Ah, tivesse eu permanecido para sempre em meu bosque natal, sem saber nem sentir nada além de fome, sede e calor!

Como é estranha a natureza do conhecimento! Ele se aferra à mente, assim que é obtido, feito líquen na pedra. Às vezes, eu desejava me livrar de todo pensamento e sentimento, mas aprendi que só havia um meio de superar a dor, e esse meio era a morte — um estado que temia, ainda que não compreendesse. Eu admirava a virtude e os bons sentimentos, e amava os modos gentis e as qualidades amáveis dos meus campônios, mas era privado de relacionar-me com eles, a não ser por meios furtivos, quando não era visto nem reconhecido, o que mais aumentava do que satisfazia o desejo que tinha de me tornar um deles. As gentis palavras de Agatha e os animados sorrisos da graciosa árabe não eram para mim. As brandas exortações do velho e a vivaz conversa do amado Felix não eram para mim. Miserável, infeliz desgraçado!

Outras lições ficaram ainda mais profundamente gravadas em mim. Ouvi sobre a diferença entre os sexos; sobre o nascimento e o crescimento das crianças; sobre como o pai adorava os sorrisos dos bebês e os gracejos vivazes dos mais velhos; sobre como a vida e os cuidados da mãe eram inteiramente dedicados à sua preciosa prole; sobre como a mente do jovem se expandia e adquiria conhecimento; sobre irmãos, irmãs e todas as variadas relações que ligam um ser humano a outro em laços mútuos.

Mas onde estavam meus amigos e minhas relações? Pai algum tinha acompanhado meus dias de infância, mãe alguma tinha me abençoado com sorrisos e afagos; ou, se tinham, toda a minha vida pregressa era agora uma mancha, um vazio ofuscante no qual eu não discernia nada. Desde minha primeira recordação, sempre fui da mesma

altura e proporção. Jamais tinha visto um ser parecido comigo, ou que alegasse qualquer relação comigo. O que eu era? *A* pergunta voltava mais uma vez, para ser respondida somente com resmungos.

Em breve explicarei para o que esses sentimentos tendiam; mas agora me permita voltar aos campônios, cuja história me atiçava vários sentimentos de indignação, encanto e maravilhamento, os quais culminaram em mais amor e reverência pelos meus protetores (pois era assim, num inocente e quase doloroso autoengano, que eu gostava de chamá-los).

---

27 Conde de Volney, nascido Constantin François Chasseboeuf (1757–1820), revolucionário moderado e senador napoleônico durante o reinado de Luís XVIII. Seu livro *As ruínas* foi um epítome do pensamento racionalista do século XIX.

CAPÍTULO XIV

ALGUM TEMPO TRANSCORREU até que eu viesse a descobrir a história dos meus amigos. Ela não pôde deixar de causar uma impressão profunda em mim, por desvelar inúmeras circunstâncias, todas interessantes e maravilhosas para alguém tão inexperiente quanto eu.

O nome do velho era De Lacey. Ele descendia de uma boa família da França, onde vivera por muitos anos com conforto, respeitado pelos superiores e estimado por seus iguais. Seu filho foi criado para servir ao país, e Agatha estava no nível de damas da mais alta distinção. Poucos meses antes da minha chegada, eles moravam numa cidade grande e luxuosa chamada Paris, cercados de amigos, e possuíam todo divertimento que a virtude, o refinamento do intelecto ou o bom gosto, acompanhados de uma fortuna moderada, podiam conferir.

O pai de Safie fora a causa de sua ruína. Ele era um mercador turco e morara em Paris por muitos anos, quando, por alguma razão que não consegui descobrir, tornou-se um incômodo ao governo. Foi detido e jogado na prisão no mesmo dia em que Safie chegou de Constantinopla para ficar com ele. Foi julgado e condenado à morte. A injustiça da sentença era flagrante; toda Paris se indignou, e julgou-se que sua religião e riqueza, mais do que o crime atribuído a ele, foram a causa de sua condenação.

Por acaso, Felix comparecera ao julgamento; quando ouviu a decisão da corte, seu horror e sua indignação foram incontroláveis. Fez, naquele momento, o solene voto de libertar o mercador e então procurou meios para tal. Após muitas tentativas infrutíferas de ganhar acesso à prisão, descobriu uma janela fortemente gradeada numa parte não vigiada do edifício, que iluminava a masmorra do desafortunado maometano, o qual, metido em correntes, aguardava desesperado a execução da bárbara sentença. À noite, Felix foi até a janela e relatou ao prisioneiro suas intenções favoráveis. O turco, pasmo e encantado, tentou reavivar o zelo de seu libertador com promessas de recompensas e riquezas. Felix rejeitou as ofertas; contudo, quando viu a adorável Safie, que recebera permissão para visitar o pai e que, por meio de gestos, expressava uma vivaz gratidão, o jovem não pôde deixar de confessar a si mesmo que o cativo possuía um tesouro que recompensaria por completo todo o seu esforço e risco.

O turco logo percebeu a impressão que a filha havia causado no coração de Felix, e tentou garantir a ele a totalidade de seus interesses prometendo dar a mão dela em casamento tão logo fosse levado para um lugar seguro. Felix era gentil demais para aceitar a oferta; contudo, ansiava pela possibilidade do evento como a consumação de sua felicidade.

Durante os dias seguintes, enquanto os preparativos da fuga do mercador avançavam, o zelo de Felix foi estimulado por várias cartas que recebeu da jovem adorável, que encontrara meios de expressar seus pensamentos na língua do amado com a ajuda de um velho, um criado do pai dela, o qual entendia francês. Ela o agradeceu nos termos calorosos pelos favores que pretendia dispensar ao pai dela; e, ao mesmo tempo, lamentou gentilmente o próprio destino.

Tenho cópias dessas cartas, pois encontrei meios, durante minha residência na choça, de obter os instrumentos necessários à escrita, e as cartas estavam frequentemente nas mãos de Felix ou de Agatha. Antes que eu me vá, vou entregá-las a ti, porque comprovarão a veracidade da minha história; mas no momento, uma vez que o sol há muito já se pôs, resta-me tempo apenas para repetir o conteúdo delas a você.

Safie relatava que sua mãe era uma árabe cristã, raptada e escravizada pelos turcos; notada por sua beleza, ela conquistara o coração do pai de Safie, que a desposou. A jovem falava com admiração e entusiasmo sobre a mãe, que, nascida em liberdade, repelia a servidão a que se via agora reduzida. Ela instruiu a filha nos preceitos da sua religião e a ensinou a aspirar aos nobres poderes do intelecto e à independência de espírito, proibidos às mulheres seguidoras de Maomé. Essa senhora morreu; mas suas lições ficaram gravadas de modo indelével na mente de Safie, que adoecia diante da ideia de voltar para a Ásia e viver emparedada entre os muros de um harém, autorizada somente a se ocupar com diversões infantis, pouco afeitas ao

temperamento de sua alma, agora acostumada a grandes ideais e à nobre emulação da virtude. A perspectiva de desposar um cristão e permanecer num país que permitia às mulheres gozarem de um posto na sociedade era-lhe fascinante.

O dia da execução do turco foi marcado, mas, na noite anterior, ele deixou a prisão, e antes do amanhecer já se encontrava a quilômetros de Paris. Felix obtivera passaportes no nome do pai, da irmã e de si mesmo. Comunicara de antemão o seu plano ao primeiro, que o ajudara na fraude ao abandonar sua casa, sob pretexto de uma viagem, e se esconder com a filha numa parte obscura da cidade.

Felix conduziu os fugitivos pela França até Lyon e, atravessando o monte Cenis, chegaram em Livorno, onde o mercador decidira aguardar uma oportunidade favorável de entrar em alguma região sob domínio turco.

Safie resolveu permanecer com o pai até o momento da partida, antes da qual o turco renovou a promessa de que ela deveria se unir ao libertador dele; e Felix permaneceu com eles na expectativa desse evento; e, no meio-tempo, desfrutou da companhia da árabe, que lhe demonstrava o afeto mais simples e terno. Conversavam por meio de um intérprete, e às vezes por olhares; e Safie cantava para ele as melodias divinas de seu país natal.

O turco permitiu essa intimidade e alimentou as esperanças dos jovens apaixonados enquanto já tinha formado planos bem diferentes em seu coração. Ele abominava a ideia de que a filha se unisse a um cristão, mas temia o ressentimento de Felix caso se mostrasse indiferente, pois sabia que ainda estava nas mãos de seu libertador, que poderia decidir entregá-lo ao estado italiano em que habitavam. Remoeu milhares de planos com os quais poderia prolongar o embuste até que não fosse mais necessário e ele pudesse secretamente levar a filha consigo.

Seus planos foram facilitados pelas notícias que chegaram de Paris.

O governo da França estava extremamente furioso com a fuga do prisioneiro e não poupara esforços para identificar e punir seu libertador. O estratagema de Felix foi rapidamente descoberto, e De Lacey e Agatha foram jogados na prisão. A notícia alcançou Felix e o arrancou de seu devaneio de prazer. Seu pai velho e cego e sua gentil irmã jaziam numa masmorra infecta enquanto ele desfrutava de ar livre e da companhia da amada. Essa ideia era para ele uma tortura. Rapidamente combinou com o turco que, se ele encontrasse uma oportunidade favorável de fugir antes que Felix voltasse para a Itália, Safie deveria permanecer como interna num convento em Livorno. Então, abandonando a adorável árabe, foi às pressas para Paris e entregou-se à vingança da lei, esperando com isso libertar De Lacey e Agatha.

Ele não teve sucesso. Eles permaneceram confinados por cinco meses até a realização do julgamento, cujo veredicto os privou de sua fortuna e os condenou ao exílio perpétuo da terra natal.

Encontraram um abrigo miserável na cabana na Alemanha, onde eu os descobri. Felix logo soube que o traiçoeiro turco, por quem ele e a família suportaram opressão tão inaudita, ao descobrir que seu libertador havia sido reduzido à pobreza e à ruína, traíra os bons sentimentos e a honra e deixara a Itália com a filha, enviando afrontosamente para Felix uma ninharia em dinheiro, para ajudá-lo, conforme ele disse, em algum plano de subsistência futura.

Esses foram os eventos que predavam o coração de Felix e o tornaram, quando o vi pela primeira vez, o mais miserável da família. Ele podia suportar a pobreza e, enquanto esse apuro representou a retribuição de sua virtude, se glorificou nela; mas a ingratidão do turco e a perda de sua amada Safie eram infortúnios amargos e

irreparáveis demais. A chegada da árabe agora infundira nova vida em sua alma.

Quando a notícia de que Felix fora despojado de sua riqueza e posição chegou a Livorno, o mercador ordenou que a filha não pensasse mais no amado e se preparasse para voltar ao país natal. A natureza generosa de Safie se ultrajou com tal ordem; ela tentou argumentar com o pai, mas ele partiu raivoso, reiterando seu poder tirânico.

Alguns dias depois, o turco entrou nos aposentos da filha e lhe contou afobadamente que tinha motivos para acreditar que sua estada em Livorno tinha sido divulgada e que ele seria entregue rapidamente ao governo francês; por conseguinte, tinha contratado um navio para levá-lo a Constantinopla, cidade para a qual zarparia em poucas horas. Pretendia deixar a filha aos cuidados de uma criada de confiança, para que tomassem o mesmo rumo assim que possível com a maior parte dos seus bens, que ainda não haviam chegado a Livorno.

Ao ficar só, Safie determinou mentalmente a linha de conduta que deveria seguir naquela emergência. Residir na Turquia era para ela uma abominação; sua religião e seus sentimentos eram igualmente contrários a isso. Por meio de alguns documentos do pai que lhe caíram nas mãos, soube do exílio do amado e descobriu o nome do local em que ele então residia. Hesitou por algum tempo, mas por fim tomou uma decisão. Levando consigo algumas joias que lhe pertenciam e uma soma em dinheiro, ela deixou a Itália com uma criada, uma nativa de Livorno, mas que entendia a língua comum da Turquia, e partiu para a Alemanha.

Ela chegou em segurança a um vilarejo a cerca de cem quilômetros da cabana de De Lacey, quando sua criada ficou gravemente doente. Safie cuidou dela com a mais devotada afeição, mas a pobre garota morreu, e a árabe ficou sozinha, sem conhecer a língua do país e de todo ignorante dos costumes do mundo. No entanto, caiu em boas mãos. A italiana tinha mencionado o nome do local para onde se

dirigiam e, após a sua morte, a dona da casa em que estavam hospedadas cuidou para que Safie chegasse em segurança à cabana do amado.

CAPÍTULO XV

ESSA FOI A HISTÓRIA dos meus amados campônios. Impressionou-me profundamente. Com o ponto de vista que essa história me ofereceu sobre a vida social, aprendi a admirar as virtudes deles e a desaprovar os vícios da humanidade.

Até então eu considerava o crime um mal distante; a caridade e a generosidade estavam sempre à minha frente, incitando dentro de mim um desejo de me tornar um ator no palco alvoroçado em que tantas qualidades admiráveis eram evocadas e exibidas. Mas, ao fazer um relato do progresso do meu intelecto, não devo omitir uma circunstância que ocorreu no começo do mês de agosto do mesmo ano.

Certa noite, durante minha costumeira visita ao bosque vizinho onde coletava alimento para mim e apanhava lenha para meus protetores, encontrei no chão uma valise de couro contendo artigos de vestimenta e alguns livros. Peguei o achado com avidez e voltei com ele para minha choça. Felizmente, os livros estavam escritos na língua cujos elementos eu tinha aprendido na cabana; consistiam em *Paraíso perdido*, um volume de *Vidas paralelas*, de Plutarco, e *Os sofrimentos do jovem Werther*. A posse desses tesouros me deu extremo prazer; agora eu sempre estudava e exercitava minha mente com aquelas histórias, enquanto meus amigos estavam ocupados em suas atividades rotineiras.

Mal consigo descrever o efeito que esses livros me causaram. Produziram em mim uma infinidade de novas

imagens e sentimentos, que às vezes me alçavam ao êxtase, porém com mais frequência me atiravam no pior dos desânimos. Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, além do interesse provocado por sua história simples e impactante, há tantos pontos de vista aventados e tantas luzes lançadas sobre aquilo que até então eram para mim assuntos obscuros, que neles descobri uma fonte sem fim de especulação e aturdimento. Os modos gentis e domésticos que descrevia, combinados a sentimentos e sensibilidades altivas que tinham por objeto algo externo ao eu, convinham bem à minha experiência entre meus protetores, e com as carências que estavam sempre vivas em meu próprio peito. Mas eu pensava em Werther como o ser mais divino do que eu já vira ou imaginara; seu caráter não continha pretensão, mas calava fundo. As indagações sobre a morte e o suicídio eram calculadas para me deixar cheio de assombro. Eu não fingia entrar nos méritos do caso, mas me inclinava para os pontos de vista do herói, cuja extinção chorei sem exatamente entendê-la.

Conforme lia, no entanto, voltei-me de modo muito pessoal para meus próprios sentimentos e condição. Concluí que eu era parecido, mas ao mesmo tempo estranhamente diferente dos seres sobre os quais lia e de cuja conversa era ouvinte. Simpatizava com eles e em parte os entendia, mas de mente eu era ainda informe; não dependia de ninguém e não tinha relação com ninguém. "O caminho da minha partida estava desimpedido";[28] não havia ninguém para lamentar minha aniquilação. Minha pessoa era hedionda, e minha estatura, gigantesca. O que isso significava? Quem era eu? O que era eu? De onde eu viera? Para onde ia? Essas perguntas me ocorriam continuamente, mas eu era incapaz de respondê-las.

O volume de Vidas paralelas que eu possuía continha histórias dos primeiros fundadores das repúblicas antigas. Esse livro teve sobre mim um efeito bem diferente de *Os*

sofrimentos do jovem Werther. Com a imaginação de Werther, aprendi sobre o desânimo e a melancolia. Mas Plutarco me ensinou pensamentos altivos; ele me elevou sobre a desgraçada esfera das minhas próprias reflexões, a fim de que admirasse e amasse os heróis de épocas passadas. Muito do que li estava além do meu entendimento e da minha experiência. Eu tinha um conhecimento muito confuso a respeito de reinos, vastas extensões de terra, rios poderosos e mares infinitos. Mas era completamente alheio a vilarejos e grandes aglomerações de homens. A cabana dos meus protetores fora a única escola na qual eu estudara a natureza humana, mas aquele livro desenvolvia novos e mais poderosos cenários de ação. Li sobre homens envolvidos em assuntos públicos, governando ou massacrando sua própria espécie. Senti despertar dentro de mim um grande ardor pela virtude e a abominação pelo vício, até onde entendia o significado desses termos, relacionados que estavam, à medida que eu os aplicava, ao prazer e à dor apenas. Induzido por esses sentimentos, é claro que fui levado a admirar legisladores pacíficos, como Numa, Sólon e Licurgo, em detrimento de Rômulo e Teseu. A vida familiar e patriarcal dos meus protetores fez com que essas impressões assumissem o controle da minha mente; se minha introdução à humanidade tivesse sido feita por um jovem soldado, sedento por glória e carnificina, talvez eu fosse imbuído de sensações diferentes.

Mas *Paraíso perdido* atiçou emoções diferentes e muito mais profundas. Li-o como lera os outros volumes que me caíram nas mãos: como uma história verdadeira. Mobilizou todo sentimento de maravilhamento e assombro que a imagem de um Deus onipotente guerreando com suas criaturas era capaz de atiçar. Com frequência eu relacionava as várias situações, que me impressionavam por sua semelhança, às minhas próprias. Feito Adão, eu aparentemente não estava unido por nenhum vínculo a qualquer outro ser que existisse, mas o seu caso era bem

diferente do meu em todos os outros aspectos. Ele fora produzido pelas mãos de Deus como uma criatura perfeita, feliz e próspera, protegida pelo cuidado especial de seu Criador; era-lhe permitido conversar e obter conhecimento de seres de uma natureza superior. Já eu era desgraçado, desamparado e sozinho. Muitas vezes considerei Satã o símbolo mais adequado à minha condição, pois com frequência, tal como ele, quando eu via a bem-aventurança dos meus protetores, o amargo fel da inveja surgia dentro de mim.

Outra circunstância reforçou e confirmou esses sentimentos. Logo após minha chegada à choça, descobri uns papéis no bolso da veste que pegara do teu laboratório. A princípio, eu os desprezara, mas agora que me tornara capaz de decifrar os caracteres em que estavam escritos, comecei a estudá-los com diligência. Era o seu diário dos quatro meses que precederam minha criação. Nesses papéis, você descreveu em minúcia cada passo que deu no progresso de sua obra; essa história vinha misturada a relatos de ocorrências domésticas. Você, sem dúvida, se recorda desses papéis. Aqui estão. Neles se relata tudo que faz referência à minha origem amaldiçoada; os mínimos detalhes daquela sequência de asquerosas circunstâncias que me produziram são expostos; a minuciosa descrição da minha pessoa odiosa e desprezível é fornecida numa linguagem que retrata os seus próprios horrores e torna os meus indeléveis. Fiquei enojado ao ler. "Odioso dia em que recebi a vida!", exclamei em agonia. "Amaldiçoado criador! Por que formou um monstro tão hediondo que até você virou as costas para mim de desgosto? Deus piedoso fez o homem belo e atraente, à sua própria imagem; mas minha forma é um imundo decalque da sua, ainda mais horrenda devido à semelhança. Satã tinha companheiros, diabos como ele, para admirá-lo e incentivá-lo; mas eu sou solitário e abominável."

Tais eram as reflexões das minhas horas de desânimo e solidão; mas quando contemplava as virtudes dos

campônios, sua disposição amável e benevolente, me convencia de que, quando eles viessem a saber de minha admiração pela virtude deles, se apiedariam de mim e relevariam minha deformidade pessoal. Seriam eles capazes de enxotar de sua porta quem quer que, por mais monstruoso que fosse, lhes solicitasse a compaixão e a amizade? Decidi pelo menos não me desesperar, mas de todas as formas me preparar para uma conversa com eles que decidiria meu destino. Prorroguei essa tentativa por mais alguns meses, pois seu sucesso era tão importante que me inspirava o medo do fracasso. Além disso, percebi que meu entendimento melhorara tanto com a experiência diária que não estava disposto a começar essa empreitada sem que mais alguns meses aumentassem minha sagacidade.

Nesse meio-tempo, várias mudanças ocorreram na cabana. A presença de Safie disseminava felicidade entre os habitantes; e também percebi que ali reinava um maior grau de abundância. Felix e Agatha passavam mais tempo a se entreter e conversar, e eram ajudados por criados no trabalho. Não pareciam ricos, mas contentes e felizes; seus sentimentos eram de serenidade e paz enquanto os meus se tornavam a cada dia mais tumultuados. A obtenção de conhecimento só me revelou mais claramente o desgraçado proscrito que eu era. Eu nutria esperanças, é verdade, mas elas me faltavam quando contemplava minha própria pessoa refletida na água ou minha sombra ao luar, mesmo a imagem sendo frágil e a penumbra, inconstante.

Tentei esmagar esses medos e me fortalecer para a prova que em alguns meses eu tinha decidido enfrentar; às vezes permitia que meus pensamentos, incontestados pela razão, perambulassem pelos campos do Paraíso, e ousava fantasiar com criaturas amáveis e adoráveis se condoendo de meus sentimentos e espantando minha melancolia; seus semblantes angelicais exalavam sorrisos consoladores. Mas era tudo um sonho; nenhuma Eva amenizava meus

sofrimentos ou partilhava minhas ideias; eu estava sozinho. Lembrei-me da súplica de Adão ao seu Criador. Mas onde estava o meu? Ele me havia abandonado e, em meu coração amargurado, eu o amaldiçoava.

Assim se passou o outono. Vi, com surpresa e dor, as folhas morrerem e caírem, e a natureza assumir a aparência árida e rígida que ostentara quando pela primeira vez contemplei os bosques e a adorável lua. Contudo, não dei importância à aridez do clima; minha constituição me tornava mais adequado a tolerar o frio do que o calor. Mas meu principal encanto era a visão das flores, dos pássaros e de todos os alegres enfeites do verão; quando essas coisas me abandonaram, voltei-me com mais atenção aos campônios. Sua felicidade não diminuiu com a partida do verão. Eles se amavam e se apoiavam, e suas alegrias, que dependiam umas das outras, não se interromperam com as perdas que aconteceram à volta deles. Quanto mais os via, maior se tornava meu desejo de solicitar sua proteção e bondade; meu coração ansiava por ser conhecido e amado por aquelas gentis criaturas: ver seus olhares doces dirigidos a mim com afeto era o auge da minha ambição. Eu não ousava pensar que eles os desviaram de mim com desdém e horror. Os pobres que batiam à porta deles nunca eram mandados embora. Eu pedia, é verdade, tesouros maiores do que um pouco de alimento ou um lugar para repousar: esperava bondade e solidariedade; mas não me acreditava de todo indigno disso.

O inverno avançou, e uma volta completa das estações ocorrera desde que eu despertara com vida. Minha atenção, desta vez, estava dirigida somente para o plano de me apresentar à cabana dos meus protetores. Remoí muitos projetos, mas afinal optei por entrar na morada quando o velho cego estivesse sozinho. Eu possuía sagacidade suficiente para saber que a aparência hedionda e antinatural da minha pessoa era o principal motivo de horror daqueles que tinham me visto antes. Minha voz, embora áspera, nada

tinha de terrível; pensei, portanto, que, se na ausência dos filhos eu pudesse despertar a boa vontade do velho De Lacey, conseguiria, por meio dele, ser tolerado por meus jovens protetores.

Um dia, quando o sol luzia nas folhas vermelhas que espargiam o chão, disseminando alegria, embora se recusasse a fornecer calor, Safie, Agatha e Felix partiram numa longa caminhada pelos campos, e o velho, por vontade própria, foi deixado sozinho na cabana. Quando seus filhos partiram, ele pegou o violão e tocou diversas melodias chorosas mas doces, mais doces e chorosas do que as que eu já o ouvira tocar antes. A princípio, seu semblante se iluminou de prazer, mas, conforme continuava, a cisma e a tristeza o invadiram. Por fim, pondo o instrumento de lado, ele permaneceu absorto em reflexões.

Meu coração batia rápido; aquela era a hora e o lugar da prova que confirmaria minhas esperanças ou materializaria meus medos. Os criados tinham ido a uma feira na vizinhança. Tudo era silêncio dentro e fora da cabana: era uma excelente oportunidade; contudo, quando procedi à execução do meu plano, minhas pernas vacilaram e desabei no chão. Levantei-me e, empenhando toda a firmeza de que tinha domínio, removi as tábuas que colocara diante da choça para esconder meu retiro.

O ar fresco me revigorou e, com determinação renovada, me aproximei da porta da cabana.

Bati.

— Quem é? — perguntou o velho. — Entre.

Entrei.

— Perdoe a intromissão — eu disse. — Sou um viajante precisando de um pouco de descanso; o senhor me faria um grande favor se me permitisse ficar alguns minutos em frente à lareira.

— Entre — disse De Lacey —, que vou tentar arranjar aquilo de que precisa da maneira que puder, mas

infelizmente meus filhos estão fora e, como sou cego, acho que será difícil conseguir alimento para o senhor.

— Não se preocupe, meu caro anfitrião, tenho comida; só preciso mesmo de calor e descanso.

Sentei-me, e seguiu-se um momento de silêncio. Eu sabia que cada minuto era precioso, mas fiquei indeciso quanto à maneira de iniciar a conversa. Foi quando o velho se dirigiu a mim:

— Pela sua língua, estranho, suponho que seja meu conterrâneo. O senhor é francês?

— Não, mas fui educado por uma família francesa e só entendo essa língua. Estou para requisitar a proteção de alguns amigos, a quem amo com sinceridade e em cujo favor deposito minhas esperanças.

— Seriam eles alemães?

— Não, são franceses. Mas mudemos de assunto. Sou uma criatura infeliz e abandonada; quando olho ao redor, não vejo nenhum conhecido ou amigo na face da Terra. Essas boas pessoas com quem irei ter nunca me viram e nada sabem sobre mim. Estou cheio de medo, pois se fracassar, serei para sempre um proscrito no mundo.

— Não se desespere. Não ter amigos, de fato, é uma desventura; mas o coração dos homens, quando não tem preconceito formado por algum interesse próprio, é repleto de amor fraterno e caridade. Confie, portanto, nas suas esperanças; se esses amigos forem bons e amáveis, não se desespere.

— Eles são bons, são as melhores criaturas do mundo; mas, infelizmente, têm preconceito contra mim. Tenho boa índole; minha vida, até agora, foi inofensiva, e em certa medida benéfica; mas um preconceito fatal nubla os olhos deles, e onde deveriam ver um amigo sensível e bom, enxergam apenas um monstro detestável.

— Isso de fato é uma desventura; mas se o senhor realmente não tem culpa, não poderia convencê-los de que estão errados?

— Estou prestes a cumprir essa tarefa; e é em relação a isso que sinto um temor tão esmagador. Amo esses amigos ternamente; sem o conhecimento deles, há muitos meses me habituei a fazer atos de bondade diários para eles. Ainda assim, eles acreditam que desejo machucá-los, e é esse preconceito que desejo vencer.

— Onde esses amigos moram?

— Perto daqui.

O velho se deteve, e então continuou:

— Se o senhor me confiar sem reservas os particulares de sua história, talvez eu possa ser de alguma serventia para convencê-los. Sou cego e não posso julgar pelo seu semblante, mas em suas palavras há algo que me convence de sua sinceridade. Sou pobre e exilado, mas me causará verdadeiro prazer ser útil de alguma maneira para uma criatura humana.

— Excelente homem!, eu lhe agradeço e aceito sua generosa oferta. O senhor me ergue do chão com sua bondade; e creio que, com sua ajuda, não serei afastado da companhia e da compaixão dos seus pares.

— Que Deus o livre! Mesmo se o senhor fosse um criminoso; pois isso só o levaria ao desespero, e não o instigaria à virtude. Também sou um infeliz; eu e minha família fomos condenados, embora inocentes: imagine, portanto, se não me compadeço de seus infortúnios.

— Como hei de lhe agradecer, meu melhor e único benfeitor? Dos seus lábios ouvi pela primeira vez a voz da bondade dirigida a mim; serei para sempre grato; a humanidade que agora demonstra me tranquiliza quanto ao sucesso com esses amigos que estou prestes a encontrar.

— Posso saber os nomes e o local de residência desses amigos?

Eu me detive. Aquele, pensei, era o momento decisivo, que iria me roubar ou me conferir a felicidade eterna. Lutei em vão pela firmeza necessária para responder a ele, mas o esforço destruiu toda a força que me restava; afundei na

cadeira e chorei, soluçando alto. Naquele momento, ouvi os passos dos meus jovens protetores. Eu não tinha um momento a perder; mas, agarrando a mão do velho, exclamei:

— É chegada a hora: me salve e me proteja! O senhor e a sua família são os amigos a quem procuro. Não me abandone na hora da provação!

— Bom Deus! — exclamou o velho. — Quem é você?

Naquele instante, a porta da cabana se abriu, e Felix, Safie e Agatha entraram. Quem poderá descrever o horror e a consternação que sentiram ao me avistar? Agatha desmaiou, e Safie, incapaz de socorrer a amiga, saiu correndo da cabana. Felix avançou e, com força sobrenatural, me desvencilhou do pai dele, a cujos joelhos eu me agarrara. Num acesso de fúria, ele me derrubou no chão e me golpeou violentamente com um cajado. Eu poderia ter lhe arrancado membro após membro, tal como o leão dilacera o antílope. Mas meu coração sucumbiu dentro de mim como se de uma doença amarga, e me contive. Vi-o a ponto de repetir o golpe quando, dominado de dor e angústia, saí da cabana e, no tumulto geral, fugi despercebido para minha choça.

---

28 Referência ao poema “Mutability” (desta vez, o verso L, 14), já citado pela autora.

CAPÍTULO XVI

AMALDIÇOADO, AMALDIÇOADO criador! Por que vivi? Por que, naquele instante, não extingui a centelha de existência que você tão atrevidamente me conferiu? Não sei; o desespero ainda não havia me possuído; meus sentimentos eram de raiva e vingança. Poderia com prazer ter destruído a cabana e seus habitantes e me fartado com seus gritos e tormentos.

Quando a noite chegou, deixei meu retiro e vaguei pelo bosque; agora, não mais restringido pelo medo de ser descoberto, dei vazão à minha angústia com uivos assustadores. Eu era como uma fera selvagem que rompera as amarras, destruindo os objetos que impediam minha passagem e correndo pelo bosque com a agilidade de um cervo. Ah, que noite miserável eu passei! As estrelas frias luziam zombeteiras, e as árvores desfolhadas sacudiam seus galhos em cima de mim: vez ou outra a doce voz de um pássaro irrompia em meio ao silêncio universal. Todos, exceto eu, estavam repousando ou se divertindo. Eu, na qualidade de arqui-inimigo, trazia no íntimo um inferno; e, vendo-me sem solidariedade alguma, quis arrancar as árvores, causar estrago e destruição ao meu redor, para então me sentar e apreciar a ruína.

Mas aquela era uma sensação exuberante que não podia durar; fiquei cansado com o excesso de esforço físico e desabei sobre a relva úmida, na doentia impotência do desespero. Não havia ninguém entre as miríades de homens vivos que fosse se condoer de mim ou me ajudar; e eu ainda deveria querer o bem a meus inimigos? Não: a partir

daquele momento declarei uma guerra sem fim contra a espécie e, acima de tudo, contra aquele que havia me criado e me jogado nesta miséria insuportável.

O sol nasceu; ouvi vozes de homens e soube que seria impossível voltar para meu retiro durante aquele dia. Por conseguinte, me escondi num matagal denso, determinado a dedicar as horas seguintes a refletir sobre minha situação.

O sol aprazível e o ar puro do dia me restituíram algum grau de calma; e quando considerei o que havia se passado na cabana, não pude deixar de crer que eu fora precipitado demais em minhas conclusões. Eu com certeza agira com imprudência. Era evidente que minha conversa havia interessado o pai a meu favor, e eu fora um tolo ao expor minha pessoa ao horror de seus filhos. Eu deveria ter acostumado o velho De Lacey comigo e aos poucos me revelar ao resto da família, quando estivessem preparados para minha aproximação. Mas não acreditava que meus erros fossem irreparáveis e, após muita consideração, decidi voltar à cabana, procurar o velho e ganhar seu partido com meus argumentos.

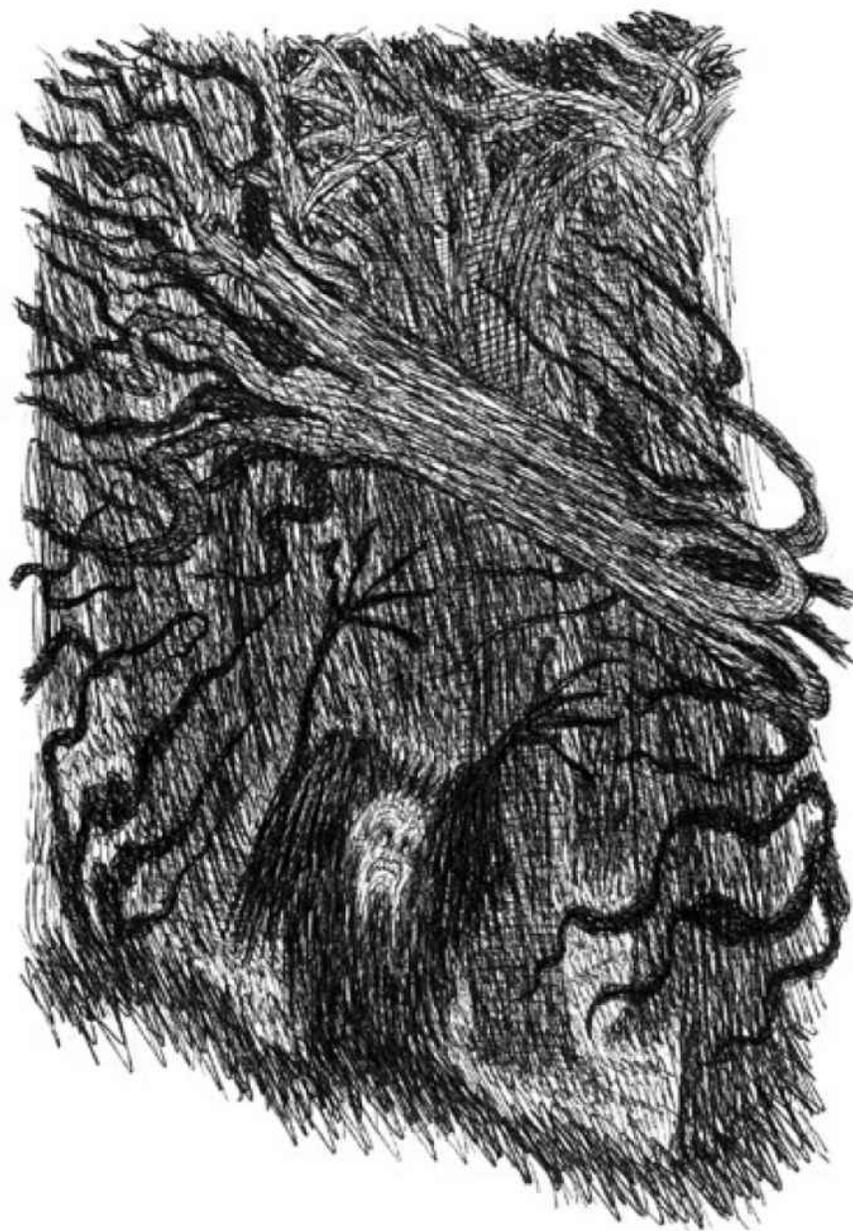
Esses pensamentos me tranquilizaram, e de tarde desabei em sono profundo; mas meu sangue febril não permitiu que eu fosse visitado por sonhos tranquilos. A cena horrível do dia anterior não parava de se desenrolar diante dos meus olhos; as mulheres fugiam, e um furioso Felix me desvencilhava dos pés do pai. Acordei exausto e, percebendo que já era noite, me esgueirei para fora do meu esconderijo e saí para buscar alimento.

Quando saciei a fome, voltei meus passos para o bem conhecido caminho que conduzia à cabana. Tudo lá era paz. Esgueirei-me para minha choça e permaneci em silenciosa expectativa da hora costumeira em que a família se levantava. Essa hora passou, o sol se alçou alto no céu, mas os campônios não apareceram. Estremeci violentamente, pressentindo um pavoroso infortúnio. O interior da cabana

estava escuro, e não ouvi nenhum movimento ali; não consigo descrever a agonia desse suspense.

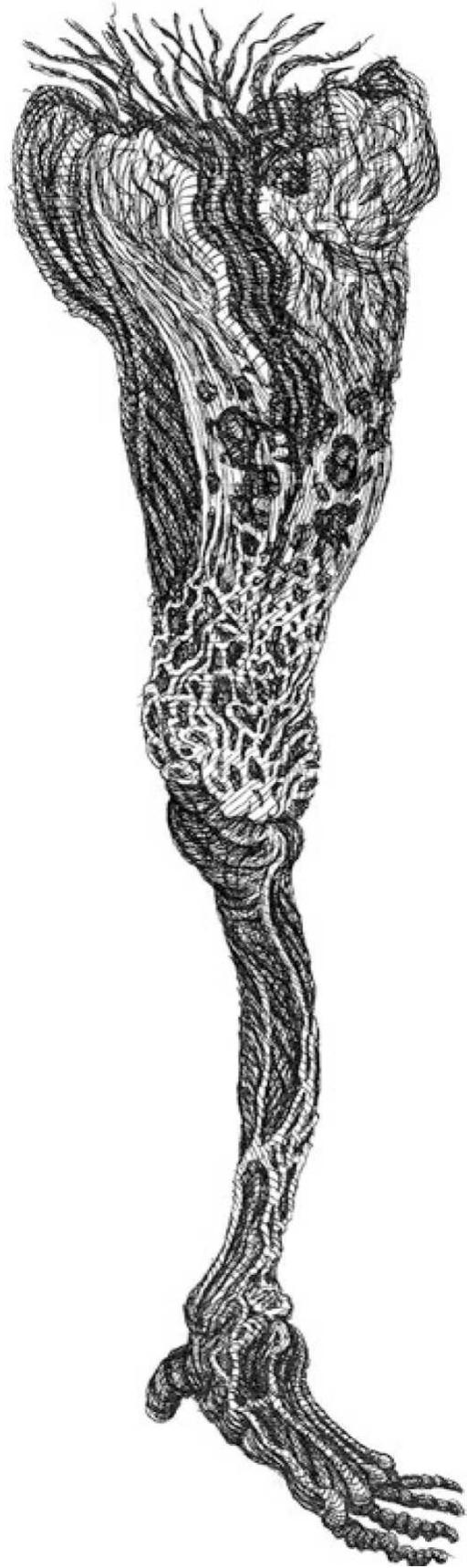
Dentro em breve, dois homens do campo passaram por ali e, detendo-se perto da cabana, entabularam uma conversa, usando violenta gesticulação; mas não entendi o que diziam, já que falavam na língua daquela terra, que era diferente da de meus protetores. Logo depois, no entanto, Felix se aproximou com outro homem. Fiquei surpreso, uma vez que sabia que ele não saíra da cabana naquela manhã, e esperei ansiosamente para descobrir, na fala dele, o significado daquelas presenças inusitadas.

— O senhor entende — disse-lhe o homem que o acompanhava — que será obrigado a pagar três meses de aluguel e a perder a produção da horta? Não quero levar nenhuma vantagem injusta, então imploro que leve alguns dias para repensar sua decisão.

— É completamente inútil — respondeu Felix. — Não poderemos mais morar na sua cabana. A vida do meu pai corre grande perigo devido à pavorosa circunstância que lhe relatei. Minha esposa e minha irmã jamais se recuperarão do horror que sentiram. Rogo que não insista mais. Aceite o arrendamento e me permita fugir desse lugar.

Felix tremia violentamente ao dizer isso. Ele e o homem que o acompanhava entraram na cabana, na qual permaneceram por uns minutos, e então partiram. Nunca mais vi ninguém da família De Lacey.

Continuei o resto do dia em minha choça num estado de completo e pasmo desespero. Meus protetores tinham partido, cortando o único vínculo que me prendia ao mundo. Pela primeira vez, os sentimentos de vingança e

ódio encheram meu peito, e não lutei para controlá-los; mas, me permitindo ser levado pela correnteza, me inclinei mentalmente para a agressão e a morte. Quando pensava nos meus amigos, na voz branda de De Lacey, nos olhos gentis de Agatha e na beleza singular da árabe, esses pensamentos desapareciam e um verter de lágrimas de certa forma me acalmava. Mas quando refletia que eles me haviam enxotado e abandonado, a raiva voltava em um acesso furioso e, incapaz de machucar qualquer coisa humana, dirigi minha fúria a objetos inanimados. Conforme a noite avançava, dispus uma variedade de combustíveis em volta da cabana; e, após ter destruído todo vestígio de plantação na horta, esperei com forçosa impaciência até que a lua baixasse para começar meus trabalhos.

Conforme a noite avançava, um vento feroz subiu da floresta e rapidamente dispersou as nuvens que haviam se acumulado no céu. A rajada desabou como uma poderosa avalanche, produzindo uma espécie de insanidade no meu espírito, que rompia todos os limites da razão e da reflexão. Ateei fogo ao galho seco de uma árvore e dancei com fúria ao redor da devotada cabana, com os olhos ainda fixos no horizonte a oeste, cuja borda a lua quase tocava. Uma parte do orbe por fim se ocultou, e brandi minha tocha; a lua afundou, e, com um grito alto, incendiei a palha, o mato e os arbustos que eu tinha juntado. O vento abanou o fogo, e a cabana foi rapidamente envolvida pelas chamas, que se agarravam a ela e a lambiam com suas línguas bifurcadas e destruidoras.

Tão logo fiquei convencido de que nenhuma ajuda seria capaz de salvar qualquer parte da habitação, abandonei a cena e busquei refúgio na floresta.

E agora, com o mundo à minha frente, para onde deveria voltar meus passos? Decidi fugir para bem longe do cenário dos meus infortúnios; mas para mim, odiado e desprezado, toda terra devia ser igualmente horrível. Por fim, você me veio à cabeça. Aprendi com seus papéis que você era meu pai, meu criador; e a quem poderia eu recorrer mais adequadamente do que àquele que me dera vida? Entre as aulas que Felix dera a Safie, a geografia não fora omitida: com elas eu aprendera a posição relativa dos diferentes países do mundo. Você tinha mencionado Genebra como o nome do seu vilarejo natal; e para esse lugar decidi seguir.

Mas como iria me orientar? Sabia que precisava viajar para a direção sudoeste a fim de alcançar meu destino; mas o sol era meu único guia. Eu não sabia os nomes dos vilarejos pelos quais deveria passar, tampouco podia pedir informação a um único ser humano; mas não desesperei. De você, eu só podia esperar socorro, embora em relação a você não sentisse nada além de ódio. Insensível, desalmado criador! Você me dotara de sensibilidades e paixões e então me lançara no mundo como um objeto de escárnio e horror para a humanidade. Mas de você eu apenas reivindicava piedade e reparação, de modo que resolvi buscar em ti a justiça que em vão tentei obter de outro ser que ostentava a forma humana.

Minhas viagens foram longas, e os sofrimentos que vivi, intensos. Era fim de outono quando deixei a região onde por tanto tempo residira. Viajei somente de noite, temendo encontrar a fisionomia de um ser humano. A natureza se decompunha ao meu redor, e o sol perdia o calor; a chuva e a neve caíam; possantes rios estavam congelados; a superfície da terra tornou-se dura, fria e estéril, e não encontrei abrigo

algum. Ó terra!, com que frequência lancei pragas contra a causa da minha existência! A brandura da minha natureza havia sumido, e tudo dentro de mim se tornara fel e amargura. Quanto mais eu me aproximava da sua habitação, mais fundo sentia o espírito de vingança reavivado no meu coração. A neve caía, e as águas se endureceram, mas eu não descansava. Alguns incidentes vez ou outra me guiavam, e eu possuía um mapa do país, mas com frequência me extraviava do caminho. A agonia dos meus sentimentos não me dava trégua: nenhum incidente ocorria sem que minha raiva e miséria não extraíssem dele algum alimento. Mas uma circunstância ocorrida quando cheguei aos confins da Suíça, quando o sol tinha recuperado seu calor e a terra de novo começara a verdejar, confirmou de maneira especial a amargura e o horror dos meus sentimentos.

Em geral, eu descansava durante o dia e viajava apenas de noite, quando me sentia a salvo da vista dos homens. Certa manhã, no entanto, descobrindo que meu caminho passava por dentro de um denso bosque, arrisquei-me a continuar minha jornada depois do nascer do sol; o dia, que foi um dos primeiros da primavera, alegrou até mesmo a mim com a graciosidade do luzir do sol e a suavidade do ar. Senti emoções de gentileza e prazer, que havia muito pareciam mortas, reviverem dentro de mim. Meio surpreso pela novidade dessas sensações, deixei-me levar por elas e, esquecendo minha solidão e deformidade, ousei ser feliz. Lágrimas suaves orvalharam minhas bochechas, e até ergui os olhos úmidos de gratidão para o sol abençoado que derramava tanta alegria sobre mim.

Continuei serpenteando por entre os caminhos da floresta, até que cheguei a uma fronteira roçada por um rio fundo e veloz, para o qual muitas árvores inclinavam seus galhos, agora brotando com a primavera iminente. Ali me detive, sem saber exatamente que caminho seguir, quando ouvi o som de vozes que me fizeram esconder na sombra de

um cipreste. Mal tinha me ocultado, quando uma menina veio correndo na direção do local onde eu estava, rindo, como se fugisse de alguém por brincadeira. Ela continuou o trajeto ao longo da margem íngreme do rio, quando subitamente seu pé escorregou e ela caiu na correnteza. Saí às pressas do meu esconderijo e, com uma dificuldade extrema devido à força das águas, salvei-a e a arrastei até a margem. Ela estava desfalecida, e eu, por todos os meios ao meu alcance, tentava reavivá-la quando fui subitamente interrompido pela aproximação de um homem rústico, decerto a pessoa de quem ela tinha corrido de brincadeira. Ao me ver, ele disparou na minha direção e, arrancando a menina dos meus braços, se apressou até as partes mais profundas da floresta. Segui-o rapidamente, mal sabia por quê; mas quando o homem me viu chegando perto, apontou uma arma, a qual carregava consigo, para o meu corpo, e atirou. Desabei no chão, e meu agressor, com agilidade aumentada, escapou floresta adentro.

Era esse então o prêmio da minha caridade! Eu tinha salvado um ser humano da destruição e, como recompensa, agora me contorcia sob a miserável dor de um ferimento, que estilhaçara minha carne e meus ossos. Os sentimentos de bondade e gentileza que eu comtemplara havia poucos minutos deram lugar a uma fúria infernal e ao ranger dos dentes. Incendiado pela dor, jurei ódio eterno e vingança a toda a humanidade. Mas a agonia do ferimento me dominou; meus batimentos diminuíram e desmaiei.

Por algumas semanas levei uma vida miserável na floresta, tentando curar o ferimento que recebera. O projétil tinha entrado no meu ombro, e eu não sabia se permanecera

lá ou o atravessara; de qualquer forma, eu não tinha meios de extraí-lo. Meus sofrimentos aumentavam também com o opressivo senso de injustiça e ingratidão. Dia após dia, eu jurava vingança — uma vingança profunda e mortal, que sozinha compensasse os ultrajes e a angústia pelos quais eu passara.

Após algumas semanas, meu ferimento sarou, e continuei minha viagem. A labuta que enfrentei não era mais passível de ser aliviada pelo brilho do sol ou pela brisa suave da primavera; toda alegria era senão uma zombaria, que insultava meu estado de desolação e me fazia sentir ainda mais dolorosamente que eu não fora feito para desfrutar prazer.

Mas minha lida agora se aproximava do fim e, em dois meses, alcancei as cercanias de Genebra.

Era noite quando cheguei, e me recolhi a um esconderijo entre os campos que circundavam a cidade, a fim de meditar sobre a maneira como iria ter com você. Achava-me oprimido pela fadiga e a fome e infeliz demais para apreciar as gentis brisas do entardecer ou a ideia de ver o sol se pôr atrás das estupendas montanhas do Jura.

Desta vez, um sono leve aliviou a dor da reflexão, mas foi perturbado pela aproximação de uma bela criança, que veio correndo até o recôndito que eu escolhera, com toda a vivacidade da infância. Subitamente, ao olhar para ele, ocorreu-me a ideia de que aquela pequena criatura não teria preconceitos e não vivera tempo suficiente para ter assimilado o horror à deformidade. Se, portanto, eu pudesse apanhá-lo, e educá-lo como meu companheiro e amigo, não seria tão desolado neste mundo povoado por pessoas.

Incitado por esse impulso, apanhei o garoto quando ele passava e o puxei para perto de mim. Tão logo viu minha figura, ele pôs as mãos diante dos olhos e soltou um grito agudo. Afastei sua mão do rosto à força e disse:

— Criança, o que significa isso? Não quero machucá-lo; me ouça.

Ele debateu-se violentamente.

— Me larga — exclamou. — Monstro! Feio desgraçado! Você quer me comer e me deixar em pedacinhos. Você é um ogro! Me larga, ou eu conto pro meu pai.

— Menino, você nunca mais vai ver o seu pai; precisa vir comigo.

— Me larga, monstro hediondo! Meu pai é magistrado, é o sr. Frankenstein, ele vai te castigar. Não ouse me segurar.

— Frankenstein! Você então pertence ao meu inimigo, a quem jurei vingança eterna. Há de ser minha primeira vítima.

A criança ainda se debatia e me cumulava de epítetos que causavam desespero no meu coração. Apertei-lhe o pescoço para calá-lo, e em instantes ele jazia morto aos meus pés.

Olhei para minha vítima, e meu coração se encheu de exultação pelo triunfo infernal. Bati palmas e exclamei:

— Eu também posso criar desolação; meu inimigo não é invulnerável. Esta morte vai levar o desespero a ele, e milhares de outras misérias hão de atormentá-lo e destruí-lo.

Enquanto fixava meus olhos na criança, vi algo cintilando em seu peito. Apanhei-o; era o retrato de uma mulher adorável. Apesar da minha malignidade, aquilo me abrandou e atraiu. Por alguns instantes, fiquei olhando encantado para seus olhos escuros, emoldurados por cílios longos, e seus lábios adoráveis; mas dentro em breve minha raiva retornou: lembrei-me de que eu estava para sempre privado dos encantos que criaturas belas como aquela poderiam conferir; e de que aquela cuja aparência eu contemplava iria, ao me ver, mudar seus ares de divina bondade e expressar repulsa e estarrecimento.

Consegue imaginar como tais pensamentos me deixaram enfurecido? Eu só me pergunto como foi que, naquele momento, em vez de ventilar minhas sensações em lamentos e de agonia, não me precipitei sobre a humanidade para perecer tentando destruí-la.

Enquanto era dominado por esses sentimentos, deixei o local onde havia cometido o assassinato e, procurando um esconderijo mais isolado, entrei num celeiro que parecia vazio. Uma mulher estava dormindo em cima de um monte de palha; era jovem; não tão bonita, na verdade, quanto aquela cujo retrato eu segurava; mas tinha aspecto agradável, e todo o viço e a graciosidade da juventude e da saúde. Lá estava, pensei eu, um daqueles sorrisos causadores de alegria que eram conferidos a todos menos eu. E então me debrucei sobre ela e sussurrei:

— Acorda, beldade, teu amado está chegando; ele que daria a vida só para obter um olhar de afeto dos teus olhos; minha amada, acorda!

A adormecida se mexeu, e um frêmito de horror percorreu meu corpo. Iria ela de fato acordar, e me ver, e me amaldiçoar, e denunciar o assassino? Assim ela certamente agiria, se abrisse os olhos escuros e me contemplasse. O pensamento que me ocorreu era uma loucura e despertou o demônio dentro de mim — não era eu, mas ela, quem haveria de sofrer: ela é quem pagaria pelo assassinato que eu cometera por ser eternamente privado de tudo o que ela poderia me proporcionar. O crime tinha nela sua fonte: que dela fosse o castigo! Graças às aulas de Felix e às sanguinárias leis dos homens, eu agora aprendera a fazer maldades. Debrucei-me sobre ela e guardei o retrato com

firmeza numa das dobras do seu vestido. Ela se remexeu mais uma vez, e eu fugi.

Por alguns dias, espreitei o local onde essas cenas aconteceram; às vezes desejando ver você, às vezes decidido a abandonar para sempre o mundo e suas misérias. Por fim, vaguei na direção destas montanhas e percorri todos os seus imensos recônditos, consumido por uma paixão ardente que somente você pode satisfazer. Não podemos nos separar até que você prometa acatar o meu pedido. Sou sozinho e miserável; os homens não se associam a mim; mas alguém tão deformado e horrível quanto eu não me renegaria. Minha companheira deve ser da mesma espécie e ter os mesmos defeitos. É esse ser que você deve criar.

CAPÍTULO XVII

O SER TERMINOU DE FALAR e fixou o olhar sobre mim na expectativa de uma resposta. Mas eu estava atônito, perplexo e incapaz de organizar as ideias o suficiente para entender a extensão de sua proposta. Ele continuou:

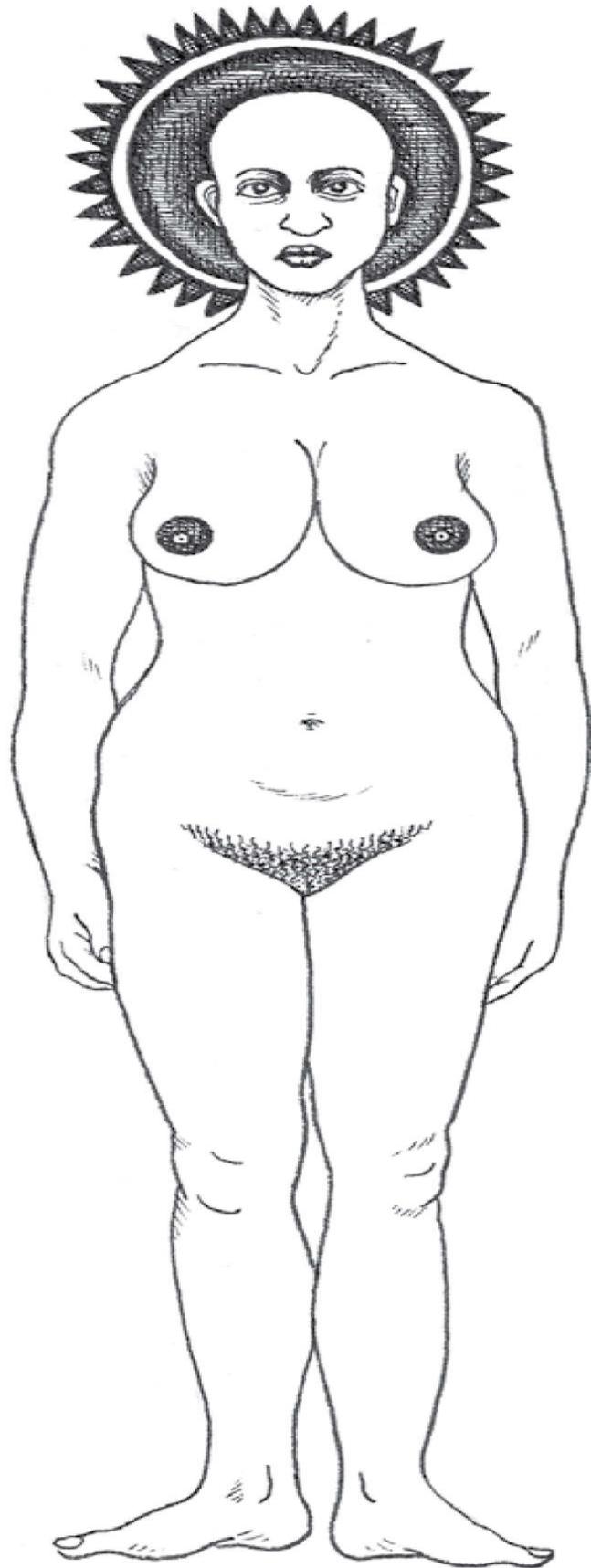
— Você deve criar uma fêmea para mim, com quem eu possa viver trocando essas simpatias necessárias para minha existência. Isso só você pode fazer, e o exijo como um direito que não pode se recusar a me conceder.

A última parte da sua história havia revivido em mim a fúria que se extinguira enquanto ele narrava sua vida pacífica entre os campônios, e, ao ouvir isso, não pude mais conter a raiva que me ardia por dentro.

— Pois eu me recuso — respondi —; e tortura alguma conseguirá extorquir o meu consentimento. Você pode me tornar o mais miserável dos homens, mas jamais há de me tornar ordinário aos meus próprios olhos. Criar outro ser como você, cuja perversidade somada à sua poderia desolar o mundo? Fora! Já lhe respondi; pode me torturar, mas jamais consentirei.

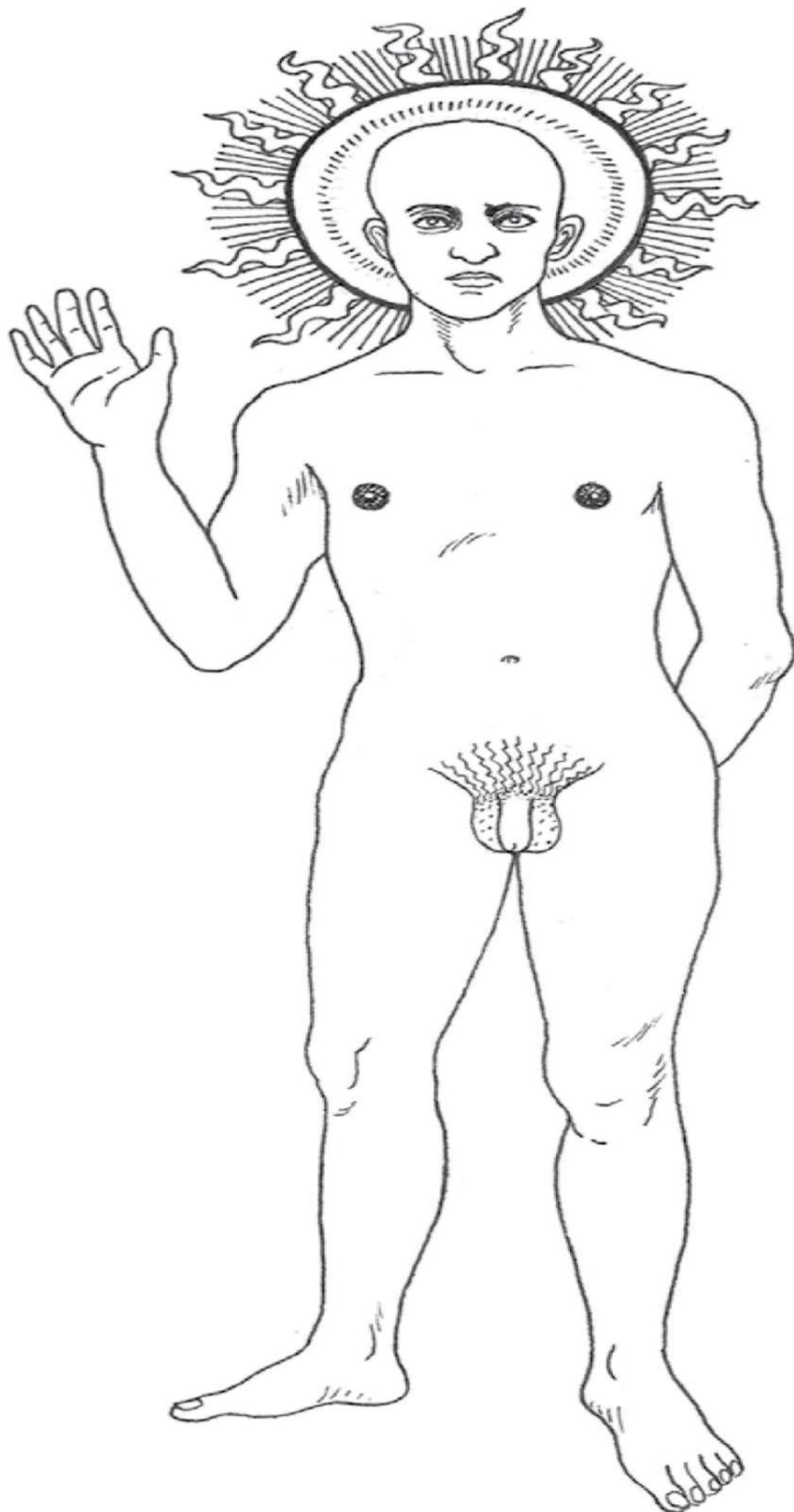
— Está enganado — respondeu o inimigo — e, em vez de ameaçá-lo, me limito a argumentar com você. Sou mau porque sou miserável. Pois não sou rejeitado e odiado por toda a humanidade? Você, meu próprio criador, me faria em pedaços e se sentiria triunfante; lembre-se disso e me diga: por que eu deveria me apiedar do homem mais do que ele se apieda de mim? Você não denominaria de assassinato se pudesse me atirar sobre um desses vales de gelo e destruir meu corpo, obra de suas próprias mãos. Devo eu respeitar o homem, quando ele me despreza? Se ele vivesse comigo trocando bondades, em vez de

agressão eu só lhe daria benefícios, com lágrimas de gratidão por ser aceito. Mas isso não pode acontecer; os sentidos humanos são barreiras intransponíveis para a nossa união. Contudo, não me submeterei a uma escravidão abjeta. Vou me vingar das injúrias: se não posso inspirar amor, causarei medo; e principalmente a você, meu arqui-inimigo, por ser meu criador, juro um ódio inextinguível. Tome cuidado: vou trabalhar para a sua destruição e não pararei enquanto não desolar seu coração a ponto de você querer amaldiçoar o dia em que nasceu.

Uma raiva diabólica o animou enquanto dizia isso; seu rosto desfigurado por contorções horríveis demais para a contemplação de olhos humanos. Mas logo se acalmou e prosseguiu:

— Eu queria argumentar. Este ardor é nocivo para mim, pois *você* não percebe que você é a causa desse excesso. Se algum ser sentisse emoções de benevolência em relação a mim, eu as retribuiria multiplicadas por mil; por essa única criatura, eu faria as pazes com toda a espécie! Mas agora estou me permitindo sonhos de bem-aventurança que não podem ser realizados. O que lhe peço é razoável e moderado; exijo uma criatura do sexo oposto, mas tão hedionda quanto eu; a recompensa é pequena, mas é tudo o que posso receber, e irá me contentar. É verdade que seremos monstros, isolados do resto do mundo, mas por esse motivo seremos mais ligados um ao outro. Nossas vidas não serão felizes, mas serão inofensivas e livres da infelicidade que agora sinto. Ó, meu criador, faça-me feliz; deixe-me sentir gratidão por você por um único benefício! Permita que eu desperte a solidariedade de uma coisa viva; não negue o meu pedido!

Fiquei comovido. Estremeci ao pensar nas possíveis consequências do meu consentimento, mas sentia que havia certa justiça no argumento dele. Sua história e os sentimentos que ele agora expressava comprovavam que ele era uma criatura de sensibilidade refinada; e eu, como seu criador, não lhe devia toda parcela de felicidade que estava ao meu alcance conceder? Ele notou a minha mudança de disposição e continuou:

— Se consentir, nem você nem nenhum outro ser humano jamais nos verá novamente: irei para as vastas matas da América do Sul. Meu alimento não é o mesmo que o do homem; não destruo o cordeiro e o cabrito para saciar meu apetite; nozes e frutas silvestres me fornecem sustento suficiente. Minha companheira será da mesma natureza que a minha e se contentará com a mesma refeição. Faremos nossa cama com folhas secas; o sol irá luzir sobre nós assim como sobre o homem, e amadurecerá nosso alimento. O retrato que lhe apresento é pacífico e humano, e você deve estar sentindo que só poderia negá-lo por um capricho de poder e crueldade. Inclemente como tem sido em relação a mim, agora vejo compaixão em seus olhos;

deixe-me aproveitar o momento favorável para convencê-lo a prometer o que desejo tão ardentemente.

— Você propõe — respondi — fugir dos territórios habitados pelo homem para fazer morada nas matas onde os animais selvagens serão sua única companhia. Como poderia você, que anseia pelo amor e pela simpatia do homem, perseverar nesse exílio? Você vai voltar e novamente buscar a bondade, e será recebido com repulsa; suas paixões malignas se renovarão, e você então terá uma companheira para ajudá-lo na tarefa da destruição. Isso não pode acontecer: pare de insistir na ideia, pois não posso consentir com ela.

— Como são inconstantes os seus sentimentos! Se um momento atrás você estava comovido com minha explanação, por que novamente se insensibiliza diante das minhas queixas? Juro a você, pela terra que habito e por você que me criou, que, com a companheira que me der, abandonarei a vizinhança do homem e morarei, porventura, no mais selvagem dos lugares. Minhas paixões malignas terão desaparecido, pois haverei de ser recebido com compaixão! Minha vida transcorrerá em paz e, nos estertores da morte, não irei amaldiçoar meu criador.

Suas palavras tiveram um estranho efeito sobre mim. Eu me compadecia dele, e às vezes sentia vontade de consolá-lo, mas quando olhava para ele, quando via aquela massa imunda que se movia e falava, meu coração se enojava, e meus sentimentos passavam a ser de horror e ódio. Tentei reprimir essas sensações; pensei que, já que não era capaz de simpatizar com ele, não tinha direito de lhe recusar a pequena parcela de felicidade que ainda estava em meu poder lhe conferir.

— Você jura — eu disse — ser inofensivo, mas já não demonstrou um grau de maldade que com razão deveria me fazer desconfiar de você? Não seria até mesmo isso um subterfúgio para aumentar seu triunfo, ao proporcionar maior escopo à sua vingança?

— Como é? Não brinque comigo: exijo uma resposta. Se não tenho laços e afetos, o ódio e o vício serão meu quinhão; o amor de outro ser destruirá o motivo dos meus crimes, e eu me tornarei algo cuja existência será ignorada por todos. Meus vícios são

filhos de uma solidão forçada que abomino e minhas virtudes necessariamente surgirão quando eu viver em comunhão com uma igual. Hei de sentir o afeto de um ser senciente e me tornar parte da cadeia de existência e eventos da qual agora me encontro excluído.

Detive-me por algum tempo para refletir sobre tudo o que ele havia relatado e sobre os variados argumentos de que se valera. Pensei na promessa de virtudes que ele demonstrara na inauguração de sua existência e na subsequente aniquilação de todo sentimento bom diante do desprezo e escárnio que seus protetores tinham manifestado para com ele. Sua força e suas ameaças não foram omitidas de meus cálculos: uma criatura capaz de sobreviver nas cavernas frias das geleiras e se furtar de perseguições em meio às cordilheiras e precipícios inacessíveis era um ser possuidor de capacidades que seria inútil enfrentar. Após longa pausa para reflexão, concluí que a justiça devida tanto a ele quanto aos meus semelhantes exigia que eu concordasse com o pedido dele. Virando-me para ele, portanto, eu disse:

— Consinto com a sua exigência desde que jures solenemente deixar para sempre a Europa e qualquer outro lugar na vizinhança dos homens, tão logo eu entregue em suas mãos uma fêmea que o acompanhará no exílio.

— Eu juro — exclamou ele —, pelo sol e pelo firmamento azul do céu e pelo fogo do amor que queima meu coração, que, se conceder o que suplico, você nunca mais haverá de me ver enquanto esses elementos existirem. Vá para casa e comece a trabalhar: vou acompanhar seu progresso com uma ansiedade inexprimível. E acredite quando digo que voltarei quando você tiver terminado.

Ao dizer isso, ele subitamente me abandonou, temeroso, talvez, de que minhas intenções mudassem. Vi-o descer a montanha com mais rapidez do que uma águia a voar e perder-se em meio às ondulações do mar de gelo.

A história dele tinha ocupado todo o meu dia, e o sol estava na linha do horizonte quando ele partiu. Eu sabia que deveria apressar minha descida até o vale, uma vez que logo me veria

engolfado pela escuridão, mas meu coração estava pesado e meus passos, lentos. A labuta de serpentear em meio às trilhas estreitas das montanhas e de firmar o pé conforme avançava deixou-me atordoado, ocupado como estava com as emoções que os acontecimentos do dia haviam produzido. A noite ia já muito avançada quando cheguei ao lugar de descanso no meio do caminho e me sentei ao lado da fonte. As estrelas luziam a intervalos, conforme as nuvens passavam na frente delas; os pinheiros escuros assomavam à minha frente, e aqui e ali jazia uma árvore partida no chão: era um cenário de maravilhosa solenidade e suscitou estranhos pensamentos em mim. Chorei amargamente e, unindo as mãos em agonia, exclamei:

— Ó estrelas e nuvens e ventos, vós estais a zombar de mim; se de fato vos apiedais de mim, esmagai-me os sentidos e a memória; permiti que eu me transforme em nada; senão, ide, ide e me deixai na escuridão.

Eram pensamentos loucos e infelizes, mas não consigo lhe descrever como o eterno piscar das estrelas pesava sobre mim e como eu ouvia cada rajada de vento como se fosse o ruído surdo e horrendo do vento siroco prestes a me destruir.

O dia raiou antes que eu chegasse à aldeia de Chamonix; não descansei nada, mas voltei imediatamente para Genebra. Mesmo no meu coração eu não conseguia expressar o que sentia — meus sentimentos me oprimiam com o peso de uma montanha, e seu excesso destruía a minha agonia soterrada. Foi nesse estado que voltei para casa e, ao entrar, me apresentei à minha família. Minha aparência abatida e enlouquecida despertou intenso alarme, mas não respondi a nenhuma pergunta e mal falei. Sentia como se me tivesse sido imposta uma proibição — como se eu não tivesse direito de pedir a simpatia deles, como se nunca mais pudesse apreciar sua companhia. Mesmo assim, eu os amava às raias da adoração; e para salvá-los decidi me dedicar à mais abominável tarefa. A perspectiva de tal ocupação fez todas as outras circunstâncias da existência passarem diante de mim como num sonho; somente esse pensamento tinha, para mim, a realidade da vida.

CAPÍTULO XVIII

DIA APÓS DIA, semana após semana se seguiram ao meu regresso a Genebra; e eu não conseguia reunir coragem para recomeçar meu trabalho. Temia a vingança do inimigo decepcionado, contudo era incapaz de superar a repugnância à tarefa de que fora incumbido. Percebi que não poderia compor uma fêmea sem mais uma vez devotar vários meses a profundos estudos e laboriosas indagações. Ouvira falar sobre algumas descobertas feitas por um filósofo inglês cujo conhecimento seria cabal para o meu sucesso, e às vezes pensava em obter o consentimento de meu pai para visitar a Inglaterra com esse fim; mas me agarrei a cada pretexto de atraso, e me acovardei de dar o primeiro passo numa empreitada cuja premente necessidade começou a me parecer menos imperativa. De fato, uma mudança ocorrera em mim: minha saúde, até então em declínio, agora estava bastante restabelecida e meu ânimo, quando não era contestado pela lembrança de minha promessa infeliz, se elevava proporcionalmente. Meu pai viu essa mudança com prazer e voltou os pensamentos para o melhor método de erradicação dos resquícios da minha melancolia, que de quando em quando voltava em surtos, e com uma escuridão devoradora que nublava o sol iminente. Nesses momentos, eu me refugiava na mais perfeita solidão. Passava dias inteiros a sós no lago em um barco pequeno, observando as nuvens e ouvindo o fragor das ondas, silenciosas e letárgicas. Mas o ar fresco e o sol brilhante raras vezes deixavam de restaurar minha compostura em algum grau; e, ao voltar, acolhia as saudações dos meus amigos com um sorriso mais disposto e um coração mais alegre.

Foi após meu retorno de uma dessas perambulações que meu pai, me chamando de lado, assim se dirigiu a mim:

— Fico feliz de observar, meu filho querido, que você retomou seus antigos prazeres e parece estar voltando a si. Contudo, você continua infeliz, e ainda evita nossa companhia. Por algum tempo me perdi em conjeturas quanto à causa disso; mas ontem me ocorreu uma ideia e, se for bem embasada, imploro que a admita. Nessa altura, ter reservas quanto a isso não seria apenas inútil, mas atrairia o triplo de misérias a todos nós.

Tremi violentamente diante desse preâmbulo, e meu pai continuou:

— Confesso, meu filho, que sempre acreditei que seu casamento com nossa querida Elizabeth seria o laço do nosso conforto doméstico e o arrimo de meus anos finais. Vocês sempre foram ligados um ao outro desde a primeira infância; estudavam juntos, e pareciam, no temperamento e nos gostos, inteiramente feitos um para o outro. Mas a experiência do homem é tão cega que aquilo que imaginei serem os melhores alicerces do meu plano talvez o tenham destruído por completo. Você, talvez, a considere sua irmã, sem ter nenhum desejo de que ela se torne sua esposa. Digo mais, você pode ter encontrado outra mulher a quem ama e, considerando a si mesmo ligado por honra a Elizabeth, esse dilema talvez esteja causando a pungente infelicidade que parece estar sentindo.

— Meu caro pai, pode ficar tranquilo. Amo minha prima com ternura e sinceridade. Nunca conheci nenhuma mulher que suscitasse, como Elizabeth, minha mais calorosa admiração e afeto. Minhas esperanças e perspectivas de futuro estão inteiramente ligadas à expectativa de nossa união.

— Vê-lo expressar seus sentimentos a respeito do assunto, meu querido Victor, me dá mais prazer do que tenho experimentado nos últimos tempos. Se é assim que você se sente, com certeza seremos felizes, por mais que os últimos acontecimentos possam nos lançar na melancolia. Mas é essa melancolia, que parece ter assumido o total controle da sua

mente, que desejo dissipar. Diga-me, portanto, se você se opõe à imediata oficialização do casamento. Temos sido infelizes, e eventos recentes nos afastaram da diária calmaria adequada à minha idade e enfermidade. Você é jovem; contudo, detentor como é de uma fortuna razoável, não suponho que um casamento precoce venha a interferir em quaisquer planos futuros de honra e utilidade que possa ter formado. Não pense, no entanto, que quero ditar sua felicidade ou que um atraso de sua parte me causaria grande incômodo. Interprete minhas palavras com candura e me responda, eu imploro, com convicção e sinceridade.

Ouvi meu pai em silêncio e, por algum tempo, fui incapaz de lhe oferecer qualquer resposta. Remoí rapidamente uma miríade de pensamentos e tentei chegar a uma conclusão. *Ai de mim!*, a ideia de uma união imediata com minha Elizabeth me causava horror e consternação. Eu estava preso a uma promessa solene que ainda não cumprira, e não ousava desfazer; se a desfizesse, quanta infelicidade não poderia recair sobre mim e minha devotada família! Como eu poderia entrar numa celebração com esse peso mortal a cingir meu pescoço e me dobrar ao chão? Devo cumprir minha incumbência e deixar o monstro partir com a companheira antes de me permitir desfrutar o encanto de uma união da qual espero paz.

Lembrei-me também da necessidade imposta a mim de viajar à Inglaterra ou encetar uma longa correspondência com os filósofos desse país, cujo conhecimento e descobertas eram de indispensável uso para a presente empreitada. O último método de obter a informação desejada era demorado e insatisfatório: além disso, eu tinha uma aversão insuperável à ideia de me levar minha desprezível tarefa a cabo na casa de meu pai, enquanto me relacionava com aqueles que amava. Sabia que milhares de acidentes assustadores poderiam acontecer, o menor dos quais revelaria uma história que encheria de horror todos aqueles ligados a mim. Também estava ciente de que com frequência eu perderia todo o autocontrole, toda a capacidade de esconder as devastadoras sensações que me possuiriam durante o avanço de

minha ocupação sobrenatural. Devia me afastar de todos que amava enquanto assim estivesse ocupado. Depois de iniciado, o projeto rapidamente seria concluído, e eu poderia voltar para minha família em paz e felicidade. Cumprida a promessa, o monstro iria embora para sempre. Ou (assim queria minha adorada imaginação) nesse meio-tempo poderia ocorrer algum acidente para destruí-lo e para sempre pôr fim à minha escravidão.

Esses sentimentos ditaram minha resposta ao meu pai. Expressei a vontade de visitar a Inglaterra, mas escondi os verdadeiros motivos do pedido, trajei meus desejos com um disfarce que não despertava suspeitas, enquanto instava meu desejo com uma seriedade que facilmente induziu meu pai a concordar com meu pedido. Após um longo período de uma ensimesmada melancolia, que se assemelhava à loucura por sua intensidade e efeitos, ele ficou feliz ao ver que eu era capaz de obter prazer da ideia de tal viagem, e torceu para que a mudança de cenário e as diversões variadas conseguissem, antes do meu regresso, me fazer voltar inteiramente a mim.

A duração da minha ausência foi deixada à minha própria escolha; alguns meses, um ano no máximo, foi o período considerado. Ele tomara uma amável precaução de pai para garantir que eu tivesse companhia. Sem me comunicar de antemão, ele tinha acertado, em conluio com Elizabeth, que Clerval se unisse a mim em Estrasburgo. Isso interferia na solidão que eu cobiçava para a execução de minha tarefa, mas a presença de meu amigo no começo da viagem não representaria nenhum impedimento, e me agradou sobremaneira ser assim poupado de muitas horas de reflexão solitária e enlouquecedora. Digo mais, Henry poderia se interpor entre mim e a intromissão de meu inimigo. Se eu estivesse sozinho, não iria ele às vezes impor sua presença abominável a mim, para me lembrar de minha tarefa ou contemplar seu avanço?

Partiria para a Inglaterra, portanto, e ficou acertado que minha união com Elizabeth se daria imediatamente após meu regresso. A idade de meu pai o tornara extremamente desafeito a

postergações. Para mim, havia da minha detestável lida uma única recompensa que eu mesmo me prometera — um consolo para meus sofrimentos inigualáveis: a perspectiva do dia em que, emancipado de minha miserável escravidão, eu poderia reivindicar Elizabeth como esposa e esquecer o passado em minha união com ela.

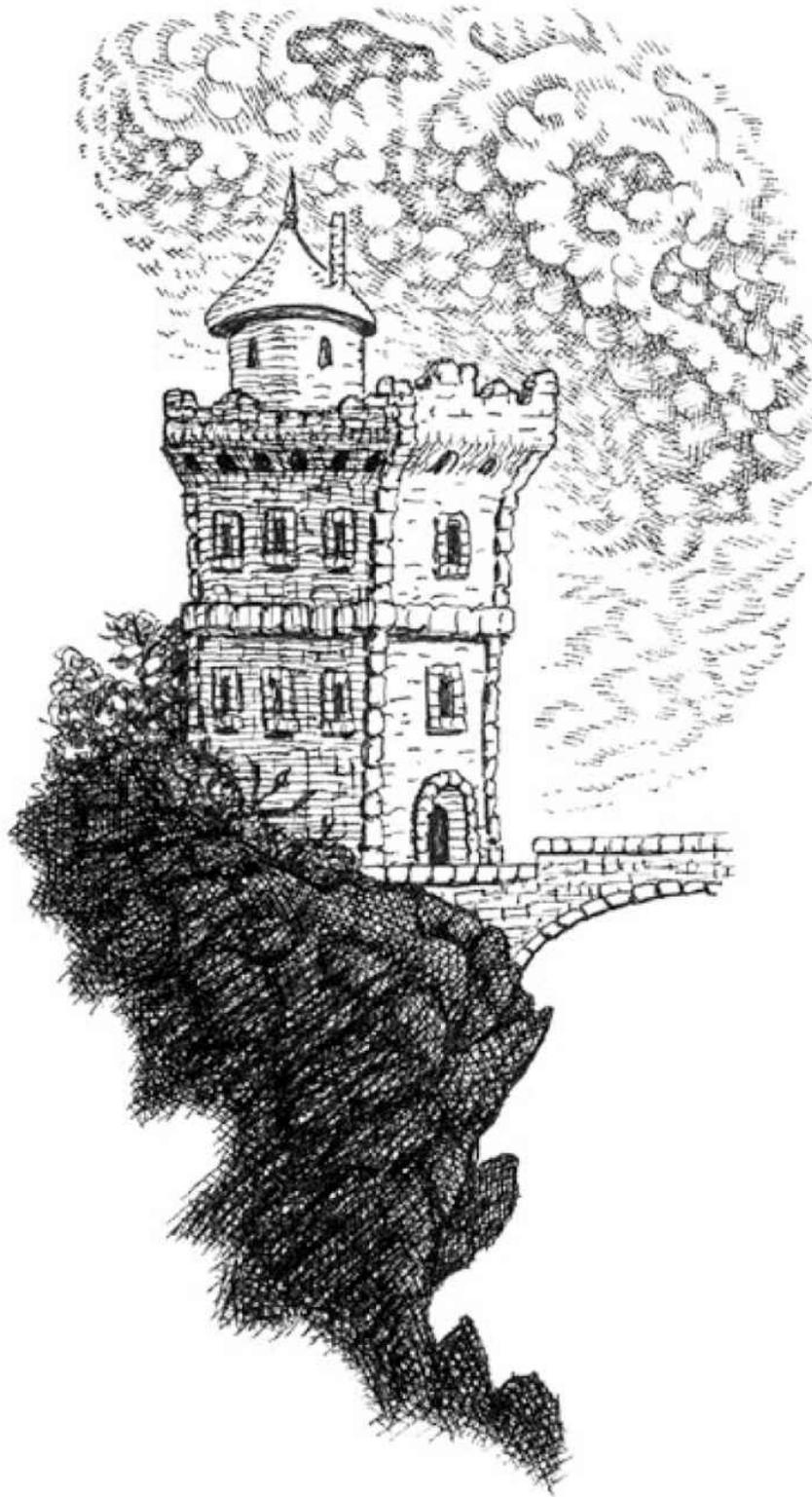
Fazia então os preparativos para a viagem, mas me assombrava um sentimento que me enchia de medo e agitação. Durante minha ausência, eu deixaria meus amigos ignorantes da existência de um inimigo e desprotegidos de seus ataques, exasperado como ele poderia ficar com minha partida. Mas ele prometera me seguir aonde quer que eu fosse; não me acompanharia então até a Inglaterra? Esse pensamento em si era pavoroso, mas apaziguador à medida que supunha a segurança de meus amigos. Angustiava-me a ideia de que o inverso disso pudesse acontecer. Mas por todo o período durante o qual fui escravo de minha própria criatura, permiti-me ser governado pelos impulsos do momento; e minhas sensações atuais indicavam fortemente que o inimigo me seguiria, dispensando minha família do perigo de suas maquinações.

Foi no fim de setembro que mais uma vez deixei minha terra natal. A viagem fora sugestão minha e, portanto, Elizabeth assentiu, mas se encheu de inquietação diante da ideia de me ver sofrer, longe dela, as investidas da infelicidade e da dor. Fora a preocupação dela que me providenciara a companhia de Clerval — contudo, um homem é cego aos milhares de pequenos detalhes que pedem a assídua atenção de uma mulher. Ela ansiava por me desejar um rápido regresso, mas milhares de emoções conflitantes a deixaram muda enquanto me dava um choroso e silencioso adeus.

Joguei-me na carruagem que iria me levar para longe dali, mal sabendo para onde estava indo e sem reparar no que se passava ao meu redor. Lembrara-me apenas, e foi com amarga angústia que refleti sobre isso, de pedir que meus instrumentos químicos fossem embalados para ir comigo. Cheio de pensamentos medonhos, passei por muitos cenários belos e

majestosos, mas meus olhos estavam fixos e distantes. Só conseguia pensar no propósito de minha viagem e no trabalho que me ocuparia enquanto ela durasse.

Após alguns dias passados em letárgica indolência, durante os quais transpus vários quilômetros, cheguei a Estrasburgo, onde por dois dias esperei por Clerval. Ele chegou. Ai de mim!, que grande contraste havia entre nós! Ele se revivia a cada novo cenário; se alegrava ao ver as belezas do sol poente, e ficava ainda mais feliz quando o via nascer e começar um novo dia. Ele me apontava a mudança de cores da paisagem e o aspecto do céu.

— Isso é que é viver! — exclamou ele. — Agora eu aprecio a existência! Mas você, meu caro Frankenstein, por que motivo está desanimado e melancólico?

Na verdade, eu estava ocupado com pensamentos sombrios, e não via nem a estrela vespertina se pôr nem a luz dourada do

nascer do sol se refletir sobre o Reno. E você, meu amigo, se divertiria muito mais com o diário de Clerval, que observava o cenário com um olhar sensível e maravilhado, do que ouvindo minhas reflexões. Eu, um desgraçado miserável, assombrado por uma praga que interditava todas as vias de satisfação.

Tínhamos concordado em descer o Reno num barco de Estrasburgo a Roterdã, de onde poderíamos embarcar para Londres. Durante essa viagem, passamos por muitas ilhas repletas de salgueiros e vimos vários vilarejos bonitos. Ficamos um dia em Mannheim e, no quinto dia desde nossa partida de Estrasburgo, chegamos a Mainz. O curso do Reno a partir dali se torna muito mais pitoresco. O rio corre rápido, serpenteando por entre colinas não altas, mas íngremes e de belo formato. Vimos muitos castelos em ruínas à beira de precipícios, circundados por florestas escuras, altas e inacessíveis. Aquela parte do Reno, de fato, apresenta uma paisagem de singular variedade. Em determinado ponto, vemos colinas irregulares, ruínas de castelos com vista para precipícios tremendos, o rio de águas escuras correndo lá embaixo e, na súbita guinada de um promontório, vinhedos em flor, com margens verdes em declive, um rio sinuoso e vilarejos populosos ocupam o cenário.

Viajamos na época da colheita de uvas e ouvimos a canção dos trabalhadores enquanto deslizávamos rio abaixo. Mesmo eu, deprimido e o espírito continuamente agitado por sentimentos sombrios, fiquei contente. Deitei-me no chão do barco e, conforme fitava o desanuviado céu azul, parecia me embeber de uma calma que por muito tempo me fora estranha. E se essas eram minhas sensações, quem poderá descrever as de Henry? Ele se sentia como se tivesse sido levado para o País das Fadas e desfrutava uma felicidade raras vezes provada pelo homem.

— Já vi — disse ele — os mais belos cenários da minha terra; visitei os lagos de Lucerna e Uri, onde as montanhas nevadas se inclinam quase perpendiculares à água, projetando uma sombra escura e impenetrável que passaria uma imagem sombria e enlutada não fossem as mais verdejantes ilhas a aliviar o olhar com sua jovial aparência; vi esse lago ser agitado por uma

tempestade, quando o vento causou redemoinhos na água e nos deu uma noção de como deve ser uma tromba d'água no vasto oceano; vi as ondas dispararem com fúria no sopé da montanha, onde o padre e sua amada foram esmagados por uma avalanche e onde se diz que até hoje suas vozes moribundas são ouvidas entre os intervalos do vento noturno; vi as montanhas de La Valais e do Pays de Vaud: mas esta região, Victor, me agrada mais do que todas essas maravilhas. As montanhas da Suíça são mais majestosas e estranhas, mas há um charme nas margens deste rio divino que nunca vi igual. Veja aquele castelo que sobressai ao precipício mais além; e também aquele na ilha, quase oculto entre a folhagem daquelas árvores adoráveis; e agora aquele grupo de trabalhadores chegando dos vinhedos; e aquela aldeia semioculta nos recessos da montanha. Ah, com certeza o espírito que habita e protege este lugar tem uma alma mais harmonizada com o homem do que aqueles que se amontoam nas geleiras ou se recolhem para os picos inacessíveis das montanhas do nosso país.

Clerval, amado amigo!, mesmo agora me encanta registrar suas palavras e desfazer-me em elogios que você tão celebremente merece. Ele era um ser formado na "própria poesia da natureza". Sua imaginação selvagem e entusiasmada era moderada pela sensibilidade de seu coração. Sua alma transbordava de afetos ardentes, e sua amizade era daquela natureza devotada e maravilhosa que os mundanos nos ensinam a procurar somente na imaginação. Mas nem mesmo as relações humanas eram suficientes para satisfazer sua mente ávida. A cena da natureza exterior, que outros consideram apenas com admiração, ele amava com ardor:

A ressoante catarata
Assombrava-o como uma paixão: a rocha alta,
A montanha e o bosque denso e sombrio,
Suas cores e formas eram então para ele
Apetitosas; sentimentais e amorosas,

Sem necessidade de charmes alheios,
Frutos do pensamento, ou de outro interesse
Que não o concedido pelos olhos.[29]

E onde estará ele agora? Terá esse ser gentil e adorável se perdido para sempre? Teria sua mente, tão repleta de ideias, imaginações fantasiosas e magníficas, que formavam um mundo cuja existência dependia da vida de seu criador… teria essa mente perecido? Será que agora existe apenas em minha memória? Não, não pode ser; sua forma tão divinamente delineada e resplandecente de beleza se decompôs, mas seu espírito ainda visita e consola o amigo infeliz.

Perdoe-me por esse acesso de pesar; essas palavras ineficazes não passam de um reles tributo ao valor inigualável de Henry, mas apaziguam meu coração, que transborda da angústia que a lembrança dele evoca. Vou continuar minha história.

Depois de Colônia, descemos até as planícies da Holanda e decidimos abreviar o restante da viagem; pois o vento estava contrário e a correnteza do rio suave demais para nos ajudar.

Nossa viagem ali perdeu o interesse suscitado pelos belos cenários, mas chegamos em alguns dias a Roterdã, de onde seguimos por mar até a Inglaterra. Foi numa límpida manhã, nos últimos dias de dezembro, que vi pela primeira vez os penhascos brancos da Grã-Bretanha. As margens do Tâmisa apresentavam um novo cenário; eram planas mas férteis, e quase todos os vilarejos eram marcados pela lembrança de algum acontecimento histórico. Vimos o forte Tilbury e fomos lembrados da Armada Espanhola; Gravesend, Woolwich e Greenwich, lugares dos quais eu ouvira falar até mesmo em meu país.

Por fim, vimos os numerosos campanários de Londres, com a catedral de St. Paul assomando sobre tudo, e a Torre, famosa na história inglesa.

29 "Tintern Abbey", de [William] Wordsworth. [N. da A.]

CAPÍTULO XIX

LONDRES ERA NOSSA PARADA ATUAL; decidimos permanecer vários meses naquela cidade maravilhosa e celebrada. Clerval desejava ter com os homens geniais e talentosos que floresciam nessa época, mas para mim isso era um objetivo secundário. Eu estava preocupado principalmente com os meios de obter a informação necessária para o cumprimento de minha promessa, e rapidamente me vali das cartas de apresentação que trouxera comigo, dirigidas aos mais distintos filósofos naturais.

Se essa viagem tivesse acontecido durante meus dias de estudo e felicidade, teria me causado inexprimível prazer. Mas uma devastação havia tomado conta da minha existência, e só visitei aquelas pessoas em nome da informação que poderiam me dar sobre o assunto em que eu me achava terrivelmente interessado. Estar acompanhado era um aborrecimento; quando ficava sozinho, eu podia ocupar a mente com visões do céu e da terra; a voz de Henry me apaziguava, e assim eu podia me iludir com uma paz transitória. Mas rostos alegres, alvoroçados e desinteressantes devolviam o desespero ao meu coração. Eu via uma barreira intransponível entre mim e meus semelhantes; essa barreira estava selada com o sangue de William e Justine; e refletir sobre os eventos relacionados a esses nomes enchia minha alma de angústia.

Mas em Clerval vi a imagem do meu antigo eu; ele era questionador e ansiava por adquirir experiência e conhecimento. A diferença de costumes que ele observava era-lhe uma inesgotável fonte de saberes e diversão. Também ele perseguia um objetivo que por muito tempo tivera em mente. Seu plano era visitar a Índia, na crença de que, auxiliado pelo conhecimento

que tinha das várias línguas da região e dos vislumbres que tivera de sua sociedade, possuía os meios de lá contribuir materialmente para o avanço da colonização e do comércio europeus. Apenas na Grã-Bretanha ele poderia progredir na execução de seu projeto. Ele estava sempre ocupado; e o único entrave aos seus prazeres era minha mente pesarosa e deprimida. Tentei ocultar isso na medida do possível, a fim de não toldá-lo dos prazeres naturais de alguém que ingressava em uma nova fase da vida, imperturbado por qualquer preocupação ou lembrança amarga. Com frequência me recusava a acompanhá-lo, alegando ter outro compromisso, para poder ficar sozinho. De novo eu começara a coletar os materiais necessários para minha nova criação, e isso era para mim como a tortura de gotas d'água caindo sem cessar na minha testa. Cada pensamento que devotava a isso era de uma angústia extrema, e cada palavra que eu falava em alusão ao assunto fazia meus lábios tremerem e meu coração palpitar.

Após passar alguns meses em Londres, recebemos uma carta de uma pessoa da Escócia que outrora nos visitara em Genebra. Ele mencionou as belezas de seu país natal e nos perguntou se não seriam atrativos suficientes para nos fazer prolongar nossa viagem até as lonjuras do norte de Perth, onde ele residia. Clerval desejava avidamente aceitar o convite; e eu, embora abominasse a vida em sociedade, desejava ver de novo as montanhas e regatos e todas as obras maravilhosas com as quais a Natureza enfeitava os lugares escolhidos como sua habitação.

Chegáramos à Inglaterra no começo de outubro, e agora já era fevereiro. Por conseguinte, decidimos começar nossa viagem rumo ao norte no final do mês seguinte. Nessa expedição, não pretendíamos seguir pela estrada principal para Edimburgo, mas visitar Windsor, Oxford, Matlock e os lagos de Cumberland, resolvidos a alcançar o término da jornada no fim de julho. Embalei meus instrumentos químicos e os materiais que havia coletado, resolvido a concluir minha labuta em algum canto obscuro nos planaltos do norte da Escócia.

Deixamos Londres em 27 de março e permanecemos por uns dias em Windsor, perambulando por sua bela floresta. Tratava-se de um novo cenário para nós, montanheses; os majestosos carvalhos, a quantidade de animais de caça e os rebanhos de cervos imponentes eram uma novidade para nós.

Dali, seguimos para Oxford. Ao entrarmos na cidade, nossas mentes se encheram com a lembrança de eventos que lá se sucederam mais de um século e meio antes. Fora ali que Carlos I reunira suas tropas. A cidade permanecera fiel a ele, depois que a nação inteira esquecera a sua causa para brandir o estandarte do parlamento e da liberdade. A memória daquele rei desafortunado e de seus companheiros, o amigável Falkland,[30] o insolente Goring,[31] sua rainha e seu filho, rendia um peculiar interesse a cada parte da cidade onde supostamente teriam habitado. O espírito de tempos passados fazia ali sua morada, e nos encantava refazer seus passos. Se esses sentimentos não tivessem encontrado uma gratificação imaginária, a aparência da cidade em si possuía beleza suficiente para despertar nossa admiração. As faculdades são antigas e pitorescas; as ruas, quase magníficas; e o adorável Isis, que corre ao longo da cidade por entre campinas de um verde excepcional, se ramifica em uma plácida vastidão aquática que reflete a majestosa coleção de torres, pináculos e domos envoltos por velhas árvores.

Eu apreciava esse cenário; contudo, minha apreciação era azedada tanto pela lembrança do passado como pela antecipação do futuro. Eu fora feito para a felicidade e a paz. Durante meus tempos de juventude, o descontentamento jamais me visitava; e se alguma vez era tomado pelo *ennui*[32], a visão do belo na natureza ou o estudo do excelente e sublime na produção humana sempre interessava o meu coração e atenuava meu estado de espírito. Mas sou uma árvore partida; o raio entrou em minha alma; e eu sentia então que deveria sobreviver para exibir o que logo iria deixar de ser — um infeliz espetáculo da humanidade destroçada, deplorável para os outros e intolerável para mim mesmo.

Passamos um período considerável em Oxford, perambulando por seus arredores e tentando identificar cada local que pudesse estar relacionado à época mais animadora da história inglesa. Nossas pequenas viagens de descoberta eram com frequência prolongadas pelos sucessivos objetos que se apresentavam. Visitamos o túmulo do ilustre Hampden[33] e o campo em que esse patriota tombou. Por um momento, minha alma foi alçada de seus medos desprezíveis e miseráveis para contemplar os ideais sublimes de liberdade e autossacrifício, dos quais aquelas paisagens eram monumentos e lembretes. Por um instante, ousei me livrar de minhas correntes e olhar ao redor com o espírito livre e altivo; mas o ferro havia consumido minha carne, e de novo eu desabava, trêmulo e sem esperança, para dentro do meu eu miserável.

Deixamos Oxford com pesar e seguimos para Matlock, nossa próxima parada. O interior na vizinhança dessa aldeia lembrava, em grande medida, o cenário da Suíça, mas cada coisa estava numa escala menor, e as colinas verdes careciam da coroa dos distantes Alpes brancos, que sempre comparecem às montanhas cobertas de pinheiros da minha terra natal. Visitamos a maravilhosa caverna e os pequenos gabinetes de história natural, onde as curiosidades são dispostas da mesma maneira como nas coleções de Servox e Chamonix. Este último nome me fez estremecer quando foi pronunciado por Henry, e me apressei para deixar Matlock, agora associada com aquele terrível cenário.

De Derby, ainda viajando para o norte, passamos dois meses em Cumberland e Westmorland. Agora eu podia quase me imaginar em meio às montanhas suíças. Os pequenos trechos de neve que ainda se tardavam na face norte das montanhas, os lagos e o fluir dos regatos rochosos eram visões familiares e queridas para mim. Ali também fizemos algumas amizades que quase conseguiram me iludir com a felicidade. O deleite de Clerval era proporcionalmente maior do que o meu; sua mente se expandia na companhia de homens de talento, e ele encontrava em sua própria natureza maiores habilidades e recursos do que

ele imaginaria possuir enquanto se relacionava com pessoas inferiores a si mesmo.

— Eu poderia passar a vida aqui — ele me disse — e entre essas montanhas dificilmente sentiria falta da Suíça e do Reno.

Mas ele descobriu que a vida de um viajante inclui muita dor entre seus prazeres. Os sentimentos deste estão sempre no limite; e quando ele começa a se aclimatar ao descanso, vê-se obrigado a abandonar aquilo que lhe dá prazer em nome de uma coisa nova, que novamente domina sua atenção e que também é abandonado em nome de outras novidades.

Mal tínhamos visitado os vários lagos de Cumberland e Westmorland e nos afeiçoado a alguns dos habitantes, quando a data do encontro com nosso amigo escocês se aproximou, e abandonamos a paisagem para seguir viagem. De minha parte, não lamentava. Tinha negligenciado minha promessa por algum tempo e temia as consequências da decepção do demônio. Ele podia ter ficado na Suíça e exercer sua vingança em meus parentes. Essa ideia me perseguia e me atormentava em todo momento no qual de outra forma eu teria aproveitado em descanso e paz. Aguardava minhas cartas com febril impaciência: quando se atrasavam, eu ficava miserável e tomado por milhares de medos; quando chegavam, e eu via o cabeçalho de Elizabeth ou de meu pai, mal ousava ler e atestar meu destino. Às vezes, pensava que o inimigo me seguia e poderia punir minha remissão assassinando meu companheiro. Quando tais pensamentos me possuíam, eu não abandonava Henry nem por um instante, seguindo-o como sua sombra para protegê-lo da caprichosa fúria de seu destruidor. Eu me sentia como se tivesse cometido um grave crime, cuja consciência me assombrava. Eu não era culpado, mas de fato havia atraído uma horrível praga sobre mim, tão mortal quanto a de um crime.

Visitei Edimburgo com olhos e mente lânguidos; contudo, aquela cidade seria capaz de despertar o interesse até do mais desafortunado dos homens. Clerval não a apreciou tanto quanto Oxford: a antiguidade da outra cidade era-lhe mais agradável. Mas a beleza e organização da nova Edimburgo, com seu castelo

romântico e os arredores mais encantadores do mundo, o pico de Arthur's Seat, o poço de São Bernardo e as colinas de Pentland, o recompensaram pela mudança de cenário e o encheram de alegria e admiração. Mas eu estava impaciente para chegar ao término de minha jornada.

Deixamos Edimburgo dentro de uma semana, passando por Coupar, St. Andrew's e ao longo das margens do rio Tay até chegarmos em Perth, onde nosso amigo nos aguardava. Mas eu não estava com disposição para rir e conversar com estranhos nem para me inteirar de seus sentimentos ou planos com o bom humor que se espera de um hóspede; por conseguinte, disse a Clerval que desejava fazer sozinho a viagem pela Escócia.

— Aproveite — eu disse — e façamos daqui o nosso ponto de reencontro. Estarei ausente talvez por um ou dois meses, mas rogo que não interfira em meus deslocamentos: estarei em paz e solidão por curto período; e quando voltar, espero que o faça com coração mais leve, o que convém mais ao seu temperamento.

Henry tentou me dissuadir, mas, vendo-me obstinado a seguir o plano, parou de protestar. Rogou que eu escrevesse com frequência.

— Preferiria estar com você — disse ele — em suas perambulações solitárias, a estar com esses escoceses, os quais não conheço. Apresse-se então, meu caro amigo, e volte logo, para que eu possa me sentir novamente em casa, algo que não posso fazer na sua ausência.

Tendo me despedido de meu amigo, decidi visitar algum lugar remoto da Escócia e terminar meu trabalho em isolamento. Não duvidava de que o monstro me seguia e se revelaria quando eu houvesse terminado, a fim de receber sua companheira.

Com essa resolução, percorri as terras altas do norte e estabeleci como cenário da minha labuta uma das ilhas mais remotas do arquipélago de Órcades. Era um lugar apropriado para tal trabalho, por ser pouco mais do que uma rocha cujas encostas eram continuamente golpeadas pelas ondas. O solo era árido, mal fornecendo pasto para umas poucas vacas e aveia para seus habitantes, que consistiam de cinco pessoas cujos membros

descarnados e esqueléticos eram símbolo de sua alimentação miserável. Legumes e pão, quando se permitiam tais luxos, e até mesmo água fresca, tinham de ser trazidos do continente, que distava cerca de oito quilômetros dali.

Em toda a ilha havia apenas três casebres miseráveis, e um deles estava vazio quando cheguei. Então o aluguei. Possuía somente dois cômodos, que exibiam toda a esqualidez da mais absoluta penúria. O forro de palha havia caído, as paredes não tinham reboco e as portas estavam sem dobradiças. Mandei que o reparassem, comprei mobília e me instalei; um incidente que, sem dúvida, teria causado alguma surpresa, não estivessem os sentidos dos campônios entorpecidos pela carência e pela esquálida pobreza. Dessa maneira, vivi despercebido e imperturbado, mal recebendo um agradecimento pela ninharia de comida e roupa que lhes doava; tamanho é o embotamento que o sofrer causa até mesmo nas sensibilidades mais grosseiras dos homens.

Nesse retiro, devotei as manhãs à labuta; mas de noite, quando o tempo permitia, eu caminhava na praia pedregosa para ouvir as ondas que vociferavam e avançavam sobre meus pés. Era um cenário monótono, porém em constante mutação. Eu pensava na Suíça; era muito diferente daquela paisagem desolada e apavorante. Suas colinas são cobertas de vinhas e suas cabanas se espalham numerosas pelas planícies. Os belos lagos refletem um céu azul e gentil e, quando perturbados pelo vento, seu fragor não passa de uma brincadeira de criança travessa quando comparado à fúria do oceano gigante.

Dessa maneira eu distribuía minhas ocupações quando cheguei; mas, conforme minha labuta prosseguia, se tornava a cada dia mais horrível e aborrecida. Às vezes, por vários dias não conseguia me convencer a entrar no laboratório; em outras, eu penava dia e noite a fim de concluir minha obra. Era, de fato, um processo imundo esse em que eu estava envolvido. Durante o primeiro experimento, uma espécie de frenesi entusiasmado me cegara ao horror da atividade; minha mente se fixara detidamente na consumação de minha labuta e meus olhos se

fecharam ao horror dos procedimentos. Mas agora eu a enfrentava com sangue-frio, e meu coração com frequência se enojava diante da obra de minhas próprias mãos.

Assim estabelecido, dedicado a uma ocupação detestável e imerso numa solidão em que nada poderia nem por um instante desviar minha atenção da situação com que estava comprometido, meu ânimo se tornou irregular; eu ficava inquieto e nervoso. A todo momento temia encontrar meu perseguidor. Às vezes, sentava-me com os olhos fixos no chão, receando que se erguessem e encontrassem o objeto que tanto temia avistar. Eu receava sair da vista dos meus semelhantes, pois se ficasse sozinho ele poderia aparecer para reivindicar sua companheira.

Enquanto isso, continuei labutando, e meu trabalho já estava consideravelmente avançado. Mirava sua conclusão com uma esperança trêmula e sôfrega, que eu não ousava pôr em questão, mas que vinha entremeada de maus augúrios sombrios que faziam meu coração adoecer.

---

30 Lucius Cary, visconde Falkland (1610–1643), estudioso e realista moderado, secretário de Estado de Carlos I, escolheu a morte voluntária na batalha de Newbury, durante a Guerra Civil Inglesa, em confronto com os partidários do Parlamento liderados por Oliver Cromwell (1599–1658), que saiu vitorioso.

31 George Goring (1608–1657), conhecido como barão Goring, outro militar fiel ao rei Carlos I.

32 Tédio, aborrecimento, em francês no original.
33 John Hampden (1594–1643), parlamentar britânico que morreu na batalha de Chalgrove Field, durante a Primeira Guerra Civil Inglesa.

CAPÍTULO XX

Certa noite, eu estava em meu laboratório; o sol havia se posto e a lua acabara de se erguer do mar; eu não tinha luz suficiente para o trabalho e permaneci ocioso, fazendo uma pausa para considerar se devia abandonar a labuta por aquela noite ou acelerar seu término com uma dedicação ininterrupta. Enquanto estava ali, ocorreu-me uma linha de reflexão que me levou a considerar os efeitos do que eu estava fazendo. Três anos antes, eu estava ocupado da mesma maneira e criara um inimigo cuja barbaridade inigualável havia desolado meu coração, enchendo-o para sempre com o mais amargo arrependimento. Agora estava prestes a criar outro ser, de cuja disposição eu era igualmente ignorante; ela podia ser dez mil vezes mais maligna que seu companheiro e se deliciar com o assassinato e a desgraça, por prazer. Ele tinha jurado deixar os lugares habitados pelo homem e esconder-se nos descampados, mas ela não; e ela, que com toda a probabilidade viria a ser um animal pensante e racional, poderia se recusar a aceitar um pacto feito antes de ter sido criada. Eles podiam até mesmo odiar um ao outro; a criatura que já vivia desprezava a própria deformidade, quando esta surgisse diante de seus olhos na forma de uma fêmea não seria recebida por ele com aversão ainda maior? Ela também poderia se afastar dele com nojo e voltar-se para a beleza superior do homem; poderia abandoná-lo, e ele de novo ficaria sozinho, exasperado pela afronta de ter sido abandonado por alguém da própria espécie.

Mesmo se eles deixassem a Europa para habitar os descampados do novo mundo, um dos primeiros resultados da relação pela qual o demônio estava sedento seriam os filhos, e

uma raça de diabos se propagaria pela terra, podendo tornar a própria existência da espécie humana uma condição precária e cheia de terror. Teria eu o direito, em benefício próprio, de infligir essa praga às gerações vindouras? Antes, eu ficara comovido com os sofismas da minha criatura, suas ameaças diabólicas haviam me deixado incapaz de raciocinar; mas agora, pela primeira vez, a perversidade de minha promessa irrompeu dentro de mim. Estremeci ao pensar que as eras futuras poderiam me amaldiçoar como a uma peste, cujo egoísmo não hesitara em comprar a própria paz à custa, talvez, da existência da raça humana inteira.

Eu tremia, e meu coração sucumbia, quando, erguendo o olhar, vi, à luz da lua, o demônio no caixilho da janela. Um sorriso medonho lhe enrugava os lábios enquanto ele olhava para mim, sentado a completar a tarefa que ele me havia designado. Sim, ele tinha me seguido em minhas viagens, vadiado pela floresta, se escondido em cavernas ou se refugiado em matagais amplos e desérticos; e agora vinha acompanhar meu progresso e reivindicar o cumprimento de minha promessa.

Quando olhei para ele, seu semblante expressava o maior grau de maldade e intriga. Pensei em minha promessa de criar outro ser igual a ele com uma sensação de loucura e, tremendo de ardor, destrocei a coisa em que estava trabalhando. O desgraçado me viu destruir a criatura de cuja existência futura dependia a sua felicidade e, com um uivo de desespero e vingança diabólicos, se afastou.

Saí do laboratório e, trancando a porta, fiz em meu coração o solene voto de jamais retomar o trabalho; e então, com passos trêmulos, fui até meus aposentos. Eu estava sozinho; não havia ninguém perto de mim para dissipar a melancolia e me aliviar da opressão doentia provocada pelos devaneios mais terríveis.

Várias horas se passaram e permaneci perto da janela olhando para o mar; ele estava praticamente imóvel, pois os ventos tinham se acalmado e toda a natureza repousava sob o olhar de uma lua silenciosa. Uns poucos navios de pesca eram tudo a salpicar a água e, uma vez ou outra, a brisa suave soprava

o som de vozes quando os pescadores chamavam uns aos outros. Eu senti o silêncio, embora mal estivesse consciente de sua extrema intensidade, até meus ouvidos serem subitamente atacados pelo golpear de remos perto da orla e uma pessoa desembarcar perto de minha casa.

Poucos minutos depois, ouvi minha porta ranger, como se alguém tentasse abri-la na surdina. Tremi da cabeça aos pés; tive um pressentimento de quem podia ser, e desejei acordar um dos camponeses que moravam numa cabana não muito longe da minha; mas fui tomado pela sensação de impotência, experimentada tantas vezes em sonhos assustadores, quando em vão se tenta fugir de um perigo iminente, e fiquei plantado no mesmo lugar.

Dentro em breve, ouvi o som de passos no corredor; a porta se abriu e o desgraçado que eu temia apareceu. Fechando a porta, ele se aproximou de mim e disse, com voz embargada:

– Você destruiu a obra que começou; o que pretende com isso? Como ousa quebrar sua promessa? Enfrentei penas e miséria: deixei a Suíça com você, me esgueirei pela orla do Reno, por suas ilhas de salgueiros e pelos picos de suas colinas. Morei muitos meses nos matagais da Inglaterra e nos descampados da Escócia. Enfrentei fadiga, frio e fome incalculáveis; como ousa destruir minhas esperanças?

– Fora! Quebro, sim, minha promessa; jamais criarei outro ser como você, igualável em deformidade e perversidade.

– Escravo, antes argumentei com você, mas você se provou indigno de minha condescendência. Lembre-se de que tenho poder: você se acredita infeliz, mas posso torná-lo tão miserável que até a luz do dia lhe será odiosa. Você é meu criador, mas eu sou seu senhor; obedeça!

– O momento da minha indecisão passou, e o tempo de seu poder chegou ao fim. Suas ameaças não me farão agir com maldade, mas confirmam minha determinação de não criar uma companheira de perversões para você. Por que haveria eu de, a sangue-frio, soltar na terra um demônio que se delicia com a

morte e a desgraça? Fora! Estou decidido, e suas palavras só irão exacerbar minha fúria.

O monstro viu a determinação no meu rosto e rangeu os dentes na impotência da raiva.

— Será que todo homem — exclamou — encontrará uma mulher para si e toda fera, uma parceira enquanto eu ficarei sozinho? Eu tinha sentimentos de afeição, que foram retribuídos com aversão e escárnio. Homem!, você bem é capaz de odiar, mas cuidado!, você passará horas de pavor e sofrimento, e logo cairá o trovão que irá arrebatá-lo para sempre de sua felicidade. Estará você fadado a ser feliz enquanto eu rastejo na intensidade da minha desgraça? Você pode destruir minhas outras paixões, mas a vingança permanece — a vingança a partir de agora me é mais cara que a luz ou o alimento! Posso até morrer; mas antes, você, meu tirano e atormentador, há de amaldiçoar o sol que brilha sobre sua infelicidade. Cuidado; pois sou destemido e, portanto, poderoso. Eu o vigiarei com a astúcia de uma serpente, que pode aferroá-lo com veneno. Homem, você há de se arrepender dos sofrimentos que inflige.

— Chega, diabo; e não empesteie o ar com essas palavras maldosas. Já lhe declarei minha decisão, e não sou covarde para ser dobrado por palavras. Deixe-me; estou irredutível.

— Está bem. Eu me vou; mas lembre-se de que estarei com você na noite do seu casamento.

Dei um passo adiante e exclamei:

— Vilão! Antes de assinar minha sentença de morte, certifique-se de que você mesmo esteja em segurança.

Eu o teria agarrado, mas ele se esquivou e deixou a casa apressadamente. Após alguns instantes pude vê-lo em seu barco, que disparava pelas águas com a agilidade de uma flecha e logo se perdia em meio às ondas.

Tudo ficou em silêncio de novo, mas suas palavras ressoavam em meus ouvidos. Eu ardia de raiva por querer perseguir o assassino da minha paz e atirá-lo no oceano. Andei para cima e para baixo pelo meu quarto, apressado e perturbado, enquanto minha imaginação conjurava milhares de imagens para me atormentar e aferroar. Por que eu não o seguira e me engalfinhara com ele numa luta até a morte? Em vez disso, instigara-o a partir, e ele dirigira seus passos rumo ao continente. Estremeci ao pensar em quem poderia ser a próxima vítima

sacrificada à sua vingança insaciável. E então pensei de novo em suas palavras: Estarei com você na noite do seu casamento. Essa era a data em que se fixara o cumprimento do meu destino. Nessa hora, eu morreria, e de pronto satisfaria e extinguiria a sua maldade. A perspectiva não me provocou medo; contudo, quando pensei em minha amada Elizabeth — em suas lágrimas e pesar infindo quando descobrisse que seu amado fora barbaramente tirado dela —, lágrimas, as primeiras que eu vertera em tantos meses, brotaram em meus olhos, e decidi não tombar diante do inimigo sem uma luta ferrenha.

A noite passou e o sol nasceu no oceano; meus sentimentos se tranquilizaram, se é que se pode chamar de tranquilidade o momento em que a violência da fúria afunda nas profundezas do desespero. Deixei a casa, o cenário horrível da contenda da noite passada, e caminhei à beira do mar, que eu praticamente considerava uma barreira intransponível entre mim e meus semelhantes; digo mais, insinuou-se em mim o desejo de que isso fosse verdade. Desejei poder passar a vida naquela rocha árida, entediado, é verdade, mas sem ser afetado por nenhum choque súbito de infelicidade. Caso eu regressasse, seria sacrificado ou veria aqueles a quem mais amava morrerem nas garras de um demônio que eu mesmo criara.

Caminhei pela ilha feito um espectro inquieto, separado de todos que eu amava e infeliz com a separação. Quando deu meio-dia e o sol subiu mais alto, deitei-me na relva e fui sobrepujado por um sono profundo. Tinha ficado acordado por toda a noite anterior, com os nervos agitados e os olhos injetados pela vigília e infelicidade. O sono no qual agora eu caíra me revigorou; e, quando acordei, voltei a me sentir pertencente a uma raça de seres humanos como eu e comecei a refletir com maior compostura sobre tudo o que havia se passado. Contudo, as palavras do inimigo ainda ressoavam em meus ouvidos feito um sino fúnebre e, embora parecessem um sonho, eram tão distintas e opressivas quanto a realidade.

O sol já ia muito baixo, e eu continuava sentado na praia, satisfazendo meu apetite, que se tornara voraz, com um bolo de

aveia, quando vi um barco de pesca atracar perto de mim, e um dos homens me trouxe um pacote; continha cartas de Genebra e uma de Clerval, rogando que me unisse a ele. Dizia que estava gastando o tempo de modo infrutífero onde estava, que cartas dos amigos que fizera em Londres expressavam o desejo de que ele voltasse para concluir a negociação que entabularam em nome da sua empreitada indiana. Ele não podia mais atrasar sua partida, mas como sua viagem para Londres poderia ser sucedida, até mais cedo do que ele então imaginava, por uma viagem mais longa, ele me rogava que lhe concedesse o máximo que pudesse de minha companhia. Ele implorou, portanto, que eu deixasse minha ilha solitária e fosse encontrá-lo em Perth, para que pudéssemos seguir juntos para o sul. Essa carta, em certa medida, chamou-me de volta à vida, e decidi abandonar minha ilha ao findar de mais dois dias.

Contudo, antes de partir, havia uma tarefa a cumprir e que me fazia estremecer só de pensar: eu devia embrulhar meus instrumentos químicos e, para esse fim, precisaria entrar no cômodo que servira de cenário para o meu odioso trabalho e manusear aqueles utensílios cuja visão me fazia adoecer. Na manhã seguinte, ao raiar do dia, amealhei coragem suficiente e destranquei a porta do laboratório. Os restos da criatura semiacabada, a qual eu destruíra, jaziam espalhados pelo chão, e quase senti como se tivesse mutilado a carne viva de um ser humano. Parei para me recompor e então entrei no aposento. Com a mão trêmula, transportei os instrumentos para fora do cômodo, mas refleti que não deveria deixar as sobras da minha obra atiçarem o horror e a suspeita dos camponeses e, por conseguinte, coloquei tudo num cesto, junto com grande quantidade de pedras, decidido a jogá-las no mar naquela mesma noite. Nesse meio-tempo, sentei-me na praia, ocupado com a limpeza e organização do meu aparato químico.

Nada poderia ser mais completo do que a alteração que ocorrera em meus sentimentos desde a noite da aparição do demônio. Antes, eu via minha promessa com melancólico desespero, como algo que, não importassem as consequências,

deveria ser cumprido; mas agora sentia como se um véu tivesse sido tirado da frente dos meus olhos e que, pela primeira vez, eu enxergava com clareza. A ideia de retomar minha labuta não me ocorreu nem por um instante; a ameaça que eu tinha ouvido pesava sobre meus pensamentos, mas eu não pensava que um ato voluntário de minha parte poderia evitá-la. Mentalmente, eu chegara à conclusão de que criar outro ser igual ao inimigo que eu fizera antes seria um ato do mais vil e atroz egoísmo; e bani da minha cabeça qualquer pensamento que pudesse levar a outra conclusão.

Entre duas e três da manhã, a lua apareceu; então coloquei o cesto a bordo de um pequeno esquife e naveguei para cerca de seis quilômetros longe da costa. A cena era perfeitamente solitária: uns poucos barcos estavam voltando para a terra, mas naveguei para longe deles. Sentia-me prestes a cometer um crime pavoroso e evitava, com estremecida ansiedade, qualquer encontro com meus iguais. Num instante, a lua, antes límpida, ficou subitamente encoberta por uma nuvem espessa, e aproveitei o momento de escuridão para atirar o cesto no mar: ouvi o som borbulhante conforme afundava e então naveguei para longe dali. O céu se anuviou; mas o ar estava puro, ainda que gelado pela brisa nordeste que então se intensificava. Mas ela me revigorou e me encheu de sensações tão agradáveis que decidi prolongar minha estada na água e, firmando o leme numa posição reta, me estirei no chão do barco. As nuvens escondiam a lua, tudo estava escuro, e eu ouvia apenas o som da quilha do barco cortando as ondas; o murmúrio me embalou e, em pouco tempo, eu dormia profundamente.

Não sei por quanto tempo permaneci nesse estado, mas quando acordei descobri que o sol já estava consideravelmente alto. O vento estava forte e as ondas ameaçavam continuamente a segurança de meu pequeno esquife. Descobri que se tratava do vento nordeste, e eu devia ter sido levado para longe da costa na qual embarcara. Tentei alterar o curso, mas logo descobri que, se repetisse o esforço, o barco seria imediatamente tomado pela água. Nessa situação, meu único recurso era seguir na direção do

vento. Confesso ter experimentado uma sensação de terror. Não levara bússola e tinha tão parca familiaridade com a geografia daquela parte do mundo que o sol era de pouca valia para mim. Eu poderia ser carregado até o amplo Atlântico e sentir todas as torturas da fome ou ser engolido pelas águas imensuráveis que vociferavam e golpeavam ao meu redor. Eu estivera fora por muitas horas e sentia o tormento de uma sede ardente, um prelúdio para meus outros sofrimentos. Olhei para o céu, coberto de nuvens que vagavam contra o vento para ser substituídas por outras; olhei para o mar, ali seria minha cova.

— Demônio — exclamei —, sua tarefa já foi cumprida!

Pensei em Elizabeth, em meu pai e em Clerval; deixados para trás para que o monstro pudesse satisfazer suas paixões sanguinárias e impiedosas. A ideia me mergulhou num devaneio tão desesperador e aflitivo que, mesmo agora, quando a cena está prestes a se fechar para sempre diante de mim, estremeço só de pensar.

Assim se passaram algumas horas; mas, aos poucos, conforme o sol baixava no horizonte, o vento se transformou numa brisa suave e o mar ficou livre de arrebentações. Mas estas deram lugar a um marulho pesado; fiquei enjoado e quase incapaz de segurar o leme quando subitamente vi o contorno de um planalto ao sul.

Quase consumido, como estava, pela fadiga e pelo pavoroso suspense que suportei por várias horas, aquela repentina certeza de vida fluiu como um jorro de calorosa alegria até meu coração, e lágrimas brotaram nos meus olhos.

Como nossos sentimentos são instáveis e como é estranho esse amor renitente que temos à vida mesmo na infelicidade extrema! Fiz outra vela com um pedaço da minha roupa e sofregamente alterei o curso em direção à terra. Esta tinha uma aparência selvagem e rochosa, mas, conforme me aproximava, distingui com facilidade alguns vestígios de cultivo. Avistei navios perto da orla e me vi subitamente transportado de volta para o território da civilização. Com cuidado, contornei as margens sinuosas da costa e saudei um campanário que por fim

vi assomar por trás de um pequeno promontório. Como me achava num estado de extrema debilidade, decidi navegar diretamente rumo ao vilarejo, onde poderia facilmente obter alimento. Por sorte, trazia dinheiro comigo. Ao contornar o promontório, notei uma cidadezinha organizada e um bom porto, no qual entrei, com o coração saltando de alegria diante de minha salvação inesperada.

Enquanto estava ocupado em consertar o barco e ajeitar as velas, várias pessoas acorreram ao local. Pareciam muito surpresas com minha aparência, mas em vez de me oferecerem qualquer assistência, cochichavam entre si com gestos que em qualquer outro momento teriam produzido em mim uma ligeira sensação de alarme. Naquela situação, me limitei a observar que falavam inglês, portanto me dirigi a elas nessa língua:

— Meus bons amigos — disse —, teriam a bondade de me dizer o nome desta cidade e me informar onde estou?

— Você logo vai saber — respondeu um homem com voz roufenha. — Talvez tenha vindo para um lugar que não se provará muito do seu agrado, mas não será informado sobre seus aposentos, isso eu garanto.

Fiquei extremamente surpreso ao receber uma resposta tão rude de um estranho e desconcertado ao notar os semblantes carrancudos e raivosos de seus companheiros.

— Por que me responde com tanta aspereza? — respondi. — É sabido que os ingleses não têm o hábito de receber forasteiros com tamanha inospitalidade.

— Não sei — disse o homem — qual é o hábito dos ingleses, mas os irlandeses costumam odiar vilões.

Enquanto esse estranho diálogo continuava, notei que a multidão crescia rapidamente. Seus rostos expressavam uma mistura de curiosidade e raiva que me incomodava e até certa medida me alarmava. Perguntei qual era o caminho para a estalagem, mas ninguém respondeu. Então segui adiante, e um murmúrio percorreu a multidão enquanto me seguiam e cercavam; foi quando um homem mal-encarado se aproximou e bateu no meu ombro, dizendo:

– O senhor vai ter que ir comigo até a casa de Kirwin para se explicar.

– Quem é o sr. Kirwin? Por que deveria me explicar? Não é um país livre?

– É, senhor, livre para gente honesta. O sr. Kirwin é magistrado, e o senhor vai ter que dar uma explicação para a morte de um cavalheiro que foi encontrado assassinado aqui ontem à noite.

Essa resposta me sobressaltou, mas logo me recompus. Eu era inocente e isso podia ser facilmente provado. Por isso, segui meu condutor em silêncio e fui levado a uma das melhores casas da cidade. Eu estava prestes a sucumbir de fadiga e fome, mas, ao ser cercado por uma multidão, pensei ser prudente reunir todas as forças para que nenhuma debilidade física pudesse ser confundida com apreensão ou consciência culpada. Mal podia esperar então a calamidade que dentro de alguns instantes iria me esmagar e transformar em horror e desespero todo o medo da ignomínia ou da morte.

Aqui devo fazer uma pausa, pois necessito de toda a minha fibra para puxar da memória, com seus devidos detalhes, os assustadores eventos que estou prestes a relatar.

CAPÍTULO XXI

Logo fui levado à presença do magistrado, um velho benevolente, de maneiras tranquilas e brandas. Ele olhou para mim, no entanto, com certa severidade, e depois, voltando-se para os meus condutores, perguntou quem seria a testemunha da ocasião.

Cerca de meia dúzia de homens deram um passo adiante, e o que foi escolhido pelo magistrado testemunhou que saíra para pescar na noite anterior com o filho e o cunhado, Daniel Nugent, quando, por volta das dez horas, observaram surgir uma forte tempestade vinda do norte e por conseguinte se puseram a aportar. Era uma noite muito escura, já que a lua ainda não tinha nascido; não atracaram no porto, mas, como lhes era de costume, num riacho cerca de três quilômetros mais abaixo. Ele tomou a dianteira, carregando uma parte dos apetrechos de pesca, e seus companheiros o seguiram a certa distância. Conforme avançava pela areia, ele esbarrou com o pé em alguma coisa e caiu estatelado no chão. Os companheiros foram ajudá-lo e, à luz da lanterna, descobriram que ele havia caído em cima do corpo de um homem que tudo indicava estar morto. A primeira suposição foi de que era o cadáver de uma pessoa que morrera afogada e fora levada à orla pelas ondas; mas, após um exame, descobriram que suas roupas não estavam molhadas e que o corpo ainda não tinha esfriado. Imediatamente o carregaram até a cabana de uma senhora perto dali e tentaram, em vão, reavivá-lo. Parecia ser um jovem bonito, com seus vinte e cinco anos de idade. Aparentemente, tinha sido estrangulado, pois não havia sinais de violência, exceto pelas marcas escuras de dedos no pescoço.

A primeira parte do depoimento não me interessou nem um pouco, mas quando as marcas de dedos foram mencionadas, lembrei-me do assassinato de meu irmão e fiquei extremamente agitado; meus membros começaram a tremer e uma névoa cobriu-me os olhos, obrigando-me a buscar apoio numa cadeira. O magistrado me observava com um olhar aguçado, e é claro que obteve uma impressão desfavorável diante do meu comportamento.

O filho confirmou o relato do pai, mas quando Daniel Nugent foi chamado, jurou terminantemente que, logo antes de o companheiro tropeçar, ele viu um barco com um único homem dentro a curta distância da orla; e, pelo que podia julgar à luz de umas poucas estrelas, se tratava do mesmo barco do qual eu acabara de desembarcar.

Uma mulher depôs que morava perto da praia e estava parada à porta de sua cabana, aguardando o retorno dos pescadores, cerca de uma hora antes de ouvir sobre a descoberta do corpo, quando viu um barco com um único homem dentro ser impelido daquela parte da orla onde o cadáver foi mais tarde encontrado.

Outra mulher confirmou o relato sobre os pescadores terem levado o corpo à casa dela; ele não tinha esfriado. Puseram-no em uma cama e tentaram reavivá-lo; e Daniel foi ao vilarejo buscar um boticário, mas a vida de fato já se esvaíra.

Vários outros homens foram inquiridos a respeito de meu desembarque e concordaram que, com o forte vento norte que surgira durante a noite, era muito provável que eu tivesse sido jogado para lá e para cá por horas a fio e obrigado a voltar praticamente ao mesmo local de onde havia zarpado. Além disso, observaram que eu parecia ter trazido o corpo de outro lugar, e era possível que, como parecia não conhecer a orla, eu tivesse entrado no porto ignorando a distância entre o vilarejo de *** e o local onde teria depositado o corpo.

O sr. Kirwin, ao ouvir esses testemunhos, pediu que eu fosse levado à sala onde o corpo jazia para o sepultamento, para que se observasse qual efeito a visão dele produziria em mim. Essa ideia foi provavelmente sugerida pela extrema agitação que eu demonstrara quando o método do assassinato fora descrito. Por conseguinte, fui conduzido pelo magistrado e várias outras pessoas até a estalagem. Não pude evitar ser atingido pelas estranhas coincidências ocorridas durante aquela noite conturbada; mas, sabendo que tinha conversado com várias pessoas da ilha em que morava, por volta da mesma hora em que o corpo fora encontrado, estava perfeitamente tranquilo quanto às consequências do caso.

Entrei na sala onde jazia o cadáver e fui levado até o caixão. Como posso descrever minhas sensações ao contemplá-lo? Sinto-me ainda petrificado pelo horror, e tampouco consigo pensar naquele momento terrível sem estremecer de agonia. O interrogatório, a presença do magistrado e das testemunhas sumiram de minha memória como um sonho, quando vi o vulto sem vida de Henry Clerval estirado à minha frente. Perdi o fôlego e, atirando-me sobre o corpo, exclamei:

– Teriam minhas maquinações assassinas tirado também de você, meu querido Henry, a vida? Já são duas que destruí; outras

vítimas aguardam seu destino; mas você, Clerval, meu amigo, meu benfeitor...

A compleição humana é incapaz de suportar as agonias que eu enfrentava, e fui retirado da sala em fortes convulsões.

Sucedeu-se então uma febre. Permaneci acamado por dois meses à beira da morte. Meus delírios, como mais tarde ouvi, foram assustadores; eu me declarava o assassino de William, Justine e Clerval. Às vezes, rogava que meus cuidadores me ajudassem a destruir o inimigo pelo qual era atormentado; em outras, eu sentia os dedos do monstro já a agarrar meu pescoço e berrava de agonia e terror. Por sorte, como eu falava no meu idioma natal, apenas o sr. Kirwin me entendia, mas meus gestos e gritos amargos foram suficientes para estarrecer as outras testemunhas.

Por que não morri? Mais miserável do que qualquer homem antes de mim, por que não sucumbi ao esquecimento e ao sono eterno? A morte arrebata muitas crianças na flor da idade, a única esperança de seus pais adorados: quantas noivas e jovens amantes não estiveram num dia no auge da saúde e da esperança e, no dia seguinte, se viram presas dos vermes e da decomposição do túmulo! De que matéria eu era feito que me tornava resistente a tantos choques que, como as voltas da roda, continuamente renovavam o suplício?

Mas eu estava condenado a viver e, em dois meses, me vi despertando como de um sonho, numa prisão, estirado numa cama desgraçada, cercado de guardas, carcereiros, fechaduras e todo o miserável aparato de uma masmorra. Era de manhã, eu me lembro, quando então despertei para o entendimento: eu tinha esquecido os pormenores do que acontecera e sentia apenas como se um grande infortúnio tivesse subitamente se abatido sobre mim, mas quando olhei ao redor e vi as janelas gradeadas e a esqualidez do recinto em que me encontrava, tudo voltou à minha memória, e gemi amargamente.

O som perturbou o sono de uma velha senhora que estava dormindo numa cadeira ao meu lado. Era uma enfermeira profissional, esposa de um dos carcereiros, e seu semblante

expressava todas aquelas péssimas qualidades que com frequência caracterizam sua categoria. Os traços do rosto dela eram duros e rudes, como o das pessoas acostumadas a ver a miséria sem sentir nenhuma compaixão. Seu tom expressava toda a sua indiferença; dirigiu-se a mim em inglês e eu reconheci sua voz como uma das que ouvira durante meus sofrimentos:

– Está melhor agora, senhor? – perguntou ela.

Respondi no mesmo idioma, com voz fraca:

– Creio que sim, mas se for tudo verdade e não um sonho, lamento estar vivo para sentir essa infelicidade e horror.

– Quanto a isso – respondeu a velha senhora –, se está se referindo ao cavalheiro que assassinou, creio que o senhor estaria melhor morto, pois já vejo que isso vai lhe custar caro! No entanto, isso não é da minha conta; fui enviada para cuidar do senhor e fazê-lo melhorar; cumpro meu dever com a consciência tranquila; seria bom se todos agissem assim.

Virei o rosto com desprezo para longe da mulher que era capaz de proferir um discurso tão insensível a uma pessoa que acabara de escapar da morte, mas me sentia fraco e incapaz de refletir sobre tudo o que havia se passado. Minha vida passou diante de mim como um sonho; às vezes eu duvidava de que fosse tudo verdade, pois as imagens nunca se apresentavam à minha mente com a força da realidade.

À medida que as imagens que flutuavam à minha frente se tornavam mais nítidas, fiquei febril; uma escuridão me oprimia: não havia ninguém por perto para me apaziguar com a gentil voz do amor; nenhuma mão amiga me apoiava. O médico chegou e me prescreveu remédios, e a senhora os preparou para mim; mas era evidente a total displicência do primeiro, e uma expressão de brutalidade marcava fortemente a fisionomia da segunda. Quem se interessaria pelo destino de um assassino, senão o carrasco que seria pago pelo trabalho?

Tais foram minhas primeiras reflexões, mas logo tomei conhecimento de que o sr. Kirwin demonstrara extrema bondade para comigo. Ele ordenara que a melhor cela da prisão fosse preparada para mim (aquela desgraça era, na verdade, a melhor);

e foi ele quem providenciou um médico e uma enfermeira. É verdade que ele raramente ia me ver, pois, embora desejasse ardentemente aliviar os sofrimentos de toda criatura humana, não queria presenciar as angústias e os miseráveis delírios de um assassino. Portanto, ele às vezes vinha verificar se eu não estava sendo negligenciado, mas suas visitas eram breves, e a longos intervalos.

Um dia, enquanto aos poucos me recobrava, eu estava sentado numa cadeira com os olhos semiabertos e as faces lívidas como as de um moribundo. Via-me dominado pela melancolia e pela infelicidade, e com frequência pensava que seria melhor buscar a morte do que permanecer num mundo que, para mim, estava repleto de desgraça. Certa feita, considerei se devia ou não me declarar culpado e sofrer a penalidade da lei, sendo menos inocente do que a pobre Justine fora. Tais eram meus pensamentos quando a porta do meu aposento se abriu e o sr. Kirwin entrou. Seu semblante expressava solidariedade e compaixão, ele puxou uma cadeira para perto e se dirigiu a mim em francês:

— Temo que este lugar seja muito chocante para o senhor; há algo que eu possa fazer para deixá-lo mais confortável?

— Obrigado, mas o que o senhor menciona não significa nada para mim: sobre a face da Terra não há nenhum conforto que eu possa receber.

— Sei que a solidariedade de um estranho pode não ser de nenhuma ajuda para alguém que, como o senhor, vive tão estranha desventura. Mas o senhor, assim espero, logo deixará essa melancólica habitação, pois sem dúvida surgirão evidências para o livrar da acusação criminal.

— É a última coisa que me preocupa: por uma sucessão de estranhos eventos, eu me tornei o mais miserável dos mortais. Perseguido e torturado como fui e sou, por que a morte me representaria algum mal?

— De fato, nada pode ser mais desafortunado e agoniante que os estranhos acasos que ocorreram recentemente. O senhor foi lançado, por algum acidente inesperado, nesta orla renomada

pela hospitalidade, e imediatamente preso e acusado de assassinato. A primeira visão que se apresentou aos seus olhos foi o corpo do seu amigo, assassinado de maneira tão inexplicável e colocado, por assim dizer, no seu caminho por algum inimigo.

Quando o sr. Kirwin disse isso, não obstante a agitação que eu suportara ao relembrar meus sofrimentos, também senti considerável surpresa ao ver como ele sabia tanto sobre mim. Suponho ter manifestado tal espanto em meu semblante, pois o sr. Kirwin se apressou a dizer:

— Imediatamente após ficar doente, todos os documentos que o senhor trazia consigo foram entregues a mim, e os examinei a fim de descobrir alguma pista que me permitisse enviar aos seus familiares um relato de seu infortúnio e doença. Encontrei várias cartas e, entre elas, uma que descobri ser do seu pai, por causa do cabeçalho. Escrevi na mesma hora para Genebra; quase dois meses transcorreram desde o envio de minha carta. Mas o senhor se encontra doente; mesmo agora está trêmulo. Não é adequado que passe por qualquer tipo de agitação.

— Esse suspense é mil vezes pior do que a notícia mais horrível; diga-me, qual nova cena de assassinato foi descoberta, e qual assassinato devo agora lamentar?

— Sua família está perfeitamente bem — respondeu o sr. Kirwin com gentileza — e alguém, um amigo, veio visitá-lo.

Não sei por qual linha de raciocínio a ideia se apresentou a mim, mas de imediato se alojou em minha mente a impressão de que o assassino viera zombar de minha miséria e me provocar com a morte de Clerval, usando-a como um novo incentivo para que eu aceitasse seus desejos infernais. Pus a mão diante dos olhos e gritei de agonia:

— Oh, leve-o embora! Não posso vê-lo; pelo amor de Deus, não o deixe entrar!

O sr. Kirwin olhou para mim com semblante perturbado. Não pôde deixar de ver a minha exclamação como uma admissão de culpa e disse em tom severo:

– Eu teria imaginado, meu jovem, que a presença do seu pai seria bem-vinda, e não que inspiraria uma repugnância tão violenta.

– Meu pai! – exclamei, enquanto cada traço e cada músculo meu passava da angústia para o prazer: – Meu pai de fato veio? Que bondade, que enorme bondade! Mas onde ele está, que não veio correndo até mim?

Minha mudança de comportamento surpreendeu e agradou o magistrado; talvez pensasse que minha exclamação anterior fosse uma volta momentânea dos delírios, e agora ele instantaneamente retomara a benevolência de antes. Levantou-se e deixou o quarto com a enfermeira, e, num instante, meu pai entrou.

Nada naquele momento teria me dado maior prazer do que a chegada de meu pai. Estendi a mão para ele e exclamei:

– Então o senhor está a salvo! E Elizabeth? E Ernest?

Meu pai me tranquilizou com a certeza do bem-estar deles e, mergulhando nos assuntos que tanto interessavam ao meu coração, tentou elevar meu ânimo deprimido, mas logo sentiu que uma prisão não podia ser a morada da alegria.

– Que lugar é esse em que você se encontra, meu filho! – disse ele, olhando com pesar para as janelas gradeadas e a aparência desgraçada do recinto. – Você viajou para procurar a felicidade, mas a fatalidade parece persegui-lo. E o pobre Clerval...

O nome de meu desafortunado e assassinado amigo era uma agitação forte demais para suportar em meu atual estado; verti lágrimas.

– Ai de mim! Sim, pai – respondi –, um destino do tipo mais terrível pende sobre mim, e preciso viver para cumpri-lo, ou então deveria ter morrido sobre o caixão de Henry.

Não nos foi permitido conversar por muito tempo, pois meu precário estado de saúde exigia que se tomassem todas as precauções para garantir minha tranquilidade. O sr. Kirwin entrou e insistiu que não esgotasse minhas forças com tanto

esforço. Mas a aparição de meu pai foi para mim como a de meu anjo da guarda, e aos poucos minha saúde voltou.

À medida que a doença me abandonava, fui absorvido por uma melancolia sombria e lúgubre que nada conseguia dissipar. A imagem de Clerval, pálido e morto, estava sempre diante de meus olhos. Mais de uma vez, a agitação em que esses pensamentos me lançavam fez meus amigos temerem uma perigosa recaída. Ai de mim!, por que é que preservavam uma vida tão miserável e detestável? Decerto para que eu pudesse cumprir meu destino, que agora se aproximava do fim. Em breve, ah!, muito em breve, a morte extinguirá essas palpitações e me aliviará do fardo da angústia que me conduz ao pó; e, ao levar a cabo a justiça, também eu sucumbirei ao descanso. A morte, na época, me parecia distante, embora o desejo sempre estivesse presente em meus pensamentos; e com frequência eu passava horas imóvel e calado, desejando que alguma revolução poderosa enterrasse a mim e a meu destruidor em seus escombros.

A temporada dos julgamentos se aproximava. Eu já estava havia três meses na prisão e, embora ainda estivesse fraco e correndo o contínuo risco de uma recaída, fui obrigado a viajar mais de cento e cinquenta quilômetros até a comarca onde o tribunal seria realizado. O sr. Kirwin se encarregou pessoalmente da tarefa de convocar as testemunhas e preparar minha defesa. Fui poupado da desgraça de aparecer em público como criminoso, já que o caso não foi levado à corte que decide sobre a vida e a morte. O grande júri rejeitou a denúncia por ter ficado provado que eu estava nas ilhas Órcades na hora em que o corpo de meu amigo fora encontrado e, quinze dias depois de minha transferência, fui libertado da prisão.

Meu pai ficou extasiado ao me ver livre da vergonha de uma acusação criminal, de novo autorizado a respirar o ar fresco e regressar à minha terra natal. Eu não compartilhava de seus sentimentos, pois para mim as paredes de uma masmorra ou de um palácio eram igualmente odiosas. O cálice da vida estava para sempre envenenado; e embora o sol luzisse sobre mim, bem como sobre os de coração feliz e jovial, eu não via nada ao meu redor

senão uma escuridão densa e assustadora, impenetrável exceto por dois olhos cintilantes que me fulminavam. Às vezes, eram os olhos expressivos de Henry, nos estertores da morte, com as órbitas escuras praticamente cobertas pelas pálpebras e pelos longos cílios pretos que as emolduravam; às vezes, eram os olhos aquosos e nublados do monstro, tal como da primeira vez que os vi em meus aposentos em Ingolstadt.

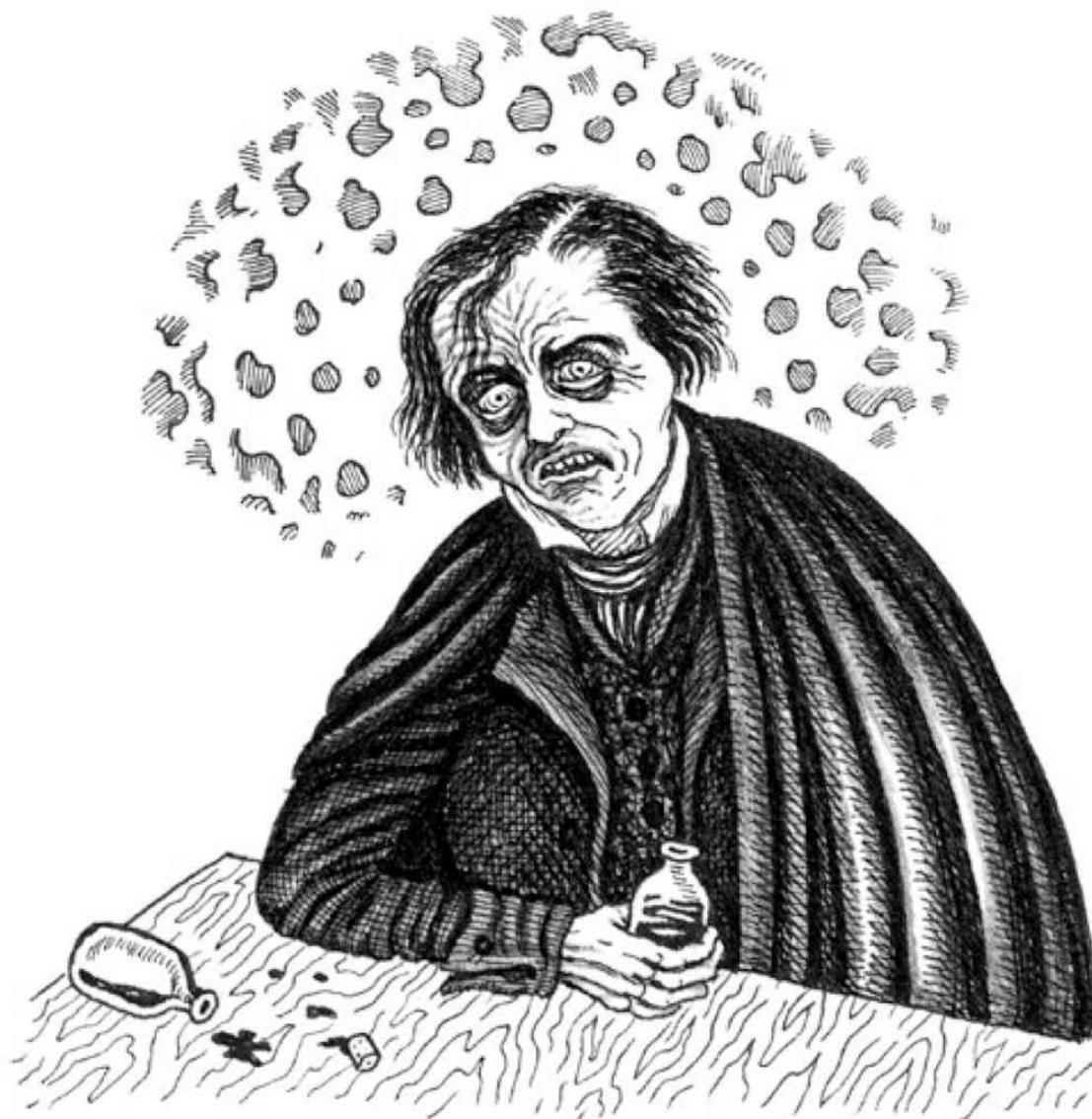
Meu pai tentou despertar em mim os sentimentos da afeição. Falou sobre Genebra, que eu logo deveria visitar, sobre Elizabeth e Ernest; mas essas palavras só conseguiam arrancar de mim gemidos profundos. Às vezes, com efeito, eu desejava a felicidade e pensava com um prazer melancólico na minha adorada prima ou ansiava com uma devoradora *maladie du pays*[34] por ver mais uma vez o lago azul e o rápido Reno, que na primeira infância me foram tão caros. Mas meu estado geral era de um torpor no qual uma prisão era uma residência tão bem-vinda quanto o mais divino cenário da natureza; e esses acessos raramente eram interrompidos senão por paroxismos de angústia e desespero. Nesses momentos, eu frequentemente tentava pôr fim à existência que desprezava, e se faziam necessários cuidados e vigilância constantes para me impedir de cometer algum pavoroso ato de violência.

Contudo, me restava um dever, cuja lembrança por fim triunfou sobre meu desespero egoísta. Era necessário que eu voltasse sem demora para Genebra, para vigiar as vidas daqueles que tanto amava e ficar à espera do assassino, a fim de que, se um acaso me levasse a seu esconderijo, ou se ele de novo ousasse me destruir com sua presença, eu pudesse, com mira infalível, pôr fim à existência da monstruosa Imagem que eu investira com o arremedo de uma alma ainda mais monstruosa. Meu pai desejava atrasar nossa partida, temendo que eu não suportasse a fadiga de uma viagem, pois eu era um destroço completo – a sombra de um ser humano. Minha força se esvaíra. Não passava de um esqueleto; e noite e dia a febre atacava minha devastada compleição.

Todavia, como eu instasse que deixássemos a Irlanda com tanta inquietude e impaciência, meu pai achou melhor ceder. Subimos a bordo de um navio com destino a Havre-de-Grace e zarpamos da costa irlandesa com um vento razoável. Era meia-noite. Deitei-me no convés, olhando para as estrelas e ouvindo o bater das ondas. Saudei a escuridão que encobria a Irlanda da minha vista, e meu coração bateu com uma alegria febril quando pensei que logo veria Genebra. O passado surgia diante de mim como um sonho assustador; contudo, o navio em que eu estava, o vento que me soprava para longe da detestável costa da Irlanda e o mar que me circundava me diziam a contragosto que eu não podia me deixar iludir por nenhuma visão e que Clerval, meu amigo e querido companheiro, havia sido uma vítima minha e do monstro que eu criara. Repassei na memória minha vida inteira: a felicidade tranquila enquanto residia com a família em Genebra, a morte de minha mãe e minha partida para Ingolstadt. Lembrei-me, com estremecimento, do louco entusiasmo que me levou à criação de meu hediondo inimigo, e puxei da memória a noite em que ele ganhou vida. Não consegui seguir o fio de pensamento; milhares de sentimentos me oprimiram, e chorei amargamente.

Desde a minha recuperação da febre, eu criara o costume de tomar toda noite uma pequena dose de láudano, pois era somente por meio dessa droga que conseguia obter o repouso necessário para a preservação de minha vida. Oprimido pela recordação de meus vários infortúnios, ingeri o dobro da quantidade habitual e logo dormi profundamente. Mas o sono não me propiciou uma trégua dos pensamentos e da infelicidade; meus sonhos apresentaram milhares de objetos que me assustaram. Perto do amanhecer, fui possuído por uma espécie de pesadelo; senti as garras do inimigo no meu pescoço e não conseguia me libertar; gemidos e gritos ressoaram em meus ouvidos. Meu pai, que cuidava de mim, me acordou ao perceber minha inquietação. As ondas revoltas batiam ao nosso redor, o céu estava nublado lá em cima; o inimigo não estava ali. Uma sensação de segurança, um sentimento de que se estabelecera

uma trégua entre o momento presente e o irrevogável e desastroso futuro, transmitiu-me uma espécie de esquecimento tranquilo, ao qual a mente humana é, por sua estrutura, peculiarmente suscetível.

---

34 Saudade da terra natal, em francês no original.

CAPÍTULO XXII

A VIAGEM CHEGOU AO FIM. Desembarcamos e seguimos para Paris. Logo descobri que tinha superestimado minhas forças, e que era necessário repousar antes de continuar jornada. O cuidado e as atenções de meu pai foram incansáveis, mas ele desconhecia a origem de meus sofrimentos e buscava métodos equivocados para remediar o mal incurável. Queria que eu procurasse me divertir na vida em sociedade. Eu abominava a face dos homens. Ah, abominar, não! Eram meus irmãos, meus semelhantes, e eu me sentia atraído até pelo mais repulsivo entre eles, como se fossem criaturas de natureza angelical e mecanismo celeste. Mas sentia que não tinha direito de partilhar sua convivência. Eu desacorrentara no meio deles um inimigo, cuja felicidade era derramar seu sangue e deliciar-se com seus gemidos. Como não iriam todos e cada um deles abominar-me, e perseguir-me até o fim do mundo, se viessem a conhecer meus atos profanos e os crimes que em mim tiveram origem?

Meu pai por fim cedeu ao meu desejo de evitar a sociedade e tentou com vários argumentos erradicar meu desespero. Às vezes, ele supunha que eu sentia a degradação de ter sido obrigado a responder a uma acusação de assassinato, e se esforçava para me mostrar a futilidade do orgulho.

— Ai de mim, meu pai! — eu disse. — O senhor me conhece tão pouco. Os seres humanos, com seus sentimentos e suas paixões, de fato se degradariam caso um desgraçado como eu sentisse orgulho. Justine, a pobre e infeliz Justine, era tão inocente quanto eu quando sofreu a mesma acusação; ela morreu por isso; e sou eu a causa: eu a assassinei. William, Justine e Henry, todos morreram pelas minhas mãos.

Durante minha detenção, meu pai com frequência me ouviu fazer a mesma afirmação; quando eu me acusava assim, ele às vezes parecia desejar uma explicação, e em outras aparentava considerá-la o resultado do delírio, alguma ideia que se apresentara à minha imaginação durante a enfermidade e cuja lembrança eu conservava na convalescença. Eu evitava explicações e mantinha silêncio em relação à desgraça que havia criado. Estava convencido de que seria considerado louco; e só isso já acorrentaria minha língua para sempre. Mas, além do mais, eu não podia acabar revelando um segredo que encheria meu ouvinte de consternação e faria com que o medo e o horror antinatural fizessem morada em seu peito. Suprimia, portanto, minha impaciente sede de compaixão, e permanecia calado quando daria tudo para confidenciar o segredo fatal. Porém, palavras como as que registrei aqui irrompiam incontroláveis de dentro de mim. Não conseguia fornecer-lhes explicação; mas a verdade contida nelas, em parte, aliviava o fardo de minha misteriosa aflição.

Na ocasião, meu pai dissera, com uma expressão de assombro incontido:

— Meu caríssimo Victor, que explosão foi essa? Caro filho, rogo que nunca mais diga isso de novo.

— Não estou louco — exclamei energicamente. — O sol e os céus, que presenciaram meus atos, servirão de testemunhas da minha verdade. Sou o assassino daquelas vítimas inocentes; elas morreram por causa de minhas maquinações. Mil vezes eu teria derramado meu próprio sangue, gota a gota, se isso fosse salvar a vida delas; mas não fui capaz, pai, realmente não fui capaz de sacrificar toda a raça humana.

A conclusão dessa fala convenceu meu pai de que minhas ideias eram delirantes, e ele imediatamente mudou de assunto, tentando alterar o rumo de meus pensamentos. Tinha o maior desejo de apagar a lembrança das cenas que haviam se passado na Irlanda, e nunca as mencionava nem me forçava a falar de meus infortúnios.

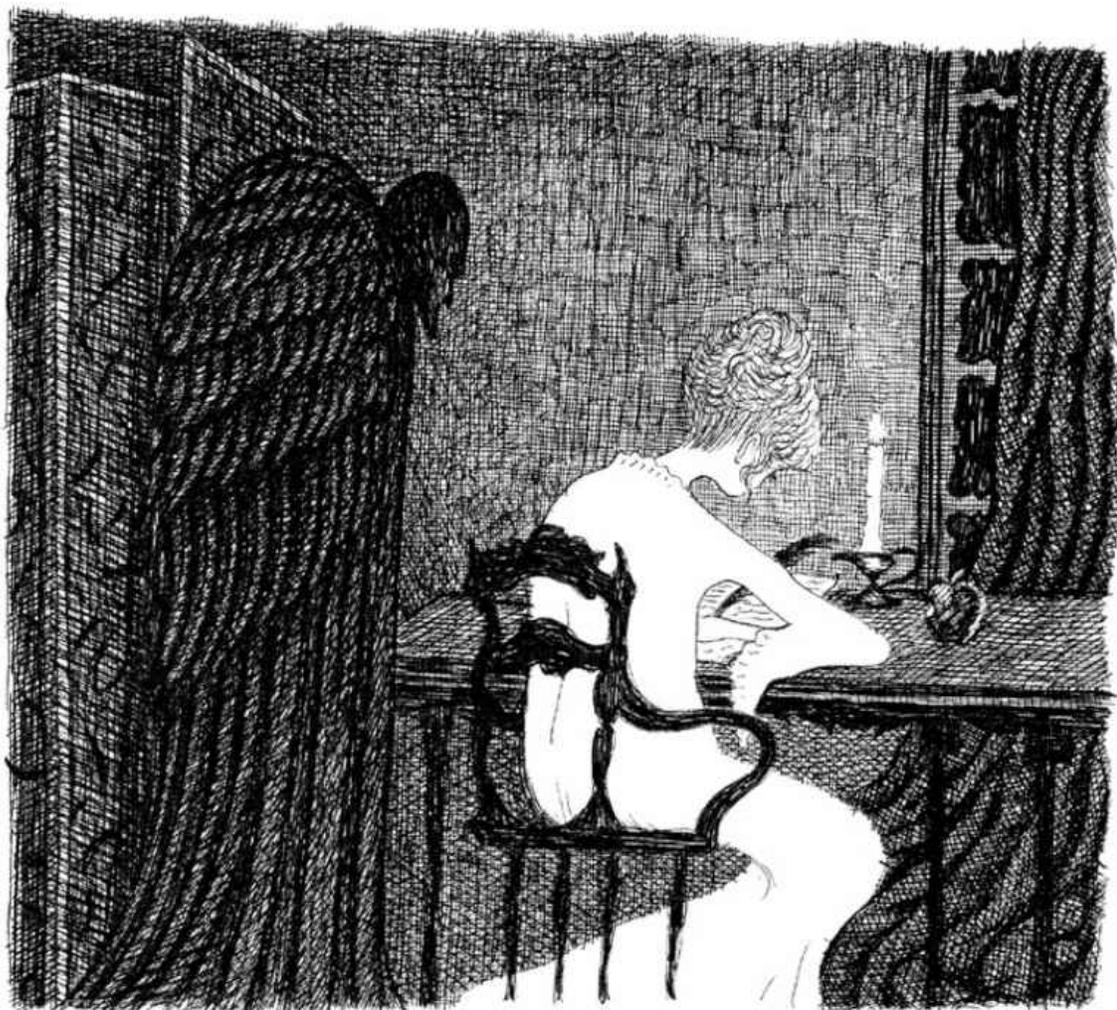
Com o transcorrer do tempo, fiquei mais tranquilo: a infelicidade fizera morada em meu coração, mas eu não falava mais sobre meus crimes daquela maneira incoerente; bastava-me estar ciente deles. Por meio da suprema autoviolência, consegui reprimir a imperiosa voz da desgraça que às vezes queria se apresentar ao mundo e meus modos eram mais tranquilos e compenetrados do que foram desde minha viagem ao mar de gelo.

Alguns dias antes de deixarmos Paris rumo à Suíça, recebi a seguinte carta de Elizabeth:

Meu caro amigo,

Que prazer senti ao receber uma carta de meu tio remetida de Paris; você não se encontra mais a uma distância formidável, e posso esperar vê-lo em menos de quinze dias. Meu pobre primo, como deve ter sofrido! Imagino que o verei ainda mais doente do que quando deixou Genebra. Passei um inverno miserável, torturada como estava pela ansiosa expectativa; contudo, espero encontrar paz em seu semblante e saber que seu coração não está todo vazio de consolo e tranquilidade.

Contudo, receio que os mesmos sentimentos que o deixaram tão infeliz um ano atrás ainda persistam, talvez até aumentados pelo tempo. Eu não o incomodaria nesse período em que tantos infortúnios pesam sobre você, mas uma conversa que tive com meu tio antes de sua partida requer uma explicação antes que nos encontremos.

Explicação! Você talvez se pergunte: o que Elizabeth teria para explicar? Se realmente pensa assim, então minhas perguntas foram respondidas e todas as minhas dúvidas, sanadas. Mas você está longe de mim e é possível que tema e, ao mesmo tempo, se contente com esta explicação. Neste último caso, não me atrevo a protelar a escrever que, durante sua ausência, várias vezes desejei me abrir com você, mas nunca tive a coragem de começar.

Você bem sabe, Victor, que nossa união é o plano mais acalentado de seus pais desde a nossa infância. Ouvimos isso quando jovens e aprendemos a ansiar por esse evento como por um acontecimento que sem dúvida aconteceria. Fomos afetuosos companheiros de brincadeiras durante a infância e, acredito eu, bons e valorosos amigos um para o outro conforme crescíamos. Mas assim como um irmão e uma irmã com frequência desenvolvem um afeto vívido um pelo outro sem desejar uma união mais íntima, não poderia ser esse o nosso caso? Diga-me, querido Victor. Responda-me, eu lhe imploro, em nome de nossa felicidade conjunta, com a simples verdade: você não tem outro amor?

Você é viajado, passou vários anos em Ingolstadt; e confesso a você, meu amigo, que quando o vi no último outono, tão infeliz,

escapando da companhia de toda criatura para a solidão, não pude deixar de supor que estaria arrependido de nossa ligação, crendo-se por questão de honra fadado a satisfazer os desejos de seus pais, embora eles se opusessem a suas inclinações. Mas esse seria um raciocínio falso. Confesso-lhe, meu amigo, que o amo e que em meus etéreos sonhos de futuro você tem sido meu constante amigo e companheiro. Mas é na sua felicidade, bem como na minha, que penso quando lhe declaro que nosso casamento me tornaria eternamente miserável se não fosse ditado por seu livre-arbítrio. Mesmo agora choro ao pensar que, abatido como está pelos mais cruéis infortúnios, você sufoque, em nome da palavra "honra", toda a esperança de amor e felicidade que por si só o faria reviver. Eu, que tenho uma afeição tão desinteressada por você, poderia acabar aumentando enormemente a sua infelicidade sendo um obstáculo aos seus desejos. Ah, Victor! Esteja certo de que sua prima e companheira de brincadeiras tem por você um amor sincero demais para que não se sinta infeliz com essa suposição. Alegre-se, meu amigo; e se atender a este único pedido, fique sabendo que nada neste mudo terá o poder de interromper minha calma.

Não deixe que esta carta o perturbe; não a responda amanhã, ou depois de amanhã, nem mesmo antes de voltar, se isso lhe causar dor. Meu tio enviará notícias de sua saúde e, se eu vir um único sorriso em seus lábios quando nos encontrarmos, provocado por este ou aquele esforço meu, não precisarei de outra felicidade.

Elizabeth Lavenza
Genebra, 18 de maio de 17...

A carta reviveu em minha memória aquilo que eu já esquecera: a ameaça do inimigo. "Estarei com você na noite do seu casamento!" Tal era a minha sentença, e naquela noite o demônio empregaria todas as artimanhas para me destruir e me arrancar o vislumbre de felicidade que prometia, em parte, consolar meus sofrimentos. Naquela noite ele estava determinado a consumar seus crimes por meio de minha morte.

Bem, que assim seja; um confronto mortal certamente aconteceria, do qual, se saísse vitorioso, eu estaria em paz, e seu poder sobre mim chegaria ao fim. Se ele fosse vencido, eu seria um homem livre. Ai de mim, que liberdade? A mesma de um camponês que vê a família ser massacrada diante de seus olhos, sua cabana incendiada, suas terras devastadas, e se vê desorientado, sem teto, sem dinheiro e sem ninguém, mas livre. Eis a minha liberdade, exceto que, em minha Elizabeth, eu possuía um tesouro; ai!, compensado por aqueles horrores de remorso e culpa que me perseguiriam até a morte.

Doce e amada Elizabeth! Li e reli sua carta, e alguns sentimentos ternos invadiram meu coração e se atreveram a sussurrar sonhos paradisíacos de amor e alegria, mas a maçã já fora mordida e o braço do anjo já estava à mostra para me afastar de toda a esperança. Contudo, eu morreria para fazê-la feliz. Se o monstro executasse a ameaça, a morte seria inevitável; contudo, considerei se o casamento apressaria meu destino. Minha destruição de fato poderia chegar alguns meses antes, mas se meu torturador suspeitasse que eu atrasaria o casamento, influenciado pelas ameaças dele, certamente encontraria outro meio de vingança, talvez mais pavoroso. Ele jurara estar comigo na noite do meu casamento, contudo não atinou que a ameaça o forçava à paz nesse meio-tempo, pois para me mostrar que ainda não estava saciado de sangue, ele assassinara Clerval imediatamente após enunciar suas ameaças. Decidi, portanto, que se a união imediata com minha prima pudesse trazer felicidade a ela ou ao meu pai, os desígnios de meu adversário contra minha vida não deveriam retardá-la uma hora sequer.

Nesse estado de espírito, escrevi para Elizabeth. Minha carta foi tranquila e afetuosa. “Receio, minha amada”, disse, “que pouca felicidade nos aguarde na terra; porém, toda aquela que um dia eu possa desfrutar está concentrada em você. Afugente seus medos vãos; somente a você consagro minha vida e esforços de contentamento. Tenho um segredo, Elizabeth, dos mais terríveis; quando lhe for revelado, irá regelar seu corpo de horror, e então, longe de surpreender-se com minha miséria, apenas se

perguntará como sobrevivi ao que suportei. Confidenciarei essa história de miséria e terror a você no dia seguinte ao nosso casamento; pois, minha doce prima, deve haver perfeita confiança entre nós. Mas até lá, imploro a você que não mencione ou aluda a isso. Rogo-lhe sinceramente que não o faça e sei que irá atender o meu pedido."

Dentro de uma semana após a chegada da carta de Elizabeth, voltamos para Genebra. A doce garota me recebeu com calorosa afeição, contudo, houve lágrimas em seus olhos quando viu minha compleição emaciada e minhas faces febris. Também nela percebi uma mudança. Estava mais esguia e perdera muito daquela celestial vivacidade que antes me encantava, mas sua gentileza e seus ternos olhares de compaixão faziam-na uma companheira mais adequada a alguém destroçado e miserável como eu.

A calmaria que eu agora desfrutava não durou. A lembrança trazia consigo a loucura; e, quando eu pensava no que havia se passado, uma verdadeira insanidade se apossava de mim; às vezes ficava furioso e ardia de raiva, outras vezes, me via desanimado e desencorajado. Não falava nem olhava para ninguém, apenas permanecia imóvel, aturdido pela multidão de misérias que me acometiam.

Só Elizabeth tinha o poder de me arrancar desses acessos; sua voz gentil me tranquilizava em meus arroubos de paixão e me inspirava com sentimentos humanos em meus afundamentos no torpor. Chorava comigo e por mim. Quando a lucidez voltava, ela me admoestava e tentava me imbuir de resignação. Ah!, ao desafortunado convém se resignar, mas para o culpado não há paz. As agonias do remorso envenenam o regalo que, de outro modo, às vezes se encontra quando mergulhamos no excesso da dor.

Logo após minha chegada, meu pai falou de meu casamento imediato com Elizabeth. Permaneci calado.

— Então quer dizer que você tem outro compromisso?

— Absolutamente não. Amo Elizabeth e anseio com prazer por nossa união. Que marquemos, portanto, a data; nesse dia me

consagrarei, na vida ou na morte, à felicidade de minha prima.

— Meu caro Victor, não fale assim. Graves infortúnios recaíram sobre nós, mas nos agarraremos ao que restou e transferimos nosso amor por aqueles que perdemos àqueles que ainda vivem. Nosso círculo pode ser pequeno, mas é unido pelos laços de afeto e infortúnio em comum. E quando o tempo tiver suavizado seu desespero, novos e estimados objetos de afeição nascerão para substituir aqueles dos quais fomos tão cruelmente privados.

Foram esses os ensinamentos de meu pai. Mas voltava-me a lembrança da ameaça: você bem pode imaginar que, onipotente como o inimigo fora até então em seus feitos sanguinários, eu quase o considerava invencível e que, quando ele pronunciara as palavras "Estarei com você na noite do seu casamento", eu considerasse essa ameaça um destino inevitável. Mas para mim a morte não faria tão mal quanto a perda de Elizabeth; portanto, com um semblante satisfeito e até alegre, concordei com meu pai que, caso minha prima consentisse, a cerimônia seria realizada dali a dez dias, assim selando o meu destino.

Meu Deus!, se por um instante eu tivesse pensado em qual seria a intenção infernal de meu diabólico adversário, preferiria ter me banido para sempre de minha terra natal e vagado pelo mundo como um solitário proscrito a consentir com esse casamento miserável. Mas, como se dotado de poderes mágicos, o monstro me cegara às suas reais intenções e, quando pensei ter preparado apenas minha própria morte, apressei também a de uma vítima muito mais querida.

Conforme se aproximava a data afixada para o casamento, fosse por covardia, fosse por uma sensação profética, senti meu coração sucumbir. Mas escondi meus sentimentos sob uma aparência de bom-humor que levou sorrisos e alegria ao semblante de meu pai, mas dificilmente enganou o olhar sempre vigilante e bondoso de Elizabeth. Ela ansiava por nossa união com plácido contentamento, mas também temia, devido a infortúnios passados, que o que agora parecia uma felicidade tangível e certa pudesse dissipar-se num sonho etéreo, não

deixando por vestígio senão um arrependimento profundo e perene.

Fizeram-se os preparativos para o evento, recebemos visitas de parabéns, e todos estampavam uma cara sorridente. Encerrei em meu coração, o melhor que pude, a ansiedade que me acossava, e participei com aparente avidez dos planos de meu pai, embora apenas pudessem servir de ornamentos à minha tragédia. Por meio dos esforços de meu pai, uma parte da herança de Elizabeth lhe fora restituída pelo governo austríaco. Pertencia-lhe uma pequena propriedade às margens do lago de Como. Ficou acertado que, imediatamente após nossa união, seguiríamos para a Villa Lavenza e passaríamos os primeiros dias de felicidade ao lado do belo lago.

Nesse meio-tempo, tomei todas as precauções para defender minha pessoa, caso o inimigo tentasse me atacar abertamente. Carregava pistolas e uma adaga comigo para todo lugar, e ficava sempre alerta para impedir algum artifício; por esses meios ganhei um pouco mais de calma. De fato, conforme a data se aproximava, a ameaça me parecia cada vez mais uma ilusão, indigna de ser levada a sério a ponto de perturbar a minha paz, ao passo que a felicidade que esperava do casamento ganhava uma aparência de certeza, conforme se aproximava o dia afixado para a cerimônia e ouvia falarem sobre ela como um acontecimento que nenhum acidente poderia impedir.

Elizabeth parecia feliz; meu comportamento calmo contribuiu grandemente para tranquilizá-la. Mas no dia em que meus desejos e meu destino se cumpririam, ela ficou melancólica e um pressentimento maligno a percorreu; talvez também pensasse no terrível segredo que eu prometera revelar-lhe no dia seguinte. Meu pai, nesse meio-tempo, estava exultante e, no rebuliço dos preparativos, viu na melancolia da sobrinha apenas o acanhamento de uma noiva.

Após a cerimônia, um grande grupo se reuniu na casa de meu pai, mas ficou acertado que Elizabeth e eu começaríamos nossa jornada por água, dormindo naquela noite em Evian e seguindo viagem no dia seguinte. Fazia um dia bonito, o vento

estava favorável, todos sorriam diante de nossa embarcação nupcial.

Foram esses os últimos momentos de minha vida durante os quais desfrutei o sentimento da felicidade. Avançamos depressa; o sol estava quente, mas éramos protegidos de seus raios por uma espécie de copa enquanto gozávamos da beleza do cenário, às vezes de uma margem do lago, onde víamos o Mont Salève, os aprazíveis baixios do Montalègre e, a certa distância, encimando tudo, o belo Mont Blanc e o mosaico de montanhas nevadas que em vão tentavam imitá-lo; outras vezes, costeando as margens opostas, víamos o poderoso Jura opondo sua face escura à ambição de abandonar a terra natal e servindo de barreira quase insuperável ao invasor que pretendesse escravizá-la.

Tomei a mão de Elizabeth:

— Está pesarosa, minha amada. Ah!, se soubesse o que tenho sofrido e o que posso ainda vir a suportar, você tentaria me fazer saborear a quietude e a sensação de estar livre do desespero que ao menos este dia me permite usufruir.

— Alegre-se, meu caro Victor — respondeu Elizabeth. — Não há nada aqui, espero, para atrapalhá-lo; e esteja certo de que, mesmo não estampando no rosto uma alegria vivaz, meu coração está contente. Algo me sussurra para não confiar demais na perspectiva que se descortina diante de nós, mas não ouvirei essa voz tão sinistra. Veja como avançamos depressa, e como as nuvens, que às vezes obscurecem e às vezes pairam sobre o cume do Mont Blanc, tornam este belo cenário ainda mais interessante. Perceba também os incontáveis peixes nadando nas águas límpidas, onde podemos distinguir cada seixo que jaz no leito. Que dia divino! Como toda a natureza parece feliz e serena!

Assim Elizabeth tratou de desviar os seus e os meus pensamentos de qualquer reflexão sobre assuntos melancólicos. Mas o temperamento dela oscilava; por alguns instantes a alegria brilhava em seus olhos, para continuamente ceder lugar à distração e ao devaneio.

O sol já ia se pondo no céu; passamos pelo rio Drance e observamos seu curso por entre os abismos das colinas mais altas e os vales das mais baixas. Ali, os Alpes se aproximavam do lago, e chegamos ao anfiteatro de montanhas que formam sua fronteira oriental. O campanário de Evian brilhava sob a floresta que circundava a cidade e a cadeia de montanhas que a encimava.

O vento, que até então nos carregara com impressionante velocidade, amainou ao pôr do sol até virar uma leve brisa; o ar fresco só roçava a água, provocando um balanço aprazível nas árvores conforme nos aproximávamos da costa, da qual soprava o mais encantador perfume de flores e feno. O sol se pôs no horizonte quando aportamos e, ao tocar a orla, senti reviverem aquelas apreensões e aqueles medos que em breve iriam me agarrar e comigo ficar para todo o sempre.

CAPÍTULO XXIII

ERAM OITO HORAS DA NOITE quando desembarcamos; caminhamos por um tempo na orla, apreciando a luz fugidia, e então nos recolhemos na estalagem e contemplamos o adorável cenário das águas, dos bosques e das montanhas, obscurecidos pela escuridão, porém ainda exibindo seus contornos escuros.

O vento, que amainara no sul, agora soprava com grande violência do oeste. A lua alcançara o ápice no céu e começava a baixar; as nuvens passavam sobre ela com mais agilidade do que o voo dos abutres, ofuscando seus raios, enquanto o lago refletia a cena do céu agitado, que as incansáveis ondas principiando a subir tornavam ainda mais agitado. De repente, uma forte chuva desabou.

Eu estivera tranquilo durante o dia, mas tão logo a noite obscureceu a forma dos objetos, mil medos me subiram à cabeça. Fiquei ansioso e vigilante, com a mão direita agarrada a uma pistola oculta junto ao peito; todo som me aterrorizava, mas decidi que não venderia minha vida barato nem fugiria do conflito até que minha própria vida, ou a de meu adversário, se extinguisse.

Por um tempo, Elizabeth observou minha agitação em um silêncio tímido e temeroso, mas em meu olhar havia algo que lhe comunicava terror, e, trêmula, ela perguntou:

— O que é que o está agitando, meu querido Victor? O que é que você teme?

— Ah! Fique em paz, fique em paz, meu amor — respondi. — Depois desta noite, tudo estará a salvo. Mas esta noite é pavorosa, muito pavorosa.

Passei uma hora nesse estado de espírito, quando subitamente refleti sobre como seria temerário para a minha esposa o combate que eu ora esperava e roguei-lhe com seriedade que se recolhesse, decidido a não me juntar a ela até que tivesse alguma notícia do paradeiro de meu inimigo.

Ela me deixou, e por um tempo continuei caminhando para lá e para cá pelos corredores da casa, inspecionando cada canto que pudesse proporcionar um esconderijo ao meu adversário. Mas não descobri nenhum vestígio dele e estava começando a imaginar que alguma boa sorte havia intervindo para impedir que ele cumprisse suas ameaças quando, subitamente, ouvi um grito estridente e pavoroso. Veio do quarto em que Elizabeth se recolhera. Ao ouvi-lo, compreendi toda a verdade, meus braços tombaram, o movimento de cada músculo e cada fibra do meu corpo suspendeu-se. Eu podia sentir o sangue pulsando nas veias e formigando nas extremidades de meus membros. Esse estado durou um instante apenas; o grito se repetiu e corri para o quarto.

Meu Deus!, por que não morri naquela hora? Por que sobrevivi para narrar a destruição da maior esperança e da criatura mais pura sobre a Terra? Lá estava ela, sem vida e sem ânimo, atirada por sobre a cama, a cabeça pendente e o semblante pálido e distorcido semicoberto pelos cabelos. Para onde quer que eu olhe, vejo a mesma imagem — seus braços exangues e seu corpo frouxo jogado no ataúde nupcial pelo assassino. Como poderia eu ver aquilo e ainda viver? Ai de mim!, a vida é obstinada e se agarra firme onde é mais odiada. Por um momento apenas, perdi a consciência e caí desmaiado no chão.

Quando me recuperei, vi-me cercado pelas pessoas da estalagem; seus semblantes expressavam um horror estonteante, mas o horror dos outros me parecia uma zombaria, uma sombra dos sentimentos que me oprimiam. Fugi deles para o quarto onde jazia o corpo de Elizabeth, meu amor, minha esposa, ainda há pouco tão viva, tão querida, tão digna. Ela tinha sido movida da posição em que eu a vira; e do jeito que estava deitada agora, com a cabeça sobre o braço e um lenço sobre o rosto e o pescoço, eu

poderia tê-la pensado adormecida. Corri até ela e abracei-a com ardor, mas a languidez e a frieza mortais de seus membros me comunicaram que o que eu segurava nos braços tinha deixado de ser a Elizabeth que eu amara e estimara. A marca assassina das garras do inimigo estava estampada em seu pescoço, e a respiração cessara de sair de seus lábios.

Enquanto ainda me achava debruçado sobre ela na agonia do desespero, calhei de olhar para cima. As janelas do quarto antes estavam escurecidas, e senti uma espécie de pânico ao ver a pálida luz amarela da lua iluminar o aposento. As persianas haviam sido abertas e, com uma sensação de horror indescritível, vi na janela a mais hedionda e abominável figura. Havia um sorriso no rosto do monstro; ele parecia troçar de mim enquanto apontava o dedo diabólico na direção do cadáver de minha esposa. Corri na direção da janela e, sacando a pistola do peito,

atirei, mas ele se esquivou, saltou dali e, correndo com a velocidade de um raio, mergulhou no lago.

O estampido da pistola fez uma multidão acorrer ao quarto. Apontei para o lugar onde ele havia desaparecido e seguimos seu rastro em barcos, lançando redes, mas em vão. Após várias horas, voltamos desesperançados, com muitos de meus companheiros acreditando que fosse um vulto criado por minha imaginação. Após desembarcarmos, iniciaram uma busca nos campos, com grupos partindo em diferentes direções dentro dos bosques e das vinhas.

Fiz menção de acompanhá-los e caminhei uma curta distância da casa, mas minha cabeça girava, meus passos eram os de um bêbedo, e por fim caí num estado de extrema exaustão. Um véu cobriu-me os olhos e minha pele se crestou com o calor da febre. Nesse estado fui carregado de volta e colocado sobre uma cama, mal tendo consciência do que havia acontecido; meus olhos vagavam pelo quarto como se buscassem algo que eu perdera.

Após um intervalo, levantei-me e, como por instinto, me esgueirei até o quarto onde jazia o cadáver de minha amada. Ao redor dela havia mulheres em prantos; juntei-me a elas e unimos nossas lágrimas. Durante todo esse tempo, nenhuma ideia distinta se apresentou à minha mente, mas meus pensamentos resvalavam em vários assuntos, refletindo confusamente sobre meus infortúnios e sua causa. Eu estava desnorteado, em uma nuvem de assombro e horror. A morte de William, a execução de Justine, o assassinato de Clerval e, por fim, o de minha esposa. Naquele momento, eu não sabia se os únicos amigos que me restavam se achavam a salvo da malignidade do inimigo; meu pai podia estar se contorcendo sob suas garras e Ernest podia estar morto a seus pés. A ideia me fez estremecer e me recuperou para a ação. Levantei-me, decidido a voltar para Genebra a toda velocidade.

Não se achavam cavalos para alugar e tive de voltar pelo lago, mas o vento estava desfavorável e a chuva caía a cântaros. No entanto, mal tinha amanhecido e eu poderia com acerto

esperar chegar a Genebra de noite. Contratei homens para remar e apanhei um remo eu mesmo, pois sempre experimentara alívio do tormento mental com o exercício físico. Mas a miséria transbordante que agora sentia e o excesso da agitação que suportei tornaram-me incapaz de qualquer esforço. Descansei o remo e, apoiando a cabeça nas mãos, dei vazão a toda ideia sombria que me vinha. Se olhasse para cima, via as paisagens que me eram familiares no meu tempo de felicidade e que eu havia contemplado aliás no dia anterior, na companhia daquela que agora não passava de uma sombra e uma recordação. Lágrimas vertiam dos meus olhos. A chuva cessara por um momento, e vi os peixes brincarem nas águas tal como haviam feito poucas horas antes, observados por Elizabeth. Nada é tão doloroso à mente humana como uma grande e súbita mudança. O sol podia brilhar, ou as nuvens baixarem, mas para mim nada se pareceria como no dia anterior. Um inimigo havia arrancado de mim toda a esperança de felicidade futura: criatura nenhuma jamais foi tão miserável quanto eu; um acontecimento assim assustador é único na história humana.

Mas por que me alongar nos incidentes que se seguiram a este último e sobrepujante acontecimento? Minha história foi de horrores; atingi o seu clímax e o que agora devo relatar pode ser tedioso para você. Saiba que, um a um, meus amigos me foram arrancados; fiquei entregue à desolação. Minha própria força se exauriu e devo contar, em poucas palavras, o que resta de minha hedionda narrativa.

Cheguei a Genebra. Meu pai e Ernest ainda estavam vivos, mas o primeiro sucumbiu às notícias que eu trazia. Vejo-o ainda agora, um senhor excelente e venerável, com os olhos vazios a vagar, pois haviam perdido a graça e o encanto — sua Elizabeth, mais que uma filha, a quem ele era apegado com toda a afeição que sente um homem no final da vida, tendo poucos afetos e agarrando-se com mais avidez àqueles que lhe restam. Amaldiçoado, amaldiçoado seja o inimigo que levou a miséria a seus cabelos brancos e condenou-o a definhar na desgraça! Ele não podia viver sob os horrores que se acumulavam à sua volta;

os mecanismos da existência de súbito cederam, ficou incapaz de se levantar da cama e, dentro de poucos dias, morreu em meus braços.

O que então foi feito de mim? Não sei. Perdi a cabeça, e os únicos objetos que me oprimiam eram as correntes e a escuridão. Às vezes, com efeito, sonhava que estava vagando nas floridas campinas e nos aprazíveis vales com os amigos de minha juventude, mas ao acordar, me encontrava numa masmorra. Seguia-se a melancolia, mas aos poucos eu recuperei uma noção clara de minhas misérias e minha situação, e fui então libertado da prisão. Pois fora chamado de louco e, durante muitos meses, pelo que compreendi, uma cela solitária tinha sido minha morada.

A liberdade, no entanto, teria sido uma dádiva inútil, não tivesse eu, ao despertar para a razão, também despertado para a

vingança. Conforme a lembrança de infortúnios passados se acercava de mim, comecei a refletir sobre a causa deles — o monstro que eu havia criado, o miserável demônio que pusera no mundo para minha própria destruição. Eu ficava possuído por uma fúria enlouquecedora quando pensava nele, e desejava e rezava ardentemente para que pudesse tê-lo em minhas garras para deflagrar uma grande e extraordinária vingança sobre sua cabeça amaldiçoada.

Tampouco meu ódio ficou confinado longamente em desejos infrutíferos; comecei a refletir sobre os melhores meios de apanhá-lo; e, para esse fim, cerca de um mês após minha libertação, recorri a um juiz criminal do vilarejo e lhe disse que tinha uma acusação a fazer, que conhecia o destruidor de minha família e exigia que ele exercesse toda a sua autoridade para prender o assassino.

O magistrado ouviu-me com atenção e bondade:

— Esteja certo, senhor — disse ele —, de que, de minha parte, não pouparei esforços ou sacrifícios para encontrar o vilão.

— Obrigado — respondi. — Ouça, portanto, o testemunho que preciso fazer. Trata-se, de fato, de uma história tão estranha que temo que o senhor não acreditaria nela se na verdade não houvesse algo que, por mais inacreditável que seja, obriga a convicção. A história é coerente demais para ser desconsiderada como um sonho, e não tenho motivo para mentir. — Meus modos, ao dirigir-me a ele, eram impressionantes, mas tranquilos; eu formara em meu íntimo a resolução de perseguir meu destruidor até a morte, e esse propósito aquietava minha agonia e por um período me reconciliava com a vida. Relatei então minha história, brevemente, mas com firmeza e precisão, assinalando as datas com exatidão, sem nunca divagar em invectivas ou exclamações.

O magistrado, a princípio, pareceu totalmente incrédulo, mas conforme eu continuava, tornou-se mais atento e interessado; por vezes eu o vi estremecer de horror e, em outras, uma surpresa vivaz, sem nenhum traço de descrença, ficava estampada em seu semblante.

Quando concluí minha narrativa, disse:

– É esse o ser que estou acusando, e por cuja captura e punição clamo que exerça todo o seu poder. É seu dever como

magistrado, e acredito e espero que seus sentimentos de homem não se revoltem com a execução dessas funções nesta ocasião.

Essa fala causou considerável mudança na fisionomia de meu ouvinte. Ele escutara minha história com aquele tipo de crença duvidosa que se dá a histórias de fantasmas e eventos sobrenaturais, mas quando foi chamado a agir oficialmente, sua incredulidade voltou por completo. No entanto, respondeu com brandura:

— Eu prestaria de bom grado toda a ajuda em sua busca, mas a criatura da qual o senhor fala parece ter poderes que desafiam todos os meus esforços. Quem poderia perseguir um animal capaz de atravessar o mar de gelo e habitar cavernas e tocas que homem algum se aventuraria a invadir? Além disso, alguns meses se passaram desde que ele cometeu os crimes, e ninguém pode imaginar onde ele está vagando, ou que região agora habita.

— Não tenho dúvidas de que ele ronda o lugar que habito; e se de fato refugiou-se nos Alpes, pode ser caçado como uma corça e morto como uma presa. Mas deduzo seus pensamentos: o senhor não acredita em minha narrativa e não pretende perseguir meu inimigo e lhe imputar a punição que merece.

Enquanto eu falava, a fúria cintilava em meus olhos; o magistrado ficou intimidado:

— Você está enganado — disse ele. — Não medirei esforços e, se estiver em meu poder apanhar o monstro, esteja certo de que ele há de sofrer uma punição proporcional a seus crimes. Mas temo, por aquilo que o senhor descreveu das características dele, que isso se mostre impraticável, e assim, mesmo que todas as providências sejam tomadas, o senhor precisa estar preparado para a decepção.

— Não posso aceitar isso, mas tudo que eu disser será de pouca valia. Minha vingança não lhe importa; contudo, embora eu admita ser um defeito, confesso-lhe que é a única paixão que consome a minha alma. Minha fúria é indizível quando penso que o assassino que soltei na sociedade continua vivo. O senhor recusa meu pedido justo, então me resta apenas um recurso: devoto-me, seja na vida, seja na morte, à destruição dele.

Tremi com o excesso de agitação ao dizer essas palavras; havia em meus modos um frenesi e sem dúvida algo daquela altiva ferocidade que os mártires de outrora supostamente possuíam. Mas para um magistrado genebrino, cuja mente estava ocupada por ideias muito diferentes das de devoção e heroísmo, essa elevação da mente em muito assumia uma aparência de loucura. Ele tentou me acalmar como uma ama faz com uma criança, e voltou à minha história como se fossem os efeitos do delírio.

– Homem – exclamei –, como és ignorante no teu orgulho de sabedoria! Basta; não sabes o que estás dizendo.

Debandei dali furioso e perturbado e me recolhi para meditar sobre algum outro método de ação.

CAPÍTULO XXIV

Minha situação era tal que todo pensamento voluntário se via engolido e perdido. Eu era apressado pela fúria; apenas a vingança me conferia força e compostura; ela moldava meus sentimentos e me permitia ser calculista e calmo em momentos em que de outro modo o delírio ou a morte teriam sido meu quinhão.

Minha primeira decisão foi deixar Genebra para sempre; a terra que me era querida quando eu era feliz e amado, na adversidade tornara-se odiosa. Muni-me de uma soma de dinheiro, junto a algumas joias que pertenceram à minha mãe, e parti.

E então começaram minhas perambulações, que só hão de cessar junto com a minha vida. Atravessei uma vasta porção do mundo e suportei todas as dificuldades que os viajantes, em desertos e terras bárbaras, estão fadados a encontrar. De que maneira sobrevivi, não sei; muitas vezes estiquei meus membros desfalecidos sobre a planície arenosa e rezei pela morte. Mas a vingança me manteve vivo; não ousava morrer e deixar meu adversário com vida.

Quando saí de Genebra, minha primeira tarefa foi obter alguma pista que me permitisse rastrear os passos de meu diabólico inimigo. Mas meu plano não funcionou e vaguei por muitas horas pelos confins do vilarejo, incerto de qual rumo tomar. Conforme a noite se aproximava, vi-me na entrada do cemitério onde William, Elizabeth e meu pai descansavam. Adentrei e me aproximei do túmulo que encimava suas covas. Tudo estava em silêncio, exceto pelas folhas das árvores, que eram gentilmente agitadas pelo vento; a noite estava quase

escura e a cena teria sido solene e imponente mesmo a um observador desinteressado. Os espíritos dos falecidos pareciam vagar por ali e projetar uma sombra, que era sentida mas não vista, sobre a cabeça do pranteador.

A dor profunda que essa cena a princípio suscitou rapidamente deu lugar à fúria e ao desespero. Eles estavam mortos e eu vivia; o assassino também vivia e, para destruí-lo, eu precisava prolongar minha cansada existência. Ajoelhei-me na relva, beijei a terra e, com lábios trêmulos, exclamei:

— Pela terra sagrada em que me ajoelho, pelas sombras que vagam perto de mim, pela dor profunda e eterna que sinto, e por ti, ó Noite, e pelos espíritos que a ti presidem, eu juro perseguir o demônio que causou esta miséria, até que ele ou eu pereça em conflito mortal. Para esse fim irei preservar minha vida: para executar essa estimada vingança, irei de novo avistar o céu e pisar na verde folhagem desta terra, que de outro modo haveria de sumir para sempre de minha vista. E invoco-os, espíritos dos mortos e executores errantes da vingança, para que me ajudem na condução de minha obra. Que o monstro maldito e infernal sorva uma profunda agonia e sinta o desespero que agora me atormenta.

Eu começara minha intimação com solenidade e uma aflição que quase me assegurou de que as sombras de meus amigos assassinados ouviam e aprovavam minha devoção, mas a fúria me possuiu perto do fim e a raiva sufocou minha enunciação.

A resposta chegou a mim através da quietude da noite, na forma de uma risada alta e diabólica. Ressoou em meus ouvidos longa e pesadamente; as montanhas a ecoaram, e senti como se o inferno inteiro tivesse me cercado de zombarias e risos. Certamente, naquele momento, eu teria sido possuído pelo frenesi e destruído minha miserável existência se não tivesse jurado em voz alta e não estivesse eu reservado para a vingança. A risada se extinguiu; foi quando uma voz muito conhecida e abominável, aparentemente perto de meus ouvidos, dirigiu-se a mim num audível sussurro:

— Estou satisfeito, seu desgraçado miserável! Você resolveu viver, e eu fico satisfeito.

Disparei na direção de onde o som partia, mas o diabo esquivou-se de mim. De repente, o amplo disco da lua ascendeu e brilhou em cheio sobre aquela forma medonha e distorcida, enquanto ele fugia com velocidade mais do que mortal.

Persegui-o e, por muitos meses, essa foi a minha tarefa. Guiado por um leve rastro, segui as sinuosidades do Reno, mas em vão. Surgiu então o azul do Mediterrâneo e, por um estranho acaso, certa noite vi o inimigo subir e esconder-se em um navio com destino ao Mar Negro. Obtive passagem na mesma embarcação, mas ele, não sei como, escapou.

Nos ermos da Tartária e da Rússia, embora ele ainda me escapasse, continuei seguindo seus passos. Às vezes, os camponeses, assustados com a horrenda aparição, me informavam sobre seu rumo; em outras, ele próprio, temendo que a perda de todo vestígio dele fosse me desesperar e matar, deixava um sinal para me guiar. A neve caía sobre minha cabeça, e eu via a imensa pegada dele na planície branca. Você que acaba de começar a vida, a quem as apreensões são novidade e as agonias, desconhecidas, como poderia entender o que senti e ainda sinto? Frio, privação e fadiga eram os menores sofrimentos que eu estava destinado a suportar; eu fora amaldiçoado por um diabo e carregava comigo um inferno pessoal. Contudo, um espírito do bem ainda me seguia e dirigia meus passos e, quando eu me lamentava por demais, subitamente me arrancava de dificuldades aparentemente insuperáveis. Às vezes, quando minha natureza, acometida pela fome, sucumbia à exaustão, aparecia uma refeição no deserto que me restabelecia e animava. O alimento era de fato simples, tal como o dos camponeses, mas não duvido que tivesse sido colocado ali pelos espíritos que eu invocara por socorro. Com frequência, quando tudo era seca, o céu estava desanuviado e eu, esturricado pela sede, uma nuvem ligeira vinha obstruir o céu, derramava umas gotas que me reviviam e então sumia.

Eu seguia, quando possível, o curso dos rios, mas o demônio em geral os evitava, já que era ali que a população local se concentrava. Em outros lugares, mal se viam seres humanos, e em geral eu subsistia dos animais selvagens que cruzavam meu caminho. Levava dinheiro comigo e ganhava a amizade dos aldeões distribuindo-o ou levando algum animal que tinha abatido, o qual, após reservar uma pequena parte para mim, sempre oferecia àqueles que me forneciam fogo e utensílios para cozinhar.

Minha vida, conforme assim se passava, era-me de fato odiosa, e somente durante o sono é que eu provava da alegria. Ó sono abençoado! Com frequência, quando mais miserável, eu sucumbia ao repouso e meus sonhos me embalavam até mesmo ao arrebatamento. Os espíritos que me protegiam me garantiram esses momentos, ou melhor, essas horas de felicidade, a fim de que eu pudesse conservar as forças para cumprir minha peregrinação. Privado desse descanso, eu teria sucumbido às dificuldades. De dia, sustentava-me e inspirava-me a esperança da noite; pois no sono eu via meus amigos, minha esposa e minha amada terra; de novo via o benevolente semblante de meu pai, escutava os tons límpidos da voz de minha Elizabeth e contemplava Clerval gozando de saúde e juventude. Com frequência, quando esgotado pela penosa marcha, convencia-me de que estava sonhando até que chegasse a noite, quando então aproveitaria a realidade nos braços de meus amigos mais estimados. Que agonizante afeição eu sentia por eles! Como me

agarrava a seus vultos queridos, conforme às vezes assombravam até minhas horas de vigília e me convenciam de que ainda viviam! Em tais momentos, a vingança que queimava dentro de mim se extinguia no meu coração, e eu retomava o rumo da destruição do demônio mais como uma tarefa imposta pelo céu, o impulso mecânico de algum poder do qual eu estava inconsciente, do que como um desejo ardente de minha alma.

Quais eram os sentimentos daquele que eu perseguia, não sei dizer. Às vezes, com efeito, ele deixava marcas ao escrever na casca das árvores ou entalhes nas pedras que me guiavam e

instigavam minha fúria. “Meu reinado ainda não acabou”, lia-se em uma dessas inscrições. “Você continua vivo, e meu poder é completo. Siga-me; busco as geleiras intermináveis do norte, onde você sentirá a miséria do frio e do gelo ao qual sou insensível. Perto desse lugar você há de encontrar, se não se tardar demais, uma lebre morta; coma e se recupere. Venha, meu inimigo. Ainda temos de lutar por nossas vidas, mas muitas horas duras e infelizes há de suportar antes até que seja chegado esse momento.”

Diabo escarninho! De novo juro vingança, de novo te esconjuro, inimigo miserável, à tortura e à morte. Nunca hei de abandonar minha busca, até que ele ou eu pereça; e então, com que êxtase hei de me unir à minha Elizabeth e a meus falecidos amigos, que mesmo agora preparam para mim a recompensa de minha tediosa labuta e horrível peregrinação!

Enquanto eu assim seguia viagem rumo ao norte, a neve se adensou, e o frio aumentou em um grau quase severo demais para suportar. Os camponeses estavam encerrados em suas choças e só os mais empedernidos se aventuravam a sair para capturar animais cuja fome forçava a deixar seus esconderijos a fim de caçar. Os rios estavam cobertos de gelo e não se apanhava peixe algum, de modo que fui privado de meu principal artigo de subsistência.

O triunfo de meu inimigo aumentava com a dificuldade de minha tarefa. Uma inscrição que ele deixou dizia o seguinte: “Prepare-se! Sua lida apenas começou: envolva o corpo em peles e obtenha comida, pois logo iremos começar uma viagem na qual seus sofrimentos satisfarão meu ódio eterno”.

Minha coragem e perseverança se revigoraram com essas palavras de escárnio; eu estava determinado a não fraquejar em meu propósito e, invocando os céus para me apoiar, continuei com fervor inabalável a atravessar imensos desertos até que o oceano apareceu ao longe, formando o último limiar do horizonte. Ah!, como diferia dos mares azuis do sul! Coberto de gelo, só se distinguia da terra por ser sumamente inóspito e encapelado. Os gregos choraram de alegria ao avistar o

Mediterrâneo das colinas da Ásia e saudaram arrebatados o fim de sua labuta. Eu não chorei, mas me ajoelhei e, com o coração cheio, agradeci a meu espírito-guia por me conduzir em segurança ao lugar onde eu esperava, não obstante o sarcasmo de meu adversário, encontrá-lo e atracar-me com ele.

Semanas antes, eu tinha providenciado trenó e cães, e assim atravessei a neve com inconcebível velocidade. Não sei se o inimigo possuía as mesmas vantagens, mas descobri que, se antes eu perdia terreno diariamente no seu encalço, agora ganhava vantagem, de tal forma que, quando vi o oceano pela primeira vez, ele se achava a apenas um dia de viagem na frente, e esperava interceptá-lo antes que ele alcançasse a praia. Com coragem renovada, portanto, perseverei, e em dois dias cheguei a um desgraçado lugarejo à beira-mar. Indaguei os habitantes sobre o inimigo e obtive preciosa informação. Um monstro gigantesco, disseram, tinha chegado na noite anterior, munido de uma arma e várias pistolas, fazendo debandar os habitantes de uma cabana solitária por medo de sua terrível aparência. Ele se apossara da sua provisão de comida para o inverno e, carregando-a num trenó conduzido por inúmeros cães adestrados que havia capturado e arreado, seguiu viagem na mesma noite, para alegria dos horrorizados aldeões, atravessando o mar rumo a lugar nenhum. Supunham que ele seria rapidamente destruído pelo rompimento do gelo ou congelado pelas geadas eternas.

Ao ouvir essa informação, sofri um acesso temporário de desespero. Ele me escapara, e eu teria de começar uma jornada destrutiva e quase interminável pelas geleiras montanhosas do oceano — em meio a um frio que poucos habitantes seriam capazes de suportar por muito tempo, e ao qual eu, nativo de um clima ameno e ensolarado, não tinha esperança de sobreviver. Contudo, diante da ideia de que o inimigo vivesse e triunfasse, minha fúria e desejo de vingança voltaram e, feito uma maré poderosa, sobrepujaram qualquer outro sentimento. Após um leve repouso, durante o qual os espíritos dos mortos pairaram ao meu redor e me instigaram a trabalhar duro e me vingar, preparei-me para a viagem.

Troquei meu trenó de terra por um adaptado às irregularidades do Oceano de Gelo; e, tendo comprado uma abundante quantia de provisões, deixei o continente.

Não consigo precisar quantos dias se passaram desde então; mas suportei a miséria que nada além do eterno sentimento pela reparação justa que arde no meu peito poderia ter me capacitado a suportar. Imensas e onduladas montanhas de gelo com frequência barravam minha passagem, e muitas vezes ouvi o estrondo dos vagalhões que ameaçavam me destruir. Porém, logo vinha a geada, tornando seguros os caminhos do mar.

Pela quantidade de provisões que eu tinha consumido, posso estipular que passei três semanas nessa viagem; e a contínua protelação da esperança, que regressava ao coração, muitas vezes arrancava de meus olhos lágrimas amargas de desânimo e dor. O desespero de fato havia quase capturado sua presa, e em breve eu sucumbiria à miséria. Certa feita, depois que os pobres animais que me transportavam alcançaram com incrível esforço o cume de uma íngreme montanha de gelo, e um deles, sucumbindo à fadiga, morreu, eu olhava com angústia para a vastidão à minha frente, quando de súbito meu olhar captou um ponto escuro sobre a planície ensombrecida. Apertei os olhos para descobrir o que podia ser e emiti um grito ensandecido de êxtase quando distingui um trenó e em cima dele as proporções distorcidas de uma silhueta muito conhecida. Ah, com que arroubo ardente a esperança voltou ao meu coração! Lágrimas quentes encheram meus olhos, as quais apressadamente enxuguei, a fim de que não nublassem a visão que eu tinha do demônio. Ainda assim minha visão foi toldada pelas gotas ardentes, até que, dando vazão às emoções que me oprimiam, chorei alto.

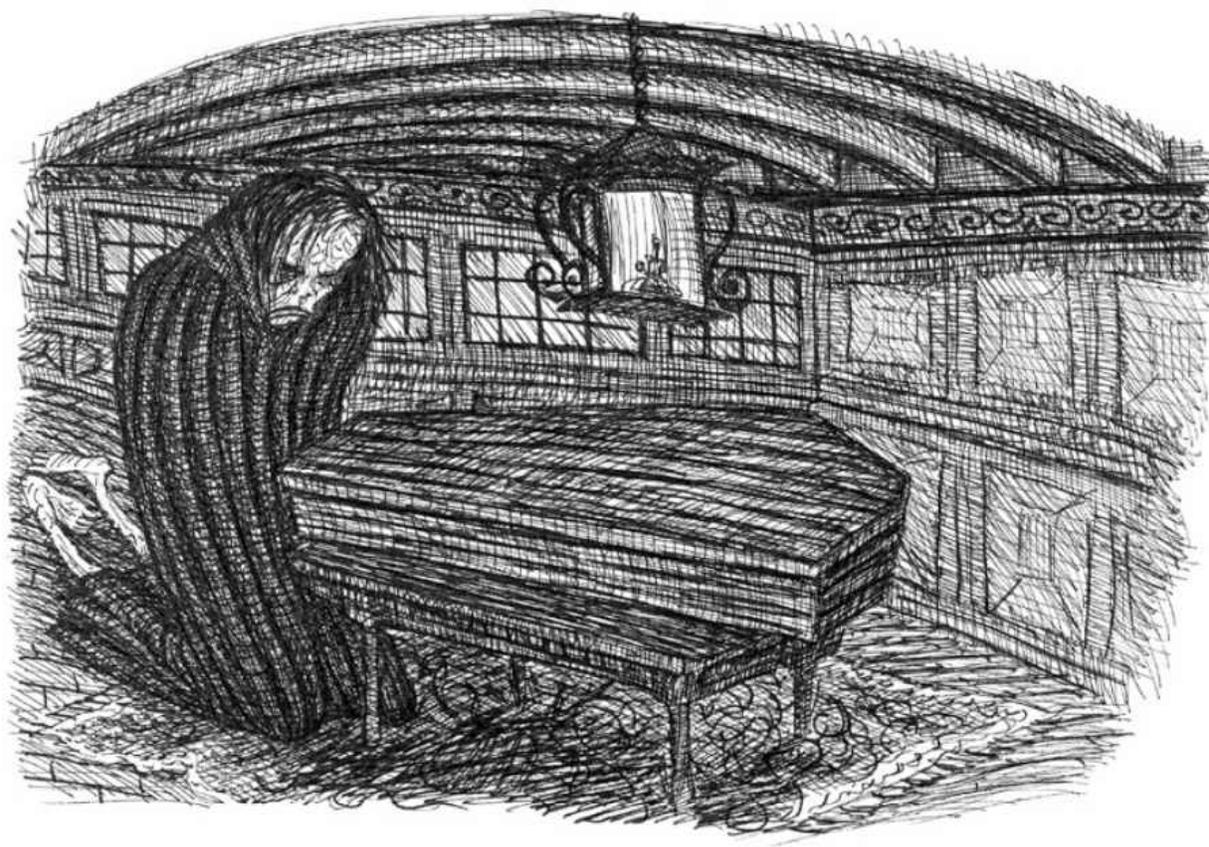
Mas não havia tempo para atrasos: livrei os cães de seu companheiro morto, dei-lhes uma farta porção de comida e, após uma hora de descanso, que era de todo necessária, mas que ainda assim me foi amargamente incômoda, continuei em minha rota. O trenó ainda estava visível e não voltei a perdê-lo de vista, exceto nos momentos em que por pouco tempo alguma geleira o ocultava com suas escarpas. Com efeito, eu perceptivelmente

ganhava terreno; e quando, após quase dois dias de viagem, avistei meu inimigo a menos de dois quilômetros de distância, meu coração saltou dentro do peito.

Mas então, quando o algoz parecia estar quase ao meu alcance, minhas esperanças de repente se extinguiram e perdi completamente o seu rastro como nunca tinha acontecido até o momento. Ouvi um vagalhão; o ribombar de seu avanço, conforme as águas rolavam e se avolumavam debaixo de mim, tornava-se cada vez mais agourento e terrível. Segui adiante, mas em vão. O vento soprou mais forte, o mar rugiu e, como se com o pujante choque de um terremoto, partiu-se com um som tremendo e esmagador. Logo tudo estaria terminado: em poucos minutos, um mar revolto me separou de meu inimigo, e fui deixado à deriva em um pedaço de gelo, que diminuía constantemente, preparando-me assim para uma morte hedionda.

Dessa maneira, muitas horas apavorantes se passaram; vários dos meus cães morreram, e eu mesmo estava prestes a sucumbir ao acúmulo de angústia quando avistei o seu navio ancorado e me prometendo a esperança de socorro e sobrevivência. Eu não fazia ideia de que os navios chegavam tão ao norte e fiquei atordoado com aquela visão. Rapidamente destruí parte de meu trenó para construir remos, e por esse meio fui capaz, com fadiga infinita, de mover minha jangada de gelo até o seu navio. Ainda estava determinado, caso você fosse para o sul, a confiar-me à mercê dos mares, em vez de abandonar meu propósito. Esperava convencê-lo a me ceder um bote para ir atrás de meu inimigo. Mas você rumava para o norte. Subiu-me a bordo quando meu vigor se exauria e eu logo teria sucumbido, depois de muitas provações, a uma morte que ainda temo — pois minha tarefa não está concluída.

Ah!, quando será que meu espírito-guia, ao me conduzir até o demônio, me concederá o repouso que tanto desejo? Ou devo morrer, e ele continuar vivo? Se assim for, me prometa, Walton, que ele não há de escapar; que você irá procurá-lo e satisfazer minha vingança na morte dele. Acaso me atrevo a lhe pedir que

continue minha peregrinação e suporte as dificuldades que enfrentei? Não; não sou tão egoísta. Contudo, quando eu estiver morto, se ele aparecer — se os espíritos da vingança o conduzirem até você —, prometa que ele não há de viver — prometa que não há de triunfar sobre minhas acumuladas aflições, e sobreviver para aumentar sua lista de crimes macabros. Ele é eloquente e persuasivo; e outrora suas palavras já tiveram poder até mesmo sobre meu coração, mas não confie nele. Sua alma é tão infernal quanto sua aparência, cheia de perfídia e malignidade diabólica. Não lhe dê ouvidos; invoque os espíritos de William, Justine, Clerval, Elizabeth, de meu pai e deste desgraçado Victor, e lhe transpasse o coração com a sua espada. Estarei pairando por perto para guiar a sua lâmina.

WALTON, *CONTINUAÇÃO.*
26 DE AGOSTO DE 17...

Você teve oportunidade de ler essa história estranha e terrível, Margaret; não sente então o sangue gelar de horror, o mesmo horror que agora coagula o meu? Às vezes, arrebatado por súbita agonia, ele não se via capaz de continuar o relato; em outras, sua voz embargada, porém cortante, emitia com dificuldade as palavras tão repletas de angústia. Os olhos bonitos e adoráveis ora se acendiam de indignação, ora sucumbiam a um pesar abatido e extinto em infinita desgraça. Às vezes, ele recompunha o semblante e o tom de voz, e relatava os incidentes mais horríveis com voz calma, suprimindo qualquer sinal de agitação; depois, feito um vulcão em erupção, seu rosto de repente ganhava uma expressão de louca raiva, enquanto imprecava seu perseguidor com estridência.

A história dele é coerente e contada com a aparência da mais pura verdade; contudo, devo confessar a você que as cartas de Felix e Safie, que ele me mostrou, e o aparecimento do monstro avistado de nosso navio me causaram maior convicção da verdade da narrativa do que suas afirmações, por mais honestas e coerentes que fossem. Um monstro como esse, então, realmente existe! Não posso duvidar; contudo, perco-me em surpresa e assombro. Às vezes, eu tentava obter de Frankenstein as características da formação de sua criatura, mas nesse ponto ele se mostrava impenetrável.

— Enlouqueceu, meu amigo? — dizia ele. — Aonde essa sua curiosidade irresponsável irá levá-lo? Também você criaria para si e para o mundo um inimigo demoníaco? Fique em paz! Aprenda com minhas misérias e não procure aumentar as suas.

Frankenstein descobriu que fiz anotações sobre a história dele e pediu-me para vê-las, então ele próprio as corrigiu e aumentou em muitas passagens, principalmente dando vida e alma às conversas que travava com o inimigo.

— Já que você preservou minha narrativa — disse ele —, eu não gostaria que uma versão mutilada fosse repassada à posteridade.

Assim uma semana se passou, enquanto eu ouvia a história mais estranha que a imaginação já concebeu. Meus pensamentos e cada sentimento de minha alma foram consumidos em atenções ao meu hóspede, despertadas por essa história e pelos modos elevados e gentis do próprio. Gostaria de tranquilizá-lo; contudo, como poderia

aconselhar alguém tão infinitamente miserável, tão destituído de toda esperança de consolo, de sobrevivência? Ah, não!, a única alegria que ele pode conhecer agora é acomodar seu espírito estilhaçado na paz e na morte. Contudo, ele tem um consolo, fruto da solidão e do delírio: quando, em sonhos, trava conversas com os amigos e dessa comunicação tira consolo para suas misérias ou incitações para sua vingança, acredita que não sejam obra de sua imaginação, mas sim as próprias pessoas que o visitam de um mundo remoto. Essa fé confere a seus devaneios uma solenidade que os torna, a meu ver, quase tão imperiosos e interessantes quanto a verdade.

Nossas conversas nem sempre se restringem à sua história e infortúnios. Em todos os tópicos de literatura em geral ele demonstra conhecimento ilimitado, e uma percepção veloz e aguçada. Sua eloquência é vigorosa e comovente; tampouco consigo ouvi-lo sem ir às lágrimas quando relata um incidente patético ou tenta incitar as paixões de piedade e amor. Que criatura gloriosa não deve ele ter sido em seu tempo de prosperidade, quando na ruína é assim nobre e divino! Parece ter consciência da própria dignidade e da magnitude de sua queda.

— Quando era jovem — disse ele —, eu me acreditava destinado a alguma grande empreitada. Meus sentimentos são profundos, mas eu possuía uma frieza de julgamento que convinha a meus feitos ilustres. A consciência do valor da minha natureza me sustentava, quando outros podiam se sentir oprimidos, pois eu achava criminoso desperdiçar em dor inútil os talentos que poderiam ser úteis aos meus semelhantes. Quando refletia sobre a obra que eu tinha realizado, nada menos que a criação de um animal sensível e racional, não podia me arrolar junto à horda de inventores ordinários. Mas esse pensamento, que me sustentava no começo da carreira, agora serve apenas para me afundar ainda mais na lama. Todas as minhas especulações e esperanças são um nada; e, como o arcanjo que aspirava à onipotência, estou acorrentado a um inferno perpétuo. Minha imaginação era vívida, contudo minha capacidade de análise e dedicação era intensa; ao unir essas qualidades foi que concebi a ideia e executei a criação de um homem. Mesmo agora não

consigo recordar sem paixão os devaneios que tive enquanto a obra estava incompleta. Em meus pensamentos eu pisava o céu, ora exultante com meus poderes, ora ardendo ao imaginar seus efeitos. Desde a infância me imbuí de altas esperanças e ambições, mas como me afundei! Ah!, meu amigo, se você tivesse me conhecido outrora, não me reconheceria neste estado de degradação. O desânimo raramente visitava meu coração; um destino elevado parecia me guiar, até eu cair, para nunca, nunca mais me levantar.

Deveria eu então perder este ser admirável? Por muito tempo tenho ansiado por um amigo; tenho procurado por alguém que se compadeça de mim e me ame. E eis que, na vastidão dos mares, encontrei alguém assim. Mas temo tê-lo conhecido só para saber seu valor e então perdê-lo. Eu o reconciliaria com a vida, mas ele rechaça a ideia.

— Agradeço-lhe, Walton — disse ele —, pelas boas intenções para com um desgraçado tão miserável, mas quando você fala sobre fazer novos laços e afetos, acha mesmo que qualquer um pode substituir os que se foram? Pode outro homem ser para mim o que Clerval foi, ou outra mulher uma Elizabeth? Mesmo quando os afetos não são movidos motivados por alguma qualidade superior, os companheiros de nossa mocidade sempre exercem certo poder sobre nossa mente, que dificilmente um amigo tardio pode obter. Eles conhecem nossas inclinações pueris, que, por mais que sejam mais tarde modificadas, nunca são erradicadas, e podem julgar nossos atos com uma conclusão mais acertada em relação à integridade de nossos motivos. Uma irmã ou um irmão jamais suspeitarão de mentira ou falsidade do outro, contanto que tais sintomas não tenham se manifestado antes, ao passo que entre amigos, por mais forte que seja a ligação, pode haver desconfiança. Mas eu apreciava meus amigos, queridos não somente pelo hábito e pela união, mas por seus próprios méritos; e, onde quer que eu esteja, a voz tranquilizadora de minha Elizabeth e as conversas de Clerval sempre virão sussurrar em meu ouvido. Eles estão mortos; e só um sentimento seria capaz de me convencer a preservar minha vida em tamanha solidão. Se eu estivesse comprometido com qualquer empreendimento ou projeto sublime, prenhe de utilidade aos meus

semelhantes, poderia então viver para realizá-lo. Mas não é esse meu destino; devo perseguir e destruir o ser a quem dei vida; só então meu quinhão neste mundo estará completo e poderei morrer.

2 DE SETEMBRO.

Minha amada irmã,

Escrevo-lhe envolto em perigos e sem saber se estou fadado a nunca mais ver minha estimada Inglaterra e os queridos amigos que nela habitam. Estou circundado de montanhas de gelo que não permitem fuga alguma, e ameaçam a todo momento esmagar meu navio. Os bravos camaradas que persuadi a me acompanhar contam com minha ajuda, mas não tenho nenhuma para dar. Há algo terrivelmente apavorante em nossa situação, porém minha coragem e esperança não me desertaram. É terrível pensar que a vida de todos esses homens corre perigo por minha causa. Se estamos perdidos, é por culpa dos meus loucos planos.

E qual será seu estado de espírito, Margaret? Você não irá ouvir sobre a minha destruição e esperará ansiosamente pelo meu retorno. Depois de anos, você será visitada pelo desespero e se verá ainda torturada pela esperança. Ah!, minha amada irmã, a doentia frustração de suas sinceras expectativas é, a bem dizer, mais terrível para mim do que minha própria morte. Mas você tem marido e filhos adoráveis; poderá ser feliz. Que os céus a abençoem para que assim seja!

Meu desafortunado hóspede me fita com a mais terna compaixão. Tenta me encher de esperança e fala como se a vida fosse um bem que ele estimasse. Faz-me lembrar da frequência com que os mesmos acidentes já aconteceram a outros navegadores que se aventuraram por estes mares e, à minha revelia, enche-me de bons augúrios. Mesmo os marujos sentem o poder da eloquência dele: quando fala, deixam de se desesperar; ele lhes levanta a energia, e, quando ouvem sua voz, passam a acreditar que estas vastas montanhas de gelo são buracos de toupeira que desaparecerão diante

da determinação humana. Esses sentimentos são passageiros; cada dia de expectativa frustrada os enche de terror, e eu quase temo um motim causado por esse desespero.

5 DE SETEMBRO.

Passou-se há pouco uma cena de interesse tão incomum que, embora seja altamente provável que estas cartas nunca cheguem até você, não posso deixar de registrar.

Ainda estamos cercados por montanhas de gelo, ainda no perigo iminente de ser esmagados por suas colisões. O frio é excessivo, e muitos de meus desafortunados camaradas já encontraram sua cova em meio a esse cenário de desolação. A saúde de Frankenstein declina a cada dia: um fogo febril ainda brilha em seus olhos, mas ele está exausto e, quando de repente é levado a fazer qualquer esforço, logo volta a afundar em aparente desfalecimento.

Em minha última carta, mencionei o medo que eu tinha de um motim. Esta manhã, enquanto observava o semblante pálido de meu amigo — seus olhos semicerrados e membros pendendo apáticos —, fui despertado por meia dúzia de marujos que exigiam entrar na cabine. Eles adentraram, e o líder dirigiu-se a mim. Contou-me que ele e os companheiros haviam sido escolhidos pelos demais para vir se reportar a mim e fazer um pedido que, por justiça, eu não podia recusar. Estávamos murados por gelo e provavelmente jamais escaparíamos, mas eles temiam, e com razão, que se o gelo se dissipasse e uma passagem se abrisse, eu seria precipitado o bastante para seguir viagem e levá-los a novos perigos depois que tivessem alegremente superado aquele. Insistiram, portanto, que eu fizesse a solene promessa de que, caso o navio se libertasse, mudaria imediatamente o curso para o sul.

Esse discurso me perturbou. Eu não estava desesperado; tampouco havia ainda considerado a ideia de regressar caso fôssemos libertados. Contudo, poderia eu, por justiça ou mesmo hipoteticamente, recusar esse pedido? Hesitei antes de responder; foi

quando Frankenstein, que a princípio permanecera calado e, de fato, parecia mal ter forças para participar da conversa, despertou; seus olhos cintilaram e suas faces enrubesceram com vigor momentâneo. Virando-se na direção dos homens, ele disse:

— O que estão querendo dizer? O que exigem de seu capitão? Vocês então abandonam seu propósito com tanta facilidade? Não foram vocês que chamaram esta expedição de "gloriosa"? E como resultado, não foi então gloriosa? Não porque o caminho fosse suave e plácido como o do mar do sul, mas porque era cheio de perigos e terror; porque, a cada novo incidente, a fibra de vocês era posta à prova e sua coragem, exposta; porque o perigo e a morte a circundavam, e estes vocês haveriam de enfrentar e sobrepujar. Pois esta era uma gloriosa, uma honorável empreitada. No futuro, vocês seriam saudados como benfeitores de sua espécie, teriam seus nomes adorados como homens valentes que encontraram a morte por honra e em benefício da humanidade. E agora, eis que, diante do primeiro lampejo de perigo ou, se preferirem, a primeira prova pujante e terrível de sua coragem, vocês se acovardam e se contentam em ser chamados de homens que não tiveram força suficiente para suportar o frio e o risco; e assim, pobres almas, sentiram frio e voltaram para suas confortáveis lareiras. Ora, para isso não era preciso toda esta preparação; não era preciso vir tão longe e arrastar seu capitão à vergonha de uma derrota, só para provar que são covardes. Ah!, sejam homens, ou mais que homens. Mantenham-se aferrados a seus propósitos e firmes como uma rocha. Este gelo não é feito do mesmo estofo de que talvez seja o coração de vocês; é mutável e não pode lhes fazer face se determinarem que não vai. Não voltem para suas famílias com o estigma da desgraça marcado na testa. Voltem como heróis que lutaram e conquistaram, e que não sabem o que é dar as costas para o inimigo.

Ele falou isso com uma voz tão modulada para os diferentes sentimentos expressos em seu discurso, com um olhar tão cheio de desígnio e heroísmo altaneiro, que você bem pode imaginar se aqueles homens não ficaram comovidos! Olharam um para o outro, incapazes de responder. Então eu falei; pedi-lhes que se recolhessem e refletissem sobre o que fora dito, que eu não os conduziria para o

norte se desejassem o contrário com tanta veemência, mas que esperava que, mediante reflexão, a coragem deles voltasse.

Eles se recolheram, e eu me virei na direção de meu amigo, mas ele estava entregue à languidez e quase destituído de vida.

Como tudo isso vai terminar, não sei; mas preferiria morrer a regressar na infâmia — com meu propósito não alcançado. Contudo, temo que tal seja o meu destino; os homens, não escorados por conceitos de glória e honra, jamais continuarão de bom grado a suportar as presentes dificuldades.

7 DE SETEMBRO.

A sorte foi lançada; consenti em retornar caso não formos destruídos. Assim minhas esperanças foram estilhaçadas pela covardia e pela indecisão; voltarei ignorante e decepcionado. Enfrentar esta injustiça com paciência exige mais filosofia do que sou capaz.

12 DE SETEMBRO.

Acabou; estou voltando para a Inglaterra. Perdi minhas esperanças de serventia e glória — perdi meu amigo. Mas tentarei detalhar essas amargas circunstâncias para você, minha querida irmã; e, enquanto eu estiver sendo levado até a Inglaterra, até você, não hei de desanimar.

Em 9 de setembro, o gelo começou a se mover e estrondos semelhantes a trovoadas foram ouvidos a distância, conforme as ilhas se partiam e rachavam por toda parte. Estávamos na iminência do perigo; mas, uma vez que só nos restava a passividade, minha atenção se voltou para meu desafortunado hóspede, cuja enfermidade crescia a tal ponto que ele se confinara inteiramente à cama. O gelo rachava atrás de nós, e era impelido com força na direção norte; uma brisa soprou do oeste e, no dia 11, a passagem

para o sul tornou-se perfeitamente desimpedida. Quando os marujos a avistaram e souberam que seu regresso à terra natal parecia garantido, um grito de tumultuosa alegria irrompeu de todos eles, alto e duradouro. Frankenstein, que dormitava, despertou e perguntou a causa do tumulto.

— Eles estão gritando — disse eu — porque logo retornarão para a Inglaterra.

— Então você vai mesmo voltar?

— Ai de mim!, sim; não posso contestar o que pedem. Não posso conduzi-los ao perigo contra a vontade, de modo que devo voltar.

— Faça isso, se assim desejar, mas eu não irei. Você bem pode abandonar seu propósito, mas o meu me foi atribuído pelos céus e não me atrevo a abandoná-lo. Estou fraco, mas certamente os espíritos que auxiliam minha vingança hão de me conferir força suficiente. — Dizendo isso, tentou saltar da cama, mas o esforço foi grande demais para ele; recostou-se e desmaiou.

Demorou muito para ele se recuperar; e muitas vezes pensei que sua vida estivesse inteiramente extinta. Por fim ele abriu os olhos; respirava com dificuldade e não conseguia falar. O médico lhe deu uma beberagem tonificante e ordenou que não o incomodássemos. Nesse meio-tempo, me contou que meu amigo não tinha muitas horas de vida.

A sentença fora anunciada, e eu só podia lamentar e ter paciência. Sentei-me ao lado da cama, a observá-lo; seus olhos estavam cerrados, e pensei que dormia, mas dentro em breve ele chamou por mim com voz débil e, pedindo que me aproximasse, disse:

— Ai de mim!, a força com que eu contava se foi; sinto que hei de morrer em breve, e ele, meu inimigo e perseguidor, pode ainda estar vivo. Walton, não pense que nos últimos momentos de minha existência eu sinta aquele ódio inflamado e aquele ardente desejo de vingança que antes expressei; mas sinto-me justificado ao desejar a morte de meu adversário. Durante os últimos dias, me ocupei de examinar minha conduta passada; tampouco a julgo censurável. Num acesso de loucura entusiasmada, criei uma criatura racional e estava fadado a garantir, o quanto estivesse em meu poder, sua

felicidade e bem-estar. Esse era o meu dever, mas havia ainda outro superior a ele. Meus deveres para com os seres de minha própria espécie clamavam mais por minha atenção, porque incluíam maior parcela de felicidade ou infelicidade. Instado por essa perspectiva, recusei-me, e com acerto, a criar uma companheira para a primeira criatura. Na perversidade, ele demonstrou malignidade e egoísmo inigualáveis; destruiu meus amigos e dedicou-se à destruição de seres que possuíam sensações, felicidade e sabedoria únicas; tampouco sei onde tal sede de vingança vai acabar. Para que esse miserável não desgrace mais ninguém, ele deve morrer. A tarefa de destruí-lo era minha, mas fracassei. Quando movido pelo egoísmo e por motivos mesquinhos, pedi a você que assumisse minha missão inacabada, e renovo agora esse pedido quando me acho induzido apenas pela razão e pela virtude.

"Contudo, não posso lhe pedir que renuncie à sua terra e a seus amigos para cumprir essa tarefa; e, agora que está voltando para a Inglaterra, terá poucas chances de encontrá-lo. Mas deixo a você a consideração desses argumentos e uma boa dosagem do que você imagine serem seus deveres, pois meu juízo e minhas ideias já estão perturbados pela iminente aproximação da morte. Não ouso lhe pedir que faça o que eu acho certo, pois ainda posso estar desvirtuado pela paixão.

“Perturba-me que ele possa viver e ser um instrumento de perfídia; por outro lado, este momento, enquanto espero minha libertação, é a única felicidade que desfrutei em muitos anos. Os vultos dos meus amados mortos pairam diante de mim, e corro para seus braços. Adeus, Walton! Busque a felicidade na tranquilidade e evite a ambição, mesmo que seja aquela aparentemente inocente de distinguir-se na ciência e nas descobertas. Contudo, como posso dizer isso? Eu mesmo me destrocei nessas esperanças, porém outra pessoa talvez tenha sucesso.”

A voz dele se tornou mais fraca enquanto falava e, por fim, esgotado pelo esforço, ele mergulhou no silêncio. Cerca de meia hora

depois, tentou voltar a falar, mas não conseguiu; apertou minha mão debilmente e seus olhos se fecharam para sempre, enquanto a irradiação de um sorriso gentil lhe morria nos lábios.

Margaret, o que posso comentar sobre a precoce extinção desse espírito glorioso? Que posso dizer para que entenda a magnitude de meu pesar? Tudo o que sou capaz de expressar seria inadequado e débil. Minhas lágrimas correm; minha mente está nublada por decepção. Mas viajo rumo à Inglaterra, e lá talvez possa encontrar consolo.

Fui interrompido. O que esses sons anunciam? É meia-noite; a brisa sopra suavemente e o vigia no convés mal se mexe. Outra vez, ouço o som de uma voz humana, porém mais roufenha; vem da cabine onde ainda jazem os restos de Frankenstein. Devo me levantar e ir averiguar. Boa noite, minha irmã.

Meu Deus!, que cena acaba de se passar! Ainda estou tonto com a lembrança. Nem sei se terei forças para descrevê-la; contudo, a história que venho registrando ficaria incompleta sem essa inacreditável catástrofe final.

Entrei na cabine onde jaziam os restos de meu azarado e admirável amigo. Sobre ele se debruçava um vulto que não tenho palavras para descrever; de estatura gigantesca, porém grosseiro e de proporções disformes. Enquanto se debruçava sobre o caixão, seu rosto estava oculto por compridas madeixas de cabelo desgrenhado; mas sua mãozorra estava estendida e possuía a cor e a textura de uma múmia. Quando ouviu-me aproximar, ele cessou de emitir exclamações de pesar e horror e saltou na direção da janela. Nunca havia eu tido uma visão tão horrível quanto seu rosto, de uma monstruosidade desprezível, porém apavorante. Fechei os olhos involuntariamente e tentei recordar quais eram meus deveres para com aquele destruidor. Clamei que ele ficasse.

Ele se deteve, olhando-me espantado; e, voltando-se de novo na direção do vulto sem vida de seu criador, pareceu esquecer minha presença, e cada traço e gesto seu pareceu instigado pela mais louca fúria de uma paixão incontrolável.

— Também ele é uma vítima minha! — exclamou. — Em seu assassinato, meus crimes são consumados; a miserável sequência da

minha existência aproxima-se do fim! Ah, Frankenstein!, ser generoso e autocentrado!, de que adianta agora eu te pedir perdão? Eu, que irrevogavelmente te destruí ao destruir todos que amavas. Ai de mim!, ele está frio, não pode mais me responder.

Sua voz parecia sufocada; e meu primeiro impulso, que havia me sugerido o dever de obedecer ao último pedido de meu amigo para destruir seu inimigo, foi suspenso por uma mistura de curiosidade e compaixão. Aproximei-me daquele ser imenso, mas não ousei erguer os olhos para seu rosto, pois havia algo demasiado assustador e sobrenatural em sua feiura. Tentei falar, mas as palavras morreram em meus lábios. O monstro continuou a proferir autocensuras enlouquecidas e incoerentes. Por fim, reuni coragem para dirigir-me a ele durante uma pausa na tempestade de sua paixão:

— Seu arrependimento — disse — agora é supérfluo. Se tivesse ouvido a voz da consciência e percebido as pontadas do remorso antes de levar sua diabólica vingança até o extremo, Frankenstein ainda estaria vivo.

— Você está sonhando? — perguntou o demônio. — Acha que eu era insensível à agonia e ao remorso? Ele... — continuou, apontando para o cadáver. — Ele não sofreu na consumação do feito; ah!, não sofreu nem mesmo um milésimo de minha angústia durante o demorado detalhe de sua execução. Um egoísmo assustador me apressou adiante enquanto meu coração se envenenava de remorso. Acha que os gemidos de Clerval foram música para meus ouvidos? Meu coração foi moldado para ser suscetível ao amor e à compaixão e, quando foi contorcido pela miséria à perversão e ao ódio, não suportou a violência da transformação sem sofrer torturas tais que você nem pode imaginar.

“Após o assassinato de Clerval, voltei para a Suíça, de coração partido e derrotado. Tive pena de Frankenstein; minha pena beirava o horror: eu abominava a mim mesmo. Mas quando descobri que ele, o autor tanto de minha existência como dos indizíveis tormentos dela resultantes, ousava ter esperança de felicidade, que, enquanto me cumulava de desgraças e desespero, ele procurava divertir-se em sentimentos e paixões que me eram vedados para sempre, uma inveja

impotente e uma indignação amarga me encheram de uma insaciável sede de vingança. Recordei minha ameaça e decidi que seria cumprida. Sabia que estava me preparando para uma tortura mortal; mas eu era o escravo, não o senhor, de um impulso que detestava porém não conseguia desobedecer. Contudo, quando ela morreu... Não, naquele momento, não me senti miserável. Eu tinha abandonado todo sentimento, subjugado toda angústia, na revolta do excesso de desespero. O mal, doravante, tornou-se o meu bem. Instado a ir tão longe, não me restava escolha senão adaptar minha natureza a um elemento que eu escolhera de bom grado. A conclusão de meu desígnio demoníaco se tornou uma paixão insaciável. E agora acabou; eis a minha última vítima!"

A princípio, fiquei tocado pela expressão de sua miséria; mas quando recordei o que Frankenstein me dissera sobre seus poderes de eloquência e persuasão, e quando voltei os olhos de relance para o vulto sem vida de meu amigo, a indignação se reavivou dentro de mim.

— Desgraçado! — disse eu. — É muito conveniente vir aqui se lamuriar sobre a desolação que causou. Você atira uma tocha em um aglomerado de casas e, quando estão consumidas pelo fogo, senta-se no meio dos escombros e lamenta a destruição. Vilão hipócrita!, se o homem a quem você pranteia ainda vivesse, seria ainda o alvo e a presa de sua maldita vingança. O que sente não é pena; você só lamenta porque a vítima de sua malignidade foi tirada de seu poder.

— Ah, não é isso. Não é, não — interrompeu o ser. — Contudo, essa é a impressão que você deve ter sobre o suposto propósito de meus atos. Porém, não busco solidariedade pela minha miséria. Compaixão alguma ainda hei de encontrar. Quando a busquei inicialmente, foram o amor à virtude, os sentimentos de felicidade e afeto com que todo o meu ser transbordava, o que eu desejava partilhar. Mas agora que a virtude se tornou uma sombra para mim, e que a felicidade e o afeto se transformaram em desespero amargo e desprezível, em que buscaria a compaixão? Contento-me em sofrer sozinho, enquanto meus sofrimentos perdurarem: quando eu morrer, estarei bastante conformado que a abominação e a desonra pesem sobre minha memória. Antes, minha fantasia se tranquilizava

com sonhos de virtude, de fama e de prazer. Antes, eu tinha ilusões de conhecer seres que, perdoando minha forma externa, me amariam pelas excelentes qualidades que eu era capaz de desenvolver. Nutria-me de elevados pensamentos de honra e devoção. Mas agora o crime me degradou mais do que à pior das feras. Não existe nenhuma culpa, nenhuma perfídia, nenhuma malignidade, nenhuma miséria comparável à minha. Quando repasso o pavoroso catálogo de meus pecados, não consigo acreditar que eu seja a mesma criatura cujos pensamentos eram antes repletos de sublimes e transcendentes visões da beleza e da majestade da bondade. Mas assim é; o anjo caído se torna um diabo maligno. Porém, até mesmo o inimigo de Deus e dos homens tem amigos e cúmplices em sua desolação; eu estou sozinho.

"Você, que chama Frankenstein de amigo, parece ter conhecimento de meus crimes e dos infortúnios dele. Mas, nos detalhes que lhe forneceu, ele não conseguiria calcular as horas e os meses de miséria que suportei, gastando-os em paixões inúteis. Pois ao passo que eu lhe destruí as esperanças, não satisfiz meus próprios desejos. Estes permaneceram ardentes e suplicantes; eu ainda desejava o amor e a amizade, mas continuava sendo desdenhado. Não haverá nisso uma injustiça? Serei eu considerado o único criminoso, quando toda a espécie humana pecou contra mim? Por que não odeiam Felix, que escorraçou o amigo de sua casa com insolência? Por que não execram o bruto que procurou destruir o salvador de sua filha? Mas não, eles são seres virtuosos e imaculados! Eu, o miserável e abandonado, é que sou um erro a ser desdenhado, chutado e pisoteado. Mesmo agora meu sangue ferve ante a recordação dessa injustiça.

"Mas é verdade que sou um desgraçado. Assassinei seres adoráveis e indefesos, estrangulei inocentes enquanto dormiam e apertei até a morte o pescoço de quem nunca fez mal a mim ou a outro ser vivo. Consagrei meu criador, o seleto exemplo de tudo o que é digno de amor e admiração entre os homens, à miséria; eu o persegui até a ruína irremediável. Ali jaz, branco e frio na morte. Você me odeia; mas sua repulsa não se equipara àquela com que considero a mim mesmo. Olho para as mãos que executaram tais

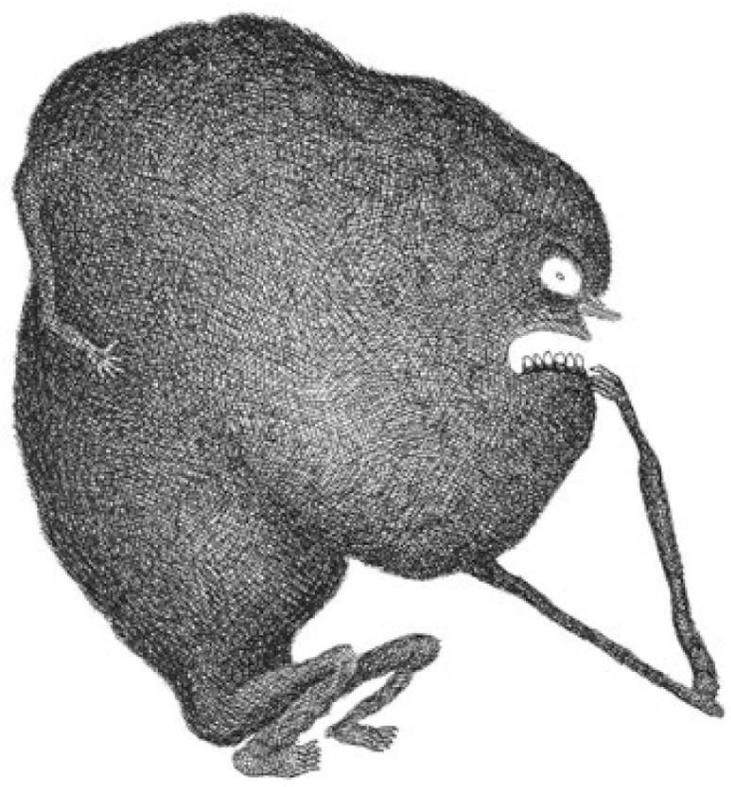
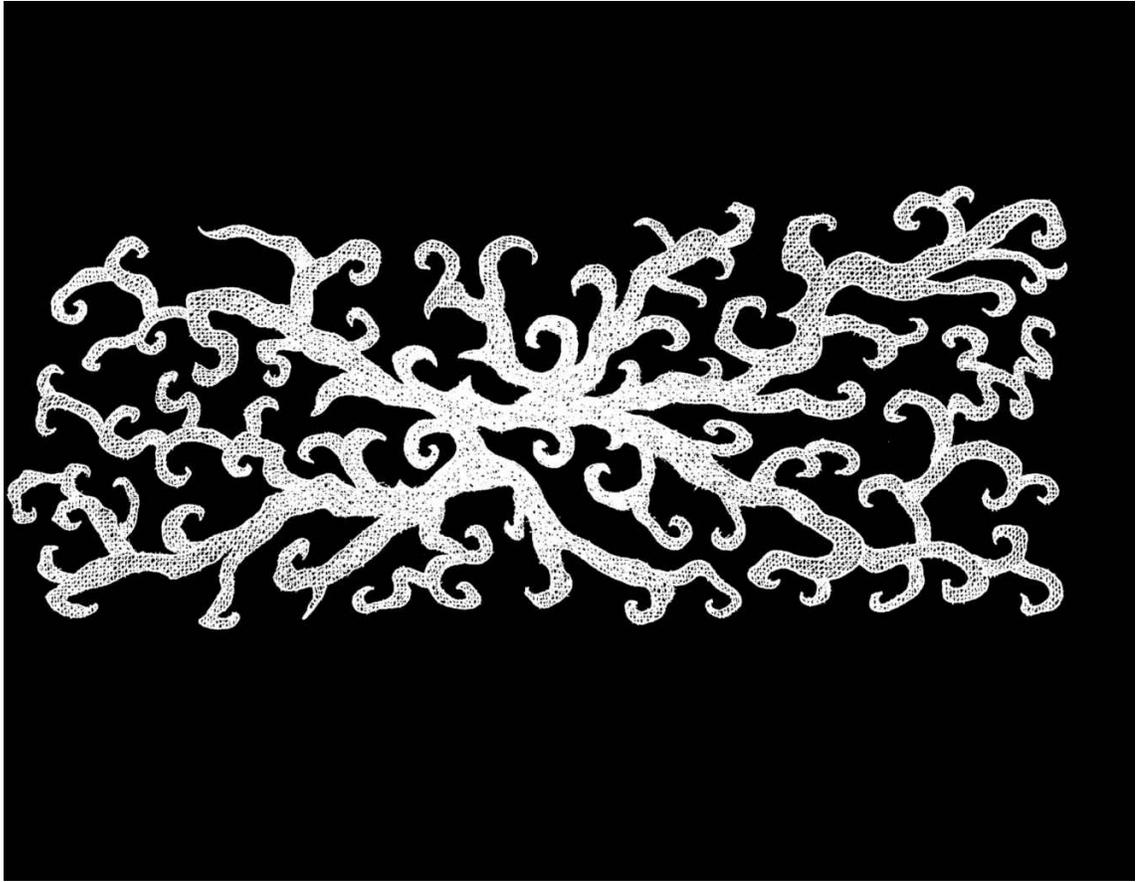
atos; penso no coração em que foram concebidos e anseio pelo momento em que estas mãos encontrarão meus olhos, em que essa ideia deixará de assombrar meus pensamentos.

"Não tema que eu venha a ser o instrumento de perfídias futuras. Minha obra está quase completa. Nem a sua morte nem a de mais ninguém é necessária para consumar a trajetória da minha existência e realizar aquilo que precisa ser feito, mas tão somente a minha própria. Não pense que serei lento ao realizar esse sacrifício. Hei de abandonar seu navio usando a jangada de gelo que me trouxe até aqui e procurar a extremidade norte do globo, onde hei de erguer minha pira funerária e consumir até às cinzas este corpo miserável, a fim de que seus despojos não lancem nenhuma luz a algum desgraçado curioso e profano que queira criar outro como eu. Hei de morrer. Não sentirei mais as agonias que agora me consomem nem serei presa de sentimentos insatisfeitos, porém inextinguíveis. Morto está aquele que me invocou à existência; e, quando eu me for, a própria lembrança de nós dois irá rapidamente desaparecer. Não mais hei de ver o sol ou as estrelas, ou sentir os ventos brincarem em minhas bochechas. Luz, sentimento e sensação irão embora; e nesta condição devo encontrar minha felicidade. Alguns anos atrás, quando as imagens que este mundo oferece se descortinaram diante de mim pela primeira vez, quando senti o calor reconfortante do verão e ouvi o farfalhar das folhas e o piar dos pássaros, e isso para mim era tudo, eu teria chorado ao pensar em morrer; agora, é meu único consolo. Maculado por crimes e dilacerado pelo mais amargo remorso, onde encontrarei descanso senão na morte?

"Adeus! Deixo-o, e serás o último da espécie humana que estes meus olhos jamais verão. Adeus, Frankenstein! Se tu ainda estivesses vivo e ainda alimentasses o desejo de te vingares de mim, este seria mais bem saciado com minha vida do que com minha destruição. Mas não foi assim; tu procuraste minha extinção a fim de que eu não pudesse causar mais desgraça; porém, de modo que não compreendo, se tu não tivesses cessado de pensar e sentir, não desejarias para mim uma vingança maior do que a que eu sinto. Destroçado como tu foste, minha agonia ainda era superior à tua, pois a amarga pontada

do remorso não deixará de ulcerar minhas feridas até que a morte as feche para sempre.

"Mas logo", exclamou ele, com triste e solene entusiasmo, "estarei morto, e o que agora sinto não mais será sentido. Logo essas misérias ardentes estarão extintas. Hei de subir triunfante na minha pira funerária e exultar na agonia das chamas torturantes. A luz dessa conflagração se apagará e minhas cinzas serão levadas pelos ventos para o mar. Meu espírito descansará em paz; ou, se é que ele pensa, certamente não mais o fará. Adeus."

Ao dizer isso, ele saltou da janela da cabine para a jangada de gelo que estava perto do navio. Logo foi levado pelas ondas e perdeu-se na escuridão ao longe.

CENAS PARA MONTAR UM *FRANKENSTEIN*

por Sofia Nestrovski

NÃO É A ÚNICA POSSIBILIDADE, mas ler *Frankenstein* como uma autobiografia dá jogo. É pela "intrusão do eu na obra de arte", escreveu Mary Shelley, que "o coração humano" pode ser percebido como um verdadeiro "país desconhecido".[1] Temos a seguir três cenas: duas foram encontradas na vida da autora, e uma, na da criatura. E depois, desdobramentos e um quadro. Temos repetições que desenham um mapa de medo e aprendizado, mudez e quebra de silêncio.

* * *

Aos oito anos e às escondidas, Mary Wollstonecraft Godwin (ainda não era Shelley) e sua irmã de criação Jane saíram da cama e acocoraram-se atrás do sofá da sala para escutar a conversa dos adultos. Era mais uma reunião de poetas e filósofos, acompanhados do tipo de gente que gosta de estar junto de poetas e filósofos, como muitas vezes acontecia naquela casa. O pai de Mary era William Godwin, filósofo. Ele acreditava na infinita capacidade humana para o autoaperfeiçoamento — desde que o guia fosse a razão e a busca fosse por verdade, felicidade e justiça, contra o obscurantismo e os abusos do Estado, da Igreja e da preguiça individual. Estamos na primeira década do século XIX, e a casa dos Godwin é um polo cultural. Quem se levanta para falar é o poeta Samuel Taylor Coleridge, que recita sua

Balada do velho marinheiro, à qual Jane e Mary escutam atônitas: o poema é diabólico e feito de repetições e rimas que lhe dão um clima hipnótico, como se tivesse algo de encantatório ou de pesadelo. Mais tarde, seria mencionado pelo personagem Walton, numa das primeiras cenas de *Frankenstein*. Mas, ali, as duas crianças intimidadas apenas escutam e não dizem nada, escondidas, "adquirindo conhecimento ilícito", nas palavras de um crítico.[2] Em outra ocasião, Coleridge diria que o silêncio das filhas de Godwin era mórbido, como o de uma catacumba.

* * *

Dez anos mais tarde, numa casa alugada na Suíça, Mary Wollstonecraft Godwin (agora vivendo com Percy Shelley, embora ainda não casada) senta-se com sua irmã Jane (então com o nome artístico Claire Clairemont, embora não fosse artista) na sala mal iluminada por velas enquanto chove do lado de fora. Naquela noite, como em muitas outras da temporada, os poetas Lorde Byron e Percy Shelley conversam entre si e com Polidori, médico recém-formado e a par das descobertas científicas de vanguarda. Ele conta de pesquisas novas feitas com sonâmbulos, enquanto Percy Shelley intervém com perguntas sobre a eletricidade e sobre qual seria a força capaz de animar os seres vivos. Lorde Byron recita um poema de Coleridge. Percy grita e sai correndo da sala, atormentado com as imagens que escuta. Nessas noites, Mary e Claire ficam em silêncio, metade escondidas pela escuridão. "Muitas e longas foram as conversas entre lorde Byron e Shelley, das quais eu era uma ouvinte devota, porém quase muda" (p. 25), Mary escreveria mais tarde.

* * *

*A*té mais ou menos a metade de *Frankenstein*, a criatura é muda — primeiro porque é uma recém-nascida neste mundo e, sozinha, não tem com quem aprender uma língua. É só quando encontra a

família De Lacey que começa a perceber, por conta própria, que o conhecimento é um passe para pertencer à comunidade humana. Aprende a falar escutando a conversa alheia, sem se mostrar.

> *Aos poucos fiz uma descoberta de ainda maior importância. Percebi que aquela gente possuía um método para comunicar suas experiências e sentimentos um ao outro por meio de sons articulados. Notei que as palavras que às vezes falavam causavam prazer ou dor, sorrisos ou tristeza, na mente e no semblante dos ouvintes. Essa era sem dúvida uma ciência divina, e desejei ardentemente me familiarizar com ela. Mas fui frustrado em cada tentativa que fiz para tanto. [...] Não consigo descrever o encanto que senti ao aprender as ideias associadas a cada um desses sons e ser capaz de pronunciá-los. Discerni várias outras palavras, mesmo sem ser ainda capaz de compreendê-las ou empregá-las, tais como "bom", "querido", "infeliz".* ⟨pp. 154-155⟩

Ao final do percurso prodigioso de sua formação, a criatura está pronta para se comunicar num francês impecável (diferente, portanto, da imagem que ficou gravada na cultura pop, como um bruto que grunhe e berra). Mais do que isso: seu discurso é polido, intelectualizado e sensível. Soa como um filósofo iluminista.[3] A violência de seus atos é a contraparte que escapa da coerência rigorosa de suas racionalizações; o excesso de luz do pensamento esclarecido projeta sombras igualmente nítidas.

* * *

Temos nessas três cenas um silêncio atento de quem escuta, vinculado à busca por conhecimento quando ele não é diretamente ofertado; temos a admiração pelos que sabem, falam e criam; temos o interesse pela ciência, pela razão, e uma tendência a notar os monstros que a razão produz. Na versão ficcional, a criatura confessa a delícia que é acreditar no poder salvífico do conhecimento — uma ilusão a ser desfeita dali a

poucas páginas. Com a sobreposição das cenas, Mary Shelley e a criatura ganham mais ou menos o mesmo riscado. Como entender isso?

* * *

Pode não ter sido numa mesa de laboratório, mas William Godwin criou Mary como um experimento, e medrava planos para que fosse filósofa, "uma cínica até".[4] Foi por isso que, quando se viu diante de um bebê que exigia cuidados constantes e pouco filosóficos, ele não soube bem o que fazer: "Sou a pessoa menos preparada para a tarefa", escreveu a uma amiga.[5] Nosso olhar acompanha o desenho. A criatura diz (mas poderia ser a autora): "Pai algum tinha acompanhado meus dias de infância, mãe alguma tinha me abençoado com sorrisos e afagos; ou, se tinham, toda a minha vida pregressa era agora uma mancha, um vazio ofuscante no qual eu não discernia nada [...] O que eu era? A pergunta voltava mais uma vez, para ser respondida somente com resmungos". (p. 167).

* * *

Jane, a irmã de criação, escreveu numa carta: "Na nossa família, se você não for capaz de escrever um poema épico, ou um romance original o bastante para derrubar, de uma vez por todas, todo romance já escrito, é porque você é uma desgraçada repulsiva, que nem sequer merece reconhecimento".[6]

* * *

E que família era essa? Sobre Mary caía o peso duplo: não apenas era filha de um pai intelectual público, mas também de uma mãe revolucionária, falecida poucos dias após dar à luz, deixando para Mary um nome igual ao seu, além de um legado e grandes expectativas. Mary Wollstonecraft foi a famosa autora de *Uma*

reivindicação dos direitos das mulheres (1792), livro que marcou época, fez sua reputação e ambicionou fazer pelos direitos das mulheres o que a "Declaração dos direitos dos homens e do cidadão" (1789) havia tencionado fazer para a outra fatia da demografia. Wollstonecraft foi repudiada pelo senso comum, mas admirada pela classe artística e filosófica, e sobretudo adorada por Godwin. Ela denunciava a condição social de seu gênero na Europa de modo geral e, mais especificamente, na Inglaterra, onde as mulheres casadas não tinham direito a propriedade nem a representação legal.[7]

Intelectualmente ambiciosa — para além dos horizontes de sua classe, nascida na pobreza rural —, Wollstonecraft precisou educar a si mesma, atenta à maneira dos homens agirem no mundo. Era o caminho possível: esse de ser uma autodidata e observar, como que escondida atrás do sofá e quieta, até tomar coragem de se mostrar. Aprendeu alemão sozinha para poder conseguir trabalhos como tradutora. Escreveu resenhas e publicou livros. Participou do debate público assinando com o próprio nome.

* * *

Depois de sua morte, William Godwin decidiu transmutar o luto em escrita, dedicando-se a escrever uma biografia de Mary Wollstonecraft. "Minha esposa agora está morta. Morreu esta manhã, às oito horas... Acredito piamente que não existe ninguém à altura dela no mundo. Sei, por experiência própria, que fomos feitos para fazer um ao outro feliz. Não tenho a mínima esperança de ser feliz de novo".[8] O trabalho de escrita foi um jeito de fazer a esposa morta reviver simbolicamente, no corpo do livro (como Victor Frankenstein quis fazer literalmente em seu laboratório). Também nesse a criação saiu diferente do imaginado: o livro fez de Mary Wollstonecraft um monstro na opinião pública. Uma revista conservadora da época publicou, em resposta, versinhos rimados sobre o casal: "Era Mary, de fato,

quem comprava as calças no alfaiate./ Deus proteja os pobres homens dessa bis...!”.[9] Só que o efeito sobre Mary (a filha) foi outro: o signo de excepcionalidade com que o pai rememorava a esposa deixava claro que ela jamais estaria à altura daquela lembrança.

* * *

Um livro engendra outros. Em *Mathilda*, novela escrita pouco depois de *Frankenstein*, por volta de 1820, mas publicada apenas postumamente, em 1959, Mary inverte sua desvantagem emocional: conta de um pai que confessa estar apaixonado pela filha, misturando a imagem dela à de sua falecida mulher. É isso o que justifica, na história, que ele tenha sido tão ausente em sua criação: sofria com o excesso de amor que tinha por ela.

* * *

O biógrafo e crítico Richard Holmes percebe a existência de uma correlação entre sexo e catástrofe em *Frankenstein*. Victor Frankenstein protela a data de seu casamento para se dedicar aos ideais de sua ciência, mas, no fim, sua criação é justamente o que lhe impossibilitará de satisfazer qualquer anseio por felicidade conjugal.[10]

Quando a criatura acorda e Frankenstein se dá conta do que criou, ele sonha que, ao beijar Elizabeth, ela se transforma: troca de rosto com sua mãe morta. Mais tarde, quando criador e criatura se encontram em Chamonix, a criatura faz o pedido que vai coordenar a estrutura narrativa do romance dali em diante: “Você deve criar uma fêmea para mim, com quem eu possa viver trocando essas simpatias necessárias para minha existência. Isso só você pode fazer, e o exijo como um direito que não pode se recusar a me conceder” (p. 198). Depois de idas e vindas, Victor Frankenstein de fato começa a criar uma mulher para lhe servir de par, mas a destrói antes de terminar. *A* criatura, já

familiarizada com o conceito de vingança, o ameaça: "lembre-se de que estarei com você na noite do seu casamento" (p. 226).

Wollstonecraft defendeu que "as relações sexuais devem ser livres dos controles sociais [...]. Os homens e mulheres devem permanecer juntos enquanto se amarem, e nem por um segundo a mais".[11] Sua filha soube do poder destrutivo dessa vocação dela para a liberdade sexual. No limite, foi isso não apenas o que deu fim a sua reputação, mas também indiretamente à vida de Mary Wollstonecraft – que morreu ao dar à luz.

* * *

Adolescente, Mary Wollstonecraft Godwin conhece o poeta Percy Bysshe Shelley, cinco anos mais velho, que se aproxima de sua família porque admira a filosofia de Godwin – mais um desses homens imantados de ideais insustentáveis (somamos três até agora: Godwin, Frankenstein e P.B. Shelley). Um crítico o chamou de "um lindo anjo ineficaz".[12] Foi expulso da Universidade de Oxford após enviar às principais autoridades um panfleto pregando a "necessidade do ateísmo", e perigava ser não apenas deserdado pela família, mas também retirado da linhagem nobre a que pertencia, porque tinha casado às escondidas com a prima e tido dois filhos. Como Godwin, e como Victor Frankenstein, Shelley acreditava no futuro da humanidade e gostava de grandes ideias, mas tinha dificuldades com o presente e com as pessoas. Quando Percy Shelley e Mary escapavam da vista de Godwin, iam juntos passar as tardes sobre o túmulo de Mary Wollstonecraft e liam em voz alta os textos dela. Ele a provocava: queria saber o que a filha de duas pessoas tão brilhantes seria capaz de criar. Mas não era só isso o que faziam, porque, em pouco tempo, Mary Wollstonecraft Godwin apareceu em casa grávida do primeiro filho.

* * *

Já estava grávida do terceiro enquanto escrevia *Frankenstein* e levava o segundo no colo; o primeiro morreu ao completar onze dias de vida. Em seu diário, ela anotou em fragmentos: "Acordei no meio da noite para amamentar[,] ele parecia estar dormindo tão profundamente que não quis acordá-lo" e, na manhã seguinte, "Encontrar meu bebê morto". Pouco depois: "Sonhei que meu pequeno filho voltava à vida; que ele só estava com frio, e que o esfregávamos ao lado da lareira e ele vivia [...]. Acordei e não encontrei bebê algum"[13].

Tinha dezoito anos, dezenove quando colocou o ponto-final na escrita do romance, prestes a dar à luz. Escreveu um livro em que um homem — não um deus, muito menos uma mulher — gera uma criatura.

A escritora contemporânea Rivka Galchen, em seu compêndio de bebês da literatura *Pequenas resistências* (2016), classifica a criatura de *Frankenstein* como um bebê que é visto pela primeira vez olhando da beirada da cama, "como uma criança pequena no quarto dos pais". Quando a família à qual sonha pertencer a rejeita, a criatura "se agarra aos joelhos do pai cego, como uma criança muito pequena".[14]

* * *

Mary Wollstonecraft Godwin Shelley: seu nome é uma colagem de nomes alheios – Mary Wollstonecraft (a mãe), Godwin (o pai), Shelley (o marido). Publicou um livro anônimo no qual imagina um monstro sem nome, cuja individualidade é formada por partes de pessoas que viveram antes dela. A primeira suspeita dos leitores foi de que *Frankenstein* tivesse sido escrito por Percy Shelley ou até por William Godwin. A criatura do livro também é quase sempre chamada de Frankenstein, mesmo por quem sabe que esse nome não é seu, mas do criador.

Todas as partes que compõem a criatura têm a distinção de serem grandes demais — pertenceram a pessoas enormes que a antecederam. É isso o que determina que sua presença no mundo

seja monstruosa e que seu destino seja a incompreensão dos demais e, finalmente, a solidão.

* * *

Nem sempre foi tão comum escrever um livro só para contar a própria história ou tentar encontrar as palavras certas para fazer sentido do que se lembra daquilo que se viu e sentiu. A autobiografia como tema literário tem dívidas com as poetas mulheres da virada do século XVIII para o XIX (da geração de Mary Wollstonecraft, portanto). Por influência da Revolução Francesa, cresceu o interesse dos leitores por relatos dos oprimidos — e as mulheres de classe média, escolarizadas, encarnavam a solução para esse desejo. Formavam o único grupo social que era, ao mesmo tempo, excluído da condição de cidadania plena, mas que sabia ler e escrever. A poeta Felicia Hemans vendeu mais do que Lorde Byron, a principal celebridade literária de sua época; a poeta Hannah More ficou milionária (convertendo para valores atuais) com as vendas de seus livros; a poeta Helen Maria Williams obteve 1500 assinantes para sua coletânea de versos. E, no entanto, o sucesso comercial estava condicionado à limitação de suas possibilidades criativas: elas vendiam bem desde que se restringissem a contar suas histórias em tom sentimental e na condição de vítimas.

Mas se não fosse pela divisa aberta por elas, não seria possível para autores como Samuel Taylor Coleridge ou Percy Bysshe Shelley escreverem alguns de seus melhores poemas. Autores como eles continuaram com os esforços iniciados por elas; nem sempre os créditos foram dados. O despojamento necessário para dedicar poemas inteiros a falar de si foi um presente oferecido pelas escritoras mulheres ao mundo literário. Aliás, os dois poemas que P.B. Shelley compôs na mesma ocasião de escrita de *Frankenstein*, “Mont Blanc” e “Hino à beleza intelectual”, falam dos símbolos estranhos que surgem quando a mente se ocupa de escarafunchar a si mesma. A frase merece uma

invertida: O romance *Frankenstein*, que Mary Shelley compôs na mesma ocasião de escrita de "Mont Blanc" e "Hino à beleza intelectual", fala dos símbolos estranhos que surgem quando a mente se ocupa de escarafunchar a si mesma. Condensando memória e desejo, a autora chegou ao símbolo de uma criatura inominável e órfã, que corre o mundo em busca de alguém que não se assuste com ela.

* * *

Um dos homens com quem Mary Wollstonecraft (a mãe) se envolveu, embora não se saiba ao certo se a relação foi romântica ou puramente uma amizade intelectual, foi o pintor suíço Henry Fuseli. Fuseli era casado e, pela biografia escrita por Godwin, ficamos sabendo que Wollstonecraft propôs viver com ele e com a esposa, numa antecipação (em termos) do que sua filha viveria, com a diferença de que Fuseli recusou a proposta e Percy Shelley se prontificou a deixar a primeira esposa para trás quando conheceu Mary. Enquanto eu levantava a pesquisa para este texto, acabei topando com a reprodução de um quadro de Fuseli, de 1794. É possível, e até provável, que Mary Shelley o tenha visto; chegou a conhecer Fuseli quando era criança, e já é aceito que ela tenha se inspirado em outros quadros dele para escrever, mas não este, chamado "John Milton dita para sua filha". Fiquei com a imagem na cabeça por dias, como mais uma cena para sobrepor às três primeiras deste texto.

O quadro é composto de três figuras: duas garotas que não vemos totalmente de frente, uma à esquerda ocupada com um bordado, e a outra, no centro e em primeiro plano, mais iluminada do que os outros personagens e concentrada em anotar o ditado do pai. A figura do poeta inglês John Milton é terrível: grande demais para ser humano, a pele cinza, o rosto cadavérico e os olhos cegos voltados para a luz que ele não vê. A filha que escreve e escuta faz um contraponto de vida e delicadeza à monstruosidade do pai. A história que o quadro representa é

conhecida: John Milton, no fim da vida e incapaz de escrever ele próprio por causa da deficiência visual, convoca a filha para que anote os versos de seu longo poema épico *Paraíso perdido* — que viria a ser um dos poemas mais importantes do cânone. Ver a cena reproduzida assim, com um Milton morto-vivo e gigante acompanhado das filhas caladas, virou uma chave: o poema, que reconta o episódio bíblico da criação e posterior expulsão do paraíso, é referência constante em *Frankenstein*, citada nominalmente, mas também subjacente ao movimento central do livro, história de criatura que decepciona seu criador. Mary Shelley teria visto essa pintura?

A figura de um pai imenso, tão brilhante quanto cego, tão admirável quanto assustador — o acesso ao conhecimento que só pode ser adquirido em silêncio —, a oposição de luz e sombra, vida e não exatamente morte, mas uma vida aparentada à não vida — a presença de duas meninas, duas irmãs —, a ausência de uma mãe em cena. Tudo isso me faz pensar.

A pintura embaralha as coisas, ou deixa mais visível o embaralhamento que já estava se desenhando aqui, como quando sonhamos com uma pessoa conhecida, mas que tem a voz de outra, ou com um lugar que é ao mesmo tempo a nossa casa e a casa de outra família, para a qual nunca fomos convidados a entrar.

* * *

Para terminar, uma lista de conclusões parciais:

A criatura é a imagem que Mary Shelley tem de si mesma;

Mas a criatura é um bebê;

Frankenstein é o pai e, ao mesmo tempo, a mãe da criatura — Mary Shelley sabia como era ser mãe e gerar criaturas; logo, Frankenstein também é uma imagem parcial de Mary Shelley, assim como é uma imagem de seu pai e de Percy Shelley;

Por sua aparência, a criatura pode ter algo do John Milton de Fuseli. No entanto, o quadro representa um pai que dita para

uma filha que escuta, em silêncio;

Mary Shelley é uma filha que escuta o pai;

É também uma mulher que escuta o marido.

* * *

Mary Shelley é uma autora que responde, pela criação de um livro, às vozes que falaram antes dela e com as quais aprendeu a falar enquanto esteve em silêncio. Criar foi uma maneira de não sucumbir a essas vozes e de moldá-las para que servissem às necessidades próprias de uma autora. Isso exige algum grau de violência. É uma violência contra os pais que todos os filhos e filhas conhecem em algum grau, mesmo quando não são escritores; começa com o bebê, que rasga para nascer.

---

1 SHELLEY, 1823.

2 ROSENBERG, 1970. Tradução minha.

3 Aos que se incomodam com a inverossimilhança das cenas de aprendizado da criatura, existe um precedente para elas nas narrativas autobiográficas de africanos escravizados, como no livro *A interessante narrativa da vida de Olaudah Equiano*, em que o autor conta como aprendeu a ler às escondidas, a princípio sem saber o que eram livros. Essa autobiografia teve uma circulação grande entre os abolicionistas ingleses (dos quais Mary Shelley fazia parte), assim como outras referências sobre a escravidão nas colônias, as quais Mary Shelley consultou para escrever este livro. Mais sobre isso no artigo de Jill Lepore para a revista *The New Yorker*, "The strange and twisted life of Frankenstein", 05/02/2018.

4 Carta de William Godwin a William Baxter, 8 de junho, 1812; *apud* GLYNN GRYLLS, 1938. Tradução minha.

5 Carta de William Godwin a Mrs. Cotton, 24 de outubro, 1797; *apud* KEGAN PAUL, 1876. Tradução minha.

6 MARSHALL, 1889. Tradução minha.

7 Cf. ROSENBERG, 1970.

8 *Apud* HOLMES, 1974.

9 K. C., 1801. Tradução minha.

10 HOLMES, 1974.

11 *Apud* ROSENBERG, 1970. Tradução minha.
12 ARNOLD, 1888. Tradução minha.
13 *Apud* LEPORE, 2018. Tradução minha.
14 GALCHEN, 2021.

SOFIA NESTROVSKI é mestre em Teoria Literária pela USP e autora de *A história invisível* (Fósforo, 2022), *As vinte mil léguas de Charles Darwin: o caminho até 'A origem das espécies'* (coautoria com Leda Cartum, Fósforo, 2022) e da HQ *Viagem em volta de uma ervilha* (com Deborah Salles, Veneta, 2019). Apresenta, com Leda Cartum, o "Vinte mil léguas: podcast de ciências e livros" (Livraria Megafauna e Serrapilheira).

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Matthew. *Essays in Criticism*, Second Series. Londres: Macmillan and Co., Limited, 1888.

EQUIANO, Olaudah. *A interessante narrativa de vida de Olaudah Equiano*. Trad. João Lopes Guimarães Júnior. São Paulo: Editora 34, 2022.

GALCHEN, Rivka. *Pequenas resistências*. Trad. Taís Cardoso. São Paulo: DBA, 2021.

HOLMES, Richard. *Shelley: The pursuit*. Nova York: The New York Review of Books, 1974.

____________. *The Age of Wonder: How the Romantic Generation Discovered the Beauty and Terror of Science*. Londres: HarperPress, 2008.

____________. *This Long Pursuit: Reflections of a Romantic Biographer*. Glasgow: William Collins/HarperPress, 2017.

K.C. "The Vision of Liberty. Written in the Manner of Spencer". *Anti-Jacobin Review and Magazine*, 9. Londres: The Anti-Jacobin Office, 1801.

KEGAN PAUL, C. *William Godwin: His Friends and Contemporaries*. Londres: Henry S. King & Co., 1876.

LEPORE, Jill. "The strange and twisted life of *Frankenstein*". *The New Yorker*, 05/02/2018. Disponível em: https://www.newyorker.com/magazine/2018/02/12/the-strange-and-twisted-life-of-frankenstein (Último acesso: 23/03/2023).

MARSHALL, Julian. *The Life and Letters of Mary Wollstonecraft Shelley*, 2 vols. Londres: Bentley & Son, 1889.

ROSENBERG, Sam. "Daddy's little monster", em *The Come As You Are Masquerade Party*. Hoboken, NJ: Prentice-Hall, 1970.

GLYNN GRYLLS, Rosalie. *Mary Shelley: A Biography*. Londres; Nova York: Oxford University Press, 1938.

SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Mathilda*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua Livros, 2014.

___________. "Giovanni Villani", *Liberal*, IV, julho 1823.

O GÓTICO, O ROMÂNTICO, A IMAGINAÇÃO SOMBRIA: COMO NASCE UM MONSTRO

por Cristhiano Aguiar

As profecias do Monstro

SONHADO POR UMA JOVEM INGLESA NO COMEÇO do século XIX, o pesadelo que dá forma ao romance *Frankenstein* ainda hoje continua a nos atormentar. Mais de duzentos anos após a sua publicação, a trágica batalha entre Criador e Criatura se mantém viva não somente nas aulas de literatura, como também na imaginação pop e até em debates políticos contemporâneos. Ao elaborar um clássico da literatura e do horror, Mary Shelley entendeu dinâmicas estruturantes do mundo moderno. Quando lemos *Frankenstein*, não estabelecemos contato apenas com uma história arrepiante – na verdade, o livro nos ajuda a entender de onde veio nossa sociedade, como ela é e para onde poderá caminhar. Nossa condição solitária, partida, deslocada, polarizada, não deixa de ter uma monstruosidade que foi compreendida, quem sabe pela primeira vez, neste livro publicado em 1818.

Além do frisson causado pelas imagens terríveis, bem como pela bonita poesia, fortemente romântica, de sua prosa, este romance nos impacta pela sua radical contemporaneidade. É como se o tempo não tivesse passado de todo. No momento em

que escrevo, algumas das principais pautas tanto da imprensa quanto das redes sociais passam por questões "frankensteinianas". Alguns exemplos: inteligência artificial e o caos social que pode vir disso; os algoritmos das redes sociais como fomentadores de polarização política e da corrosão da democracia; a era do antropoceno e suas consequências ambientais, entre elas o aquecimento global e as alterações radicais, perigosas, assustadoras, do clima da Terra. São questões globais, que envolvem políticas públicas e cooperação internacional entre Estados Nacionais, corporações ou instituições. O Monstro de Frankenstein, no entanto, está presente também na vida cotidiana e em outras dimensões geopolíticas. Duvidam? Pesquisando na internet, encontro uma notícia sobre a Itália poder ser o primeiro país a abolir "comida Frankenstein", ou seja, comidas que na sua preparação usam carne criada em laboratório. Nos Estados Unidos, uma lutadora de luta livre posta foto nas redes sociais expondo uma cicatriz de cirurgia, comparando a si mesma com o Monstro de Frankenstein. Ainda nos Estados Unidos me deparei com o curioso termo "frankensteinização" (adaptei do original inglês "frankensteining"), que denomina alterações inusitadas feitas por proprietários de apartamentos. No contexto da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, uma reportagem fala de tanques "Frankenstein" usados pela Rússia: levam o nome por serem remendados com todo tipo de material e gambiarras, devido à dificuldade russa em repor, ou consertar, os veículos destruídos no conflito.

Gótico, horror, ficção científica: aqui nasce o Monstro

Frankenstein não é pioneiro somente de um debate político, mas de uma série de tendências estéticas que se fazem influentes ainda hoje. Mary Shelley construiu um romance que é ao mesmo

tempo uma fábula gótica tanto de horror quanto de ficção científica.

Derivado de um importante momento da arquitetura e das artes visuais medievais, o termo “gótico” passou a ser ressignificado no fim do século XVIII e começo do século XIX pela literatura, bem como pelas artes, europeias. Na literatura, “gótico” passou a denominar histórias sombrias ambientadas em lugares distantes da Europa Central, cujos enredos geralmente aconteciam em edificações ou ruínas medievais (daí a associação inicial com o gótico). Eram histórias sangrentas, sensacionalistas, muitas vezes marcadas pelo sobrenatural e por surpreendentes viradas em suas tramas. O erótico, o aberrante e a influência da imaginação popular europeia eram outras características fundamentais do gênero.

Essa vertente da literatura, cuja origem se deu em 1764 com a publicação do romance *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpolle, se tornou uma febre entre leitores, embora só em tempos recentes tenha passado a ter mais reconhecimento dos críticos literários e da academia. De início, o gótico nasceu como um gênero literário associado a um conjunto de romances publicados entre os séculos XVIII e XIX – à época, apenas como uma espécie de ramificação do romantismo. Foi só com o tempo que o gótico enquanto gênero ampliou sua influência e se transformou em uma estética mais ampla, cuja relevância está longe de se esgotar.

O gótico deu a incontáveis gerações de escritores e escritoras um conjunto de temas e atmosferas sombrios, assim como uma visão de mundo pessimista. É por isso que os pesquisadores Júlio França e Oscar Nestarez chamam o gótico de um dos integrantes das *estéticas negativas*. Cético a respeito da razão e das religiões oficiais, pessimista com os destinos humanos, amante das extravagâncias e dos recalques, o gótico dá origem à literatura fantástica moderna, que por sua vez se desdobrará em dezenas de vertentes, tais como o horror, a fantasia, a ficção científica e o realismo mágico. E são góticos também os antecedentes de boa parte dos textos literários estranhos, esquisitos, inclassificáveis em seu gosto pelas sombras. Por fim, como não pensar nas

origens góticas da literatura policial? Aquele clima muitas vezes sombrio das histórias policiais tem antecedentes góticos, não há dúvidas. Além disso, o modo direto como as histórias policiais lidam com a violência, com tabus e segredos inconfessáveis é outra dimensão gótica herdada de grandes vozes do gênero.

Além de *Frankenstein*, outras obras importantes do século XIX e do início do XX possuem influência do gótico, tais como *Drácula*, *O retrato de Dorian Gray*, *O médico e o monstro*. Contos fantásticos escritos por Balzac, Guy de Maupassant, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Júlia Lopes de Almeida e Cruz e Sousa são outros exemplos de influência. Ainda pensando em nossa literatura, um romance como *Úrsula*, escrito por Maria Firmina dos Reis, tem traços góticos, bem como alguns momentos das obras de José de Alencar.

Frankenstein herda do gótico toda sua atmosfera sombria, bem como a visão pessimista. Além disso, o romance começa e termina em um dos pontos mais gélidos e remotos da terra, o que vai ao encontro do interesse gótico por regiões ermas e desabitadas – propícias, portanto, ao fantasmagórico. Quando o Monstro e seu Criador se reencontram pela primeira vez, em uma noite tempestuosa, trovejante, estamos no ápice do gótico: a natureza em convulsão espelhando a violência contida em rédea curta, porém pronta a ser liberada, dos dois personagens; o intenso contraste entre a escuridão da noite e os lampejos ameaçadores dos relâmpagos, que dão um vislumbre sempre fugaz dos dois seres em disputa – isso tudo é resultado de uma escrita inteligente, consciente de como manipular a tradição gótica a fim de causar o máximo impacto em seus leitores. Nunca nos cansaremos de cenas como esta:

> *Enquanto assistia à bela e terrível tempestade, eu vagava a passos apressados. Aquela nobre guerra no céu elevou meu ânimo; juntei as mãos e exclamei em voz alta:*
> *— William, querido anjo! Este é o teu velório, este é o teu canto fúnebre!*

Ao dizer essas palavras, percebi no breu uma silhueta sobressaindo de trás de um bosque de árvores perto de mim; fiquei petrificado, mirando com atenção: não podia ter me equivocado. Um relâmpago iluminou o ser e nitidamente desvelou seu vulto para mim; sua estatura gigantesca e a deformidade de seu aspecto, hediondo demais para pertencer a um ser humano, imediatamente me comunicaram se tratar do desgraçado, do demônio imundo a quem eu dera vida. [...] Ele logo alcançou o cume e desapareceu. ⟨pp. 110-111⟩

O filho primogênito do gótico é o horror. Considero difícil fazer uma diferenciação exata das duas estéticas, em especial no começo da literatura gótica, quando o horror sempre foi um importante ingrediente usado pelos seus autores. O horror nasce do gosto gótico pelo negativo, tendo o compromisso de causar em seus leitores/espectadores sensações de tensão, medo e repulsa. O horror ama o monstruoso, tem o poder de nos tirar da zona de conforto e, sobretudo, possui muitas gradações: desde as sombrias histórias psicológicas de um Hitchcock até a explosão de violência de criadores como Clive Barker e Zé do Caixão.

O horror ama o corpo, a ponto de sempre querer desdobrá-lo. Quero dizer o seguinte: o horror quer explorar os limites do corpo e, dessa forma, fazer surgir um debate sobre as diferentes perspectivas e possibilidades da nossa ideia de humanidade (a ficção científica também tem essa preocupação, aliás). Por isso tantas metamorfoses, esquartejamentos, fragmentações, aniquilações e inúmeras metáforas sexuais. Não há um único pedaço do nosso corpo que não tenha sido cartografado pelo horror; não há um medo que, no horror, não atravesse a poética do corpo.

A partir do corpo em pedaços, decomposto e recomposto, *Frankenstein* moderniza e sistematiza uma série de temas do horror, entre eles as fronteiras da vida e da morte, o debate sobre as definições possíveis para o conceito de "humano" ou a ideia de que o Mal é uma força muito maior do que as nossas capacidades humanas podem suportar. No caso dessa última temática, é só

observar a potência física do Monstro em contraste com o progressivo enfraquecimento da saúde de Victor Frankenstein.

O horror gosta da subversão. Por isso, o Monstro é criado em uma perversão das visões idealizadas do nascimento, produzindo uma das cenas mais impactantes já escritas em toda a literatura do século XIX:

> *Foi numa lúgubre noite de novembro que contemplei o resultado de minha lida. [...] minha vela estava quase no fim, quando, à luz bruxuleante do toco consumido, vi o embotado olho amarelo da criatura se abrir; ela respirou com dificuldade, e um movimento convulsivo agitou-lhe os membros. [...] Deus meu! A pele amarelada mal cobria o trabalho dos músculos e das artérias por baixo; os cabelos escorridos eram de um preto lustroso; os dentes, de uma perolada brancura; mas essas exuberâncias apenas formavam um contraste ainda mais horrendo com os olhos aguados, que pareciam ter quase a mesma cor das órbitas cinzentas nas quais foram colocados, com a tez enrugada e os lábios pretos e retos. [...] agora que estava terminado, a beleza do sonho sumira, e um horror e um nojo estonteantes invadiram meu coração.* ⟨pp. 87-88⟩

Não é por acaso que deste ponto em diante tudo desmorona: nem o Monstro conseguirá felicidade, nem seu Criador alcançará a paz. Victor e sua Criatura viverão uma trajetória de conflitos, cujo resultado não poderia ser outro, que não a tragédia. Para além da violência, da repugnância e do monstruoso, o romance de Mary Shelley segue um desenvolvimento narrativo muito frequente no horror: a jornada da queda. As histórias de horror mais perturbadoras são aquelas que retiram qualquer esperança ou redenção da vida de suas personagens. Tudo dá errado não só na vida dos dois protagonistas, como na de quase todos que os cercam. *Frankenstein* é um dos primeiros romances modernos a realmente consolidar esta que é uma das mais fortes características do horror. A queda é vertiginosa: Victor, o criador, perde sua família, seus laços com o mundo, sua saúde, sua

capacidade de fazer ciência. O Monstro, por outro lado, perde a inocência e a possibilidade de preservar qualquer traço de humanidade. Todos caem em desgraça, alimentando a vocação trágica do gênero.

Por fim, mais uma característica interessante de *Frankenstein*: em seu terço final, o livro instala outro mecanismo recorrente das histórias de horror – as vítimas sequenciais. Até hoje boa parte dos filmes de horror segue essa fórmula. Nos filmes, por exemplo, existe o subgênero *slasher*, no qual um *serial killer* ou um monstro mata sequencialmente os personagens da história até geralmente sobrar apenas uma personagem. Não é o que o Monstro faz? Assassina em sequência os entes queridos de seu criador ou é indiretamente responsável pela morte deles. Frankenstein, por outro lado, destrói a única possível parente de seu Monstro, o ser que teria sido a sua companheira por toda vida. Ao final, sobram só Victor e o Monstro, simultaneamente vítima e algoz um do outro.

Ao mesmo tempo que *Frankenstein* é tanto um livro gótico quanto de horror, é também uma ficção científica. Embora Mary Shelley pouco explique a ciência por trás do Monstro, na ciência está a sua origem. Isso é importantíssimo. Victor Frankenstein não é um feiticeiro ou um semideus. Ele é um jovem estudante que, através do uso de instrumentos científicos, da aplicação de uma metodologia científica e dos mais avançados conhecimentos da física, da química e da biologia, consegue a proeza de criar um ser artificial, construído a partir de pedaços de cadáveres humanos. Antes de abraçar a ciência, o jovem Victor é um leitor de obras de alquimistas, nos quais a magia e o sobrenatural não se distinguem da ciência. Só após ter aulas na universidade e entrar em contato com a ciência moderna que ele encontra o caminho para o seu projeto: descobrir a "essência" da vida e conseguir superar a morte.

Ao posicionar a ciência moderna como a faísca causadora de todos os conflitos da narrativa, Mary Shelley inventou a ficção científica como a entendemos hoje. É curioso, porém, que o desejo de Victor de superar os limites humanos nasça primeiro da

leitura dos tomos de ocultismo e alquimia. Dessa maneira, Mary Shelley transfere a típica lição moral das histórias góticas ou dos contos de fadas do seu tempo diretamente para um debate científico. O diabólico, próprio do horror latente naquele momento da história da literatura, não se dissipa quando a ciência passa a fazer parte da busca de Frankenstein pelas secretas chaves da vida. Por quê? Mary Shelley parece querer nos dizer que a ciência e a técnica, sem o devido debate ético, são essencialmente demoníacas.

Victor fez ciência? Sem dúvidas. Mas suas motivações são mais egoístas do que altruístas. Sua pesquisa não passa por um comitê de ética, como aconteceria hoje em dia, nem ele divulga os resultados parciais ou finais da pesquisa, ou coloca suas hipóteses para avaliação dos pares, como acontece em boa parte das pesquisas atuais. Frankenstein não tem responsabilidade: trabalha apenas para a sua glória, e, no processo, acaba por esgotar a própria alma. Não é à toa que ele abandona sua criação assim que ela nasce: o suposto triunfo científico, enxergado em sua realidade nua e crua no cadáver compósito, reanimado, é imagem e semelhança da arrogância irresponsável do criador.

O romance dos solitários

Muitas leituras sobre este romance abordam questões como as suas inspirações mítico-religiosas – os mitos de Prometeu, que é punido por dar à humanidade o conhecimento de como fazer fogo, e de Lúcifer, o maior de todos os anjos, que se rebela contra Deus e se transforma em Satanás. Do subtítulo às linhas finais do livro, as figuras de Prometeu e de Lúcifer são encarnadas em Victor Frankenstein e em sua Criatura, respectivamente. As tensões entre Criador x Criatura e pais x filhos foram muito caras ao romantismo, escola literária da qual Mary Shelley foi uma das mais marcantes vozes. Um dos combustíveis do romantismo era o choque de gerações, não só porque seus participantes eram

muito jovens, mas porque eles se colocaram, de modo geral, em oposição aos valores das gerações anteriores, muito ainda influenciadas pelo neoclassicismo do século XVIII. Além disso, muitos românticos enxergaram na literatura um instrumento de confrontação com os valores sociais predominantes do seu tempo.

No entanto, gostaria de comentar, a fim de encerrar a nossa conversa sobre *Frankenstein*, outro aspecto que me chama a atenção no livro: a solidão, profunda, aterrorizante, que circunda os dois personagens principais. De onde vem? Qual é o seu propósito nos debates éticos da obra? Até certo ponto, a natureza solitária de Frankenstein e de seu Monstro é um traço do já apontado no romantismo. Os românticos apreciam os marginalizados de toda sorte, sejam aqueles que vivem nas franjas do tecido social ou aqueles que se sentem existencialmente excluídos da sociedade na qual estão inseridos.

A temática da solidão do marginalizado se conecta com o gosto pela rebeldia, como também pela visão que o romantismo tinha da linguagem literária. Para muitos românticos, a literatura é a afirmação da voz individual, que se traduz em um estilo próprio a ser elaborado em prosa e verso. Dessa maneira, o romântico já escreve em um ponto de partida solitário, porque busca a novidade na criação literária, muitas vezes a todo o custo. A arte romântica não quer necessariamente agregar ou construir um consenso de sua classe social; pelo contrário, o choque, o estranho, o incômodo foram caminhos muito trilhados por esses autores (e que inspirariam as vanguardas do século XX).

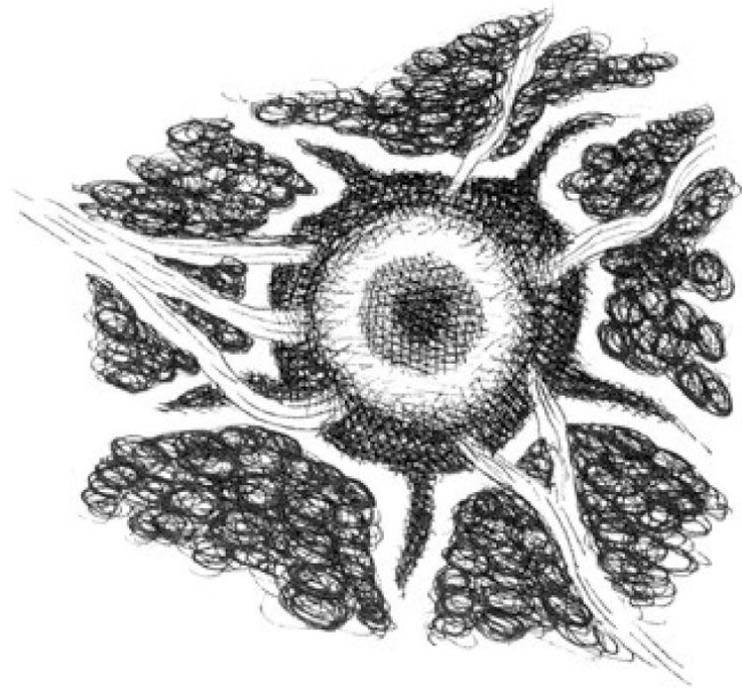
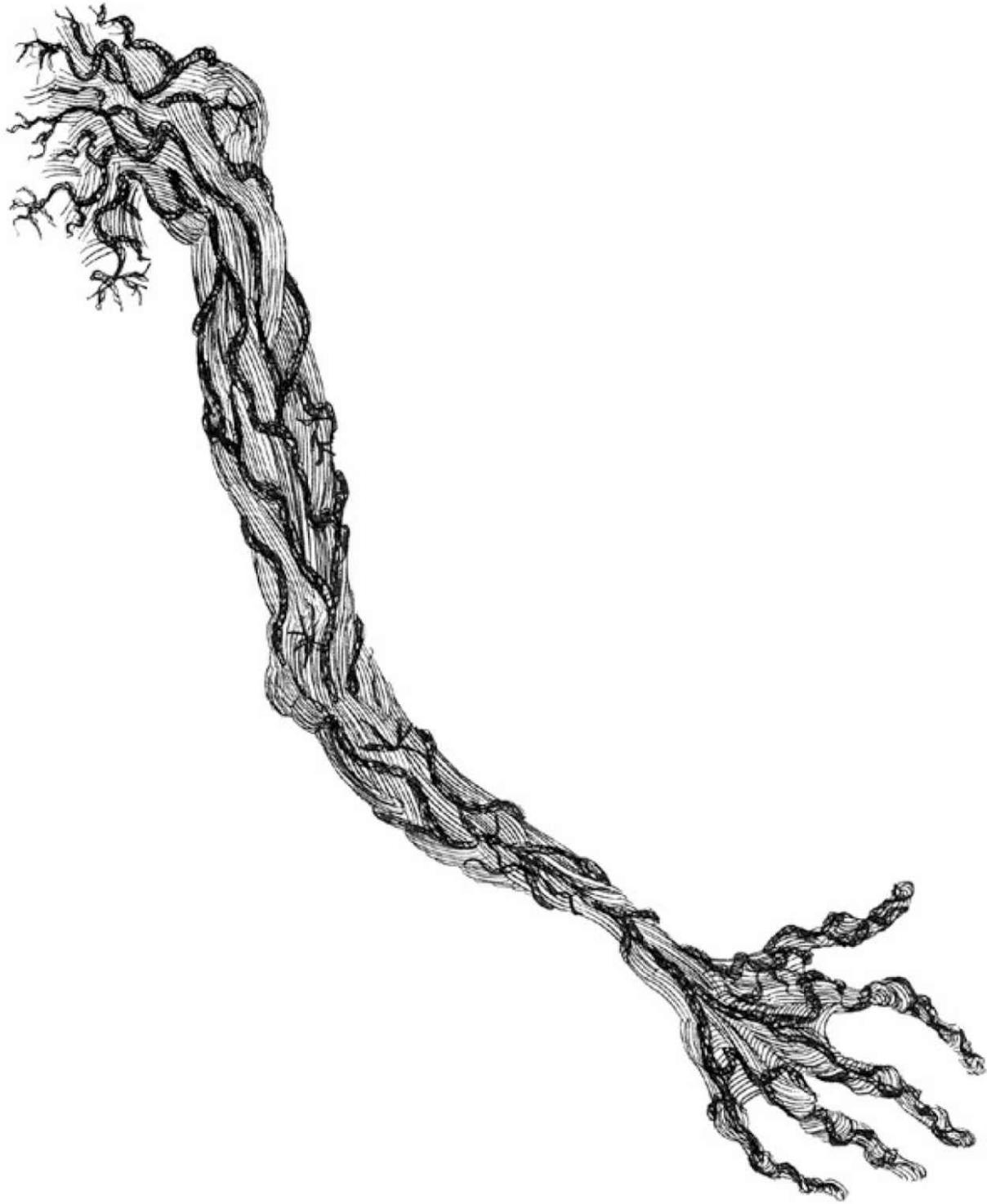
Percebamos, portanto, que a solidão em *Frankenstein* é em parte explicada como uma consequência do culto romântico ao indivíduo. Mas não só isso... Porque o compromisso ético da autora com as questões políticas do seu tempo não pode ser esquecido. Logo, a solidão de Victor é uma ferramenta fundamental para a visão crítica ao conhecimento científico e ao progresso tecnológico. Sem sensibilidade social, sem debate ético, sem humanismo, a ciência inviabilizará a própria humanidade, tal qual Victor destruiu a sua vida e a de todos ao seu redor.

Não por acaso a solidão faz com que o Monstro enxergue, com muito mais distanciamento do que nós, os problemas sociais de sua época e as tragédias que atravessam a história da humanidade. O Monstro não é só uma metáfora do excluído social que, ao ser tratado com violência, devolve à sociedade essa violência – a solidão do Monstro é uma maneira tanto de realçar quanto de praticar o distanciamento do olhar crítico, cujo objetivo é a pertinência do comentário social. Tentando analisar de modo agudo a sociedade do seu tempo, a autora precisava da infelicidade do seu Monstro.

Mary Shelley intuiu que a ciência fragmenta, isola, aliena. Não me entendam mal: do notebook que utilizo para escrever este texto, da internet utilizada para as minhas pesquisas, passando por toda a tecnologia que produziu o belíssimo livro que você agora segura, tudo isso é obra do conhecimento científico. O argumento deste ensaio, que me parece ser o argumento de *Frankenstein*, é que a ciência deve sempre colocar o humano como mediação última de toda produção de conhecimento.

Chego ao fim da nossa conversa com uma outra inquietação. O quanto nós, neste século XXI, não estamos cada vez mais *monstros*? Nossa identidade, nosso Eu, parece mais e mais recortado por diagnósticos, por tribalizações, por racializações, por polarizações políticas – somos tão fragmentados quanto o Monstro de Frankenstein? Vivemos em constante interface com um segundo mundo, o da internet, cujo acesso é garantido por "próteses", cuja função é expandir nossa existência do palpável para o virtual (celulares, computadores, TVs, tablets são algumas dessas próteses; até nossas geladeiras agora usam a internet!).

Concluo, portanto. "Quem somos nós?" é uma pergunta que ecoa com força das páginas de *Frankenstein*. E a essas páginas continuaremos voltando, seja com o objetivo de evitar o apocalipse, seja porque ainda nos sentimos sozinhos e incompletos.

CRISTHIANO AGUIAR é escritor, crítico literário e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É autor do livro de contos *Gótico nordestino* (Alfaguara/Companhia das Letras).

QUEM TEM MEDO DA ÉTICA NA CIÊNCIA?

por Nina da Hora

DESDE OS TEMPOS DA GRÉCIA ANTIGA, pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles já levantavam preocupações éticas relacionadas ao conhecimento científico. Para Sócrates, por exemplo, a responsabilidade do criador em relação à criação estava ligada ao conceito de "eudaimonia", ou "o objetivo de alcançar a felicidade e o bem-estar". Para ele, o criador deveria fazer algo que contribuísse não apenas para a própria plenitude, mas também daqueles que entrariam em contato com a criação. Já para Platão, que explorou a questão da criação na esfera da arte em A República, os artistas têm a responsabilidade de criar obras que promovam virtudes e ideais elevados, nunca se desviando da verdade e da moralidade, pois a arte tinha o poder de influenciar e moldar a sociedade. Aristóteles, por sua vez, enfatizou a responsabilidade do criador de seres vivos. Ele defendia a obrigação de criar seres que estivessem de acordo com sua natureza e finalidade. Para ele, a tarefa do criador estava intrinsecamente ligada ao conceito de telos, a ideia de que cada ser tem uma finalidade intrínseca que deve ser respeitada e almejada em sua criação.

Esses filósofos da Antiguidade nos lembram que a responsabilidade do criador vai além do ato de criar em si — envolve uma consideração cuidadosa dos efeitos e consequências de uma criação, bem como uma consciência ética e moral em relação a ela. A partir de *Frankenstein*, é possível refletir sobre as

complexas interseções entre ética e ciência, pensando as questões éticas enfrentadas por Victor Frankenstein e os dilemas que permearam a própria evolução da ciência ao longo dos séculos.

À medida que a ciência avançava durante o Renascimento e o Iluminismo, surgiu uma nova era de questionamento e desafio às concepções estabelecidas. Galileu Galilei, por exemplo, defendeu o heliocentrismo, a ideia de que a Terra orbitava o Sol, desafiando assim a teoria geocêntrica amplamente aceita na época. Suas descobertas científicas, baseadas em observações astronômicas e experimentos, entraram em conflito direto com as crenças religiosas e filosóficas predominantes. Ele enfrentou perseguição e censura por parte das instituições religiosas e até mesmo foi condenado pela Inquisição por suas ideias consideradas heréticas.

Da mesma forma, seu contemporâneo René Descartes, na busca pelo conhecimento através do método científico, desafiou antigas tradições e crenças arraigadas ao propor um novo paradigma filosófico baseado na dúvida metódica e no racionalismo, buscando estabelecer um fundamento sólido para a verdade e o conhecimento. Suas ideias inovadoras e suas investigações científicas levantaram questões éticas sobre a relação entre a razão humana e a autoridade tradicional, além de influenciarem diretamente os campos da filosofia e da ciência.

As implicações éticas das descobertas científicas de Galileu, Descartes e outros pensadores da época foram objeto de debates acalorados. As instituições religiosas e as crenças estabelecidas rejeitaram muitas dessas descobertas, temendo a possibilidade de minarem as bases de suas doutrinas e autoridades. O desafio desses cientistas à visão de mundo predominante levantou questões sobre a relação entre ciência, ética e crenças tradicionais, abrindo um novo caminho para refletir sobre a interseção entre razão, moralidade e conhecimento.

Muito da visão científica de Victor Frankenstein está de acordo com esse posicionamento desafiador dos iluministas. Tal como um Prometeu Moderno, ele se propõe a enfrentar as visões religiosas e se colocar no lugar do próprio Deus, usando a ciência

como meio para criar vida e deixar seu próprio marco na evolução da humanidade. Mas seu deslumbre inicial com o poder da ciência surge ainda na infância, quando tem contato com estudiosos que, já na época de Frankenstein, eram considerados ultrapassados.

> *Quando voltei para casa, minha primeira providência foi obter as obras completas do autor e, mais tarde, as de Paracelso e Alberto Magno. Li e estudei as loucas fantasias desses escritores com encanto; pareciam-me tesouros conhecidos por poucos além de mim. Sempre descrevi a mim mesmo como alguém que possui um febril afã de penetrar os segredos da natureza. [...] Eu avistara as fortificações e os impedimentos que pareciam afastar os seres humanos de adentrar na cidadela da natureza e, de modo precipitado e ignorante, resmunguei.* ⟨pp. 64–65⟩

É um fascínio que, mesmo depois de enfrentado com os conhecimentos obtidos na universidade, vai permear seus experimentos com uma busca supersticiosa e um tanto mágica, afastando-os de importantes reflexões éticas que devem acompanhar os avanços científicos. Tais reflexões nos lembram da importância de uma abordagem ética e responsável à ciência, bem como da necessidade de um diálogo aberto e crítico entre a comunidade científica, as instituições religiosas e a sociedade em geral — diálogo este que Frankenstein não se permite estabelecer, trabalhando isolado de seus pares, em sigilo.

A discussão sobre ética e ciência no contexto de *Frankenstein* não se limita apenas a eventos passados, mas estende-se também ao panorama filosófico contemporâneo. Filósofos e estudiosos continuam a explorar as complexidades éticas associadas aos avanços científicos, levando em consideração as implicações sociais, morais e legais que acompanham descobertas e inovações.

Frankenstein foi publicado pela primeira vez em 1818, durante um período artístico conhecido como a era romântica,

que abrangeu aproximadamente o final do século XVIII e início do século XIX, e foi marcada por uma ênfase na expressão emocional, individualismo, imaginação e uma reação ao racionalismo e à Revolução Industrial.

Era um momento de grandes mudanças sociais, científicas e tecnológicas. Ao mesmo tempo, havia uma preocupação crescente com as implicações éticas e morais desses avanços. A era romântica foi caracterizada por um questionamento dos valores e das consequências da industrialização e do progresso científico. A obra de Mary Shelley capturou essa ansiedade e refletiu os debates éticos e morais surgidos na época, especialmente em relação às implicações das descobertas científicas e tecnológicas.

Victor Frankenstein representa a busca desenfreada por esse progresso: envolve-se em experimentos para criar vida e desafia as fronteiras do conhecimento. Sua falta de consideração ética e moral ao dar luz à sua criatura resulta em consequências trágicas, o que levanta questões sobre a responsabilidade do cientista em relação à sua criação. Frankenstein não assume responsabilidade moral de cuidar e orientar a criatura, o que a leva à solidão, ao de sofrimento e à busca por vingança.

Um dos debates filosóficos atuais mais relevantes é o que envolve ética e moral na Inteligência Artificial (IA), a capacidade das máquinas de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana, como aprendizado, raciocínio, tomada de decisões e interação social. A IA está se tornando cada vez mais presente em nossas vidas, desempenhando papéis importantes em áreas como assistentes virtuais, veículos autônomos, sistemas de recomendação, diagnóstico médico, entre outras funções.

Questões relacionadas a privacidade e proteção de dados surgem quando a IA lida com informações pessoais sensíveis. Além disso, a tomada de decisões autônomas por parte de sistemas de IA levanta preocupações sobre responsabilidade, especialmente em casos nos quais decisões com impacto significativo são delegadas a máquinas. Outro aspecto importante é o viés algorítmico, que pode resultar em

discriminação e desigualdade: algoritmos de IA podem reproduzir preconceitos existentes nos dados utilizados para seu treinamento, o que leva a resultados discriminatórios em áreas como contratação de funcionários, empréstimos financeiros e sistemas de justiça. Embora as máquinas em si não tenham capacidade de tomar decisões éticas, são programadas para realizar tarefas e tomar ações com base em algoritmos e dados fornecidos pelos humanos. Nesse contexto, surge a necessidade de garantir que as decisões tomadas pelos sistemas de IA estejam alinhadas com valores éticos e morais compartilhados pela sociedade.

Uma das preocupações centrais é como abordar os complexos dilemas éticos que podem surgir em situações nas quais não há uma solução clara e objetiva, o que requer uma reflexão profunda sobre os princípios éticos fundamentais que devem guiar a programação e o uso de sistemas de IA. É necessário considerar uma ampla gama de perspectivas e vozes para estabelecer diretrizes éticas robustas que lidem com questões como privacidade, equidade, viés algorítmico e responsabilidade. O contrário do que Victor Frankenstein faz quando vê sua criatura ganhar vida e imediatamente a abandona, deixando-a à própria sorte para aprender o funcionamento da sociedade humana e descobrir seus valores e códigos de moral. No desenvolvimento e implementação de sistemas de IA, mecanismos como comitês de ética e revisão por pares podem ajudar a avaliar as implicações éticas de decisões tomadas pelos algoritmos, identificar e mitigar possíveis vieses e garantir que os sistemas sejam projetados para promover não apenas o bem-estar humano, como também a equidade.

A filosofia contemporânea desempenha um papel significativo no debate sobre ética e moral na Inteligência Artificial, fornecendo estruturas conceituais, abordagens éticas e insights críticos que auxiliam na formulação de políticas, diretrizes e regulamentações adequadas. É por meio desse diálogo entre a filosofia, a ciência da computação, a sociedade civil e outros setores que podemos abordar os desafios éticos da IA e

garantir que sua utilização seja benéfica e responsável para toda a sociedade.

A relação entre ciência, tecnologia e o meio ambiente natural também se tornou um tema relevante na filosofia contemporânea. O progresso científico e tecnológico frequentemente entra em conflito com a preservação ambiental e a sustentabilidade, levantando dilemas éticos urgentes, como mudanças climáticas, engenharia genética e uso de recursos naturais. Os filósofos contemporâneos buscam conciliar o avanço científico com a preservação ambiental e o respeito à vida em todas as suas formas. Além disso, a ética na ciência está intimamente ligada à justiça social e à equidade. A distribuição desigual de benefícios e oportunidades provenientes do progresso científico pode gerar desigualdades sociais e aprofundar divisões. A filosofia contemporânea procura abordar essas disparidades, promovendo um diálogo inclusivo sobre como a ciência pode ser conduzida de maneira ética, levando em consideração a justiça e a equidade na distribuição de seus benefícios.

Victor Frankenstein, no entanto, dá voz a uma ambição desmedida e transgressora ao dar vida a uma criatura sem pesar as consequências desse ato. Mas essa transgressão não é um fenômeno isolado e nem restrito apenas ao contexto ficcional. Podemos olhar para o passado recente e encontrar exemplos sombrios de experimentos científicos realizados no século XXI, nos quais a negligência com a ética resultou em graves consequências.

Um exemplo notório é o caso do médico Harold Shipman, conhecido como “Doutor Morte”. Durante suas atividades como médico na Inglaterra, Shipman assassinou centenas de pacientes através de injeções letais de medicamentos. Sua falta de ética e desrespeito pela vida humana ilustram os perigos de permitir que a ciência seja conduzida sem restrições éticas. Outro exemplo é o escândalo envolvendo a empresa farmacêutica Turing Pharmaceuticals (atual Vyera Pharmaceuticals), liderada pelo empresário Martin Shkreli. Em 2015, a empresa aumentou de forma exorbitante o preço de um medicamento usado no

tratamento de pacientes com HIV, tornando-o inacessível para muitos. Esse ato demonstrou uma completa falta de consideração ética pelos pacientes que dependiam desse medicamento para sua sobrevivência.

Além disso, a manipulação indiscriminada de dados também é um exemplo contemporâneo dos riscos de uma ciência sem limites éticos. Escândalos como o caso Cambridge Analytica, em que dados de milhões de usuários do Facebook foram utilizados de forma antiética para influenciar processos políticos, destacam a importância de estabelecer salvaguardas na coleta e uso de informações pessoais.

Processo semelhante observamos na obra de Shelley, que, ao refletir preocupações sociais e políticas de sua época, aborda questões de poder, responsabilidade e as consequências de uma busca desenfreada e inconsequente pelo progresso científico. *Frankenstein* destaca o diálogo crucial entre a Revolução Industrial, ética, ciência e tecnologia, além de nos convidar a refletir sobre os limites e responsabilidades do preço que pagamos em nome de avanços científicos e tecnológicos – quase como uma previsão de que, em um período pós-Revolução Industrial, estaríamos de fato debatendo estes aspectos.

NINA DA HORA é Cientista da Computação pela PUC-Rio, diretora executiva do Instituto de Pesquisa da Hora, colunista do MIT Tech Review Brasil, membro do Conselho de Segurança do TikTok Brasil e do Conselho de Transparência do TSE, além de pesquisadora de Ética em IA, Tecnologia Responsável e Defesa Cibernética Cyberbrics CTS/FGV e Especialista de domínio em Tecnologia Responsável na Thoughtworks.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S545f
Shelley, Mary

Frankenstein / Mary Shelley ; traduzido por Fabio Bonillo ; ilustrado por Iuri Casaes. – Rio de Janeiro : Antofágica, 2023.
Formato: ebook

E-ISBN: 978-65-80210-35-0

1. Literatura inglesa. I. Bonillo, Fabio. II. Casaes, Iuri. III. Título.

CDD: 823 CDU: 821.111

André Queiroz – CRB-4/2242

1ª edição, 2023

Antofágica
prefeitura@antofagica.com.br
facebook.com/antofagica
instagram.com/antofagica
Rio de Janeiro – RJ

Você se torna eternamente responsável pelo monstro que costura.

Se você gostou deste título, sugerimos conhecer:

Drácula:

O médico e o monstro:

Os assassinatos na rua Morgue: